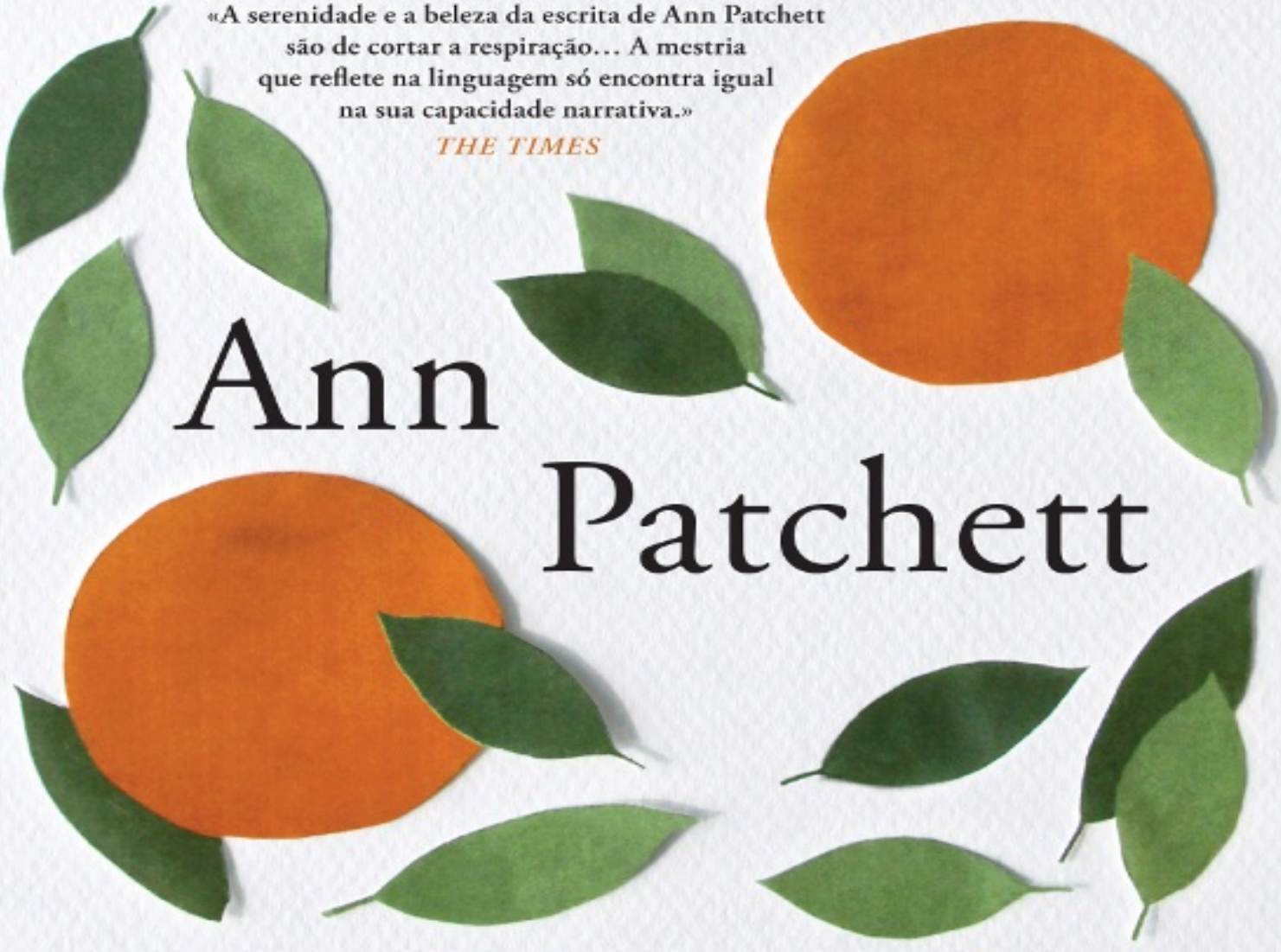
Bestseller do New York Times



Comunidade

«A serenidade e a beleza da escrita de Ann Patchett são de cortar a respiração… A mestria que reflete na linguagem só encontra igual na sua capacidade narrativa.»
THE TIMES



Ann Patchett

Comunidade
Ann Patchett



MINOTAURO

Título original: *Commonwealth*
Autora: Ann Patchett

Copyright © 2016 Ann Patchett
Todos os direitos reservados.

Tradução: Carla Mendonça
Revisão: Inês Costa
Paginação: João Jegundo
Capa de FBA sobre *design* de Robin Bilardello

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

PATCHETT, Ann

Comunidade

ISBN 9789-898-86608-0

CDU 821.14(73)-31”19/20”

Minotauro
em
maio de 2017

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor. Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível de procedimento judicial.

Para Mike Glasscock.

1

A festa de batizado sofreu uma reviravolta quando Albert Cousins chegou com uma garrafa de gim. Fix sorria no momento em que abriu a porta e manteve o sorriso enquanto procurava perceber quem era: tratava-se de Albert Cousins do ministério público que se encontrava na soleira da porta da sua casa. Abrira a porta cerca de vinte vezes na última meia hora – aos vizinhos e amigos, aos membros da igreja, à irmã de Beverly e aos seus irmãos e respetivos pais e a praticamente todo um departamento policial –, mas Cousins era a única surpresa. Duas semanas antes, Fix perguntara à mulher por que tinham de convidar todas as pessoas que conheciam no mundo para uma festa de batizado e ela desafiara-o a olhar para a lista e dizer-lhe quem deveriam riscar. Não o fizera, mas, se ela estivesse ali naquele momento, teria apontado em frente e dito: *Ele*. Não que Albert Cousins o desagradasse, conhecia-o apenas o suficiente para associar o nome ao rosto, mas essa era precisamente a razão para não o convidar. Ocorreu-lhe que Cousins pudesse ter vindo a sua casa para discutir algum caso: nunca acontecera no passado, mas que outra explicação poderia haver para esta visita? Os convidados reuniam-se no jardim e Fix não percebia se o faziam por chegarem atrasados ou para saírem mais cedo, ou se simplesmente se refugiavam no exterior por a casa estar apinhada acima dos limites de segurança. A sua única certeza era a de que Cousins estava ali sem ter sido convidado, sozinho e com uma garrafa dentro de um saco.

– Fix – cumprimentou Albert Cousins. O delegado do ministério público, vestido de fato e gravata, estendeu-lhe a mão.

– Al – respondeu Fix. (Será que as pessoas o tratavam por Al?) – Ainda bem que conseguiu vir. – Apertou-lhe a mão com dois movimentos vigorosos e largou-a de seguida.

– Foi por um triz – continuou Cousins, olhando para a multidão no interior da

casa como se não houvesse lugar para ele. Era evidente que a festa já ia a mais de meio – a maioria das pequenas sandes triangulares havia desaparecido bem como metade das bolachas. A toalha debaixo da taça de ponche estava húmida e rosada.

– Está aqui agora – disse, afastando-se para o deixar entrar.

– Não perderia isto por nada. – Apesar de ser evidente que perdera. Não estivera presente na cerimónia do batizado.

Dick Spencer fora o único do ministério público que Fix convidara. Dick também fora um agente da polícia, estudara Direito à noite e subira a pulso sem fazer com que os colegas sentissem que ele era melhor por causa disso. Não importava se conduzia um carro-patrulha ou se se apresentava a um juiz, pois não havia qualquer dúvida sobre as suas raízes. Já Cousins era um advogado como todos os outros – promotores públicos, advogados oficiosos, os capangas –, amigável quando precisava de alguma coisa, mas incapaz de convidar um agente da polícia para tomar um copo a não ser que desconfiasse que alguém lhe escondia alguma coisa. Os promotores públicos são os tipos que fumam os cigarros dos outros, pois andam constantemente a tentar deixar de fumar. Os polícias que enchiam a sala de estar e se dispersavam pelo pátio das traseiras, debaixo do estendal e das duas laranjeiras, não estavam a tentar deixar nada. Bebiam chá gelado misturado com limonada e fumavam como se fossem estivadores.

Albert Cousins entregou a Fix o saco que trazia e este inspecionou-o. Era uma garrafa de gim, bem grande. As outras pessoas trouxeram orações ou terços com contas de madrepérola ou bíblias em formato de bolso com capas de pelica branca e folhas de orlas douradas. Cinco dos rapazes, ou cinco das suas mulheres, juntaram-se para comprar uma cruz de esmalte azul pendurada num fio de pôr ao pescoço, com uma pequena pérola ao centro, muito bonita, algo para ficar para o futuro.

– Com esta menina, fica com um rapaz e uma rapariga?

– Duas raparigas.

Cousins encolheu os ombros:

– O que se pode fazer?

– Absolutamente nada – respondeu Fix e fechou a porta atrás dele. Beverly pedira-lhe para deixar a porta aberta para o ar poder circular, o que serviu para demonstrar o quanto ela desconhecia a crueldade do ser humano. Não importava quantas pessoas estavam dentro de casa. Nunca se deixava o raio da porta aberta.

Beverly espreitou da cozinha. Estavam seguramente cerca de trinta pessoas entre eles – o clã inteiro dos Meloy, toda a família DeMatteo, um punhado de acólitos a atirarem-se ao que restava das bolachas –, mas era impossível não reparar nela com aquele vestido amarelo.

– Fix? – repreendeu Beverly, levantando o tom de voz sobre o bulício.

Foi Cousins quem se virou primeiro, cumprimentando-a com um aceno de cabeça.

Instintivamente Fix endireitou-se, mas perdeu a oportunidade.

– Esteja à vontade – disse ao procurador-adjunto e apontou para um grupo de detetives junto às portas de correr envidraçadas, com os casacos ainda vestidos. – Conhece muitas das pessoas que estão por aí. – Talvez assim fosse, talvez nem tanto. Cousins não conhecia certamente o anfitrião. Fix virou-se para atravessar a multidão que se afastava à sua passagem, dando-lhe palmadinhas nos ombros e apertando-lhe a mão para felicitá-lo. Tentou não pisar nenhuma das crianças que brincavam no soalho da sala de jantar, que se agachavam-se e gatinhavam como se fossem tigres por entre os pés dos adultos. A sua filha Caroline, de quatro anos, era uma delas.

A cozinha estava repleta de mulheres e esposas; todas riam e conversavam demasiado alto, nenhuma ajudava, exceto Lois, a vizinha do lado, que retirava tigelas do frigorífico. A melhor amiga de Beverly, Wallis, retocava o batom servindo-se do reflexo cromado da torradeira. Estava demasiado magra e bronzeada e, ao endireitar-se, deu para perceber que usava, também, demasiado batom. A mãe de Beverly estava sentada à mesa com a bebé ao colo. O vestido de batizado da bebé fora substituído por um traje branco engomado com flores amarelas bordadas na gola, como se fosse uma noiva a envergar o seu vestido de partida para a lua de mel, no final do copo-de-água. As mulheres na cozinha revezavam-se nas atenções em redor da bebé, agindo como se fosse seu dever manter a criança entretida até que os Reis Magos chegassem. Mas a criança não estava entretida. Os seus olhos azuis pareciam vidrados. Olhava fixamente para

o infinito, cansada de tudo aquilo. Tanta correria para fazer sandes e levar presentes para uma menina que nem sequer completara um ano.

– Olha tão linda que ela é – disse a sogra de Fix para ninguém em particular, fazendo uma festinha na bochecha rechonchuda da bebé com a parte exterior de um dedo.

– Gelo – gritou Beverly para o marido. – Estamos sem gelo.

– Isso era da responsabilidade da tua irmã – respondeu Fix.

– Então, está a falhar. Podes pedir a um dos rapazes para ir buscar mais gelo? Está demasiado calor para uma festa sem gelo. – Atara o avental à volta do pescoço, mas não ao redor da cintura. Tentava não amarrotar o vestido e tinha madeixas soltas de cabelo louro que se desprendiam do coque francês e lhe caíam sobre os olhos.

– Se a tua irmã não trouxe o gelo, o mínimo que devia fazer era ajudar-te com as sandes. – Olhava diretamente para Wallis ao dizer isto, mas ela limitou-se a colocar a tampa no batom e não fez caso dele. Fix tentava ser prestável, era evidente que Beverly estava bastante atarefada. Ao olhar para ela, qualquer pessoa acharia que seria o tipo de mulher que contrataria um serviço de *catering* para as suas festas, alguém que se sentaria no sofá a assistir aos tabuleiros de comida a circularem diante de si.

– A Bonnie está demasiado feliz por ver tantos polícias num espaço tão reduzido. Não se pode esperar que esteja preocupada com as sandes – disse Beverly, que parou por instantes de arranjar os acepipes de queijo-creme e pepinos e olhou para o que Fix trazia na mão. – O que está dentro do saco?

O marido mostrou-lhe a garrafa de gim e Beverly, surpreendida, desvelou o primeiro sorriso em todo esse dia, talvez mesmo em toda a semana.

– Quem quer que seja que envias à loja – interrompeu Wallis, mostrando um interesse repentino na conversa –, diz-lhe que precisamos de água tónica.

Fix disse que se encarregava do gelo. Existia um minimercado no cimo da rua e era uma oportunidade para escapar por uns minutos. O relativo sossego do bairro, a disposição dos bangalôs com os seus estreitos relvados verdes, as sombras esguias das palmeiras e o aroma das laranjeiras em flor, juntamente

como cigarro que fumava, tranquilizavam-no. O seu irmão, Tom, acompanhou-o e caminharam juntos num silêncio de camaradagem. Tom e Betty tinham três filhas e viviam em Escondido, onde ele trabalhava na corporação de bombeiros. Fix começava a entender que a vida é assim, à medida que se envelhece e surgem os filhos: não há tanto tempo como se imaginava que haveria. Os irmãos não se viam desde que todos se reuniram na casa dos pais para ir à missa na véspera de Natal; antes disso talvez tivesse sido quando foram a Escondido por causa do batizado de Erin. Passou por eles um *Sunbeam* descapotável vermelho e Tom disse:

– Aquele.

Fix assentiu, lamentando não o ter visto primeiro. Agora tinha de esperar que se cruzassem com algo que desejasse. No mercado, os irmãos compraram quatro sacos de gelo e quatro garrafas de água tónica. O miúdo da caixa perguntou-lhes se precisavam de limas e Fix abanou a cabeça negativamente. Era junho, em Los Angeles. Não se podia desperdiçar uma única lima.

Não reparou nas horas quando saíram para ir à loja, mas era um bom avaliador do tempo. Tal como a maioria dos polícias. Haviam saído há cerca de vinte ou vinte e cinco minutos no máximo. Não era tempo suficiente para muita coisa ter mudado, mas, quando regressaram, a porta da entrada estava aberta e não se via vivalma no pátio. Tom não reparou na diferença, mas um bombeiro nunca repararia. Não havia cheiro a fumo, por isso, para ele, não foram acionados os sinais de alerta. Havia ainda muitas pessoas dentro de casa, mas tudo estava mais sossegado. Fix ligara o rádio antes de a festa ter começado e pela primeira vez conseguia ouvir a melodia. As crianças já não gatinhavam na sala de jantar e ninguém parecia ter dado conta de que já ali não estavam. Toda a atenção se concentrava na porta da cozinha, que estava aberta, e foi para lá que se dirigiram os dois irmãos Keating com os sacos de gelo. O colega de Fix, o agente Lomer, esperava por eles e procurou-os na multidão.

– Chegaram mesmo a tempo – referiu.

Por muito apinhada que estivesse a cozinha antes de terem saído encontravam agora três vezes mais pessoas amontoadas ali dentro, na sua maioria homens. A mãe de Beverly não se avistava em parte alguma nem a bebé. Beverly permanecia junto do lava-loiça com uma faca de açougueiro na mão. Cortava as

laranjas que formavam uma enorme pilha em cima da bancada, enquanto os dois advogados da Procuradoria-Geral do município de Los Angeles, Dick Spencer e Albert Cousins – sem os casacos, de gravatas desapertadas e mangas arregaçadas bem acima do cotovelo –, espremiam as metades das laranjas em dois espremedores de metal. Tinham as frontes coradas e transpiradas, os colarinhos desapertados já manchados de suor, e estavam empenhados na tarefa como se a segurança da cidade dependesse da produção de sumo de laranja.

A irmã de Beverly, Bonnie, agora predisposta a ajudar, retirava os óculos do rosto de Dick Spencer e limpava-os com um pano de cozinha, apesar de este ter uma esposa perfeitamente capaz algures no meio da multidão. Foi nesse momento, com os olhos livres da cortina de suor, que Dick reparou em Fix e Tom e lhes pediu o gelo.

– Gelo! – gritou Bonnie entusiasmada, porque era realmente verdade: estava um calor infernal e o gelo parecia ser a melhor coisa do mundo. Largou o pano de cozinha para agarrar nos dois sacos de gelo que Tom trazia, pousando-os em cima da bancada ao lado das metades de laranja cuidadosamente arrumadas como se fossem conchas vazias. Depois pegou nos sacos que Fix carregava. Afinal, o gelo era da sua responsabilidade.

Beverly parou de cortar as laranjas:

– No momento certo – disse e mergulhou um copo de papel no saco de gelo aberto, retirando três cubos modestos como se soubesse perfeitamente controlar-se. Do jarro ainda cheio, serviu uma bebida: metade gim, metade sumo de laranja. Depois outra, e mais outra e ainda outra, os copos deslizavam pela cozinha, passando pela porta até chegarem às mãos ansiosas dos convidados.

– Trouxe água tónica – declarou Fix, olhando para o único saco que ainda segurava na mão. Não contestava nada, porém tinha a sensação de que ele e o irmão haviam sido esquecidos enquanto foram e regressaram da loja.

– Sumo de laranja é melhor – respondeu Albert Cousins, parando apenas para beber de um trago a bebida que Bonnie lhe preparara. Bonnie, até há pouco encantada com os polícias, prestava agora vassalagem aos dois advogados.

– Para a vodca – continuou Fix. Para fazer *screwdrivers*. Toda a gente sabia isso. Mas Cousins inclinou a cabeça na direção do descrente e Beverly entregou uma bebida ao marido. Para o resto do mundo parecia que ela e Cousins tinham

um código secreto entre eles. Fix segurou o copo e fitou o convidado inesperado. Tinha os três irmãos em casa, um número incontável de homens do corpo policial de Los Angeles em excelente condição física, um padre que organizava um programa de boxe aos sábados para rapazes com problemas comportamentais; todos seriam capazes de o ajudar a expulsar um único delegado do ministério público.

– Um brinde – disse Beverly num tom de voz suave, não como um convite mas mais como uma ordem, e Fix, que ainda ponderava continuar a discussão, virou o copo da bebida de um trago.

O padre Joe Mike estava sentado no chão, encostado às traseiras da casa de Keating, a fitar uma réstia de sombra. Pousava o copo de sumo de laranja e gim no joelho, sobre as suas calças pretas habituais. Calças de padre. Aquela era a sua terceira ou quarta bebida, não se recordava e também não interessava, pois eram doses muito pequenas. Fazia um esforço para esboçar mentalmente o sermão da missa do domingo seguinte. Queria mencionar à congregação, aos poucos que não estavam presentes no pátio dos Keating, como o milagre do pão e dos peixes fora revivido na festa nesse dia, mas não conseguia encontrar forma de retirar da narrativa a menção à bebida. Não acreditava ter *efetivamente* presenciado um milagre, ninguém acreditava nisso, mas vira uma explicação perfeita para o modo como o milagre de Cristo talvez tenha sido engendrado. Era, sem dúvida, uma garrafa bem grande de gim, aquela que Albert trouxera para a festa, mas não era de todo suficiente para encher tantos copos e, nalguns casos, enchê-los mais do que uma vez. Afinal, eram mais de cem convidados, alguns dançavam agora poucos metros à sua frente. E ainda que as laranjeiras daquele pátio estivessem repletas de frutos antes de serem colhidas, nunca teriam sido suficientes para fornecerem sumo para a totalidade da festa. O senso comum diz que sumo de laranja não combina com gim, mas, em todo o caso, quem estaria à espera de bebidas alcoólicas numa festa de batizado? Se os Keatings tivessem guardado o gim na garrafeira, ninguém lhes teria levado a mal. Mas Fix Keating entregara a garrafa à esposa que, desgastada pela tensão de ter de organizar uma festa, ansiava por uma bebida e, por Deus, se ela ia beber, todos na festa seriam convidados a fazer-lhe companhia. Em certa medida, tratava-se do milagre de Beverly Keating. Albert Cousins, o homem que

trouxera o gim, fora quem sugeriu a combinação. Nem há dois minutos, estivera sentado junto do padre Joe Mike a contar que era da Virgínia e, mesmo depois de três anos em Los Angeles, continuava surpreendido com a quantidade de citrinos que existiam nas árvores. Bert – pedira ao padre para tratá-lo assim – crescera com concentrados congelados que eram misturados com água num jarro e nada tinham que ver com sumo de laranja, apesar de não saber disso na altura. Agora, os seus filhos bebiam sumo de laranja acabado de espremer tão irrefletidamente quanto ele bebera leite em criança. Espremiam o sumo das laranjas apanhadas do seu próprio quintal. Percebia que os músculos do braço direito da mulher, Teresa, estavam a ficar mais firmes por causa da força constante que fazia a espremer as laranjas no espremedor, enquanto os filhos seguravam nos copos à espera de mais sumo. Sumo de laranja era tudo o que mais queriam, confessou Bert ao padre. Bebiam-no todas as manhãs com os cereais e Teresa congelava o sumo em formas de gelado e dava-lhes ao lanche. Ao serão, Bert e Teresa bebiam sumo de laranja com gelo e vodca ou *bourbon* ou gim. E era isso que era difícil de compreender – não importava o que se misturava com o sumo de laranja, o que era importante era o sumo em si.

– Os californianos esquecem-se disso, para eles é um dado adquirido – referiu Bert.

– É verdade – admitiu o padre Joe Mike, que crescera em Oceanside e nem queria acreditar até onde chegara a conversa deste tipo sobre sumo de laranja.

O padre, cuja mente divagava qual judeu no deserto, tentou concentrar-se novamente no sermão do domingo seguinte: Beverly Keating dirigiu-se à garrafeira, que não fora reabastecida especificamente para a festa de batizado, e encontrou um terço de uma garrafa de gim, uma garrafa de vodca quase cheia e uma garrafa de tequila que John, o irmão de Fix, trouxera do México em setembro passado e que nunca abriram, já que nenhum dos dois sabia exatamente o que fazer com uma garrafa de tequila. Assim que levou as garrafas para a cozinha, os vizinhos do lado e da frente, e ainda três pessoas que viviam perto de Incarnation, ofereceram-se para ir ver o que tinham nas suas garrafeiras. Regressaram não só com garrafas, mas com mais laranjas. Bill e Susie correram até casa e trouxeram uma fronha cheia de fruta, dizendo que poderiam ir buscar mais três, se fosse necessário: o que tinham acabado de trazer não adiantara

muito. Outros convidados seguiram-lhes o exemplo, apressando-se a ir a casa assaltar as suas próprias árvores de fruto e as prateleiras de topo das despensas onde tinham as bebidas. Largaram os resgates na cozinha dos Keatings até a mesa da cozinha se assemelhar às traseiras de um bar e o balcão parecer um camião de transporte de frutas.

Não seria esse o verdadeiro milagre? Não o de Cristo ter apresentado um bufete a partir da Sua manga sagrada e convidado a multidão a juntar-se a Ele para comer peixe e pão, mas o de todos os presentes terem trazido os seus víveres em sacos de pele de cabra, talvez em quantidade um pouco maior do que a necessária para as suas famílias, mas não o suficiente para alimentar as massas, e, comovidos pela intrépida generosidade do Mestre e dos Seus discípulos, sido levados igualmente a partilhar o que traziam. Do mesmo modo, os convidados da festa de batizado foram movidos pela generosidade de Beverly Keating, ou pela visão dela num vestido amarelo, com o cabelo claro revirado num coque no topo da cabeça, revelando a suavidade de uma nuca que desaparecia nas costas do vestido. O padre Joe Mike bebeu um golo da sua bebida e, ao terminar, deu conta de que os convivas conseguiram encher doze sacos com lixo. Olhou em redor para todos os copos nas mesas, nas cadeiras e no chão e verificou que muitos tinham ainda um ou dois tragos no fundo. Se reunissem todos os restos do fundo dos copos com quanto ficariam? Sentiu-se mesquinho por não se ter oferecido para ir à sacristia ver o que por lá haveria. Ficara a remoer no aspeto que daria um padre mostrar à sua congregação a quantidade de gim que tinha reservado, em vez de aproveitar a oportunidade de participar na confraternização da comunidade.

Sentiu um ligeiro toque na biqueira do sapato. Desviou o olhar do copo que pousara no joelho, onde se concentrara a meditar, e viu Bonnie Keating. Não, não era isso. A irmã estava casada com Fix Keating, o que a tornava Bonnie-Qualquer-Coisa. Bonnie-e-o-Apelido-de-Solteira-de-Beverly.

– Então, padre – declarou Bonnie, agarrando num copo semelhante ao dele entre o dedo e o polegar.

– Bonnie – cumprimentou o padre, tentando que a sua voz não denunciasse que se encontrava sentado no chão a beber gim, apesar de já não ter a certeza de se tratar de gim. Podia muito bem ser tequila.

– Estava aqui a pensar se quereria dançar comigo.

Bonnie X usava um vestido com margaridas azuis curto o suficiente para deixar um padre sem saber para onde olhar, apesar de, ao vestir-se de manhã, provavelmente não ter considerado a hipótese de existirem homens sentados no chão enquanto ela permanecia de pé. O padre pretendeu dizer algo paternalista sobre escusar-se a dançar por falta de prática, mas não tinha idade suficiente para ser seu tio, ou até mesmo pai, que fora o que ela lhe chamara[*]. Em vez disso, respondeu apenas:

– Não me parece uma boa ideia.

E por falar em ideias não muito felizes, Bonnie X dobrou-se e sentou-se sobre os calcanhares; pensara, sem dúvida, que ela e o padre ficariam com os olhos ao mesmo nível para encetarem uma conversa mais privada, mas não tivera em conta o efeito na bainha do seu vestido. A roupa interior também era azul, combinava com as margaridas.

– É que, sabe, todos aqui são casados – afirmou, sem que a voz refletisse as suas intenções. – E apesar de não me importar de dançar com um homem casado, porque para mim dançar não significa nada, a verdade é que todos trouxeram as respetivas esposas.

– E as esposas consideram que isso significa alguma coisa. – O padre teve o cuidado de olhar Bonnie nos olhos enquanto falavam.

– É isso mesmo – concordou Bonnie com tristeza e colocou uma madeixa do seu cabelo liso arruivado atrás da orelha.

Foi nesse momento que o padre Joe Mike teve uma espécie de revelação: Bonnie X deveria sair de Los Angeles ou, pelo menos, deveria mudar-se para o Valley, para um lugar onde ninguém conhecesse a sua irmã mais velha, pois, quando não coexistiam no mesmo espaço, Bonnie era uma rapariga bastante atraente. Ao compará-las, Bonnie parecia um pónei *Shetland* ao lado de um cavalo de corrida, mas, se o padre não conhecesse Beverly, a palavra «pónei» nem sequer lhe ocorreria. Sobre o ombro de Bonnie, o padre Joe Mike conseguia ver Beverly Keating a dançar na rampa da entrada com um agente da polícia que não era o seu marido e que esse agente parecia ser um homem com muita sorte.

– Venha lá – insistiu Bonnie, num tom de voz entre a súplica e o queixume. –

Creio que somos as únicas duas pessoas que não estão casadas.

– Se procura esse tipo de disponibilidade, eu não preencho os requisitos.

– Eu só quero *dançar* – continuou Bonnie e colocou a mão livre sobre o joelho do padre, o outro onde não apoiara o copo.

Como estivera momentos antes a castigar-se por dar primazia às aparências em prejuízo do altruísmo, o padre Joe Mike sentiu-se a vacilar. Teria, por um segundo sequer, dado importância ao que os outros poderiam pensar, se o convite tivesse sido proferido pela anfitriã? Se Beverly Keating estivesse agachada diante dele em vez da sua irmã, com os seus expressivos olhos azuis tão próximos, de vestido arregaçado ao ponto de se ver a cor da roupa interior – deteve-se, abanando impercetivelmente a cabeça. Eram pensamentos inadequados. Tentou retomar a reflexão sobre os pães e os peixes, mas foi impossível, por isso esticou o dedo indicador e disse:

– Uma dança.

Bonnie X sorriu com uma radiante gratidão que levou o padre Joe Mike a questionar se, até àquele dia, teria sido capaz de fazer alguém tão feliz. Pousaram os copos no chão e esforçaram-se por se ajudarem a levantar, embora fosse complicado. Antes de se colocarem totalmente em pé, estavam nos braços um do outro. Não faltou muito até que Bonnie se pendurasse no pescoço de Joe Mike, tal como a estola que ele usava nas confissões. O padre pousou as mãos constrangidas em cada um dos lados da cintura de Bonnie, naquele ponto estreito em que suas costelas se curvavam indo ao encontro dos polegares dele. Não saberia dizer se alguém na festa os observava naquele momento. Na verdade, estava inundado de uma sensação de invisibilidade, escondido do mundo por uma névoa misteriosa de lavanda que se libertava do cabelo da irmã de Beverly Keating.

Em boa verdade, Bonnie conseguira já uma dança antes de recrutar o padre Joe Mike, embora tivesse acabado por ser apenas meia dança. Afastara o diligente Dick Spencer da sua tarefa de espremer laranjas por um minuto, dizendo-lhe que devia fazer uma pausa e que as regras do sindicato se aplicavam igualmente aos homens que espremiam laranjas. Dick Spencer usava óculos de aros de massa com lentes grossas que o faziam parecer inteligente, muito mais

do que Lomer, o parceiro de Fix, que recusou dizer a Bonnie as horas, apesar de ela se ter encostado a ele por duas vezes, rindo. (Dick Spencer *era* inteligente. Era também tão míope que nas poucas ocasiões em que os seus óculos lhe saltaram do rosto em confrontos com suspeitos serviram-lhe tanto como a um cego. A ideia de lutar com um homem que podia muito bem ter uma arma de fogo ou uma navalha que não conseguisse ver bastou para que se inscrevesse numa escola noturna, depois na faculdade de Direito e, por fim, arrasasse no exame de admissão de advocacia.) Bonnie pegara na mão pegajosa de Spencer e conduzira-o até ao pátio das traseiras. Em breve rodopiavam em círculos largos, chocando com outras pessoas. Com os braços a rodear a sua cintura, Bonnie podia sentir quão magro era debaixo da camisa, uma magreza elegante, que lhe permitia rodopiar duas vezes em torno de uma rapariga. O outro delegado da Procuradoria-Geral, Cousins, era mais apelativo à vista, bastante atraente na verdade, mas via-se que era convencido. Dick Spencer era um doce nos braços dela.

Era por aí que vagueavam os pensamentos de Bonnie, antes de sentir uma mão a apertar-lhe o braço com força. Estivera tão concentrada no olhar de Dick Spencer por detrás dos óculos que o esforço a deixara tonta, ou algo a deixara tonta. Colada a ele, não viu que a mulher se aproximara. Se a houvesse visto, teria tido tempo de se esquivar ou, pelo menos, de pensar em algo inteligente para dizer. A mulher falava alto e muito depressa, e Bonnie, cautelosamente, afastou-se dela. De um momento para o outro, Dick Spencer e a respetiva mulher abandonaram a festa.

– De saída? – perguntou Fix quando o casal passou de rompante por ele na sala de estar.

– Mantém a tua família debaixo de olho – retorquiu Mary Spencer.

Fix estava no sofá com a filha mais velha estendida no seu colo, a dormir profundamente. Enganou-se ao pensar que Mary estivesse a elogiá-lo por tomar conta da filha. Talvez também ele estivesse meio a dormir. Afagou suavemente as costas da filha Caroline, ela nem se mexeu.

– Dá uma ajuda ao Cousins – ainda instruiu Dick sobre o ombro, antes de saírem sem levar o casaco ou a gravata e sem se despedirem de Beverly.

Albert Cousins não fora convidado para a festa. Na sexta-feira anterior, passara por Dick Spencer no corredor do tribunal quando este falava com um agente que Cousins não conhecia, mas que lhe parecia familiar.

– Vemo-nos no domingo – disse o polícia.

Ao afastar-se, Cousins perguntou a Spencer:

– O que vai acontecer no domingo?

Dick Spencer explicou que Fix Keating tivera uma filha e que faria a festa de batizado nesse dia.

– É a primeira filha? – perguntou Cousins, vendo Keating a afastar-se pelo corredor envolto numa certa melancolia.

– É a segunda.

– E fazem tudo isso pelos segundos filhos?

– Católicos – respondeu Spencer, encolhendo os ombros. – Não se cansam disso.

Apesar de Cousins não estar à procura de uma festa onde se infiltrar, aquela não era uma pergunta inteiramente inocente. Odiava os domingos, eram dias para passar com a família, por isso era raro receber convites para ocupá-los. Nos dias de semana, costumava sair de casa mal os filhos acordavam. Passava-lhes a mão pela cabeça, dava algumas indicações à mulher e saía porta fora. À noite, quando regressava, já estavam todos a dormir ou a deitarem-se. Com as cabeças encostadas às almofadas, os seus filhos pareciam-lhe enternecedores, necessários, e pensava neles dessa forma de segunda-feira de manhã àquele instante de sábado em que se recusavam a dormir até mais tarde. Cal e Holly atiravam-se para cima de Cousins antes mesmo de o raiar do dia penetrar pelas persianas de vinil ainda corridas, já a discutir sobre algo que ocorrera nos três minutos desde que haviam acordado. A bebé tentaria escalar as grades do berço assim que ouvisse os irmãos – era a sua nova aptidão – e o que lhe faltava em rapidez compensava com tenacidade. Atirar-se-ia para o chão se Teresa não corresse para a apanhar, mas Teresa estava a pé, a vomitar. Fechou a porta da casa de banho no corredor e pôs a água a correr, tentando silenciar o que se passava, mas o som dos vómitos chegava ao quarto. Cousins arremessou os dois

filhos mais velhos, os seus corpinhos leves aterraram num emaranhado de lençóis dobrados aos pés da cama. Voltaram à carga, rindo estridentemente, mas o pai não podia brincar com eles, não queria brincar com eles e também não queria levantar-se e pegar na bebé, mas foi obrigado a fazê-lo.

E assim começava o dia, Teresa queixava-se de que precisava de ser capaz de ir ao supermercado sozinha, ou de que os vizinhos da esquina planeavam uma churrascada para esse dia e que já não tinham podido ir da última vez. A cada instante havia uma criança a uivar, primeiro à vez, depois em dueto, enquanto a terceira assistia, à espera, para logo se juntar às primeiras que, entretanto, se acalmavam para de seguida repetirem na íntegra o mesmo ciclo. Ainda antes do pequeno-almoço, a bebé bateu em cheio contra a porta de correr envidraçada no escritório e rachou a testa. Teresa estava no chão às voltas com pequenos pensos rápidos e a perguntar a Bert se achava que a bebé precisava de suturas. Ver sangue sempre deixara Bert desconfortável, por isso desviou o olhar, respondendo que não, que a bebé não precisava de suturas. Holly chorava porque a bebé estava a chorar e dizia que também lhe doía a cabeça. Cal não se via em parte alguma – apesar de ser habitual aparecer sempre que havia gritaria, fosse das irmãs ou dos pais. Gostava de sarilhos. Teresa olhou para o marido, com os dedos manchados do sangue da bebé, e perguntou-lhe onde estava Cal.

Durante toda a semana, Cousins lidara com proxenetas e maridos violentos, pequenos criminosos. Mostrara o seu lado mais cativante a juízes tendenciosos e jurados ensonados. Dissera para si que, quando o fim de semana chegasse, viraria costas ao crime em Los Angeles e juntar-se-ia aos seus filhos em pijama e à mulher grávida de semanas, mas só aguentara até sábado à tarde. Dissera a Teresa que o esperava trabalho para fazer no escritório e que tinha de o acabar antes da primeira audiência de segunda-feira. O mais caricato é que realmente fora para o trabalho. As poucas vezes que tentara escapulir-se para Manhattan Beach para comer um cachorro-quente e namoriscar com as raparigas de biquíni e calções curtos, apanhara um escaldão e Teresa não perdera oportunidade de comentar. Por isso, iria para o escritório e sentar-se-ia junto dos homens com quem estivera no resto da semana. Cumprimentar-se-iam com um aceno de cabeça cordial e completariam mais em três ou quatro horas de trabalho num sábado à tarde do que em qualquer outro dia.

Mas no domingo não conseguira repetir tudo de novo, nem com as crianças, nem com a mulher, nem com o trabalho, pelo que se lembrou da festa de batizado para a qual não fora convidado. Teresa olhou para ele radiante por uns instantes. Aos trinta e um anos ainda tinha sardas sobre a cana do nariz que se estendiam até às maçãs do rosto. Era frequente dizer que gostaria que levassem as crianças à igreja, mesmo que ele não acreditasse na religião ou em Deus ou coisa que o valha. Considerava ser algo bom para fazerem em família e a festa de batizado poderia muito bem ser o ponto de partida. Poderiam ir todos juntos.

– Não – afirmou Cousins. – É assunto de trabalho.

Teresa pestanejou.

– Uma festa de batizado?

– O tipo é polícia. – Cousins esperava que a mulher não perguntasse qual o nome do polícia, pois naquele preciso momento não conseguia lembrar-se. – É uma espécie de oportunidade para chegar a um acordo, percebes? O departamento inteiro vai a esta festa. Apenas necessito de apresentar os meus cumprimentos.

Teresa perguntou-lhe se o bebé era um menino ou uma menina e se ele comprara um presente. A conversa foi interrompida por um estrondo na cozinha seguido do som de saladeiras de metal a tilintar com grande alarido. Cousins não pensara em levar um presente. Dirigiu-se à garrafeira e agarrou numa garrafa cheia de gim. Era uma garrafa grande, maior do que gostaria de oferecer, mas quando viu que estava selada ficou com o problema resolvido.

E fora assim que acabara na cozinha de Fix Keating a fazer sumo de laranja, tendo Dick Spencer abandonado o seu posto pelo prémio de consolação que era a desinteressante irmã da loura. Iria esperar a sua vez, mostrando-se digno de crédito, na expectativa de conseguir a loura para si. Espremeria todas as laranjas do condado de Los Angeles, se fosse necessário. Na cidade que inventou a beleza, ela seria talvez a mulher mais bonita com quem alguma vez falara e, seguramente, a mulher mais bela ao lado da qual alguma vez estivera numa cozinha. A beleza dela era o principal, sim, mas era mais do que isso: havia uma faísca quando Beverly lhe passava uma laranja para espremer e os seus dedos se tocavam. Sentia-a todas as vezes, uma descarga elétrica tão real quanto a laranja. Cousins sabia que seduzir uma mulher casada era uma péssima ideia,

especialmente por se encontrar na casa dela com o marido presente, com a agravante de este ser polícia e a festa celebrar o nascimento da sua segunda filha. Cousins estava ciente de tudo isso, mas à medida que as bebidas se iam acumulando convencia-se de que forças superiores estavam certamente envolvidas. O padre com quem conversara há pouco no pátio das traseiras não estava tão embriagado quanto ele, mas concordara que realmente se passava algo fora do comum. Ora, confessá-lo era o mesmo que dizer que valia tudo. Cousins tentara alcançar o seu copo com a mão esquerda, mas deteve-se para rodar o pulso direito num movimento circular, tal como vira Teresa fazer. Estava com espasmos musculares.

Fix Keating estava à porta, observando-o como se lesse os seus pensamentos.

– O Dick referiu que eu estava de serviço – afirmou Fix. Não era um homem encorpado, mas era claro que fervia em pouca água e que passava os dias à procura de brigas. Todos os polícias irlandeses eram assim.

– É o anfitrião – respondeu Cousins. – Não precisa de estar aqui enfiado a fazer sumo de laranja.

– E você é um convidado – disse Fix, pegando numa faca. – Devia estar a divertir-se.

Mas Cousins nunca fora um homem de multidões. Se esta fosse uma festa para onde tivesse sido arrastado por Teresa, não teria aguentado mais do que vinte minutos.

– Sei naquilo em que sou bom – referiu Cousins, retirando a tampa do espremedor, para limpar a acumulação de polpa de laranja dos entalhes da parte de cima antes de verter o sumo depositado no copo do espremedor para um jarro de plástico verde. Por alguns momentos, trabalharam lado a lado sem dizer palavra. Cousins sonhava acordado, imaginava a mulher do outro homem a inclinar-se sobre ele, colocando a mão no seu rosto enquanto a dele lhe subia pela coxa. Fix interrompeu-lhe os pensamentos:

– Penso que já descobri.

Cousins parou.

– O quê?

Fix cortava as laranjas e Cousins reparou que puxava a faca na sua direção

em vez de a afastar para fora.

– Foi num furto de automóvel.

– O que é que foi num furto de automóvel?

– É daí que o conheço. Tenho estado a tentar perceber de onde o conheço desde que chegou. Creio que foi há cerca de dois anos. Não me lembro do nome do tipo, mas só roubava *Chevrolet El Camino* vermelhos.

Cousins só se recordaria dos detalhes de um furto de automóveis se este tivesse ocorrido no mês anterior; se estivesse realmente ocupado, a sua memória apenas conseguiria retroceder até à semana anterior. O furto de automóveis era o ganha-pão das autoridades. Se não existissem ladrões de automóveis em Los Angeles, os polícias e advogados oficiosos passariam os dias sentados às secretárias a jogar às cartas, à espera de serem chamados por causa de um assassínio. Os furtos de automóveis ocorriam aos pares – os automóveis que capotavam precisamente quando eram encontrados e os que passavam por uma oficina de desmantelamento – cada um mais olvidável do que o outro, exceto o do tipo que apenas roubava *El Camino* vermelhos.

– D'Agostino – completou Cousins e repetiu o nome, pois não fazia ideia de onde surgira aquela lembrança em particular. Era apenas o tipo de dia que estava a ter: sem explicação. Fix abanou a cabeça, assentindo.

– Teria ficado o dia todo a tentar lembrar-me disso, sem sucesso. Mas lembro-me dele. Achava que limitar-se a roubar carros dessa marca fazia dele um tipo com classe.

Por instantes, Cousins quase se sentiu clarividente, como se o ficheiro do caso estivesse aberto diante dele.

– O defensor público alegou uma busca indevida. Os automóveis estavam todos dentro de um armazém. – Parou de rodar a laranja de um lado para o outro e fechou os olhos para se concentrar. – Não me lembro onde.

– Anaheim.

– Nunca mais lá chegava.

– Ora aí está – disse Fix. – Era um caso seu.

Mas, agora, tudo desaparecera e Cousins nem sequer se recordava do

desfecho. Esquecia-se dos arguidos e dos crimes e, seguramente, esquecia-se dos polícias, mas lembrava-se dos veredictos como um pugilista se lembra de quem o derruba e de quem atira ao chão.

– Foi para norte – disse Cousins, decidindo apostar na sua intuição. Um biltre suficientemente imbecil para roubar nada mais do que *El Caminos* teria de ir para norte.

Fix assentiu, tentando não sorrir mas sem o conseguir evitar. Claro que fora para norte. Com algum esforço imaginativo, tinham resolvido este caso juntos.

– Era, então, o detetive do caso – referiu Cousins. Conseguia agora visualizá-lo com aquele fato castanho que os detetives usam em tribunal, como se só existisse um e fosse partilhado por todos.

– O agente de detenção – respondeu. – Estou prestes a ser detetive.

– Guarda uma lista das mortes? – inquiriu Cousins, tentando impressionar Fix sem sequer saber por que desejava impressioná-lo. Era um delegado-adjunto do ministério público, mas sabia como os polícias mantinham o registo das situações. Ainda assim, Fix levou a questão à letra. Secou as mãos e retirou a carteira do bolso de trás, passando os dedos por alguns recibos de despesas.

– Faltam apenas catorze. – Entregou a lista a Cousins que também secou as mãos antes de lhe pegar.

Naquele pedaço de papel dobrado, existiam muito mais do que catorze nomes. Eram, na verdade, perto de trinta, sendo «Francis Xavier Keating» o último. Metade dos nomes estava riscada com uma linha simples, o que significava que Fix Keating estava a subir de lugar.

– Credo! – exclamou Cousins. – Já morreram estes todos?

– Não propriamente. – Fix voltou a pegar na lista para verificar os nomes riscados. Segurou no papel à luz da cozinha. – Bem, alguns deles morreram. Os restantes foram promovidos, transferidos ou desistiram. Não interessa, estão fora da corrida.

Duas mulheres mais idosas, nos seus melhores vestidos domingueiros e sem chapéus, encostaram-se uma à outra na ombreira da porta da cozinha que estava aberta. Quando Fix olhou na sua direção, acenaram em sintonia.

– O bar ainda está aberto? – indagou a mais baixa. Queria manter-se séria,

mas a tirada era tão sagaz que fungou, e a amiga começou também a gargalhar.

– É a minha mãe – explicou Fix a Cousins, apontando para a mulher que fizera a pergunta e depois para a outra, uma loura descolorada com um rosto aberto e sorridente. – E a minha sogra. Este é Al Cousins.

Cousins secou as mãos novamente e estendeu-as para cumprimentar as senhoras.

– Bert – corrigiu. – O que vão beber?

– O que tiver sobrado – respondeu a sogra. Eram ligeiramente percetíveis os traços da filha no modo como atirava os ombros para trás e no comprimento do pescoço. Era um crime o que a passagem do tempo fazia às mulheres.

Cousins agarrou na garrafa de *bourbon* que estava mais próxima e preparou duas bebidas.

– É uma belíssima festa – disse. – Continuam todos a divertir-se lá fora?

– Acho que demoraram muito tempo – confessou a mãe de Fix, aceitando a bebida.

– És muito mórbida – repreendeu a sogra de forma afetuosa.

– Não sou mórbida – corrigiu a mãe. – Sou cautelosa. Temos de ser cautelosos.

– Demoraram a fazer o quê? – perguntou Cousins, entregando a segunda bebida.

– O batismo – interrompeu Fix. – A mãe estava preocupada que a bebé morresse antes de ser batizada.

– A bebé está doente? – inquiriu Cousins, que tivera uma educação anglicana, entretanto abandonada. Tanto quanto sabia, os bebés episcopais que morriam ascendiam ao Céu mesmo assim.

– Ela está ótima – respondeu Fix. – É perfeita.

A mãe de Fix encolheu os ombros.

– Não sabes isso. Não sabes o que se passa dentro de um bebé. Tu e os teus irmãos foram batizados com menos de um mês. Não me descuidei. Já esta criança – continuou, virando a sua atenção para Cousins –, está quase com um ano. A roupa de batizado da família nem sequer lhe servia.

– Ora aí está o problema – declarou Fix.

A mãe encolheu os ombros, de novo, e bebeu de um trago o conteúdo do copo de papel, sacudindo-o depois como se algo não batesse certo. Já não havia gelo, a única coisa que abrandava o ritmo dos que bebiam. Cousins pegou no copo e voltou a enchê-lo.

– Está alguém com a bebé – informou Fix à mãe, não formulando uma questão, apenas constatando um facto.

– Com quem? – perguntou ela.

– Com a bebé.

Refletiu por alguns momentos, de olhos semicerrados e abanou a cabeça, mas foi a outra, a sogra, quem falou.

– Está alguém com a bebé – repetiu, sem qualquer autoridade.

– Porque será – continuou a mãe de Fix, sem mostrar grande interesse na questão da bebé – que os homens conseguem ficar todo o dia na cozinha a preparar bebidas e a fazer sumo de laranja para juntar às bebidas, mas são incapazes de chegar sequer à soleira da porta para cozinhar? – E olhou fixamente para o filho.

– Não faço ideia – replicou Fix.

A mãe olhou, então, para Cousins, que apenas abanou a cabeça sem saber o que responder. Insatisfeitas, as duas mulheres viraram-se ao mesmo tempo e regressaram à festa de copos na mão.

– Ela tem razão – afirmou Cousins. Nunca teria estado na cozinha a preparar sanduíches, mas lembrou-se que agora talvez lhe apetecesse comer uma. Na verdade, queria muito uma sanduíche e, como tal, serviu-se de outra bebida.

Fix regressou à tarefa de cortar as laranjas. Era um homem cuidadoso e demorava o seu tempo. Mesmo embriagado, não planeava cortar um dedo.

– Tem filhos? – perguntou Fix.

Cousins assentiu.

– Três e um terço.

Fix assobiou.

– Mantém-se ocupado!

Cousins questionou-se se Fix quereria dizer que se «*mantém ocupado a correr atrás das crianças*» ou que se «*mantém ocupado a comer a mulher*». Seja o que for. Colocou outra metade de laranja espremida no lava-loiça que já transbordava de metades de laranjas.

Rodou o pulso.

– É melhor fazer uma pausa – aconselhou Fix.

– Já fiz.

– Então faça outra. Temos sumo de laranja de reserva e, se aquelas duas forem uma indicação do rumo que as coisas estão a levar, a maioria das pessoas não será capaz de dar com a cozinha por muito mais tempo.

– Onde está o Dick?

– Foi-se embora. Saiu apressado com a mulher.

Aposto que sim, pensou Cousins, tendo uma visão repentina da sua própria mulher e da confusão estridente que o esperava em casa.

– Afinal, que horas são?

Fix olhou para o relógio, um *Girard-Perregaux*, bem melhor do que seria de esperar para um polícia. Eram três e quarenta e cinco da tarde, duas horas mais tarde do que qualquer um deles imaginaria mesmo nas suas previsões mais ousadas.

– Meu Deus, tenho de ir – exclamou Cousins. Estava certo de que prometera a Teresa que estaria de volta o mais tardar ao meio-dia.

Fix assentiu.

– Todas as pessoas que estão nesta casa, excetuando a minha mulher e as minhas filhas, deviam ir andando. Antes de sair, faça-me apenas um favor: descubra onde está a bebé. Veja quem a tem. Se eu sair agora, todos vão querer falar comigo e nem à meia-noite a consigo encontrar. Dê uma vista de olhos por aí, pode ser? Certifique-se de que nenhum bêbedo a deixou sozinha numa cadeira.

– Como saberei que é a sua bebé? – indagou Cousins. Agora que pensava nisso, não vira nenhum bebé na festa e, certamente, com tantos irlandeses

presentes, bebés não deveriam faltar.

– É a mais nova – esclareceu Fix, num tom de voz subitamente ríspido, como se Cousins fosse um idiota, e como se essa fosse a razão por alguns tipos serem advogados em vez de polícias. – É a que tem o vestido chique. A festa é para ela.

A multidão movimentava-se em redor de Cousins, afastando-se à sua passagem, bloqueando-lhe o caminho ou empurrando-o. Na sala de jantar, todas as bandejas estavam vazias, não havia uma única bolacha ou palito de cenoura. As conversas, a música e os risos embriagados misturavam-se num ruído indecifrável, de onde, ocasionalmente, escapava uma palavra ou frase mais percetível. *Veio a revelar-se, afinal, que, durante todo o tempo em que estivera a falar, ele mantivera-a no porta-bagagem*. Algures, num corredor fora do seu alcance, uma mulher ria com tanta força que tinha dificuldade em respirar, gritando *Para! Para!* Ele viu crianças, dezenas delas, muitas das quais tiravam os copos das inconscientes mãos dos adultos e bebiam o conteúdo. Não viu nenhum bebé. A sala estava muito quente e os detetives despiram os casacos, revelando os revólveres de serviço presos à cintura ou no coldre debaixo do braço. Cousins surpreendeu-se por não ter percebido mais cedo que metade da festa estava armada. Atravessou as portas de correr envidraçadas em direção ao pátio e observou a luz do sol da tarde que inundava os subúrbios de Downey, onde não se avistava qualquer nuvem, onde nunca existiram nuvens nem nunca viriam a existir. Viu o seu amigo padre quieto que nem uma pedra, com a irmã mais nova nos braços como se tivessem estado a dançar por tanto tempo que acabaram por adormecer em pé. Havia homens sentados nas cadeiras do pátio a conversarem uns com os outros, muitos com as mulheres ao colo. As mulheres, pelo menos as que Cousins viu, descalçaram-se em determinada altura da festa, arruinando os *collants*. Ninguém tinha uma bebé nos braços e não se avistava nenhuma bebé à entrada. Cousins entrou na garagem e acendeu as luzes. Viu um escadote pendurado em dois ganchos e latas de tinta limpas alinhadas numa prateleira e organizadas por tamanhos. Havia uma pá, um ancinho, bobinas de cabos de extensão, uma bancada com ferramentas, um lugar para tudo e tudo no seu lugar. Ao centro da garagem de chão de cimento impecavelmente limpo, estava um *Peugeot* azul-escuro imaculado. Fix Keating tinha menos filhos, um relógio melhor, um carro de marca estrangeira e uma mulher muito mais

atraente. E o tipo ainda nem sequer era detetive. Se naquele momento alguém se tivesse dado ao trabalho de lhe perguntar, Cousins teria dito que tudo parecia muito suspeito.

Precisamente quando começou a olhar melhor para o carro, que só por ser francês já parecia muito mais apetecível, lembrou-se de que a bebé estava desaparecida. Pensou na sua própria bebé, Jeanette, que acabara de aprender a andar. Tinha a testa magoada do embate contra as vidraças que dera no dia anterior, os pensos rápidos ainda colados, e entrou em pânico ao pensar que deveria estar a tomar conta dela. A pequena Jeanette, não fazia ideia de onde a teria deixado! Teresa deveria saber que ele não era muito bom a olhar pela bebé. Não lhe devia ter confiado tamanha tarefa. Quando saiu da garagem para a tentar encontrar, com o coração a perfurar as costelas como se quisesse chegar primeiro, viu os convidados da festa de Fix Keating. A devida ordem do dia foi restabelecida e permaneceu por alguns instantes a segurar a porta, sentindo-se simultaneamente ridículo e aliviado. Ele não perdera ninguém.

Quando olhou de novo para o céu, reparou que a luz se alterara. Diria a Fix que necessitava de ir para casa, pois tinha os próprios filhos com quem se preocupar. Entrou na casa para procurar a casa de banho, mas deparou-se primeiro com dois armários. Na casa de banho, salpicou água no rosto antes de voltar a sair. No outro extremo do corredor, havia mais uma porta. Não era uma casa muito grande, mas parecia ser feita inteiramente de portas. Abriu a que se encontrava à sua frente e distinguiu uma luz ténue no interior. As persianas estavam corridas. Era um quarto de meninas, com um tapete cor-de-rosa e uma faixa de papel de parede também rosado com coelhinhos roliços. Em sua casa existia um quarto muito semelhante a este, que Holly partilhava com Jeanette. Reparou que, a um canto, três meninas pequeninas dormiam numa cama de solteiro, com as pernas entrelaçadas e os dedos enredados no cabelo umas das outras. Por alguma razão, a única coisa em que não reparou foi em Beverly Keating junto do muda-fraldas a trocar a bebé. Beverly olhou para ele, um sorriso de reconhecimento vislumbrava-se no seu rosto.

– Eu conheço-o – afirmou.

Cousins assustou-se, ou então fora de novo surpreendido pela sua beleza.

– Desculpe – disse, colocando a mão na porta.

– Não vai conseguir acordá-las – e inclinou a cabeça na direção das meninas. – Creio que estão embriagadas. Trouxe-as para aqui uma de cada vez e nem acordaram.

Cousins aproximou-se para observá-las, a mais velha não teria mais de cinco anos. Não conseguia deixar de se comprazer com a aparência das crianças quando estão a dormir.

– Alguma delas é sua? – perguntou. Eram todas vagamente parecidas, mas nenhuma se assemelhava a Beverly Keating.

– A de vestido cor-de-rosa – respondeu ela, virando a sua atenção para a fralda que segurava nas mãos. – As outras duas são as primas. – Sorriu para Cousins. – Não deveria estar ocupado a preparar as bebidas?

– O Spencer foi-se embora – declarou, apesar de isso não responder à pergunta. Não se lembrava da última vez em que se sentira nervoso, nem em frente de criminosos nem de membros do júri, e muito menos diante de mulheres a segurar em fraldas. Tentou novamente: – O seu marido pediu-me para procurar a bebé.

Ao terminar, Beverly voltou a vestir a bebé e ergueu-a do muda-fraldas.

– Bem, aqui está ela – afirmou.

Roçou o nariz no da bebé, que sorriu e bocejou.

– Alguém está acordada há muito tempo. – E dirigiu-se ao berço.

– Deixe-me levá-la ao Fix por um instante – pediu Cousins –, antes de a colocar para dormir.

Beverly Keating inclinou a cabeça ligeiramente de lado, com uma expressão inquiridora.

– Para que precisa o Fix da bebé?

Foi o conjunto, os lábios rosados de Beverly no quarto também cor-de-rosa e escurecido, a porta que estava fechada, mas que ele não se recordava de ter fechado, o aroma do seu perfume que conseguira de alguma forma sobrepor-se suavemente ao fedor familiar do caixote das fraldas sujas. Teria Fix pedido que ele trouxesse a bebé ou que fosse, simplesmente, procurá-la? Não importava. Respondeu-lhe que não sabia e aproximou-se, o seu vestido amarelo irradiava

luz. Esticou os braços e Beverly ficou diante dele segurando na bebé.

– Coloque os braços debaixo da cabeça dela – instruiu. – Tem filhos?

Ergueu a cabeça e os seus rostos ficaram muito próximos. Cousins colocou um braço por baixo da bebé, o que significava que o seu braço estava por baixo dos seios de Beverly. Não decorrera sequer um ano desde que dera à luz àquela bebé e, ainda que não a tivesse conhecido antes disso, era difícil imaginar que pudesse alguma vez ter sido mais bonita. Teresa nunca recuperara do parto. Dizia não ser possível quando um filho vinha logo a seguir ao outro. Cousins gostaria de as apresentar, apenas para provar à mulher o que se conseguia alcançar com empenho. Riscou de imediato essa hipótese, não tinha qualquer interesse que Teresa conhecesse Beverly Keating. Colocou o outro braço em torno das costas dela, pressionando os dedos sobre a linha direita do fecho do vestido. A culpa foi da magia do gim com sumo de laranja. A bebé balançou entre eles e Cousins beijou Beverly. Era esse o rumo que aquele dia parecia estar a tomar. Fechou os olhos e beijou-a até que a faísca que sentira nos dedos quando as suas mãos se tocaram na cozinha percorresse todo o seu corpo. Beverly colocou a mão livre em torno da nuca dele enquanto a ponta da língua atravessava os seus dentes entreabertos. Houve uma descarga quase impercetível entre ambos. Ele sentiu-a, mas Beverly recuou. Cousins segurava na bebé, que chorou por breves instantes, num único lamento que lhe deixou o rosto avermelhado, para depois dar um soluço e encostar-se ao peito dele.

– Vamos sufocá-la – alertou Beverly e riu. Olhou para a linda face da bebé. – Desculpa.

O peso leve da pequenina Keating nos braços de Cousins pareceu-lhe familiar. Beverly pegou num toalhete macio do muda-fraldas e limpou-lhe os lábios.

– Batom – declarou, inclinando-se para o beijar de novo, suavemente.

– Você está... – balbuciou, mas ocorriam-lhe demasiadas coisas para dizer apenas uma.

– Bêbeda – completou Beverly e sorriu. – Estou embriagada, apenas isso. Leve a bebé ao Fix. Diga-lhe que irei buscá-la dentro de um minuto. – Apontou o dedo a Cousins. – E não lhe diga mais nada, cavalheiro. – Riu novamente.

Apercebeu-se nesse instante de algo que sabia desde o primeiro momento em que a vira, quando assomou à porta da cozinha e chamou pelo marido. A sua vida começaria agora.

– Vá – ordenou Beverly.

Deixou-o ficar com a bebé nos braços e dirigiu-se ao lado oposto do quarto para acomodar as meninas numa posição mais confortável para dormirem. Cousins permaneceu junto da porta fechada do quarto para observá-la.

– O que foi? – perguntou ela. Não havia sedução na sua voz.

– Que rica festa – respondeu Cousins.

– Bem pode dizê-lo.

Em certa medida, Fix estava certo ao pedir-lhe para procurar a bebé: ninguém o conhecia e fora-lhe fácil circular por entre a multidão. Apercebera-se disso agora, todos viravam a cabeça ao vê-lo com a bebé nos braços. Uma mulher magra e bronzeada, que lembrava um espeto, parou mesmo diante dele.

– Aqui está ela! – gritou, inclinando-se para beijar os caracóis dourados que cobriam a cabeça da bebé. Os seus lábios ficaram marcados por causa do vinho. – Oh! – exclamou, desapontada consigo própria. Com o polegar tentou limpar os vestígios, e a bebé contraiu as feições como se estivesse prestes a chorar. – Não devia ter feito isto. – Olhou para Cousins e sorriu: – Não vai dizer ao Fix que fui eu, pois não?

Era uma promessa fácil de cumprir. Nunca a vira antes.

– Aqui está a nossa menina – anunciou um homem, sorrindo para a bebé e dando uma palmadinha nas costas de Cousins. Quem é que eles pensavam que ele era? Ninguém lhe havia perguntado. Dick Spencer era a única pessoa que o conhecia e há muito que abandonara a festa. Ao encurtar caminho até à cozinha, foi detido e cercado vezes sem conta. *Oh, a bebé*, diziam num tom de voz suave. *Ora viva, linda menina*. As saudações e palavras amáveis rodeavam-no. Agora, à luz, podia ver que era uma bebé muito bonita. Era mais parecida com a mãe do que a outra, com a tez pálida e os olhos rasgados, como todos diziam. *Tal qual a Beverly*. Acomodava a bebé na curva do braço. Os olhos dela abriam-se e fechavam-se de novo, como se fossem faróis azuis a verificar que continuava

nos seus braços. Sentia-se confortável nos braços de Cousins, como qualquer um dos seus filhos. Ele sabia como pegar num bebé.

– Ela gosta realmente de si – afirmou um homem com uma arma enfiada no coldre preso ao ombro.

Na cozinha estava um grupo de mulheres sentadas a fumar. Quando terminaram, apagaram as beatas nos copos. Nada mais tinham para fazer a não ser esperar que os maridos lhes dissessem que estava na hora de irem para casa.

– Olá, bebé – cumprimentou uma delas, e todas olharam para Cousins.

– Onde está o Fix? – perguntou ele.

Uma das mulheres encolheu os ombros.

– Não sei – respondeu. – Tem de se ir embora? Eu posso ficar com ela – e estendeu as mãos.

Mas Cousins não estava disposto a entregar a bebé a uma estranha.

– Eu encontro-o – respondeu e deu meia volta.

Sentia que andara em círculos na casa de Fix Keating durante a última hora, primeiro à procura da bebé e agora à procura de Fix. Encontrou-o no pátio das traseiras a conversar com o padre. Não se avistava a rapariga do padre. Estavam menos pessoas no exterior, assim como no resto da casa. O ângulo de luz que trespassava as laranjeiras baixara consideravelmente.

Reparou numa laranja solitária lá no alto, bem acima da sua cabeça, que de algum modo fora esquecida no frenesim da produção de sumo, e colocou-se em bicos de pés para a colher, com a bebé equilibrada num dos braços.

– Santo Deus – exclamou Fix, olhando para cima. – Por onde tem andado?

– À sua procura – respondeu.

– Estive aqui o tempo todo.

Cousins quase escarneceu da desconsideração de Fix, por nem sequer se ter dado ao trabalho de procurá-lo, mas reconsiderou.

– Não está onde o deixei.

Fix levantou-se e pegou na bebé sem qualquer vislumbre de gratidão ou cerimónia. A bebé emitiu um pequeno gemido de descontentamento pela troca,

mas acomodou-se no peito do pai e adormeceu. Cousins sentia os braços leves e não gostou. Não gostou nem um bocadinho. Fix olhou para a mancha na cabeça da filha.

– Alguém a deixou cair?

– É marca de batom.

– Bem – interrompeu o padre, levantando-se da cadeira –, para mim chega. Dentro de meia hora, teremos um jantar na igreja. São todos bem-vindos.

Despediram-se e, à medida que o padre Joe Mike se afastava, uma fila de paroquianos formava-se atrás dele até à entrada, parecia São Patrício a marchar por Downey. Acenavam a Fix e desejavam as boas-noites. Ainda não era de noite, mas também não era completamente de dia. A festa prolongara-se mais do que o devido.

Cousins esperou mais um minuto, na esperança de que Beverly surgisse para vir buscar a bebé como dissera, mas ela não apareceu e ele já deveria ter partido há muito.

– Não sei o nome dela – lembrou.

– É Frances.

– De verdade? – E olhou de novo para a linda bebé. – Deu-lhe o seu nome?

Fix assentiu.

– Quando era mais novo, o nome Francis trouxe-me muitas brigas. Todos no bairro faziam questão de me lembrar de que tinha um nome de menina, por isso, pensei, porque não chamar a miúda Frances?

– E se tivesse sido um rapaz?

– Dava-lhe o mesmo nome – completou Fix, fazendo Cousins sentir novamente que fizera uma pergunta estúpida.

– Quando nasceu a nossa primeira filha, demos-lhe o nome da filha do Kennedy. Na altura pensei, está bem, eu espero. Mas agora... – fez uma pausa, olhando para a bebé que dormia. Passaram por um aborto espontâneo entre as duas meninas, já em estado avançado da gravidez. Tiveram sorte em conseguir ter uma segunda filha, segundo dissera o médico, mas não havia razão para contar isso ao advogado do ministério público. – Resultou nisto.

– É um bom nome – afirmou Cousins, mas o que realmente lhe passava pela cabeça era *Sorte a tua não teres esperado*.

– E você? – perguntou Fix. – Tem um pequeno Albert em casa?

– O meu filho chama-se Calvin. Tratamo-lo por Cal. E as raparigas, também não. Nenhuma delas é Alberta.

– Mas ainda vem um a caminho.

– Sim, nasce em dezembro – esclareceu Cousins. Lembrava-se de como tudo era antes de Cal nascer, de como ele e Teresa, à noite, no escuro do quarto, se deitavam na cama a sugerir nomes. Um deles fazia Teresa lembrar-se do miúdo com quem implicavam na primária, que usava camisolas com nódoas e mordia os polegares. Outro fazia Cousins lembrar-se de um rapaz de quem nunca gostara, um rufia, mas ambos ficaram satisfeitos quando chegaram ao nome «Cal». Acontecera algo semelhante quando escolheram o nome de Holly. Talvez não tivessem dedicado tanto tempo a essa escolha e talvez não falassem sobre o assunto na cama, ela com a cabeça no ombro dele e ele com a mão na barriga dela, mas ainda assim escolheram o nome juntos. Não tinha o nome de ninguém a não ser dela própria e chamava-se assim porque os pais consideravam que era um nome bonito. E Jeanette? Nem sequer se recordava de terem conversado sobre a escolha de um nome para Jeanette. Atrasara-se a chegar ao hospital apenas nessa vez e, se a memória não lhe falhava, entrara no quarto e Teresa dissera *Esta é a Jeanette*. O nome dela seria Daphne, se alguém lhe tivesse pedido a opinião. Cousins pensou que ele e Teresa deveriam falar sobre a escolha do nome do bebé que vinha a caminho. Ao menos seria um tema de conversa entre eles.

– Dê a este o nome de Albert – sugeriu Fix.

– Se for um rapaz.

– Será um rapaz. Já é altura.

Cousins olhou para Frances a dormir nos braços do pai. Não seria uma grande desgraça se tivessem outra menina, mas se fosse um rapaz talvez pudessem dar-lhe o nome de Albert.

– Acha mesmo?

– Sem dúvida – respondeu Fix.

Nunca chegou a discutir o assunto com Teresa, mas estava presente na sala de espera quando o bebé nasceu e preencheu a certidão de nascimento com o nome Albert John Cousins, igual ao seu. Teresa nunca gostara particularmente do nome do marido, mas em que momento teria sido oportuno abordar o assunto? Assim que saíram do hospital, Teresa começou a tratar o bebé de Albie, Al*bee*[*]. Cousins pediu-lhe que não o fizesse, mas nunca estava presente para controlar. O que poderia ele fazer? Impedi-la? As outras crianças também gostavam do diminutivo, por isso todos o tratavam por Albie.

-

[*] Referência à palavra «*father*» que significa «*padre*» e «*pai*» em língua portuguesa, consoante os contextos. *(N. da T.)*

[*] Referência ao som da palavra «Al-bee», querendo chamar a atenção para a interpretação que poderia ser feita: «*Al-abelha*». *(N. da T.)*

2

– Então, estás a dizer que foste tu quem lhe deu o nome Albie? – perguntou Franny.

– Eu não lhe dei o nome Albie – respondeu o pai. Caminhavam os dois atrás da enfermeira por um corredor comprido e iluminado. – Se fosse eu, não lhe teria dado um nome tão estúpido. É possível relacionar muitos dos problemas daquele miúdo com o nome.

Franny pensava no seu meio-irmão.

– Provavelmente haverá outras causas para além do nome.

– Sabes que uma vez fui buscá-lo a um reformatório juvenil? Tinha catorze anos e tentara pegar fogo à escola.

– Sim, eu lembro-me – respondeu Franny.

– A tua mãe ligou-me a pedir para o tirar de lá. – Bateu no peito suavemente. – Disse que estaria a fazer-lhe um favor, como se eu estivesse interessado em fazer-lhe favores. Quando pensamos em todos os polícias que Bert conhecia em Los Angeles, é de pensar por que razão me foram incomodar com este assunto.

– Ajudaste o Albie – respondeu Franny. – Era um miúdo e tu ajudaste-o. Não há nada de errado com isso.

– Ele nem sequer sabia como atear um fogo decentemente. Assim que o tirei de lá, levei-o ao departamento dos bombeiros para ver o vosso tio Tom, que estava de regresso a Los Angeles na altura. Eu disse ao miúdo do Bert «Se queres pegar fogo a uma escola repleta de crianças, então estes são os tipos que te podem ensinar como isso se faz». Sabes o que ele respondeu?

– Sei, sim – respondeu Franny, sem referir que a escola estava vazia quando Albie tentou incendiá-la e que até se tinha saído muito bem. Independentemente do que dissessem sobre o Albie, uma coisa era certa: ele sabia como provocar

um incêndio.

– Disse que já não estava interessado. – Fix deteve-se, o que fez com Franny também parasse de caminhar, tal como a enfermeira, que esperava por eles. – As pessoas não continuam a chamar-lhe isso, pois não? – perguntou Fix.

– Albie? Não sei. Sempre o chamei assim.

– Estou a tentar não ouvir a conversa – disse Jenny. O nome da enfermeira era Jenny. Tinha uma etiqueta com o nome, mas isso não era relevante, eles conheciam-na.

– Podes ouvir o que quiseres – continuou Fix. – Nós é que devíamos estar a contar histórias mais interessantes.

– Como se sente hoje, Sr. Keating? – perguntou a enfermeira Jenny. Fix deslocara-se ao centro médico da UCLA para fazer quimioterapia, pelo que a questão não era inteiramente social. Se não se sentisse bem, seria enviado para casa e todo o processo seria adiado para uma data ainda mais tardia, num futuro incerto.

– Estou a sentir-me lindamente – respondeu, de braço dado com Franny. – Sinto-me leve como uma pena.

Jenny riu-se e, saindo do corredor, os três pararam numa sala ampla e aberta, onde estavam duas mulheres sentadas com toucas na cabeça e termómetros digitais na boca. Uma delas acenou aos recém-chegados com um ar cansado, enquanto a outra continuou a olhar em frente, impávida. À sua volta, entravam e saíam enfermeiras usando fardas rosadas. Fix sentou-se e Jenny deu-lhe um termómetro e enrolou uma braçadeira de monitorização de tensão arterial em torno do seu braço. Franny ocupou a cadeira vazia ao lado do pai.

– Retomemos a conversa inicial por momentos, tu e o Bert conversaram sobre o nome que ele devia dar ao filho, antes de o Albie nascer?

Franny ouvira centenas de vezes a história do incêndio e do telefonema que se lhe seguiu, mas a do nome de Albie nunca surgira anteriormente.

Fix retirou o termómetro da boca.

– Não é que tivéssemos falado no assunto depois.

– Ei! – exclamou Jenny de dedo apontado, levando Fix a colocar de novo o

termómetro na boca.

Franny abanou a cabeça.

– Custa a acreditar.

Fix olhou para Jenny, que desenrolava a braçadeira.

– O que é que custa a acreditar? – perguntou Jenny, em substituição de Fix.

– Tudo. – Franny abriu as mãos. – Tu e o Bert a prepararem bebidas juntos, tu e o Bert a conversarem um com o outro, conheceres o Bert antes de a mãe o conhecer.

– Trinta e sete graus, certinhos – declarou Jenny e atirou para o lixo a boquilha descartável do termómetro. Depois, retirou do bolso uma tira de borracha cor-de-rosa vivo e atou-a ao braço de Fix como um torniquete.

– É claro que conhecia o Bert – respondeu Fix, como se alguém estivesse a duvidar do mérito que lhe era devido. – Como achas que a tua mãe o conheceu?

– Não sei – era uma pergunta que Franny nunca se lembrara de fazer. Na sua memória, sempre existira o Bert. – Creio que sempre assumi que tinham sido apresentados pela Wallis. Odiavas tanto a Wallis.

Com a ponta dos dedos, Jenny pressionava a parte de dentro do cotovelo de Fix, procurando uma veia que ainda estivesse desimpedida.

– Conheço drogados que se injetam entre os dedos dos pés – referiu Fix, com uma espécie de nostalgia.

– Mais uma razão para não querer um toxicodependente como enfermeiro – continuou, por mais alguns instantes, a cutucar a pele fina como papel e depois sorriu, segurando a veia no lugar com um dedo. – Muito bem, cavalheiro, aqui vamos nós. Uma ligeira picadela...

Fix nem vacilou. A enfermeira conseguira milagrosamente enfiar a agulha direitinha.

– Oh, Jenny – desabafou Fix, olhando para o seu cabelo quando ela se inclinou sobre ele –, quem me dera que fosses sempre tu.

– Detestava assim tanto a Wallis? – perguntou a enfermeira. Acoplou à agulha um saco selado com uma tampa de borracha e observou enquanto este se enchia de sangue, depois repetiu o processo.

– Detestava.

– Coitada da Wallis. – Retirou a agulha e pressionou uma bola de algodão no lugar da picadela. – Suba para a balança e estamos despachados.

Fix subiu para a balança e observou-a a ajustar o peso de metal com a unha. Uma, duas pancadinhas para baixo, menos um quilinho, ainda outro, até a balança indicar cerca de sessenta quilos.

– Anda a beber as suas bebidas proteicas?

Quando terminaram o que chamavam preliminares, voltaram a percorrer o corredor, até ao fundo, passando pelo posto das enfermeiras, onde os médicos liam os relatórios nos computadores ou nos seus telemóveis. Entraram numa sala ampla e soalheira, onde os pacientes estavam deitados em cadeiras reclináveis, acorrentados a sacos de fluxos químicos gotejantes. Alguém retirara o som de todos os televisores, o que significava que estavam livres do barulho irritante dos anúncios televisivos, mas teriam de aguentar os sinais sonoros dissonantes dos monitores. Jenny conduziu Franny e Fix para as duas cadeiras ao canto. Era uma bênção, tendo em conta quão movimentada estava a sala de quimioterapia. Quem tivesse energia suficiente para fazer escolhas preferiria as cadeiras do canto.

– Espero que tenha um bom dia depois de isto terminar – declarou Jenny. Ela não faria a administração da quimioterapia, a sua tarefa consistia apenas em garantir que o relatório prévio era feito e que seria entregue à enfermeira que ficaria responsável pelo paciente.

Fix agradeceu-lhe e acomodou-se, usando as duas mãos para ajustar o corpo à cadeira reclinável. Quando a sua cabeça se inclinou para trás e as pernas se ergueram, emitiu um ligeiro suspiro, tal qual um polícia de giro ao sentar-se à secretária, no final de um longo dia de trabalho. Fechou os olhos. Durante cinco longos minutos permaneceu de tal forma imóvel que Franny achou que ele adormecera antes mesmo de os químicos começarem a correr-lhe nas veias. Desejou ter-se lembrado de trazer uma revista da sala de espera, porém, assim que começou a procurar em volta por revistas que não raras vezes ficavam ali esquecidas, o pai retomou a história.

– A Wallis era uma péssima influência – declarou Fix, de olhos ainda fechados. – Estava sempre na nossa cozinha a falar sobre libertação sexual e

amor livre. Tens de ter em conta que a tua mãe nunca teve uma identidade própria. Tornava-se a pessoa que estivesse ao seu lado. Quando conversava com a Menina Amor Livre, então, isso parecia-lhe ser uma excelente ideia.

– Estavam na década de 1960 – recordou Franny, contente por o pai estar acordado. – Não podes culpar a Wallis por tudo o que se passou.

– Eu responsabilizo a Wallis por aquilo que muito bem entender.

E talvez não fosse uma ideia assim tão descabida. Wallis falecera dez anos antes, vítima de cancro do cólon, e, apesar de toda a sua retórica sobre libertação sexual e amor livre, tivera de se contentar com Larry, com quem casara quando era caloira na faculdade. Larry assistira à lenta partida de Wallis com a mesma paciência com que a acompanhara durante toda a sua vida – dando-lhe banhos na cama, verificando a medicamentação com rigor, mudando os sacos da colostomia. Depois de Larry ter vendido o consultório de optometria, mudaram-se para Oregon. Cultivavam mirtilos e dedicavam muito tempo aos cães, já que os filhos e os netos raramente se disponibilizavam para os visitar. A amizade de Wallis e Beverly manteve-se, ainda que estivessem em lados opostos do país desde os vinte e nove anos, depois de Beverly partir para a Virgínia para casar com Bert Cousins, pelo que a mudança de Wallis para o Oregon na fase final da sua vida não afetara de todo a relação de ambas. Los Angeles, Oregon que diferença fazia quando se morava na Virgínia? Quando muito tornaram-se ainda mais próximas depois da mudança, porque Wallis não tinha mais ninguém com quem conversar para além de Larry e dos cães. Nos últimos tempos, comunicavam através de *email* e chamadas interurbanas gratuitas. Conversavam durante horas. Enviavam presentes de aniversário uma à outra e postais engraçados. Quando Beverly se casou pela terceira vez com Jack Dine, Wallis viajara de avião do Oregon para Arlington para ser a dama de honor, tal como acontecera no casamento com Fix, mas não no casamento com Bert, que fora uma celebração privada e sem amigos convidados, que decorrera na casa dos pais do noivo, nos arredores de Charlottesville. Mais tarde, quando Wallis adoeceu, Beverly viajou de avião até ao Oregon e sentaram-se juntas na cama a ler a poesia de Jane Kenyon em voz alta. Conversaram sobre as coisas da vida que as deixavam perplexas – sobretudo os filhos e os maridos. A antipatia que Wallis e Fix Keating nutriam um pelo outro era recíproca e ela nunca se

importara que ele a responsabilizasse por tudo o que acontecera e que, na verdade, não poderia ser culpa sua. Se conseguira suportar o fardo da culpabilização de Fix em vida, era difícil imaginar que isso a incomodasse agora.

– Tens frio? – perguntou Franny ao pai. – Posso ir buscar um cobertor.

Fix abanou a cabeça negativamente.

– Não é agora que fico com frio. Só mais tarde. Quando precisar, eles trazem-me um.

Franny perscrutou a sala em busca da enfermeira sem deter o olhar em nenhum dos outros pacientes – a mulher que dormia de boca aberta, sem cabelo, como um rato acabado de nascer; o adolescente que mexia no ecrã do *iPad*; a mulher e o filho de seis anos, sentado ao lado dela, sossegado, a pintar um livro de colorir. Como teria sido a quimioterapia para Wallis? Larry ter-lhe-ia, apenas, dado boleia até ao local ou permanecera ao seu lado durante todo o processo? Teriam os filhos voado de Los Angeles para estar junto dela? Deveria ter-se lembrado de perguntar à mãe.

– Hoje estão a demorar a começar – comentou Franny, não que isso importasse. A sopa e o pão que Fix não comeria estavam à sua espera em casa. Marjorie também. Veriam o *Jeopardy!*[*] e Franny dormiria no quarto dos hóspedes no andar de cima.

– Nunca tenhas pressa para que alguém te envenene. É o meu lema. Poderia ficar o dia inteiro à espera.

– Desde quando és tão paciente?

– O paciente paciente – afirmou, satisfeito consigo próprio. – Então, tu e o Albie ainda se mantêm em contacto?

Franny encolheu os ombros.

– Vou tendo notícias dele. – Falara demasiado de Albie ao longo de toda a vida; agora, para tentar compensar, fazia questão de não falar de todo sobre ele.

– E o velho Bert? Como está?

– Parece estar bem.

– Falas com ele com frequência? – perguntou Fix, qual alma inocente.

– Não com tanta frequência como falo contigo.

– Não é uma competição.

– Pois não, não é.

– E ele está casado?

Franny abanou a cabeça, negando.

– Solteiro.

– Mas houve uma terceira, não foi?

– Também não resultou.

– E não houve mais uma noiva? Alguém depois da terceira?

Fix sabia muito bem que Bert passara por um terceiro divórcio, mas nunca se cansava de ouvi-lo vezes sem conta.

– Durante uns tempos, sim.

– Mas o noivado também não durou?

Franny abanou a cabeça novamente.

– É uma pena – afirmou Fix, como se estivesse realmente a ser sincero, e talvez fosse verdade, mas fizera as mesmas perguntas no mês passado e voltaria a fazê-las daqui a um mês, fingindo que estava velho e doente e que não se lembrava da conversa anterior. *Estava*, de facto, velho e doente, mas lembrava-se de tudo muito bem. Continua a interrogar a testemunha – fora o conselho que dera a Franny pelo telefone, quando ela era ainda criança e a sua bracelete de identificação desaparecera do cacifo. Telefonara ao pai, a partir da Virgínia, às cinco da tarde, no instante em que as chamadas ficavam mais baratas, eram duas da tarde na Califórnia. Ligara-lhe para o local de trabalho, coisa que nunca fizera antes, mas ele dera-lhe o cartão com os contactos profissionais. Nessa altura já era detetive, para além de ser seu pai, por isso achou que ele deveria saber o que fazer para encontrar a bracelete.

– Investiga – dissera-lhe. – Descobre quem estava a mudar de sala de aula na altura e por onde passaram. Não dês demasiada importância ao assunto e não deixes que fiquem com a sensação de que estás a acusá-los, mas fala com todos os miúdos que passaram por aquele corredor e, mais tarde, fala novamente, porque ou algum deles está a esconder-te alguma coisa, ou existe algo mais de que eles próprios ainda não se recordaram. Tens de estar disposta a dedicar-te ao

assunto, se estás realmente interessada em encontrar a bracelete.

Patsy era a sua enfermeira naquele dia, uma mulher vietnamita com a estatura de uma criança, que ficava a nadar na farda cor de lavanda de tamanho XXS. Acenou a Fix do outro lado da sala apinhada, como se estivessem numa festa e ela tivesse finalmente conseguido chamar-lhe a atenção.

– Está aqui! – exclamou.

– Estou aqui – retorquiu Fix.

Ela aproximou-se, com o cabelo negro apanhado numa trança presa à cabeça em duas voltas, como se fosse uma corda para ser usada em caso de emergência.

– Está com bom aspeto, Mr. Keating – observou ela.

– As três fases da vida: juventude, meia-idade e «está com bom aspeto, Mr. Keating».

– Tudo depende de onde nos encontramos. Se o vir na praia deitado numa toalha em calções de banho, é provável que não ache que tem assim tão bom aspeto. Mas aqui... – Patsy baixou o tom de voz, olhou em redor e inclinou-se na sua direção. – Aqui tem ótimo aspeto.

Fix desabotoou os botões de cima da camisa, deixando à vista o cateter implantado no peito.

– Já conhece a minha filha Franny?

– Sim, eu conheço a Franny – respondeu Patsy e arqueou ligeiramente a sobrancelha, um gesto que subentendia *O velhote está a ficar esquecido*. Pegou numa seringa grande de solução salina para limpar o cateter. – Diga-me o seu nome completo.

– Francis Xavier Keating.

– Data de nascimento.

– 20 de abril de 1931.

– Resposta certa – anunciou a enfermeira, retirando dos bolsos da farda três bolsas de plástico transparentes. – Oxaliplatina*, fluorouracila* e este pequenino é apenas um antiemético*.

– Ótimo – afirmou Fix, assentindo. – Vamos a isso.

Pelas janelas do sétimo andar, os raios de sol brilhantes da manhã de Los Angeles batiam oblíquos no soalho de linóleo. Patsy dirigiu-se ao posto das enfermeiras para introduzir no sistema os registos do tratamento, enquanto Fix observava o anúncio que passava na televisão sem som pendurada no teto. Uma mulher, ensopada e a pingar água, enfrentava uma forte tempestade, trovões faiscavam por todo o lado. De repente, um estranho atraente oferecia-lhe o seu guarda-chuva e a chuva parava de imediato. A rua transformava-se no ideal de vida pós-morte de um jardineiro britânico, inundada de sol e rosas. O cabelo da mulher estava seco e esvoaçava, deixando o seu vestido um rasto, qual asas de uma borboleta. No topo do ecrã lia-se «Pergunte ao seu médico», como se o anunciante antecipasse que todos os espectadores iriam estar com o som desligado. Franny interrogava-se se o fármaco anunciado seria para a depressão, para uma bexiga hiperativa ou para o enfraquecimento capilar.

– Sabes de quem me lembro sempre que aqui estou? – perguntou Fix a Franny.

– Do Bert.

Ele franziu o sobrolho.

– Quando te faço perguntas sobre o Bert ou sobre o seu filho pirómano, chama-se a isso conversa de ocasião, ser-se educado. Eu não penso neles.

– Pai – continuou Franny –, em quem tens pensado ultimamente?

– No *Lomer* – respondeu. – Não conheceste o Lomer, pois não?

– Não – confirmou ela, mas também já conhecia essa história, ou pelo menos uma versão dela. A mãe contara-lha há muito tempo.

Fix abanou a cabeça.

– Não, é claro que não te lembras do Lomer. Estavas sentada ao colo dele a última vez que nos visitou. Andava contigo ao colo para todo o lado, nem para jantar te largou. Lembro-me agora, foi apenas alguns meses depois do teu batizado. Eras uma bebé linda, Franny, e muito querida. Toda a gente fazia um grande alarido quando te via, o que deixava a tua irmã completamente danada. Antes de tu apareceres, o Lomer dedicava toda a sua atenção à Caroline, que era do que ela gostava. Lembro-me do Lomer lhe dizer «Caroline, anda cá, há espaço para as duas», mas ela não queria saber. Não suportava ver-vos aos dois

juntos.

– Ora aí está – concordou Franny. Tanto quanto se conseguia lembrar, o único colo em que Caroline tinha interesse em sentar-se era no do pai, mesmo depois de se mudarem para o extremo oposto do país.

Fix assentiu.

– Todos os miúdos adoravam o Lomer. Deixava-os entrar no carro de patrulha, ligar a sirene e brincar com as algemas. Imagina os processos judiciais que os agentes enfrentariam hoje se permitissem o mesmo, se algemassem uma criança ao espelho retrovisor por pura diversão. Os miúdos adoravam pôr-se de pé no banco da frente. O Lomer dava uma boa reputação aos polícias. Lembro-me que, quando saiu da nossa casa nessa noite depois do jantar, eu e a tua mãe comentámos como era triste que um tipo como ele não tivesse filhos. Na altura achávamos que já era muito velho e, no entanto, não devia ter mais do que... vejamos, uns vinte e oito ou vinte e nove anos?

– Ele era casado?

Fix abanou a cabeça, negando.

– Nem sequer tinha namorada, pelo menos não tinha quando morreu. Partiu o nariz na marinha, ficou uma desgraça, mas ainda assim era atraente. Todos costumavam dizer que parecia o Steve McQueen, o que era um exagero por causa do nariz. A tua mãe estava sempre a tentar juntá-lo com a Bonnie e eu não deixava porque achava a Bonnie uma idiota. Que pena ter levado a minha avante nesse caso. Teria poupado um padre para o resto do mundo.

– Talvez ele fosse homossexual – comentou Franny.

Fix virou-se com uma expressão de perplexidade no rosto que tornava claro que achava que se dera algum mal-entendido.

– Joe Mike não era homossexual.

– Referia-me ao Lomer.

Dito isso, Fix fechou os olhos e manteve-os cerrados.

– Não sei porque tens de fazer isso.

– Não haveria nada de errado se fosse homossexual – continuou Franny, mas arrependeu-se de imediato. Na cidade de Los Angeles, em tempos existira um

agente da polícia inteligente e heterossexual, que adorava crianças, parecia o Steve McQueen e não tinha namorada: não importava se ela acreditava ou não. Quer fosse homossexual ou heterossexual, Lomer estava morto há quase cinquenta anos. O saco da quimioterapia acabara de ser colocado; durante a próxima hora e meia, estariam sentados naquela sala, podiam conversar ou permanecer calados.

– Desculpa – disse Franny e, como ele não respondeu, tocou-lhe levemente no braço. – Já pedi desculpa. Conta-me a história do Lomer.

Fix esperou alguns instantes, ponderando se deveria alimentar o ressentimento ou ultrapassá-lo. Verdade seja dita, Franny irritava-o. Assemelhava-se a Beverly, mas, ao contrário da mãe, não sabia o que fazer com a sua boa aparência – o cabelo apanhado num rabo de cavalo, as calças de atilhos, nem sequer um batom do cieiro nos lábios. Ele conhecia as pessoas ali do centro e, por vezes, o seu médico aparecia durante o tratamento. Ela podia muito bem fazer um esforço.

E também não fazia ideia de quem era o Lomer. Com um ano, sentada ao colo dele, fora o mais próximo que Franny alguma vez chegara de um homem do calibre de Lomer. Aquele tipo mais velho por quem se apaixonara perdidamente quando era jovem e que a enganou sem qualquer vergonha, ou mesmo o marido, que até podia ser simpático mas era evidente que casara com ela porque precisava de alguém que lhe tomasse contados filhos. Franny tinha um péssimo gosto em relação aos homens. Ele tivera a esperança de que um dia as suas filhas pudessem encontrar um homem como Lomer, mas não teve essa sorte. Aquela imagem na sua mente – o parceiro à mesa de refeições com Franny ao colo, Beverly na cozinha vestida como se fosse jantar fora em vez de fazer ela mesma o jantar – era o suficiente para decidir manter os olhos fechados, mas ao sentir uma descarga elétrica no esófago, como se o veneno que percorria o seu corpo tivesse de súbito roçado pelo tumor, Fix relembrou-se do que esquecia constantemente: isto ia matá-lo.

– Pai? – chamou Franny. E pousou levemente a mão no esterno dele, exatamente no sítio onde sentira a pressão.

Fix abanou a cabeça.

– Traz-me outra almofada.

Depois de a filha lhe ter trazido a almofada e a ter acomodado nas suas costas, Fix começou a relatar a história. Franny viera de Chicago propositadamente para o ver. Deixara o marido e os filhos para isso.

– O que precisas de saber sobre o Lomer é que ele era um sacana bem divertido – disse. – Não havia nada melhor do que fazer uma patrulha com ele. – Notara que a voz esmorecera, por isso clareou a garganta para prosseguir. – Ansiava por me sentar num carro a cair de podre até às quatro da madrugada em South Central, apenas porque Lomer estava lá comigo a dizer piadas. Ria-me até doer a barriga e pedia-lhe para parar, caso contrário deitaríamos a perder uma noite inteira de trabalho.

O pai de Franny parecia frágil e minúsculo. O cancro alastrara-se ao fígado.

Manchas na pélvis e nas costas podíamos encontrar.

Ao passo que Lomer era bonito

e os vinte e nove anos ainda devia rondar.

– Conta-me uma piada, então – pediu Franny.

Fix sorriu para o teto, à ideia de Lomer sentado a seu lado no carro-patrulha. Permaneceu nessa posição por alguns minutos, com as gotas prateadas dos químicos a deslizarem pelos tubos de plástico para dentro do buraco no seu peito. Depois abanou a cabeça:

– Já não me lembro de nenhuma.

O que não era inteiramente verdade. Ele lembrava-se de uma.

– Está uma mulher em casa e um polícia bate à porta – dizia Lomer. Nos primeiros segundos, Fix nem se apercebia de que ele começara a contar uma anedota. Com o Lomer era assim, nunca se sabia no que ia dar. – O polícia trazia um cão, um cão tipo *beagle* ou talvez um pouco maior, com um ar totalmente culpado. O *beagle* tenta encarar a mulher, mas não consegue olhar para ela, não consegue fitá-la nos olhos, pelo que mantém o olhar no chão, na relva, como se procurasse uma moeda que deixara cair.

Uma anedota. Fix conduzia com as janelas abertas. No rádio do carro-patrulha ouviam-se os grasnidos de diretivas em códigos numéricos e Fix

diminuiu o som até que as palavras e os números nada mais fossem do que estalidos de estática. Lomer e Fix não se dirigiam a nenhum sítio em particular. Estavam apenas a patrulhar a área. Observando.

– O polícia – prosseguiu Lomer – está a esforçar-se, mas é um trabalho difícil. «Minha senhora», diz ele, «este cão é seu?» E ela responde que sim. «Bem, lamento informá-la de que ocorreu um acidente. O seu marido está morto.» Já sabes o que vem a seguir: a mulher estarrecida, a chorar e tudo o resto. O cão continua sem olhar para ela. «Mas, minha senhora», continua o polícia sem querer dizer mais nada, «há mais uma coisa que tenho de lhe dizer.» E é agora que vai desferir o golpe. «O seu marido, quando o encontrámos no local do crime, estava nu.» E a mulher repete «*Nu?*» E o polícia acena afirmativamente e pigarreia. «Há mais uma coisa, minha senhora. Estava uma mulher, no carro, com o seu marido e ela também não sobreviveu.» A mulher faz um barulho, uma espécie de gemido ou talvez diga apenas «*Oh*». É então que o polícia termina. Não tem alternativa. «O seu cão estava no carro com eles. Parece que foi o único que sobreviveu.» E o cão continua a olhar para as patas, como se desejasse ter morrido com eles.

Fix virou o carro e desceu por Alvarado. Era dia 22 de agosto de 1964 e, apesar de serem quase nove da noite, ainda não escurecera totalmente. Los Angeles cheirava a limão, a asfalto e ao escape silencioso de milhões de carros. Havia miúdos nos passeios a empurrarem-se uns aos outros e, depois, a fugirem a correr, divertiam-se à grande, mas começavam também a aparecer os vermes noturnos: os marginais dos gangues, as prostitutas, os drogados e as suas necessidades insaciáveis; em conjunto, geravam um mercado de intercâmbios. Para todos havia alguma coisa para vender, para comprar ou para roubar. A noite começava a aquecer, era ainda uma criança.

– Tu inventas estas coisas? – perguntou Fix. – Tens estado a inventar, nas últimas três horas em que andámos de um lado para o outro, ou lês estas piadas em revistas humorísticas e guardas na memória para as dizeres no momento certo?

– Isto não é uma piada – respondeu Lomer, retirando os óculos escuros agora que o sol se punha. – Estou a contar-te uma coisa que aconteceu de verdade.

– A ti – declarou Fix.

– A alguém que conheço. O primo de alguém que conheço.

– Vai-te lixar! A sério.

– Cala-te e escuta, para variar. Então, o polícia dá as condolências à mulher, entrega-lhe a trela e vai-se embora. O cão vê-se obrigado a entrar em casa, olhando o tempo todo por cima do ombro para o polícia que está a regressar ao carro. Mal fecha a porta, a mulher começa, de imediato, a carga sobre o cão: «Ele estava *nu*? Estava no carro, *nu*?» – A voz de Lomer não imitava a de uma viúva em sofrimento, mas a de uma esposa furiosa. – E o cão olha de novo para a porta, desesperado, a desejar estar noutro sítio qualquer, estás a ver? – Lomer olhou pela janela do passageiro por instantes para um miúdo com uma bola de basquete debaixo do braço a caminho de casa, depois de ter estado no campo de jogos, e para um tipo numa esquina, bêbedo ou drogado, com a cabeça inclinada para trás e de boca aberta à espera que chovesse. Quando voltou a olhar para Fix, personificava o *beagle*, com a expressão mais triste e culpada em toda a história dos *beagles*, e acenou com a cabeça.

– «E a mulher?» – continuou o Lomer, imitando de novo a voz da mulher. – «Ela também estava nua?»

E, com a mesma rapidez, voltava a ser o cão, imitando-o, mal conseguindo encarar Fix nos olhos. Assentiu uma vez mais.

– «Bem, e o que estavam eles a *fazer*?»

Esta pergunta era quase insuportável para Lomer enquanto *beagle*, de tão doloroso que era reviver os acontecimentos, mas, com uma mão, uniu o polegar aos restantes dedos, desenhando um círculo, e com o indicador da outra penetrou o círculo para exemplificar o que faziam. Fix ligou o pisca e encostou o carro-patrulha à berma. Já não conseguia prestar atenção à estrada de tanto rir.

– «Estavam a fazer sexo?», perguntou a mulher. – Lomer assentiu novamente, imitando o *beagle*.

– «No *carro*?»

O cão fechou os olhos e, completamente arrasado, assentiu de novo.

– «Onde?»

O Lomer *beagle* levantou ligeiramente o queixo para indicar o banco traseiro. Nunca se vira um *beagle* tão tristonho.

– «E o que estavas *tu* a fazer?»

Fix soltava uma gargalhada antes mesmo do clímax da piada; Lomer, entretanto, colocara as mãos num volante imaginário e olhava nervoso, mas com genuíno interesse, pelo espelho retrovisor para o que se passava no banco traseiro, dali o Lomer *beagle* podia observar o seu dono a comer outra mulher.

– Onde é que vais buscar estas piadas? – perguntou Fix, tocando ao de leve com a testa no volante. Lomer nunca chegou a responder, mas Fix recordava-se da sensação de rir com tanta vontade ao ponto de nem conseguir respirar. De repente, sob o som da galhofa, dos carros que passavam e da música latina que vinha de algures que nenhum dos dois saberia localizar, uma série de números captou-lhes a atenção no aglomerado de referências numéricas vomitado pelo rádio – eram os números de identificação de serviço de ambos. Tanto Lomer como Fix ouviram os números, apesar de o som do rádio estar quase desligado e de estarem bem-dispostos, nem seria necessário referi-lo. Até ao momento, a noite estivera demasiado tranquila e essa calmaria deixara-os desconfiados. Não acreditavam que nada de mal se passasse em Los Angeles, só ainda não chegara até eles. Tinham agora as luzes de emergência acesas e a sirene gritava repetidamente. Lomer deu algumas indicações e Fix acelerou o carro pela faixa central da ampla estrada. Os pedestres detiveram-se na berma com os olhos postos no carro-patrulha preto e branco. Ambos os agentes sentiram aquela descarga de energia que sempre os inflamara a agir. A chamada devia-se a desacatos domésticos, e tanto podia ter origem num casal aos gritos a perturbarem a paz dos vizinhos, quanto num marido a desancar na mulher com um cinto ou num grupo de miúdos em cima de um telhado a disparar com uma arma de pressão sobre as ratazanas nas palmeiras. Não era um assalto à mão armada nem um homicídio. Na maioria das vezes, os malfeitores apenas se sentiam embaraçados e as culpas eram atribuídas a quem quer que tivesse chamado a polícia. Embora, por vezes, não fosse assim tão simples.

Seguiram por Alvarado até Olympic e desceram pelo emaranhado de ruas secundárias. A noite já se instalara e Fix desligou a sirene, mas manteve as luzes acesas, o que fazia com que em todas as casas se afastassem as cortinas cinco ou seis centímetros para que os seus ocupantes pudessem espreitar, enquanto tentavam adivinhar quem poderia estar em apuros e quem fora imprudente o

suficiente para chamar os polícias ao tranquilo bairro, onde praticamente todos tinham qualquer coisa a esconder. A casa para onde se dirigiam encontrava-se às escuras. Quando os residentes sabem que a polícia está a chegar por causa deles, dão-se ao trabalho de se levantarem e desligarem as luzes. Procedimento operacional normal.

– Parece que chegámos demasiado tarde. Já se deitaram.

– Vamos acordá-los – respondeu Fix.

Será que alguma vez sentiram medo? Mais tarde, Fix faria a si próprio esta pergunta. Nos anos que se seguiram, não havia uma única coisa que Fix Keating não soubesse sobre o que é ter medo, apesar de, no fim, ter aprendido a não o deixar transparecer. Porém, nos anos que passou com Lomer, atravessava qualquer porta com a certeza de que voltaria a sair.

Era uma casa minúscula com um pequeno pátio quadrado. Assemelhava-se a qualquer outra casa naquela rua, exceto pela buganvília em flor, que caía em cascata pela parede, em tons de rosa forte, como os comprimidos para as alergias.

– Como é que isto sequer *está* aqui? – perguntou Lomer, passando a mão pelas folhas. Fix bateu à porta, primeiro com os nós dos dedos e depois com a lanterna. Iluminado pela luz azul intermitente do carro-patrulha, percebeu que deixava pequenas marcas na porta de madeira. Gritou: – Polícia! –, mas quem quer que estivesse dentro da casa já saberia isso.

– Vou ver nas traseiras – declarou Lomer e afastou-se pelo lado estreito do pátio, assobiando e apontando a luz da lanterna às janelas, enquanto Fix esperava na entrada. No céu de Los Angeles não se vislumbrava uma única estrela ou, se estivessem lá, as luzes da cidade eram demasiado intensas para se conseguirem ver. Fix mirava o fino quarto crescente da Lua quando reparou numa luz intensa que vinha do interior da casa escura. Lomer ligou as luzes do alpendre e abriu a porta da frente. – As traseiras estavam destrancadas – informou.

– A porta das traseiras estava aberta – proferiu Fix.

– O quê? – perguntou Franny. Pousou a revista que estava a ler e puxou o cobertor até aos ombros do pai. Ele estava certo em relação ao cobertor. Patsy trouxera-lhe um, assim que foi necessário.

– Estava a dormir.

– É por causa da difenidramina, que impede que fiques com comichões mais tarde.

Tentava localizar-se: a sala, o dia, a filha, Los Angeles, a casa à saída de Olympic.

– A porta das traseiras estava aberta e a da frente estava trancada. Devia-nos ter feito pensar, não era?

– Pai, diz-me de que casa estás tu a falar? A tua casa, onde vives agora? A casa em Santa Monica?

Fix abanou a cabeça.

– A casa onde fomos na noite em que o Lomer foi morto a tiro.

– Pensei que tivesse sido alvejado numa estação de serviço – declarou Franny. Fora o que a mãe lhe dissera, e apesar de ter sido há quarenta anos ou mais, ainda se lembrava de tudo. A mãe discutira com Caroline. Sempre que Caroline ultrapassava a hora de chegar a casa, dizia algo profundamente horrível a Bert ou batia em Franny com força suficiente ao ponto de a fazer sangrar do nariz, aproveitava a oportunidade para dizer à mãe que, se ela fosse uma mulher decente e tivesse ficado com o pai, nada daquilo teria acontecido. Se Beverly tivesse continuado casada com Fix, Caroline seria uma cidadã modelo; o seu bom comportamento estivera totalmente nas mãos da mãe, que perdera essa oportunidade quando decidiu fugir com Bert Cousins, pelo que ninguém deveria culpá-la pelo modo como a sua vida se desenrolara. Já não era novidade. No momento daquela discussão em particular, já estavam a viver na Virgínia há mais tempo do que qualquer uma das raparigas vivera em Los Angeles, mas a história da vida alternativa de Caroline era o seu trunfo e usava-o em todas as ocasiões. Franny lembrava-se de certa vez em que as três regressavam da escola de carro, ela e a irmã vestiam a saia axadrezada do uniforme e a blusa branca com o emblema do Sagrado Coração bordado. Não se lembrava do que Caroline fizera para começar a discussão ou por que razão esta briga parecia ser mais séria do que qualquer outra. Mas algo do que fora dito fez com que a mãe falasse de Lomer.

– É verdade – confirmou o pai. – O Lomer foi alvejado na estação de serviço

da *Gulf* em Olympic.

Franny inclinou-se na cadeira e colocou a mão na testa do pai. O cabelo dele, que era cinzento desde que se lembrava, crescera em tons de branco luminoso, depois da última ronda de sessões de quimioterapia. Todos falavam no cabelo do pai dela. Penteou-o para trás com a palma da mão.

– Gostava mesmo de saber sobre o que estás a falar – disse Franny num tom de voz suave, apesar de ninguém estar à escuta. Ninguém naquela sala sequer pensava neles.

Fix, que nunca fora bom a partilhar, subitamente sentia necessidade de lhe explicar o que se passara. Queria que Franny compreendesse.

– A casa era tão pequena que sabíamos que não demoraríamos muito a encontrá-los. Existiam três portas no corredor – dois quartos e uma casa de banho. As divisões estavam organizadas do mesmo modo. Estavam todos no primeiro quarto. O pai, a mãe e os quatro filhos, todos juntos na cama, às escuras. Acendemos a luz do teto e ali estavam eles, sentados na cama, muito direitos, até mesmo a mais pequena. Fora o pai a ser agredido, coisa que não acontece com frequência. Habitualmente é a mãe que leva *porrada*, mas este tipo parecia que tinha sido arrastado pela autoestrada; tinha o lábio cortado pelos dentes, um dos olhos fechados por causa do inchaço e o nariz esborrachado. Lembro-me da cara dele com a mesma nitidez com que te vejo a ti. É incrível como me lembro de tantos pormenores daquela casa e daquelas pessoas – estavam descalços, e todos com os pés em cima da cama. Começámos a fazer-lhes perguntas e nada, nenhuma resposta. O pai olhava para mim com o único olho aberto e eu questionava-me como conseguia ele sequer manter-se direito. Tinha sangue no pescoço, que saía de ambas as orelhas. Presumi que a coça lhe tivesse rebentado com os tímpanos, mas, na verdade, nenhum dos que estavam naquela cama parecia estar a ouvir-nos. O Lomer chamou uma ambulância e os reforços pelo rádio. Eu continuei a falar com eles e, finalmente, a rapariga mais velha, talvez com dez anos, diz que nenhum deles fala inglês. Que o pai e a mãe não falam inglês, mas os miúdos falam. Eram três raparigas e um rapaz. O rapaz devia ter uns sete ou oito anos. Perguntei-lhes «a pessoa que fez isto, para onde foi?» e todos se silenciaram novamente, com a rapariga a olhar em frente tal como os pais, até que a mais pequenina, que devia ter uns cinco anos ou próximo

disso, não era muito mais velha do que a Caroline nessa altura, olhou claramente para o roupeiro. Ela não girou a cabeça, mas fez-se entender muito bem. O tipo estava no roupeiro. A rapariga mais velha agarrou no pulso da mais nova e apertou-o com muita força, mas nós virámo-nos, o Lomer abriu a porta do roupeiro, e ali estava ele, esmagado contra a roupa. Era um roupeiro minúsculo daqueles que se usavam antigamente e onde aquela família guardava tudo o que tinha na vida, incluindo este tipo. Ele percebeu as circunstâncias. Sabia que não iria conseguir passar por nós. Tinha sangue na camisola e a mão aberta da sova que dera ao pobre diabo que estava na cama. Creio que não falava inglês com maior fluência do que o homem que ele viera espancar. Enfiou a arma no bolso de um vestido que estava dentro do roupeiro. Talvez pensasse que ninguém a encontraria ali e poderia voltar mais tarde para a recuperar. Mais ou menos por essa altura, chegaram os reforços e, depois, a ambulância. Naquele tempo não se liam os direitos aos detidos nem se chamava um tradutor de espanhol. A família na cama tremia e os miúdos choravam, como se tudo estivesse bem quando o tipo estava dentro de roupeiro e não tinham de olhar para ele, mas, agora que estava no meio do quarto, todos se sentiam novamente agitados. Chamava-se Mercado. Descobrimos isso mais tarde. O trabalho dele era espancar, sistematicamente, mexicanos que pediam dinheiro emprestado para entrarem clandestinamente no país e que ainda não haviam conseguido ganhar dinheiro suficiente para saldarem a dívida. Ninguém que amealhasse uma pequena maquia ou tivesse acesso a formas de pagamento enganava estes tipos. Espancavam as pessoas diante das suas famílias e dos vizinhos. Era o aviso de alerta e se, mesmo assim, o dinheiro não surgisse no espaço de uma semana ou duas, voltavam a aparecer e alvejavam as pessoas na cabeça. Todos sabiam disso.

– Está acordado! – exclamou a enfermeira Patsy, sobressaltando Franny. Patsy retirou o saco mais pequeno, do antiemético, que já estava vazio. Ainda faltava algum tempo para os outros sacos ficarem vazios. – Conseguiu descansar?

– Consegui, sim – respondeu Fix, embora parecesse exausto, enfraquecido devido à quimioterapia ou à história que acabara de contar, ou a ambas. Franny questionava-se se Patsy não se apercebera disso, mas talvez ele não parecesse muito diferente de qualquer outro paciente naquela sala.

Patsy bocejou à menção de descanso, cobrindo a boca com a sua pequena mão dentro da luva de borracha.

– Um dia deito-me numa dessas cadeiras reclináveis. Puxo o cobertor para cima da cabeça e faço uma soneca. As pessoas fazem isso, sabe, porque a luz incomoda-lhes a vista. Quem saberá que sou eu quem está debaixo dos cobertores?

– Eu não digo a ninguém – afirmou Fix e fechou os olhos.

– Tem sede? – perguntou Patsy, dando uma palmadinha nos joelhos dele, por cima do cobertor. – Posso ir buscar-lhe água ou um refrigerante, se preferir. Quer uma coca-cola?

Franny estava prestes a dizer que eles estavam bem assim, quando Fix assentiu.

– Água. Água saberia bem.

Patsy olhou, então, para Franny.

– E você?

Franny abanou a cabeça negativamente. Patsy saiu para ir buscar a água e Fix fez uma pausa, abrindo os olhos para a observar a sair.

– E depois, o que aconteceu? – perguntou Franny. Era por causa destes momentos que levava o pai às sessões de quimioterapia, numa fase em que já nenhum dos médicos mencionava uma possível cura: este era o tempo que ela tinha, estas eram todas as histórias que iria conseguir que o pai contasse. Era por essa razão que ela e Caroline se revezavam, viajando até Los Angeles, pois nunca estiveram com ele por muito tempo. Era para darem um descanso a Marjorie, dado que era ela que fazia o trabalho todo, mas, mais do que isso, era para terem oportunidade de ouvirem as histórias que ele levaria consigo. Nessa mesma noite, depois de o pai adormecer, Franny telefonaria a Caroline para lhe contar sobre Lomer.

– A casa encheu-se de gente: polícias, o pessoal da ambulância a fazer o seu trabalho. Lomer encontrou um envelope no lixo e desenhou uns ratinhos nas costas do papel para a menina mais nova. Era evidente que estava em apuros junto dos pais e o Lomer sentiu-se mal por ela. O pai foi para o hospital de ambulância e a mãe e as crianças, santo Deus, provavelmente deixámo-las

dentro daquela casa para que outra pessoa terminasse o trabalho, nem sei muito bem. Devem ter passado uns dois anos até voltar a pensar nelas. Levámos o tipo, Mercado, para a esquadra e prendemo-lo. Quando acabámos, era quase uma da madrugada e tudo o que queríamos era beber um café. O café da esquadra era intragável. Essa era uma expressão do Lomer... *intragável*. Costumava pensar que se alguém se tivesse dado ao trabalho de arranjar um café decente, o Lomer teria bebido o café na esquadra, mas é esse tipo de pensamentos que nos enlouquece. Fomos a uma estação de serviço em Olympic. Não era perto, mas também não era muito longe. O tipo que geria o espaço investia uma boa maquia no café e ensinava a todos os miúdos que trabalhavam para ele a importância de esvaziar a cafeteira e fazer café fresco com frequência. Havia quem percorresse uns quarteirões extra para pôr gasolina na estação de serviço deste tipo apenas por ter café do bom. Antigamente não era como agora, em que não existe uma pessoa para nos encher o depósito, mas ao menos podemos beber um belíssimo *cappuccino*. Uma cafetaria numa estação de serviço era algo totalmente inovador, especialmente com um café assim tão bom. O tipo preparava o café e os polícias apareciam, sentavam-se no parque de estacionamento a beber o seu cafezinho e, de repente, surgiam mais pessoas porque se sentiam seguras por causa dos polícias. Era um pequeno ecossistema baseado em café e era onde nós também íamos. Eu levava o carro. O polícia que conduz o carro-patrulha fica responsável pela condução durante o turno completo e o polícia no lugar do pendura fica responsável pelo café, pelo que foi o Lomer quem foi buscar o café. Preciso de imaginar que ele nem sequer se apercebeu do que estava prestes a acontecer. Estava a dois ou a três metros da entrada, quando foi alvejado. E eu não consegui ver o que se passava porque estava a escrever o relatório. Ouvi um tiro e, quando olhei para cima, o Lomer desaparecera. O que consegui ver foi o miúdo atrás da caixa registradora de braços no ar, com as palmas das mãos para fora, e este tipo, o Mercado, a virar-se e a dar-lhe um tiro também.

– Espera – disse Franny. – O Mercado? O mesmo tipo da casa?

Fix assentiu.

– Foi o que eu vi. A estação de serviço era igual a todas as outras daquela altura: parecia um aquário com letras luminosas no topo. Por isso tinha o campo de visão desimpedido: era um homem latino, de vinte e cinco anos, com um

metro e setenta, camisola branca, calças azuis e manchas de sangue na camisola. Estivera a olhar para este tipo nas duas horas anteriores, sentado à minha secretária na esquadra. Eu conhecia-o e ele conhecia-me a mim. Olhou pela janela e viu-me a olhar para ele. Disparou mais um tiro, mas devia estar assustado porque a bala nem sequer chegou ao carro. Tudo o que fez foi estilhaçar o vidro da estação de serviço. Mercado correu porta fora e fugiu para as traseiras. Ouvi o barulho de um carro, mas não o cheguei a ver. Entrei na estação de serviço e o Lomer estava estendido no chão. – Nesse momento, Fix parou de falar por breves instantes. – Bem – disse finalmente...

– O quê?

Fix abanou a cabeça.

– Ele estava morto.

– E o outro tipo, o rapaz da estação de serviço?

– Resistiu talvez cerca de uma hora, o tempo suficiente para chegar à cirurgia. Morreu durante o procedimento. Era um miúdo que andava no liceu, aquele era o seu emprego de verão. A sua única obrigação era preparar café e manter a estação de serviço aberta.

Patsy regressou com dois copos de esferovite com água e palhinhas dobráveis.

– Nunca achamos que temos sede, até vermos um copo com água. Acontece muito por aqui.

Franny agradeceu e pegou nos copos. Patsy tinha razão, ela estava com sede.

– Mas isso é uma loucura – retomou Franny e lembrou-se de que essa era a parte que a mãe lhes contara dentro do carro anos antes, que o pai enlouquecera depois de o parceiro ter sido morto e que nunca conseguira identificar o homem que assassinara Lomer.

– Como é que o Mercado conseguiu sair da esquadra? E como é que sabia onde vocês estavam?

– É uma artimanha do cérebro ou, pelo menos, foi isso que me explicaram mais tarde. Aconteceram demasiadas coisas nessa noite e, de algum modo, misturei as imagens, troquei um suspeito por outro. Mas, até hoje, continuo a afirmar que vi o que vi. Tratava-se do meu parceiro e estava morto. Não sei

como aconteceu, mas aquele tipo estava bem iluminado a uns quatro metros e meio à minha frente. Olhámos diretamente um para o outro, tal como tu estás a olhar para mim neste momento. Quando a polícia chegou ao local, consegui descrevê-lo com todos os pormenores. Que diabo, até lhes disse o nome do tipo. Mas Jorge Mercado estava numa cela de detenção em Rampart. E aí ficara a noite toda.

– E o tipo que matou o Lomer? – perguntou Franny.

– Segundo parece, nunca o vi.

– Então nunca encontraram o culpado?

Fix dobrou a palhinha e bebeu um pouco de água. Era uma tarefa difícil por causa da estenose esofágica. Não passava mais de um quarto de colher de chá de água de cada vez.

– Não – respondeu Fix, finalmente –, ele foi encontrado. Conseguiram montar os factos.

– Mas tu identificaste outro homem!

– Identifiquei outro homem à polícia. Não em frente a um júri. Encontraram outra testemunha, que vira um carro suspeito junto da estação de serviço. Fizeram questão de encontrar o condutor e a arma que ele atirara pela janela do carro. Quando se atira sobre um miúdo numa estação de serviço, o departamento da polícia esforça-se a sério para tentar encontrar o culpado. Mas se atirou sobre um polícia numa estação de serviço, isso é outra história.

– Mas eles não tinham uma testemunha – sublinhou Franny.

– Eu era a testemunha.

– Mas acabaste de dizer que nunca viste o tipo.

Fix esticou um dedo entre ele e a filha.

– Até hoje, nunca o consegui «ver». Nem mesmo quando estava sentado diante dele em tribunal. Nunca me pareceu que tudo estivesse esclarecido. O psiquiatra disse que, quando visse o tipo, seria capaz de me lembrar e, quando isso não aconteceu, o psiquiatra afirmou que conseguiria lembrar-me dele com o decorrer do tempo, que talvez acordasse um dia e tudo faria sentido. – Fix encolheu os ombros. – Mas nada disso aconteceu.

– Então como chegaste a ser testemunha?

– Disseram-me quem era o tipo e eu confirmei que era ele. – Fix sorriu, cansado. – Não te preocupes. Ele era o tipo certo. O que tens de ter em mente é que ele também me viu. Olhou pelas vidraças da estação de serviço, antes de tentar disparar sobre mim. Ele sabia quem eu era. Matou o Lomer e o miúdo e sabia que eu era o tipo que assistiu a tudo. – Fix abanou a cabeça. – Gostava de me conseguir lembrar do nome do miúdo. Na funerária, a mãe dele disse-me que ele era um verdadeiro nadador. «Muito promissor», foram as suas palavras. Gostava de conseguir recordar metade das coisas na minha vida e esquecer a outra metade.

Beverly ficara com Fix durante mais dois anos após a morte de Lomer, apesar de já ter feito a promessa a Bert de que sairia de casa. Ficou porque Fix precisava dela. Na Virgínia, naquele dia da discussão, depois de ir buscar as filhas à escola, estacionara o carro na berma da estrada e dissera a Caroline e a Franny que parassem de pensar que ela simplesmente abandonara o pai, porque nunca o fizera. Ela permanecera com ele.

– Acabei por conseguir tirar o Lomer do meu pensamento – confessou Fix. – Carreguei-o durante anos, mas, certo dia, não sei como, deixei de pensar nele. Já não sonhava com ele e, quando fazia uma pausa para almoçar, não ficava a pensar no que quereria ele comer, nem olhava para o novo parceiro ao meu lado no carro-patrulha e pensava em quem ele não era. Senti-me um pouco culpado por isso, mas tenho de te dizer que acabou por ser um alívio.

– Mas agora estás de novo a pensar nele?

– Sim, claro – respondeu Fix –, em tudo isto. – Levou a mão ao tubo de plástico que o amarrava à vida e sorriu. – Ele nunca vai ter de fazer isto. Nunca irá envelhecer ou ficar doente. Creio que ele era capaz de querer envelhecer e ficar doente, se alguém lhe perguntasse. Creio que ambos teríamos optado por dizer sim, por favor, deem-me cancro quando chegar aos oitenta anos. Mas agora... – Fix encolheu os ombros. – Consigo ver as coisas das duas formas.

Franny abanou a cabeça:

– Ficaste a ganhar.

– Espera e verás – afirmou o pai. – Ainda és muito nova.

-

* Concurso televisivo norte-americano, da CBS, com perguntas sobre temáticas tão variadas como história, literatura, ciências, cultura e entretenimento. É diferente dos restantes concursos do mesmo género, pois neste caso são apresentadas as respostas e os concorrentes devem adivinhar qual a respetiva pergunta. *(N. da T.)*

* Fármaco pertencente à classe dos sais de platina que atua ao nível do ADN no combate ao cancro. *(N. da T.)*

*Fármaco com finalidades inibitórias no desenvolvimento de células cancerígenas. *(N. da T.)*

* Medicamento para alívio dos sintomas relacionados com o enjoo, as náuseas e os vómitos habitualmente provocados pela administração de outros fármacos. *(N. da T.)*

3

Na véspera de Bert e a sua futura segunda mulher, Beverly, fazerem a viagem da Califórnia para a Virgínia, Bert passou pela casa da família, em Torrance, e sugeriu à primeira mulher, Teresa, que considerasse a hipótese de se mudar com eles.

– Não para *ires connosco*, claro – disse Bert. – Terias de empacotar tudo e vender a casa. Sei que levaria algum tempo, mas, se pensares bem, porque não haverias tu de regressar à Virgínia?

Teresa em tempos julgara que o seu marido era o homem mais bem-parecido do mundo, quando, na verdade, ele parecia ser uma das gárgulas empoleiradas no topo da catedral de Notre Dame, destinadas a afastar o diabo. Ela não o disse, mas, pela alteração do tom de voz de Bert, era evidente que esse pensamento estava patente na expressão de Teresa.

– Repara – continuou Bert –, nunca quiseste mudar-te para Los Angeles. Fizeste-o apenas por minha causa e, permite-me que te recorde, não sem uma boa dose de reclamações. Porque haverias de querer ficar aqui? Leva os miúdos de volta para casa dos teus pais, matricula-os na escola e, depois, quando for oportuno, eu ajudo-te a procurar uma casa.

Teresa estava na cozinha que há bem pouco tempo era dos dois e apertou o cinto do roupão. Cal estava no segundo ano e Holly entrara para a creche, mas Jeanette e Albie ainda estavam em casa com a mãe. As crianças penduravam-se nas pernas do pai, dando gritinhos de contentamento, como se ele fosse uma diversão na Disneylândia. *Papáaa! Papáaa!* Bert dedilhava nas suas cabeças como se fossem tambores. E fazia-o com um certo ritmo.

– Porque queres que vá para a Virgínia? – perguntou Teresa. Ela sabia a razão, mas queria ouvir da boca dele.

– Seria melhor – respondeu Bert e mirou aquelas enternecedoras cabecinhas de cabelo encaracolado debaixo de cada uma das suas mãos.

– Melhor para as crianças, se ambos os pais vivessem perto um do outro? Melhor para elas não crescerem sem um pai?

– Santo Deus, Teresa, tu és *da* Virgínia. Não é o mesmo que sugerir que te mudes para o Havai. Toda a tua família está lá. Serias muito mais *feliz* lá.

– Sinto-me comovida por te preocupares com a minha felicidade.

Bert suspirou. Ela estava a fazê-lo perder tempo. Nunca respeitara o tempo dele.

– Todos estão a seguir em frente, exceto tu. És a única que está determinada a manter-se encurralada.

Teresa serviu-se de uma chávena de café da cafeteira. Ofereceu uma a Bert, que recusou.

– Estão a pedir ao marido da Beverly para ir convosco também? Para que ele tenha, igualmente, oportunidade de ver as filhas com frequência? Seria melhor para elas, se assim fosse. – Teresa sabia por uma amiga comum que a razão por que Bert e a sua, em breve, segunda mulher estariam a regressar à Virgínia se devia ao facto de Bert ter receio de que o primeiro marido da sua futura esposa tentasse matá-lo, que arranjasse forma que tudo parecesse acidente. O primeiro marido da futura esposa era polícia. Os polícias, ou pelo menos alguns deles, conseguiam ser bem-sucedidos em situações desse tipo.

Foi uma conversa breve que terminou com Bert profundamente irritado com Teresa, como sempre ficava com ela, mas foi o suficiente para que Teresa decidisse passar o resto da vida em Los Angeles.

Teresa conseguira emprego no secretariado do gabinete da Procuradoria-Geral distrital. Inscreveu as duas crianças mais pequenas no infantário e as duas mais velhas num programa extracurricular depois das aulas. Os advogados da Procuradoria-Geral distrital tinham um certo sentimento de culpa coletivo por terem encoberto o caso amoroso de Bert durante tanto tempo. Decidiram que estavam em dívida para com Teresa, por isso, agora que ele se ia embora da cidade, ofereceram-lhe um emprego. Mas não demorou muito tempo até lhe

sugerirem que frequentasse a escola noturna e se tornasse assistente jurídica. Teresa Cousins estava exausta, zangada e indevidamente aproveitada, mas depressa descobriram que não era uma mulher burra.

Bert Cousins tinha escassos recursos provenientes da sua atividade como advogado do ministério público, como tal, apenas fora obrigado a pagar uma modesta pensão para ajudar nas despesas dos filhos. A riqueza dos pais de Bert não era dele e, assim sendo, não foi contabilizada para o cálculo sobre o acordo de pensão. Fez uma petição para ficar com a custódia dos filhos durante todo o período de verão, desde o final das aulas até ao início do ano letivo seguinte, a qual lhe foi concedida. Teresa Cousins lutara com afinco para que Bert tivesse direito a apenas duas semanas, mas ele era advogado e os seus amigos também, para além de serem amigos do juiz, e os pais enviaram-lhe dinheiro suficiente para manter o caso aberto por toda a eternidade, se as circunstâncias assim o exigissem.

Quando Teresa ficou a saber que não poderia estar com os filhos durante o verão, fez questão de praguejar e chorar, embora interiormente se questionasse se não acabara de conseguir um divórcio que se assemelhava a umas férias nas Caraíbas. Adorava os filhos, sem sombra de dúvida, mas conseguia imaginar a época estival sem os quatro, passada sem ter de lidar com gargantas inflamadas e com as bulhas, sem as súplicas para ir às aulas de *ballet*, para as quais não tinha dinheiro nem tempo para levar as filhas, sem as constantes desculpas que dava no trabalho por chegar atrasada e por sair mais cedo, quando apenas se aguentava por um fio. Uma estação por ano sem os filhos, embora nunca o admitisse, parecia-lhe inteiramente suportável. A ideia de um sábado de manhã sem Albie a saltar em cima dela na cama, para trás e para diante, como se estivesse a esquiar num *slalom* imaginário, não era de todo desagradável. A ideia de Albie a saltar em cima da segunda mulher de Bert, que, seguramente, dormiria numa camisa de noite de seda creme adornada com uma tira de renda preta e que tinha de ser limpa a seco, apenas essa ideia de Albie a saltar em *cima* dela, bem, isso estaria muito bem.

Nos primeiros anos, as crianças eram demasiado novas para poderem viajar sozinhas, pelo que foram tomadas medidas para que tivessem supervisão durante as viagens. Num dos anos, a mãe de Beverly acompanhou-as no voo e, no ano

seguinte, foi a vez da irmã. Bonnie sentia-se angustiada e consternada diante de Teresa, sem conseguir encará-la nos olhos. Casara-se com um padre e sentia culpa por toda a espécie de coisas sobre as quais não tinha qualquer controlo. Noutro ano, foi Wallis, amiga de Beverly, quem fez de acompanhante das crianças. Usava um vestido de algodão verde-claro, falava bastante alto e tinha um sorriso rasgado para todos eles. Wallis gostava de crianças.

– Muito bem, miúdos – dissera, dirigindo-se aos quatro pequenos Cousins. – Vamos comer todos os amendoins que houver no avião. – Agia como se a sua viagem até a Virgínia precisamente naquele dia fosse um acaso, e não seria divertido se ela e as crianças pudessem viajar todos juntos? Wallis tornara tudo tão fácil que Teresa nem se lembrara de chorar, exceto quando regressou sozinha para casa.

Na viagem de regresso era sempre alguém do lado de Teresa que acompanhava as crianças: num ano, a mãe, no ano seguinte, o seu primo favorito. Bert suportava os custos da viagem a quem quer que fosse corajoso o suficiente para acompanhar os filhos num voo com a duração de seis horas.

Em 1971, decidiram que as crianças tinham já idade suficiente para viajarem sozinhas e que Cal, então com doze anos, e Holly, com dez, conseguiam tomar conta de Jeanette, que aos oito anos não necessitava de absolutamente coisa alguma, e de Albie, que aos seis anos precisava de tudo. No aeroporto, Teresa entregou-lhes os bilhetes que Bert enviara e pôs as crianças a bordo do avião com destino à Virgínia, sem malas de viagem; uma manobra arrojada que nunca tentara quando Bonnie ou Wallis estavam de serviço. *Ele que trate de tudo*, pensou Teresa. As crianças precisavam de tudo: ele poderia começar pelas escovas de dentes e pelos pijamas e continuar a partir daí. Entregou uma carta a Holly, para ela dar ao pai. Todas as crianças necessitavam de tratar dos dentes. Jeanette, por exemplo, tinha cáries dentárias. Enviou cópias dos registos de vacinação de cada um, colocando uma anotação em todos os reforços que já estavam em atraso. Teresa não podia continuar a pedir mais horas no trabalho para ir a correr com as crianças ao médico. As consultas atrasavam-se constantemente e, por vezes, passavam-se horas até conseguir regressar ao escritório. A segunda senhora Bert Cousins não tinha emprego. Teria muito tempo para levar as crianças às compras e ao médico. Holly desmaiava sempre

que tomava uma vacina. Albie mordia as enfermeiras. Cal recusava-se a sair do carro. Teresa lutara com ele, mas o filho mais velho fincara os pés em cada um dos lados da porta do carro e recusara-se a sair, o que fizera com que perdessem a marcação para tomar o último reforço de vacinação. Também não tinha a certeza de Jeanette ter as vacinas todas em dia, pois perdera os registos de vacinação da filha. Mencionava todos estes pormenores na carta que enviava a Bert. Beverly Cousins queria a sua família? Que a tivesse por completo.

As crianças estavam sentadas na coxia do avião ao lado umas das outras, os rapazes à esquerda e as raparigas à direita, e foi-lhes entregue um conjunto de asas de aviador júnior que apenas Cal se recusou a usar. Estavam contentes por terem de andar de avião, sem qualquer supervisão durante seis horas. Por muito que odiassem deixar a mãe – e a sua lealdade inquestionável era para com ela –, os quatro pequenos Cousins sentiam-se cidadãos da Virgínia, mesmo as duas crianças mais novas, que nasceram depois de a família se mudar para o Oeste. Todas as crianças Cousins odiavam a Califórnia. Estavam fartas de serem empurradas nos corredores da escola distrital de Torrance. Estavam fartas do autocarro que as ia buscar todas as manhãs à esquina de casa e fartas do condutor do autocarro, que não lhes dava qualquer desconto, nem mesmo de trinta segundos, quando Albie as atrasava por estar sempre a passarinhar. Estavam fartos da mãe, por muito que a amassem, porque chorava, ocasionalmente, quando eles voltavam para casa de manhã por terem perdido o autocarro da escola, fazendo com que se atrasasse para o trabalho. A caminho da escola, conduzindo a uma velocidade assustadora, balbuciava tudo o que a preocupava – que tinha de trabalhar porque não conseguiam viver somente daquilo que o pai delas lhes dava, que não se podiam dar ao luxo de ela perder este emprego, apenas porque eles não haviam sido suficientemente responsáveis para caminharem até à esquina a tempo de apanharem o autocarro. As crianças impediam-na de continuar, beliscando Albie, que desatava a chorar e cujos berros inundavam o carro, assemelhando-se a gás mostarda. Mais do que qualquer outra coisa, estavam fartas de Albie, que entornara a *coca-cola* por todo o lado e que, naquele preciso momento, pontapeava o assento da frente no avião. Tudo o que acontecia era culpa de Albie. Mas também estavam fartas de Cal. Por ser o mais velho, podia usar a chave de casa pendurada ao pescoço num cordel

imundo, a mãe nomeara-o responsável por levar todos para casa depois da escola e lhes preparar o lanche. Cal estava farto disso e, na maioria dos dias, trancava os irmãos fora de casa pelo menos durante uma hora para poder ver o que lhe apetecesse na televisão e descontrair. Existia uma mangueira na parte lateral da casa e sombra sob o toldo que servia de garagem. Decerto não iriam morrer. Quando a mãe chegava a casa depois do trabalho, deparava com eles à porta de casa a protestar contra a tirania da situação em que se encontravam. Mentiam sobre terem completado os trabalhos de casa, exceto Holly que efetivamente os terminava, sentando-se muitas vezes sob o toldo da garagem, de pernas cruzadas, com os livros no colo, pois vivia do reforço positivo que os professores constantemente lhe dirigiam. Estavam fartos de Holly e dos seus sucessos escolares. Na verdade, a única pessoa de quem não estavam fartos era de Jeanette sobretudo porque nunca se lembravam dela. Retraíra-se num profundo silêncio que levaria qualquer pai a tentar descobrir a razão de tal comportamento junto de um professor ou de um pediatra, caso se tivesse apercebido do assunto, mas isso não aconteceu. E Jeanette estava farta disso.

Reclinaram os assentos do avião o mais que puderam. Pediram que lhes trouxessem cartas de jogar e *ginger ale*. Desfrutavam do refúgio do avião que, no momento, não estava nem na Califórnia nem na Virgínia, os únicos dois lugares onde tinham permanecido toda a vida.

Fix aproveitaria a sua semana de férias para estar com Caroline e com Franny quando fossem à Califórnia no verão, enquanto Bert, com a chegada dos filhos à Virgínia, confessou a Beverly que a carga de trabalho no escritório havia misteriosamente duplicado. Em Arlington, Bert trabalhava com legislação sobre o património e a concorrência, depois de decidir que a vida de promotor público era demasiado exigente, tornando-se difícil imaginar que tantas pessoas necessitassem de redigir novos testamentos precisamente no dia em que os filhos chegariam para passar uma temporada com ele. Pediu a Beverly que fosse sozinha buscá-los ao aeroporto na carrinha da família. Julgara que seria possível ir buscá-los ele mesmo, mas no último instante surgira um requerimento inesperado que o impedira de o fazer e, tudo indicava, nem sequer lhe permitiria regressar a casa a tempo do jantar. Noutras ocasiões, Beverly fora buscar os filhos de Bert ao aeroporto, mas porque vinham sempre acompanhados da mãe

dela, de Bonnie ou de Wallis, que gentilmente concordara em visitá-la em troco de uma viagem gratuita. Fora tão agradável ver qualquer uma delas desembarcar do avião que quase negligenciara as crianças. Beverly daria o braço à mãe ou à irmã, ou à sua querida amiga, e em conjunto procurariam as bagagens que, como ovelhas tresmalhadas, se espalhariam pelo tapete rolante, dirigindo-se depois ao parque de estacionamento. Era algo por que aguardava ansiosamente.

Porém, desta vez, sentia-se inexplicavelmente paralisada, aguardando sozinha na manga de acesso ao avião. Quando já não restava qualquer outro passageiro a bordo, as hospedeiras trouxeram as crianças Cousins e Beverly assumira a responsabilidade por elas. Quatro pequenos degraus, rapaz-rapariga-rapariga-rapaz, cada um deles um refugiado de olhar inexpressivo. Na porta de desembarque, as raparigas deram-lhe um abraço desapontado, enquanto os rapazes permaneceram na retaguarda, caminhando atrás dela até ao tapete rolante de recolha de bagagens. Albie cantarolava uma música indecifrável, possivelmente acompanhado por Cal, apesar de Beverly não ser capaz de o assegurar por estarem tão afastados dela. O aeroporto estava barulhento e repleto de famílias felizes que se reencontravam. Mal conseguia ouvir os seus próprios pensamentos.

Esperaram junto da passadeira das bagagens a observar cada uma delas a passar.

– Como correu o ano letivo? Tiveram boas notas? – Beverly lançou as perguntas para o grupo, mas a única que retribuiu o olhar foi Holly, que atingira a nota máxima em todas as disciplinas exceto na aula de leitura, onde teve uma avaliação ainda superior. Beverly perguntou se estava bom tempo quando saíram de Los Angeles, se tinham comido no avião e se o voo fora agradável. Holly respondeu a tudo.

– O voo atrasou-se cerca de trinta minutos por causa do congestionamento da pista de descolagem. Éramos o número vinte e seis na linha de partida – esclareceu, com o seu delicado queixo levantado –, mas apanhámos o vento a nosso favor e o piloto conseguiu recuperar o tempo perdido durante a viagem. – O risco no cabelo de Holly, que demarcava a separação de duas tranças, estava claramente desalinhado, como se tivesse sido traçado pelo dedo de um bêbedo em vez de um pente.

Os rapazes afastaram-se em direções opostas. Em poucos segundos, Beverly vislumbrou Cal em cima de um tapete rolante, três passadeiras mais à frente, deslizando com as bagagens provenientes de Houston. Mal lhe pusera a vista em cima, já ele saltava do tapete para evitar o confronto com um bagageiro que se aproximava.

– Cal! – chamou Beverly por cima do barulho da multidão. Não podia ralhar com ele, pelo menos não publicamente e à distância, pelo que apenas disse – Vai buscar o teu irmão! – Mas Cal olhou para trás, na sua direção, como se fosse uma estranha coincidência o facto de o seu nome ser Cal e de aquela completa desconhecida estar a dizer algo a outra pessoa que também se chamava Cal. E afastou-se. Jeanette permaneceu ao lado de Beverly observando a alça da pequena mala que trazia a tiracolo, totalmente focada nessa tarefa. Será que alguém já submetera esta criança a exames médicos para ver o que se passava?

Por fim, todas as bagagens do voo sem escala da *TWA* de Los Angeles para Dulles haviam deslizado no tapete rolante e sido recolhidas pelos respetivos viajantes que aguardavam por elas. Nada mais havia a reclamar. A multidão dispersou-se e Beverly vislumbrou Albie a tentar raspar do chão um pedaço de pastilha elástica antigo, com o que, à distância, parecia ser uma faca. Virou-lhe as costas.

– Muito bem – disse, calculando pelas horas do dia qual seria o estado do trânsito até Arlington. – Creio que as malas não chegaram a ser colocadas a bordo do avião. Mas não há problema. Temos apenas de passar pelo balcão de reclamações para preencher uns formulários. Guardaste os talões de recolha de bagagens? – perguntou, dirigindo-se a Holly. Era mais fácil direcionar tudo para Holly, que parecia ter um desejo natural para agradar. Ela era a sua única hipótese.

– Não temos talões de recolha de bagagens – respondeu Holly, que tinha uma tez bastante pálida, cabelo liso e escuro e um rosto repleto de sardas. A sua aparência fazia lembrar a Pipi das Meias Altas; a maioria dos adultos considerava encantador, mas os outros miúdos a troçavam dela.

– Em algum momento tiveram de os ter. A vossa mãe não vos entregou os talões?

Foi Holly quem respondeu de novo.

– Não temos talões porque não trouxemos bagagens.

– O que queres dizer com «não trouxeram bagagens»?

– Significa que não temos nenhuma mala de viagem.

Holly não sabia como poderia ser mais explícita.

– Queres dizer que se esqueceram das bagagens em Los Angeles? Perderam as malas de viagem?

Beverly estava distraída. Procurava Cal e não o via em parte alguma. A cada três metros existia um aviso que alertava para que ninguém se sentasse ou subisse para as passadeiras rolantes das bagagens.

O lábio de Holly tremia discretamente, mas a madrasta nem reparou. Holly achava que havia algo de errado em fazer uma viagem sem bagagens, no entanto a mãe assegurara-lhe que era assim que o pai pretendia. Queria que eles tivessem tudo novo – roupas novas, brinquedos novos, bagagens novas onde pudessem trazer para casa as novas aquisições. Talvez o pai se tivesse esquecido de dizer a Beverly.

– Não trouxemos nenhuma mala de viagem – murmurou.

Beverly olhou para ela. Maldito seja Bert por dizer que ela seria capaz de dar conta do recado sem qualquer problema.

– O quê?

Era terrível ter sido obrigada a dizê-lo uma vez e imperdoável ter de repetir. As lágrimas aglomeraram-se nos olhos de Holly e começaram a rolar por cima das suas sardas.

– Não temos bagagens.

Agora ficaria em apuros junto do pai e ainda nem sequer o vira. Pior que isso, o pai ficaria furioso com a mãe uma vez mais. Desde sempre o ouvira a acusá-la de ser irresponsável, o que não era verdade.

Os olhos de Beverly percorreram a passadeira de recolha de bagagens de uma ponta a outra. Os passageiros e acompanhantes eram cada vez menos, dois dos seus enteados estavam desaparecidos, a terceira chorava e a quarta estava tão concentrada na alça de vinil da sua mala a tiracolo que era difícil deixar de presumir que teria algum tipo de deficiência.

– Então porque estamos há meia hora junto da passadeira das bagagens?

Beverly não elevou o tom de voz. Ainda não estava zangada. Ficaria mais tarde, quando tivesse tempo para pensar em tudo isto, por ora simplesmente não compreendia.

– Não sei! – gritou Holly com os olhos marejados de lágrimas. Pegou na bainha da *t-shirt* e limpou o nariz. – Não tenho culpa. Tu é que nos trouxeste para aqui. Eu nunca disse que tínhamos bagagens para levantar.

Jeanette abriu o fecho da sua pequena bolsa, procurou no interior por um lenço e entregou-o à irmã.

A cada ano que passava, a segunda deslocação de Beverly até ao aeroporto era pior porque ela achava sempre que iria ser melhor. Deixou os enteados em casa (primeiro com a mãe, depois com Bonnie, na vez seguinte com Wallis e agora sob a supervisão de Cal. No fim de contas, em Torrance passavam muito tempo sozinhos em casa, e Arlington era mais seguro do que Torrance) e voltou a Dulles para ir buscar as filhas. Enquanto os filhos de Bert vinham para leste para passar todo o verão com eles, Caroline e Franny viajavam para oeste para passar apenas duas curtas semanas: uma em casa do pai e outra em casa dos avós maternos, era tempo suficiente para que as raparigas se lembrassem do quanto preferiam a Califórnia em detrimento da Virgínia. Saíam do avião como se estivessem em avançado estado de desidratação por terem chorado durante todo o voo. Beverly ajoelhava-se para as abraçar, mas elas nada mais eram que fantasmas. Caroline desejava morar com o pai. Pediu para que lhe fosse permitido, chegou mesmo a implorar, porém, ano após ano, via as suas súplicas serem negadas. Enquanto a mãe a abraçava contra o peito, o ódio que Caroline lhe tinha irradiava pelo tecido da sua camisola rosada. Franny, por sua vez, simplesmente permanecia de pé e tolerava o abraço. Não sabia ainda como odiar a mãe, mas de cada vez que deixava o pai a chorar no aeroporto ficava mais perto de aprender a fazê-lo.

Beverly beijou a cabeça de ambas. Voltou a beijar Caroline, que se afastou uma vez mais.

– Estou contente que estejam de regresso a casa – disse Beverly.

Mas Caroline e Franny não retribuíam o sentimento. Não estavam nada

satisfeitas. Era sempre neste espírito derrotado que as raparigas Keating regressavam a Arlington para se juntarem aos filhos do padrasto.

Holly era bastante amistosa. Saltava e batia palmas assim que as raparigas entravam em casa. Dizia de imediato que, durante o verão, gostaria que fizessem outro recital de dança na sala de estar. Usava a *t-shirt* vermelha de Caroline que tinha uma pequena roseta de fita branca ao pescoço e que a mãe a obrigara a doar para a caridade antes de ter ido para casa do pai, porque, alegara, estava muito desgastada e pequena para Caroline. Mas Holly não era caridade.

Caroline ficava no quarto maior com dois beliches e Franny, por ser mais nova, dormiria no quarto mais pequeno com camas separadas. As duas irmãs estavam ligadas, não por uma relação de amor nem por afinidade mútua, mas por uma minúscula casa de banho acessível a partir de ambos os quartos. Duas raparigas e uma casa de banho partilhada era uma situação gerível desde o início de setembro até ao fim de maio, mas em junho, quando Caroline e Franny regressavam da Califórnia, descobriam que Holly e Jeanette se tinham acomodado num dos beliches e que Franny perdera o seu quarto para os rapazes. Eram quatro raparigas num quarto e dois rapazes no outro, com uma casa de banho do tamanho de uma cabine telefónica a ser partilhada pelos seis.

Caroline e Franny carregavam as bagagens escada acima. Passaram diante da porta aberta do quarto principal da casa e viram Cal, deitado em cima da cama da mãe delas, com os pés sujos e meias imundas repousados nas almofadas, a assistir a uma partida de ténis na televisão, alto e bom som. *Nunca* lhes era permitido entrar no quarto principal ou ficarem sentadas em cima da cama, mesmo que mantivessem os pés no chão, nem lhes era permitido ver televisão a não ser por convite expresso. Ao passarem diante da porta do quarto, Cal nem sequer levantou os olhos do ecrã ou fez qualquer reconhecimento da sua chegada.

Holly caminhava atrás das raparigas, suficientemente perto para chocar com elas quando paravam.

– Estava a pensar que as quatro podíamos dançar com vestidos brancos. Acham bem? E podíamos começar a praticar esta tarde. Tenho algumas ideias para a coreografia, se quiserem ver.

Apesar de existirem quatro raparigas para o recital de dança, apenas três

estavam presentes. Jeanette desaparecera e ninguém dera pela sua falta, mas *Buttercup*, a gata de Franny, também desaparecera. Não viera à porta para saudar Franny como seria de esperar depois de duas semanas de ausência. *Buttercup*, a tábua de salvação para uma vida normal, desaparecera. Beverly, a afundar-se num mar de crianças, não se lembrava da última vez que vira a gata, mas os soluços repentinos e paralisantes de Franny impeliram-na a fazer uma busca exaustiva pela casa. Encontrou Jeanette debaixo de um cobertor, no chão do armário das roupas de casa (há quanto tempo estaria Jeanette desaparecida?). Afagava a gata adormecida.

– Ela não pode ficar com a minha gata – gritava Franny, e Beverly inclinou-se para retirar a gata do colo da Jeanette, que resistiu por instantes acabando, depois, por largá-la. Durante todo o tempo, Albie seguira Beverly pela casa fazendo o que as crianças apelidavam de «a banda sonora da *stripper*»: *Bum chica-bum, bum-bum chica-bum.*

Quando a mãe parava de andar, a música também parava. Se apenas desse um pequeno passo, Albie acompanhava com um único «bum», num tom que era estranhamente sensual para um miúdo de seis anos. Ela tentava ignorá-lo, mas passado algum tempo era demasiado para conseguir suportar. Finalmente cedia e gritava «Para com isso!» e ele ficava a olhar para ela. Tinha uns olhos castanhos enormes e caracóis soltos e bem definidos que lhe davam uma aparência de um animal de banda desenhada de animação.

– Estou a falar muito a sério – reforçava Beverly, esforçando-se por manter a respiração controlada. – Tens de parar com isso. – Tentou imprimir na voz o tom da sensatez parental, mas, mal se voltou para continuar a caminhar, ouviu, de novo, um abafado «*bum chica-bum*».

Beverly considerou a hipótese de acabar com ele. Pensou em matar uma criança e tinha as mãos a tremer. Dirigiu-se ao quarto, com vontade de trancar a porta e deitar-se para dormir, mas ouvia do corredor o som de uma raquete a bater numa bola de ténis e os rugidos da multidão. Esticou a cabeça pela ombreira da porta.

– Cal? – perguntou, tentando não soçobrar. – Preciso do meu quarto.

Cal não moveu um músculo, nem sequer estremeceu. Manteve os olhos no ecrã de televisão.

– Ainda não acabou – respondeu por fim, como se Beverly nunca tivesse assistido a uma partida de ténis e não percebesse que, se a bola estava em movimento, isso significava que o jogo continuava a decorrer.

Bert não era adepto de as crianças verem televisão. Na versão mais inócua, considerava ser um desperdício de tempo e uma fonte de barulho. Na pior das versões, indagava-se se não teria impacto no entorpecimento do cérebro. Na sua opinião, Teresa cometera um erro crasso ao permitir que as crianças vissem televisão durante tantas horas. Dissera-lhe inúmeras vezes para não o permitir, mas ela nunca o escutava, tratando-se da educação dos filhos e, pensando bem, nem em qualquer outro assunto. Era por esse motivo que Bert e Beverly apenas tinham um televisor em casa e a razão de estar no quarto deles, onde as crianças não podiam entrar sem permissão, ou assim era durante o período normal do ano. Naquele momento, Beverly teve vontade de desligar o televisor da corrente e arrastá-lo para a sala que o vendedor imobiliário chamara «sala familiar», apesar de nenhum dos membros da família parecer ter interesse em aí permanecer muito tempo. Desceu até ao *hall*, com Albie a segui-la a uma distância segura, entoando a sua banda sonora. Teria sido a mãe dele a instruí-lo a fazer aquilo? Alguém o fizera, pois as crianças de seis anos não frequentavam clubes noturnos, nem mesmo Albie. Beverly entrou no quarto das raparigas onde encontrou Holly a ler o livro *Rebecca*.

– Beverly, alguma vez leste *Rebecca*? – perguntou, com um ar profundamente radiante e entusiasmado, assim que Beverly entrou no quarto. – A senhora Danvers está a causar-me arrepios de morte, mas vou continuar a ler. Queria lá saber se me dissessem que poderia viver em Manderley. Não ficaria em nenhum sítio onde alguém fosse assim tão assustador.

Beverly fez um aceno suave e afirmativo com a cabeça e recuou, saindo do quarto. Considerou a hipótese de se deitar, por instantes, no quarto dos rapazes, aquele que era habitualmente ocupado por Franny, mas pairava um leve odor amendoado reminiscente de meias e roupa interior suja e cabelo por lavar.

Dirigiu-se de novo ao andar inferior e encontrou Caroline na cozinha a bater furiosamente com tachos e panelas e a dizer que ia fazer *brownies* para enviar por correio ao pai, para que ele tivesse alguma coisa para comer.

– O teu pai não gosta de frutos secos nos *brownies* – relembrou Beverly, sem

saber muito bem porque dissera aquilo. Tentava ser prestável.

– Gosta, sim senhor! – retorquiu Caroline, virando-se na direção da mãe com tal rapidez que acabou por entornar metade do pacote de farinha em cima da bancada da cozinha. – Talvez não gostasse quando estavas com ele, mas já não o conheces. Agora gosta de frutos secos em tudo!

Albie estava na sala de jantar. Conseguia ouvi-lo a cantar através da porta da cozinha. Era impressionante a capacidade de concentração que ele tinha. Franny estava no meio da sala de estar a tentar enfiar as patas dianteiras da gata nas mangas cavas de um vestido de bonecas e chorava tão silenciosamente que Beverly teve a certeza de que tudo o que fizera na vida até àquele momento fora um erro crasso.

Não havia lugar para onde pudesse ir para fugir das crianças, nem sequer o armário da roupa de casa porque Jeanette continuava lá dentro desde que entregara a gata. Beverly pegou nas chaves do carro e dirigiu-se para a rua. Assim que fechou a porta de casa atrás de si, sentiu-se submersa pelo ar quente e maciço do verão a invadir-lhe os pulmões. Recordou o pátio das traseiras da casa de Downey e de como costumava sentar-se no exterior durante as tardes, com Franny ao colo, a ver Caroline a andar de triciclo, e o aroma das laranjeiras em flor que era quase avassalador. Fix vira-se obrigado a vender a casa para conseguir pagar a Beverly a metade que lhe pertencia e suportar a pensão de alimentos que tinha de lhe entregar pelas filhas. Por que razão o obrigara a vender a casa? Na Virgínia, ninguém conseguia sentar-se a relaxar ao ar livre. Tinha cinco novas picadas de mosquito só pelo tempo que demorara a caminhar até ao passeio e cada borbulha inchava até ficar do tamanho de uma moeda de um cêntimo. Beverly era alérgica às picadas de insetos.

Estavam cerca de quarenta graus centígrados dentro do carro. Ligou o motor do carro e o ar condicionado e desligou o rádio. Deitou-se sobre o abrasador assento de vinil verde para evitar ser vista por alguém que estivesse a espreitar pela janela da frente da casa. Pensou que caso se encontrasse dentro de uma garagem, e não debaixo do toldo que servia de garagem, estaria a cometer um suicídio naquele preciso momento.

Uma vez que o período letivo das escolas públicas da Califórnia era ligeiramente mais prolongado do que o das escolas católicas da Virgínia, Beverly

e Bert usufruíram de cinco dias sozinhos entre o momento em que as filhas dela partiram e os filhos dele chegaram. Certa noite, depois do jantar, fizeram amor ali mesmo em cima do tapete da sala. Não fora confortável. Beverly perdera peso de forma gradual desde que se mudara para a Virgínia e as protuberâncias ossudas das suas vértebras e clavículas eram tão evidentes que arranjaria emprego numa aula de anatomia, se assim o desejasse. Cada impulso enterrava-a cerca de meio centímetro no tapete de lã, friccionando-lhe a pele. Mas apesar das escoriações, ambos se sentiram ousados e apaixonados. Não fora um erro, repetiria Bert ao permanecerem deitados no tapete depois da paixão, a fitarem o teto. Beverly contara cinco cristais em falta no candelabro do teto. Nunca reparara nisso antes.

– Tudo o que aconteceu nas nossas vidas até ao momento, tudo o que fizemos, teve de acontecer da maneira que aconteceu para que pudéssemos estar juntos. – Bert pegou na mão de Beverly e apertou-a entre as suas.

– Acreditas realmente nisso? – perguntou ela.

– Nós os dois fazemos magia juntos – respondeu Bert.

Nessa mesma noite, espalhou pomada para a irritação da pele nas costas de Beverly, que dormiu sobre a barriga. Esses dias foram as suas férias de verão.

O que era mais extraordinário sobre as crianças Keating e Cousins é que nenhuma delas odiava as outras, nem tinham qualquer resquício de lealdade tribal. Os Cousins não preferiam a companhia dos irmãos de sangue e as duas Keating conseguiam muito bem passar uma sem a outra. As quatro raparigas estavam aborrecidas por se verem na obrigação de se apinharem num único quarto, mas não se culpavam entre si pela situação. Os rapazes, que estavam sempre enfadados com alguma coisa, não pareciam importar-se por terem tantas raparigas como companhia. As seis crianças tinham em comum um princípio superior que suplantava o potencial desagrado mútuo para as fileiras mais baixas da hierarquia: todas elas detestavam os pais. Odiavam-nos mesmo.

A única que se sentia perturbada por este sentimento era Franny, porque sempre gostara da mãe. Durante grande parte do ano, faziam frequentes sestas juntas, de tarde depois das aulas, aconchegando-se tão perto uma da outra que ao adormecerem chegavam a ter o mesmo sonho. De manhã, Franny sentava-se no

tampo fechado da sanita a observar a mãe a maquilhar-se e, aos serões, voltava a sentar-se no tampo da sanita a conversar com a mãe enquanto esta tomava um banho de imersão. Franny vivia com a segurança de ser, não só a filha preferida, como a pessoa preferida da mãe. Exceto durante o verão, quando a mãe olhava para ela como se fosse apenas a quarta de seis crianças. Ou quando estava farta de Albie e anunciava que todas as crianças deviam ir para a rua e «todas as crianças» incluía Franny. Os gelados tinham de ser comidos na rua. A melancia, também. Desde quando a mãe não confiava em Franny para comer melancia à mesa da cozinha? Era um insulto e não apenas para ela. Talvez Albie não fosse capaz de comer uma colherada de gelado sem deixar cair um pedaço no chão, mas todos os outros eram perfeitamente capazes. Iam para a rua, era certo, mas batiam com a porta da entrada e caminhavam rua abaixo pateando o pavimento ardente como se fossem uma matilha de cães ferozes.

As quatro crianças Cousins não culpavam Beverly pelos miseráveis verões que passavam. Culpavam o pai e dir-lhe-iam isso na cara, caso ele estivesse presente. Cal e Holly nunca deram qualquer indicação de considerarem o comportamento de Beverly indesculpável (e Jeanette nunca abrira a boca para dizer o que quer que fosse, e quanto a Albie, bem, quem poderia dizer o que se passava na cabeça de Albie), mas Caroline e Franny estavam completamente horrorizadas. A mãe obrigava as crianças a alinharem-se na cozinha por ordem de idades e a chegarem-se ao fogão para serem servidas de comida, em vez de colocar a comida nos pratos em cima da mesa, como acontecia em todas as outras noites do ano. Durante os verões, parecia que saíam do mundo civilizado para mergulharem nas cenas iniciais do orfanato do *Oliver Twist*.

Era uma noite de quinta-feira do mês de julho, Bert convocou uma reunião familiar na sala de estar para anunciar que na manhã seguinte partiriam para Lake Anna. Revelou que tirara o dia seguinte de férias no trabalho e que alugara três quartos no motel Pinecone. No domingo de manhã, iriam a Charlottesville visitar os pais dele e voltariam para casa depois disso.

– São umas férias familiares – anunciou Bert. – Está tudo tratado.

As crianças pestanejaram, levemente animadas com a ideia de terem um dia diferente de todos os outros, e Beverly pestanejou porque Bert não comentara nada sobre o assunto com ela. As crianças perceberam que Beverly tentava

chamar a atenção dele, mas a atenção dele era algo que não podia ser chamado. Um motel, um lago, refeições num restaurante, uma visita aos pais extremamente hostis de Bert que tinham cavalos, um tanque e uma cozinheira negra maravilhosa de nome Ernestine, que, no verão anterior, ensinara as raparigas a fazer tartes. Se as crianças estivessem dispostas a falar com os pais, talvez dissessem que parecia ser divertido, mas não estavam dispostas a isso, pelo que não disseram coisa nenhuma.

Na manhã seguinte, sentia-se um calor pantanoso. Os pássaros estavam silenciosos, num esforço para conservarem as energias. Bert instruiu as crianças para que entrassem no carro, embora todos soubessem que não era assim tão simples. Primeiro teriam de discutir violentamente sobre quem se sentaria ao lado de Albie e permaneceriam especados no passeio enquanto decidiam. O lugar da frente, reservado aos pais, nunca era uma opção, apesar de, nos restantes dias do ano, Caroline e Franny se sentarem nesse lugar ao lado da mãe. Restavam apenas os assentos de trás, os que ficavam por detrás desses e aqueles mesmo ao fundo da carrinha. Por fim, as crianças acabavam sempre por se sentar aos pares, de acordo com o género ou as idades, o que significava que Cal ou Jeanette acabariam por ter de ficar encalhados com Albie, ocasionalmente seria Franny, mas nunca calharia a vez de Caroline ou de Holly. Albie cantaria uma versão fervorosa de *Ninety-Nine Bottles of Beer on the Wall*, em que a ordem do número de garrafas não diminuía sequencialmente, passando de cinquenta e sete garrafas, para setenta e oito, quatro, cento e quatro. Diria como se sentia enjoado, imitando de forma convincente os sons de quem vai vomitar que obrigavam Bert a encostar o carro à berma da autoestrada sem necessidade, embora fosse Jeanette quem inevitavelmente acabaria por vomitar, sem nunca ter avisado que se sentia enjoada. A cada indicação de saída da autoestrada, Albie perguntaria se era aquela a saída deles.

– Já chegámos? – questionaria de todas as vezes, desatando à gargalhada, divertido com a situação. Ninguém se queria sentar ao lado de Albie.

Estavam prestes a empurrar-se uns aos outros no passeio, no momento em que Bert saiu de casa carregado com um saco de lona do tamanho de uma caixa de sapatos. Bert levava sempre pouca bagagem.

– Cal – anunciou –, vais ao lado do teu irmão.

– Mas fui ao lado dele da última vez – protestou Cal. Se era ou não verdade, ninguém podia assegurar, afinal, em que consistia «a última vez»? A última vez que andaram de carro? A última vez que fizeram um passeio? Eles nunca davam passeios.

– Então vais com ele outra vez agora – insistiu Bert, que atirou o saco de lona para o porta-bagagens e trancou a porta.

Cal olhou em redor. A atenção de Albie estava focada nas raparigas, cutucava-as com o dedo indicador fazendo-as gritar. Para Cal, as quatro compunham uma massa conjunta indistinta: as suas irmãs de sangue e as irmãs filhas da madrasta, sendo-lhe muito complicado destacar uma delas para acatar a tarefa de ir ao lado de Albie. Depois, olhou para Beverly, para a sua *t-shirt* às riscas roxa, o seu longo cabelo louro, encaracolado e penteado de forma estilosa, e os seus óculos escuros maiores do que os de uma estrela de cinema.

– Obriga-a a ela – declarou para o pai.

Bert olhou para o filho mais velho e depois para a mulher.

– Obrigo-a a fazer o quê?

– Obriga-a a viajar ao lado de Albie. Obriga-a a sentar-se nos bancos de trás.

Bert deu uma estalada a Cal com a mão bem aberta. Fez um estrondo, mas não foi uma pancada muito violenta, atingiu apenas de raspão a parte lateral da cabeça dele. Cal tombou para trás para parecer mais grave do que fora na realidade. Recebera golpes mais fortes na escola e esta encenação valera a pena só para ver o rosto de Beverly empalidecer. Cal percebeu numa fração de segundo que ela não estava segura de que lado ficaria Bert e via-se a acompanhar Albie, no branco traseiro, o percurso todo até Lake Anna, o que teria sido um sacrifício de morte. Bert declarou que estava farto de tantos disparates. Ordenou que entrassem no carro, o que fizeram, incluindo Beverly, em silêncio e com um rancor sepulcral.

Já na estrada, Bert mantinha a janela aberta e o cotovelo de fora, a apontar para as colinas ondulantes, sem dizer nada. Três horas mais tarde, quando chegaram ao Arrowhead Diner, ordenou a todos que se alinhassem e contabilizou-os, sendo Cal primeiro, Caroline a segunda, Holly a terceira.

– Não somos a merda da família de cantores von Trapp – murmurou Cal.

Franny olhou para ele com uma expressão de medo e descrença. Ele praguejara levianamente. Isso era grave.

– Não podes dizer asneiras – disse. Bert podia praguejar, embora fosse um péssimo exemplo, mas as crianças nunca poderiam fazê-lo. Tinha a certeza disso. Mesmo durante o verão, Franny continuava a ser uma menina do Sagrado Coração.

Cal, o mais velho e o mais alto, pousou a mão direita no topo da cabeça de Franny e, enrolando os dedos até às orelhas dela, apertou-as. Não apertou tão vigorosamente como faria com qualquer uma das suas irmãs verdadeiras, mas, ainda assim, mantinha o controlo da situação.

Caroline, por ser a mais velha das raparigas, teve oportunidade de definir como seria a partilha das camas em Pinecone, e, ao jantar, proclamou que iria dormir com Holly. Isso significava que Franny teria de ficar com Jeanette. Franny gostava da Jeanette. Também gostava de Holly, apenas não queria ficar com Caroline, que não se coibiria de tentar sufocá-la com uma almofada a meio da noite. Os rapazes tinham um quarto só para eles com uma cama para cada um. Às sete da tarde, os pais começaram a ficar irrequietos e a bocejar e anunciaram que estavam exaustos; era altura de irem para a cama, a manhã seguinte seria muito divertida.

Mas o que as crianças encontraram de manhã foi uma mensagem escrita num papel colocado por debaixo da porta do quarto das raparigas. *Tomem o pequeno-almoço na cafetaria. Podem pôr na conta do motel. Vamos dormir até mais tarde. Não batam à porta.* Era a caligrafia da mãe, mas no fim não dizia *Com amor*, nem sequer *Mamã*. Não estava de todo assinada. Mais um documento que se amontoava na pilha das crescentes provas de que estavam entregues a eles próprios.

As portas de tom azul brilhante do longo corredor de Pinecone encontravam-se todas fechadas e os cortinados das janelas ainda corridos. Os carros estacionados à frente dos quartos estavam molhados pelo orvalho ou talvez tivesse chovido durante a noite. As raparigas vieram para a rua e bateram à porta do quarto de Cal, que ficava à direita do delas. Cal abriu uma fresta da porta, mantendo a corrente do trinco corrida, e espreitou para fora, olhando para Holly apenas com um dos olhos.

– Vamos tomar o pequeno-almoço – declarou ela. – Venham ou não, é convosco.

Cal fechou a porta, retirou a corrente e voltou a abrir. Atrás dele, viram Albie sentado na cama a ver os desenhos animados na televisão, com os pés a bater ritmadamente no fundo do colchão. Sempre que as raparigas consideravam a hipótese de protestar por serem quatro a partilharem duas camas no mesmo quarto, pensavam em Cal e em como ele tinha de partilhar o quarto com Albie. Em casa, Cal também partilhava o quarto com Albie, por isso talvez estivesse habituado, mas era provável que não estivesse.

– Vamos – afirmou Cal.

Era parecido com o pai. Um rapaz de tez bronzeada e de cabelo castanho. No verão, tanto o rapaz como o seu cabelo adquiriam um tom dourado. Os olhos de Cal eram azuis, da mesma cor dos do pai, ao passo que os dos outros três irmãos eram escuros como os da mãe. Albie assemelhava-se um pouco à sardenta Holly, mas o bom senso da rapariga em contraste com a falta dele em Albie fazia desaparecer qualquer semelhança física que pudesse existir entre os dois. As quatro crianças Cousins eram magras, mas Jeanette era demasiado magra para se parecer com qualquer um dos irmãos. Nunca a descreviam pelos seus belos traços ou pelo seu cabelo, que era sedoso e da cor do mel. Jeanette era apenas descrita por referência aos seus cotovelos e joelhos que, na verdade, se assemelhavam a maçanetas de portas. Juntas, as seis crianças pareciam mais um grupo pertencente a um campo de férias do que uma família, um grupo aleatório de crianças que foram largadas pelos pais no acampamento. Eram poucas as evidências da relação existente entre eles, mesmo entre os que tinham uma relação de consanguinidade.

– Eles vão dormir até ao meio-dia – disse Holly, referindo-se aos pais. Na cafetaria, fazia círculos com os ovos mexidos, empurrando-os com o garfo.

– E quando finalmente acordarem, vão dizer-nos que estão a precisar de fazer uma sesta – completou Caroline. E era verdade. Os pais dormiam como se fossem bebés febris de tenra idade. Todas as crianças concordaram. Cal estava perto da janela e virou as costas ao resto do grupo para observar a estrada. Albie batia com a palma da mão no fundo de uma garrafa de *ketchup*, até que finalmente uma porção caiu sobre as suas panquecas.

– Credo – exclamou Cal e tirou-lhe a garrafa de *ketchup*. – Não consegues estar aqui sentado sem fazer algo nojento?

– Olha – respondeu Albie e segurou a panqueca fazendo o *ketchup* escorrer diante do seu rosto.

Jeanette prendeu a torrada com dois dedos no prato e removeu as côdeas com uma faca.

– Não vou ficar aqui sentada o dia todo à espera deles – afirmou Caroline.

– Que mais podemos fazer? – perguntou Franny, porque realmente pouco mais havia para fazer. Teria o motel algum jogo de tabuleiro? Um baralho de cartas? Ainda era muito cedo, apenas sete da manhã, e o sol aparecia pela janela da cafetaria como um convite que lhes chegava à mesa, numa bandeja de prata. Era um bom dia para dar um mergulho.

– Viemos aqui para irmos ao lago, por isso devíamos ir ao lago – referiu Caroline, lendo os pensamentos da irmã, ou metade deles. Por baixo da roupa, usava o fato de banho que vestira de manhã. Todos haviam feito o mesmo. Caroline estava um pouco mais irritada do que os restantes. Transparecia na voz dela o tempo todo. Por outro lado, podia muito bem ser Cal o que mais raiva sentia, mas a sua zanga manifestava-se de maneira diferente. Jeanette levantou os olhos da torrada.

– Vamos –afirmou. Era a primeira vez que falava desde que saíram de Arlington, no dia anterior, e isso foi o suficiente para encerrar o assunto. Porque haveriam de esperar que os pais acordassem? Quando passeavam com eles, eram separados em dois grupos: os mais velhos (Cal, Caroline e Holly) e os mais novos (Jeanette, Franny e Albie). Aos mais velhos era permitido afastarem-se, nadarem nas águas mais profundas sem coletes de salvação e caminharem fora do alcance da supervisão adulta, assim como decidir o que preferiam almoçar. Os mais novos mais valia estarem presos a uma árvore e serem obrigados a comer do mesmo prato. Nunca confiavam nos mais novos. Sem mais discussões, as seis crianças decidiram que seria melhor encararem a situação como uma oportunidade.

Na caixa registradora acrescentaram à conta do pequeno-almoço uma embalagem de seis latas de *coca-cola* e doze barras de chocolate; seria o suficiente para aguentarem até à hora do almoço, caso fosse necessário.

– A que distância fica o lago? – perguntou Holly à empregada da cafetaria que os atendia.

– Talvez a uns três quilómetros e meio, talvez um pouco menos. Têm de voltar atrás na Route 98.

– E se formos a pé?

A empregada observou as crianças por instantes. Algumas pareciam ser exatamente da mesma idade. Franny e Jeanette tinham apenas uma diferença de trinta e oito dias.

– Onde estão os vossos pais?

– A vestir-se – respondeu Caroline, num tom de criança aborrecida. – Querem que façamos uma caminhada todos juntos. Disseram que seria uma aventura e que devíamos perguntar pelas direções.

As outras crianças sorriram para ela com admiração ao verem-na mentir de forma tão primorosa. A empregada retirou um marcador de mesa de papel da pilha e virou-o ao contrário para escrever nele.

– Há um atalho, se forem a pé. – Numa das extremidades do marcador, desenhou um retângulo em representação do motel (que assinalou com a letra «P») e, no outro extremo, desenhou um círculo para representar o lago (e escreveu a letra «L»). A linha interrompida que traçou para ligar os dois extremos era o caminho deles.

No parque de estacionamento, Cal tentou abrir todas as portas trancadas da carrinha. Franny perguntou-lhe o que precisava ele de dentro do carro e Cal respondeu:

– Uma coisa. Mete-te na tua vida. – Fez uma concha com as mãos, encostando-as à volta dos olhos para espreitar o interior da carrinha, tentando encontrar o que quer que estivesse à procura.

– Consigo arrombar a porta, se quiseres – declarou Caroline. – Se for algo de que realmente precises.

– Mentirosa – disse Cal, sem se dar ao trabalho de olhar para ela.

– Consigo sim – repetiu e dirigiu-se a Jeanette. – Vai ao armário do quarto buscar um cabide.

E era verdade. O pai ensinara-lhes isso nesse mesmo verão. No fim de semana anterior, quando estiveram todos reunidos em casa dos avós, o tio Joe Mike trancara o carro da tia Bonnie com as chaves dele no interior e o pai destrancara a porta com um cabide, para poupar os doze dólares que teriam de pagar se tivessem chamado um serralheiro. Depois, Fix ensinara as filhas porque estas mostraram interesse em aprender. Disse que dava jeito saberem como se fazia.

– O principal erro que as pessoas fazem é acharem que devem puxar algo, quando, na verdade, devem empurrar para baixo – disse-lhes o pai.

Caroline preparava-se para distorcer o cabide de arame. Essa era a tarefa mais complicada.

– Estás a perder tempo – referiu Cal.

– O tempo de quem? – perguntou Holly. – Se estás assim com tanta pressa, podes ir andando. – Holly estava curiosa e era evidente para todos que a curiosidade de Cal também era grande. Albie caminhava em círculos largos em torno da carrinha, balançando as ancas de um lado para o outro e trauteando a habitual banda sonora *chica-bum*.

– Cala a matraca – ordenou-lhe Cal. – Se acordas o pai, ele arranca-te a cabeça. – Nesse momento, todos se lembraram de quem era o quarto em frente ao qual a carrinha estava estacionada e fizeram questão de se manterem sossegados.

Caroline voltou a pegar no selo de borracha do fundo da janela da carrinha com o dedo indicador e enfiou o cabide, enquanto os restantes miúdos se aproximavam para observarem com atenção. Estava um pouco apreensiva com o facto de os trincos dos dois carros poderem ser ligeiramente diferentes. A carrinha era uma *Oldsmobile* e o carro da tia Bonnie era de outra marca, talvez um *Dodge*. Com a ponta da língua espetada no canto da boca, tentava orientar o cabide, às cegas, na direção daquilo que o pai chamara ponto-chave e que se situava a cerca de vinte e cinco centímetros abaixo do trinco. Foi então que sentiu o arame a tocar no mecanismo do trinco. Não tentou enganchá-lo, apesar de a tentação ser grande. Era apenas um pequeno alto que empurrou a direito para baixo, como o pai lhe ensinara.

O trinco saltou.

Foi uma vitória para todas as raparigas, que tiveram de se lembrar de não gritar de entusiasmo. Caroline retirou o cabide e abriu a porta como se fosse um ato natural. Até Albie pôs os braços à volta da cintura dela.

– Arrombaste a carrinha! – exclamou, num sussurro alto, parecendo um mafioso de um filme de bandidos.

– É verdade – respondeu ela e entregou-lhe o cabide como recordação dessa manhã. Albie dirigiu-se de imediato ao carro do lado e começou a enfiar o cabide pela janela. Oh, o que Caroline teria dado para poder telefonar ao pai ali do motel! Queria contar-lhe o belíssimo trabalho que acabara de fazer.

Cal tirou o cabide ao irmão e analisou-o à luz das novas possibilidades.

– Consegues ensinar-me a fazer isto? – perguntou, dirigindo-se a Caroline e ao cabide.

– Apenas os agentes da polícia têm autorização para o fazer – respondeu Franny. – E os filhos deles. Caso contrário, és considerado um criminoso.

– Eu posso ser um criminoso – acrescentou Cal. Deslizou para o banco da frente da carrinha e abriu o porta-luvas. Retirou uma arma e uma garrafa de gim ainda selada.

Ninguém se surpreendeu por haver uma arma na carrinha, apesar de Cal ser o único que sabia da sua existência; na verdade, só sabia porque, uns dias antes, aproveitando que Beverly fora à mercearia, andara a espiolhar o porta-luvas e a encontrara, provando, uma vez mais, que, por vezes, uma pessoa só tem de procurar. Todavia, o que surpreendeu o grupo, Cal incluído, foi Bert deixar a arma na carrinha, isso levou-os a pensar que deveria ter outra no quarto do motel. Bert gostava de ter uma arma na pasta que levava para o trabalho, na mesinha de cabeceira, na secretária no escritório. Gostava de falar sobre os criminosos que prendera e de como nunca se sabia o que podia acontecer, de como tinha a obrigação de proteger a família e de como não iria permitir que fosse o outro tipo a dar o primeiro passo, mas, na realidade, ele apenas gostava de armas.

Mas o que os espantava deveras era a garrafa de gim. Era certo que os pais gostavam de uma bebida de vez em quando, mas não ao ponto de ser necessário andarem com garrafas de bebidas atrás. Nunca tinham visto uma garrafa de gim

dentro do carro. Era algo peculiar.

– Sabes que não podes levar isso – afirmou Holly, olhando para trás, na direção da porta do quarto dos pais. Referia-se tanto à arma como à garrafa de gim.

– É só para o caso de acontecer alguma coisa – declarou Cal. Guardou a arma dentro do saco de papel castanho, juntamente com as *coca-colas* e as barras de chocolate. Jeanette adiantara-se e tirara a sua *coca-cola* e duas barras de chocolate, transferindo-as para a sua bolsa. Tirou a garrafa das mãos do irmão e tentou retirar o selo, procurando descolá-lo com tamanho cuidado que este finalmente cedeu à insistência das suas unhas, soltando-se num único e recolocável pedaço. Guardou o selo no seu porta-moedas e entregou de novo a garrafa ao irmão. Dirigiram-se, então, ao lago, com Caroline a segurar no mapa.

Estava mais calor do que o esperado, mas não tão quente quanto no dia anterior ou no anterior a esse. O céu começava a tornar-se mais claro, imprimindo uma monotonia insidiosa na paisagem. Holly coçou os braços e protestou contra os mosquitos. Tal como a madrasta, ela era particularmente sensível às picadas dos mosquitos. A relva no campo em frente ao motel, aquele que a empregada da cafetaria lhes dissera para atravessarem, chegava às cinturas das crianças e à altura do peito de Albie, mas, uma vez mergulhados nela, conseguiam ver as pequenas flores amarelas que pintalgavam os caules floridos.

– Conseguem ver o lago? – perguntou Albie. A *t-shirt* às riscas azuis e amarelas que Beverly lhe comprara tinha nódoas de *ketchup* e as mãos dele estavam pegajosas.

– Parem – ordenou Cal e ergueu a palma da mão no ar. Todos pararam em simultâneo, como se fossem soldados. – Virem-se. – Continuou Cal, e todos obedeceram.

– Que edifício é aquele? – dirigia-se ao irmão, apontando para o outro lado da rua.

– É o Pinecone – respondeu Albie.

– A que distância disse a empregada que o lago ficava do Pinecone?

No silêncio, conseguiam ouvir o zunido dos carros a passar na estrada. Embrenhados na relva, os grilos roçavam as asas e os pássaros pipilavam sobre

as suas cabeças.

– Cerca de três quilómetros e meio, talvez menos – relembrou Franny. Sabia que não era uma pergunta dirigida a si, mas não conseguiu evitar responder. Algo naquele impasse estava a deixá-la irrequieta, com o mato seco a picar-lhe as canelas. Não havia um trilho por onde caminharem no meio do campo.

Cal apontou para o irmão. Era curioso o quanto se comportava como o pai, não sendo nada parecido com ele ao mesmo tempo.

– Albie?

– Três quilómetros e meio – respondeu Albie. Começou a cortar as hastes da relva com a mão aberta e a rodar o braço para a frente e para trás como se fosse uma foice.

– Então sabes que ainda não chegámos e que, como tal, ainda não consigo ver o lago. – Cal retomou a caminhada e o resto do grupo também avançou.

O campo era maior do que parecia à distância e, após algum tempo, deixaram de conseguir ver Pinecone ou qualquer outra coisa em redor, apenas a relva e o céu completamente limpo. Alguns elementos do grupo começavam a indagar-se se continuariam na direção certa.

– Já chegámos? – perguntou Albie.

– Está calado – respondeu Holly. Um gafanhoto do tamanho do punho de um bebé saltou do mato seco e agarrou-se à camisola dela, o que a fez gritar. Franny e Jeanette desviaram-se para a esquerda do grupo e, quando se agacharam, tinham a certeza de que ninguém as conseguia ver. Estavam muito próximo uma da outra, com os narizes quase a tocarem-se, e Jeanette sorriu para Franny antes de voltarem a aparecer.

– E *agora*, já chegámos? – Albie saltou para a frente, com os pés juntos, mas os seus progressos no terreno eram comprometidos pela densidade da relva. Olhou para trás na direção do irmão. – E *agora*, já chegámos?

Cal voltou a parar.

– Eu posso mandar-te de volta para o motel. – Olhou para trás e viu os vestígios do trilho de relva amassada que haviam percorrido.

– Onde estamos? – perguntou Albie.

– Na Virgínia – respondeu Cal, num tom de voz exaurido como o de um adulto. – Está calado.

– Quero ser eu a levar a arma – declarou Albie.

– E as pessoas no inferno querem água fresca – retorquiu Caroline. Era uma expressão que o pai costumava usar.

– O Cal tem uma arma – começou Albie a cantarolar, num tom surpreendentemente alto naquela paisagem aberta. – *O Cal tem uma arma!*

Voltaram a deter-se. Cal acomodou melhor o saco de papel castanho debaixo do braço. Duas andorinhas apareceram do nada e passaram por eles a esvoaçar. Albie não parava com a cantoria e Jeanette retirou a lata de *coca-cola* de dentro da bolsa.

– É muito cedo para beberes – avisou Holly. Estava no primeiro ano dos escuteiros, mas já lera no manual o capítulo sobre técnicas de sobrevivência. – Tens de fazer com que dure mais tempo.

Jeanette abriu a lata assim mesmo. Ao vê-la beber, todos concluíram que estavam com sede. Haveria mais bebidas, mal chegassem ao lago.

– O Cal tem uma arma – proferiu Albie, embora com menos entusiasmo.

Holly olhou para o céu, que estava totalmente limpo. Não se vislumbrava uma única nuvem para os proteger.

– Quem me dera ter um *Tic Tac* – desejou.

Cal refletiu por alguns instantes e abanou a cabeça. Enfiou a mão no bolso de trás e retirou um pequeno recipiente de plástico do tamanho de três selos, onde guardava as pastilhas para a alergia que a mãe o obrigara a trazer. Todos se sentaram no chão, amassando a relva, e Caroline abriu o saco de papel castanho. Numa atitude muito formal, pegou na arma, pousou-a ao seu lado e distribuiu as latas de *coca-cola*. Cal veio por trás dela e entregou a todos duas pastilhas de um tom de rosa berrante.

– Nem sequer te devia dar uma – disse para Albie. – Estás a irritar-me como o caraças hoje.

Mas Albie manteve a palma da mão virada para cima, numa exigência silenciosa, até que Cal finalmente suspirou e lhe entregou duas pastilhas.

– Era mesmo disto que estava a precisar – declarou Holly, levando as suas à boca, mas voltando a baixar a mão, com as pastilhas pressionadas debaixo do polegar. Retirou a garrafa de gim do saco e deu um gole como se fosse *coca-cola*, mas o sabor apanhou-a de surpresa. Por instantes, quase cuspiu, mas conseguiu manter os lábios pressionados um contra o outro. Entregou a garrafa à irmã e estendeu-se de costas no solo. – Agora já não me vai custar fazer a caminhada até ao lago – afirmou.

Jeanette experimentou o gim e tossiu, depois inclinou-se e deu as pastilhas a Albie.

– Podes ficar com as minhas.

Albie olhou para as pastilhas extra na palma da mão. Tinha agora quatro. Eram tão cor-de-rosa, com aquela luminosidade brilhante, que contrastava com o pano de fundo pálido do mato seco.

– Porquê? – perguntou ele, com desconfiança ou talvez não.

Jeanette encolheu os ombros.

– As pastilhas dão-me dores de estômago. – E era bem possível. Tudo dava dores de estômago a Jeanette, por isso era tão magra.

Franny observava Caroline e a forma como ela segurava nas pastilhas na palma da mão com o polegar e inclinava a cabeça para trás como se fosse engoli-las com um enorme gole de *coca-cola*. Caroline era sempre convincente. Franny percebeu que ela também não tinha realmente bebido o gim. Não tinha a boca aberta, quando inclinou a garrafa. Mas ao chegar a sua vez, Franny decidiu que faria uma concessão: engolir o gim e guardar as pastilhas na mão. A bebida não poderia ter sido mais surpreendente. Sentiu a sensação de ardor percorrer-lhe a garganta, depois o peito e, por fim, o estômago. Era tão quente e brilhante quanto o sol a bater-lhe nas pernas; uma sensação prazerosa, como se o ardor lhe trouxesse uma espécie de clareza física. Deu um segundo gole, antes de entregar a garrafa a Albie, que foi quem bebeu uma quantidade maior.

As crianças não se importaram de esperar. Esperar fazia parte de tudo. Fazia muito calor e a *coca-cola* ainda estava fresca. Era agradável poderem estar simplesmente deitados por instantes a olhar para o vazio do céu por cima deles, sem ter de ouvir Albie a falar sem parar sobre alguma coisa. Quando finalmente

se levantaram, Cal colocou a sua lata de *coca-cola* vazia perto da perna de Albie.

– Estás a fazer lixo – sublinhou Franny.

– Apanhamo-la depois – retorquiu Cal. – Vamos ter de regressar por causa dele.

E, assim, todos deixaram as latas ao lado de Albie, que dormia sob o efeito de quatro pastilhas para as alergias, uma boa dose de gim e uma manhã de sol escaldante. Cal recolheu as restantes pastilhas de Holly e das suas meias-irmãs, colocou-as no pacote de plástico e, depois, de novo dentro do bolso. As barras de chocolate começavam a derreter e a arma estava demasiado quente por ter estado ao sol; voltaram a guardar tudo junto dentro do saco de papel castanho e rumaram ao lago.

Assim que chegaram, os cinco nadaram para além dos limites que lhes teriam sido permitidos pelos pais, caso estivessem com eles. Franny e Jeanette foram procurar cavernas e aprenderam a pescar com dois homens que conheceram e que se sustentavam num bosque junto da costa. Cal roubou um pacote de bolos de chocolate da loja de pesca e nem teve de usar a arma guardada no saco de papel, porque ninguém o viu a roubar. Caroline e Holly escalaram até ao topo de um rochedo alto e saltaram para dentro do lago, uma e outra vez, até se cansarem ao ponto de não conseguirem escalar mais o rochedo e de estarem demasiado exaustas para nadarem no lago. Todos tinham um escaldão, mas deitaram-se na relva com o intuito de se secarem porque nenhum deles se lembrara de trazer uma toalha. No entanto, ficarem parados a secar aborreceu-os, pelo que decidiram regressar.

E fizeram-no mesmo a tempo. Albie estava acordado, mas ainda permanecia sentado no campo, quieto e confuso, no meio das latas de *coca-cola*, tentando arduamente não chorar. Não lhes perguntou onde haviam estado nem onde estava ele, levantando-se apenas para se juntar à fila, depois de todos passarem por ele. Também Albie tinha um escaldão. Já passava das duas da tarde e, o mais impressionante de tudo é que, apenas alguns minutos após terem regressado a Pinecone e de se estenderem nas camas do quarto das raparigas com os fatos de banho ainda húmidos para verem televisão, os pais apareceram à porta do quarto, totalmente envergonhados e compungidos. Nem queriam acreditar no quanto haviam dormido. Não se haviam apercebido de quão cansados deveriam

realmente estar. Para compensar, iriam todos ao cinema e, depois, jantar piza. Os pais pareceram não reparar nos fatos de banho, nos escaldões e nas picadas dos mosquitos. As crianças Cousins e Keating sorriram com clemência beatificante. Fizeram tudo o que alguma vez desejaram, passaram um dia extraordinário e ninguém se apercebera da ausência deles.

E foi assim o resto do verão. Eram sempre assim os verões que passavam juntos. Não que os dias fossem sempre divertidos, havia muitos que não eram, mas faziam coisas, de verdade, e nunca eram apanhados em flagrante.

4

As músicas eram sempre as mesmas. A gravação reproduzia continuamente a mesma sequência com a duração de duas horas. A gerência achava que os clientes teriam pagado e saído ou estariam demasiado embriagados para se darem conta de que as músicas se começavam a repetir ao fim de um certo tempo. Uma pessoa teria de permanecer no bar, sóbria e atenta, por mais de duas horas para se aperceber de que George Benson cantava *This Masquerade* pela segunda vez. Isso significava que as únicas pessoas que se poderiam incomodar com a repetição seriam os empregados do bar, e a exigência de se manterem sóbrios e atentos já fizera com que alguns desistissem da corrida. Durante o turno normal de oito horas, cada empregado escutaria a gravação na íntegra por quatro vezes, quatro e meia se tivesse a responsabilidade do encerramento. Franny chamara a atenção de Fred para o assunto no primeiro mês que ali trabalhara. Fred, o melhor dos dois gerentes noturnos, geria o bar e o maior, mais atarefado e menos rentável restaurante do hotel. Ele respondera-lhe que isso acabaria por não ser importante.

– Mas é importante – reafirmou Franny. – Está a pôr-me louca.

Vestia um elegante vestido preto, sem mangas e curto, sobre uma blusa ajustada ao corpo de cor branca. Usava sapatos de salto alto pretos. Com o cabelo louro liso arranjado numa única trança laça, assemelhava-se à versão de um teledisco da menina católica que um dia fora. Antes de aceitar o emprego, não sabia se conseguiria suportar o ultraje de ter de usar aquele uniforme, mas revelou-se que isso, afinal, não a incomodava nem um pouco. O que realmente a incomodava era a música. Foi a música de Sinatra, *It Was a Very Good Year*, que a fez pensar que seria capaz de atravessar as portas giratórias da entrada principal, a equilibrar uma bandeja de bebidas na palma da mão, e desatar a correr pela noite escura e invernosa.

Fred fez-lhe um aceno de concordância. Não estava a tentar ser paternalista ou a desconsiderar o alerta de Franny, embora fosse uma figura paternal e lhe tivesse dirigido uma resposta que de forma alguma fora útil para ela.

– Confia em mim. Estou cá há quase cinco anos. Vais acabar por te habituar.

– Mas eu não quero ficar aqui cinco anos. Não me quero habituar a nada. – Vislumbrou-se um ligeiro desconforto no olhar do gerente. Franny tentou de novo: – Não se poderia arranjar algumas gravações diferentes? Poderia ser dos mesmos cantores, não tenho qualquer problema com o tipo de música. Ou melhor, música diferente seria certamente apreciada, mas não é essa a minha reclamação. O facto de ser repetitivo é que é um problema. Estes cantores têm outras músicas para além destas.

– Temos algures mais gravações – confirmou Fred, olhando em redor no seu minúsculo gabinete sem janelas –, mas nunca ninguém as troca.

– Eu posso fazer isso.

Fred levantou-se da sua secretária desarrumada e apinhada de coisas e deu um ligeiro aperto conciliatório no ombro de Franny. Todos naquele bar eram muito afáveis: a empregada distribuía beijos aos colegas no final de cada turno, os gerentes pousavam as mãos nos ombros dos empregados, o ajudante de mesa, indevidamente gratificado, tocava com a anca nos colegas, ao passar por eles na zona de lavagem de pratos que era estreita e apertada. E os clientes, Santo Deus, os clientes gostavam de apalpar. Dois anos na faculdade de Direito e ninguém lhe havia posto um dedo em cima, mas isso era a faculdade de Direito onde todos os que conseguiam sobreviver às primeiras duas semanas compreendiam o conceito de responsabilização legal. Estando tão próximos um do outro, Franny conseguia detetar um leve odor a vodca emanado de Fred e surpreendeu-se por ainda conseguir distinguir o cheiro do álcool.

– Espera, vais ver – disse Fred, em tom de reafirmação. – Isso vai desaparecer.

A patear, Franny atravessou o estreito corredor que separava o escritório da cozinha, onde os cozinheiros punham a tocar gravações piratas dos N.W.A.[*], numa aparelhagem completamente suja de gordura e com o volume tão baixo que mal se ouvia o *fuck da police*[*] sobre o barulho dos tachos a bater. Os homens

murmuravam a letra e abanavam a cabeça, tudo dentro dos limites mínimos admitidos pela gerência.

– Little House – chamou Jerrell pelo intercomunicador, referindo-se a Franny – Sê uma querida e traz-me uma limonada. – Esticou-se sobre a abrasadora placa do fogão e, pela janela de serviço, entregou-lhe um copo de esferovite gigante com tampa e palhinha, comprado numa loja de conveniência.

– Claro – respondeu Franny e agarrou no copo. Os cozinheiros, todos eles homens negros encorpados, dependiam das empregadas, todas elas mulheres brancas de estatura delicada, para lhes trazerem as bebidas do bar que evitavam que morressem de sede no deserto quente que era a zona dos fritos.

– Conto contigo – continuou Jerrell e apontou para Franny com uma costeleta crua, antes de a atirar para a superfície incandescente diante dele.

Franny nunca se esquecia da limonada nem dos pacotes de açúcar que ele gostava de adicionar, nem mesmo dos aperitivos de bar necessários à reposição dos níveis de sal no corpo que eram perdidos nos rios de suor que caíam sobre a placa do fogão, numa crepitação explosiva, e logo evaporavam. Sabia o que cada um dos homens que estavam na cozinha gostava de ter dentro do copo. Franny era uma profissional. Numa mesa com dez pessoas, era capaz de se lembrar de todos os pedidos e de quem pedira a vodca *Ketel One* ou a *Absolut*. Sabia como tranquilizar um homem de negócios sem permitir que ele monopolizasse o seu tempo. Nas primeiras horas da manhã, ao sair para a brisa gelada de Chicago, não conseguia deixar de pensar em quão melhor teria sido se fosse uma péssima empregada de bar e uma excelente estudante de Direito. Desistira da faculdade de Direito a meio (embora tivesse sido mais próximo do início) do primeiro semestre do seu terceiro ano. Acumulara uma enorme dívida assente no salário de uma sociedade de advogados que nunca viria a concretizar-se. Para alguém sem quaisquer competências e sem ideia do que queria fazer da vida para além de ler, um emprego como empregada de bar seria o que mais lhe renderia sem ter de se despir. Esses eram os seus dois únicos critérios nessa altura: não ser advogada e manter as roupas vestidas. Tentara ser uma empregada de mesa normal, usava sapatilhas pretas e carregava tabuleiros de comida, mas não lhe permitira ganhar o suficiente para cobrir sequer os pagamentos mínimos das prestações do empréstimo. No escuro e aveludado luxo do bar Palmer House, era

frequente os homens deixarem, inexplicavelmente, duas notas de vinte dólares em cima de uma conta de dezoito dólares.

Franny encheu o copo de esferovite com gelo picado e limonada e, reparando que Heinrich, o empregado de bar, estava ocupado a escutar um cliente que carpia as mágoas do mundo, temperou a bebida gelada com um pouco de licor de *Cointreau*. O licor de *Cointreau* era a garrafa que ficava mesmo ao fundo do bar, perto da zona da gasosa, e, como tal, a mais fácil de agarrar. Além disso, Franny achava que combinava perfeitamente com a limonada. Teria pagado pela bebida, mas os empregados não tinham permissão para comprarem álcool durante o turno e estavam estritamente proibidos de pagarem bebidas aos homens que trabalhavam com facas e superfícies aquecidas na cozinha. Jerrell prometia-lhe dez dólares por cada vez que Franny conseguisse pôr um cheirinho adicional no copo da limonada, mas ela nunca aceitava o dinheiro. Isso contribuíra para torná-la uma espécie de criatura mítica entre os empregados da cozinha, pois, ainda que as outras empregadas aceitassem os pedidos dos cozinheiros, frequentemente esqueciam-se de os servir e, quando se lembravam, nunca recusavam a gorjeta de dez dólares.

Franny repassava mentalmente a legislação sobre responsabilidade civil para bloquear o som da música repetitiva, tentando tapar aquilo que odiava com aquilo que desprezava. Elementos constitutivos de agressão: o ato é perpetrado com intenção de provocar medo de contactos danosos ou ofensivos; ou o ato efetivamente provocou na vítima apreensão que danos e ofensas pudessem ocorrer. A noite começava a acalmar. A grande azáfama de gins tónicos regredira para a tranquilidade das bebidas digestivas: copos de *brandy* e pequenos copos xaropados de licor *Frangelico*, pedidos por clientes que se apercebiam de que ainda não estavam suficientemente embriagados para se recolherem aos quartos do hotel. Era a noite de Franny fazer o encerramento do bar e, naquele momento, fora deixada sozinha a supervisionar o espaço: duas mesas para duas pessoas e uma alma perdida sentada ao balcão. As restantes duas empregadas de bar haviam já picado o ponto de saída, uma para ir buscar o filho adormecido no sofá do ex-marido e a outra para tomar uma bebida com outro empregado do Palmer House num bar menos dispendioso. Antes de saírem, ambas se despediram de Franny com um beijo, despedindo-se entre si com outro. Calculava que Heinrich tivesse ido fumar um cigarro na entrada exterior da

cozinha, o que permitiu a Franny passar para o lado de dentro do balcão do bar e descalçar-se por instantes. Dobrou os dedos para trás antes de os pressionar contra o tapete de borracha, preto e húmido, e comeu três ginjas do recipiente das guarnições juntamente com um gomo de laranja, eram mais saborosos quando mastigados em simultâneo. Era isso que fazia no momento em que avistou Leon Posen; tinha a boca repleta de fruta quimicamente modificada. Deveria tê-lo mirado apenas por alguns segundos, mas, quando ele ergueu o olhar e a viu, Franny não teve a oportunidade nem a intenção de desviar o dela.

– Olá – cumprimentou ele, sentado a dois lugares de distância do local onde ela estava. Leon Posen usava um fato cinzento-escuro e uma camisa branca com o botão do colarinho desapertado. Podia muito bem ter uma gravata dobrada e guardada no bolso. Se ambos tivessem esticado as mãos, os seus dedos facilmente se tocariam. Franny tinha como regra não reparar especialmente nas pessoas que se sentavam ao balcão. Eram pessoas que optavam por não ficar sentadas a uma mesa e, como tal, não eram da sua responsabilidade. Não fazia ideia de há quanto tempo ele estaria ali sentado. Dez minutos? Uma hora?

– Olá – acabou por responder.

– Está mais baixa do que há pouco – reparou ele.

– Estou?

– Deve ter descalçado os sapatos.

Franny olhou para a curvatura vermelha e dorida de ambos os pés, claramente visível através das meias. Depois de chegar a casa e se descalçar, era uma marca que perdurava por horas.

– Sim.

Ele assentiu. O seu cabelo era cinzento e encrespado como o pelo de uma ovelha. Não devia ser tarefa fácil tentar penteá-lo.

– O resultado é excelente, mas imagino que, após algum tempo, lhe deva dar cabo dos pés.

– Habituamo-nos – respondeu Franny e pensou em Fred e em como ele lhe dissera isso mesmo, que acabaria por se habituar. No bar onde agora estava diante de Leon Posen, obrigava-se a escutar-se a si própria como forma de se orientar na vida. Ouvia-se Lou Rawls a cantar *Nobody But Me*, o que não

deixava de ser curioso, pois era a única música na gravação repetitiva da qual nunca de cansava e que representava a perfeita união entre substantivos e verbos. *I've got no chauffeur to chauffeur me. I've got no servant to serve my tea*[*].

Leon Posen abanava a cabeça, as pontas dos dedos repousavam na borda de um copo vazio com gelo no fundo. Ainda com ele sentado diante dela, Franny revia a história na sua cabeça. Pensava em como iria pegar nos seus exemplares de *First City* e de *Septimus Porter*, assim que chegasse a casa. Releria as partes que sublinhara quando estava na faculdade. Depois, acordaria Kumar e diria que acabara de falar com Leon Posen no bar e de como ele se referira aos seus sapatos. Kumar, que era um génio no que dizia respeito a não se interessar por coisa alguma, ouviria cada um dos pormenores e, quando Franny terminasse, dir-lhe-ia para recomeçar. Mesmo estando ainda no bar, no preciso momento em que isso acontecia, Franny sabia que a história de como conhecera Leon Posen no Palmer House seria algo que contaria durante muito tempo. *Se não tivesse ido para a faculdade de Direito em Chicago e desistido, nem sequer estaria a trabalhar naquele bar*. Diria ela mais tarde ao pai e a Bert.

Mas Leon Posen ainda não terminara. Continuava diante dela, aguardando a sua atenção, enquanto ela estava perdida nos seus pensamentos.

– Porque haveria de se habituar?

– O quê? – Franny perdera o rumo da conversação.

– Aos sapatos. – Ele era exatamente como nas fotografias, nariz empinado, como se fosse dono do mundo, e olhar suave e encovado. O seu rosto era uma caricatura da sua pessoa, um rosto que era suposto ser desenhado e colocado ao lado da recensão de um dos seus livros na *New Yorker*.

– Bem, temos de nos habituar, porque os sapatos fazem parte do uniforme de trabalho e temos de o vestir para conseguirmos ganhar mais dinheiro. – Embora não fosse referi-lo, o uniforme era de poliéster, que até podia ser caricato, mas lavava-se muito bem e não necessitava de ser engomado. Franny nunca sabia muito bem o que devia vestir para ir trabalhar, pelo que usar uniforme era algo que apreciava já desde a época em que andava na escola católica.

– Quer dizer que eu lhe vou dar uma gorjeta maior porque tem de usar sapatos desconfortáveis?

– É exatamente o que vai acontecer – respondeu Franny, pois já trabalhava no bar há tempo suficiente para perceber como as coisas funcionavam. – Vai dar, sim.

Ele olhou para ela com uma expressão tristonha, ou talvez fosse apenas a sua forma normal de olhar, como se sentisse a dor de todas as mulheres que alguma vez enfiaram os pés em sapatos de salto alto. Produzia um efeito sedutor.

– Bem, ainda não lhe dei a gorjeta, e se isso é relevante para o montante, é melhor voltar a calçar os sapatos. Para vermos o que acontece.

– Eu não sou a empregada que está a atendê-lo – relembrou ela, arrependendo-se de seguida. *Leon Posen, afaste-se do bar! Venha sentar-se a uma das mesas pequenas com as velas bruxuleantes. Sente-se confortavelmente numa das cadeiras redondas de pele vermelha.*

– Poderia ser, se eu lhe pedisse outra bebida. – Segurou o copo no ar, fazendo soar o gelo no interior. – Como se chama?

Ela respondeu.

– Nunca conheci uma Franny – retorquiu ele, como se o nome dela fosse um favor que lhe faziam. – Franny, gostaria de beber outro uísque escocês.

Se estivesse sentado a uma das mesas, o seu trabalho era trazer-lhe outra bebida, mas não se estivesse sentado ao balcão. O Palmer House não tinha trabalhadores sindicalizados, mas a divisão de tarefas era bastante rigorosa. Ela sabia qual era o seu lugar.

– Que tipo de uísque?

Leon sorriu para Franny. Duas vezes!

– O que preferir – respondeu. – E lembre-se de que posso ser um daqueles fregueses raros que calculam as gorjetas com base numa percentagem da conta que têm de pagar, e não da altura dos saltos dos sapatos, por isso estique-se à vontade.

Franny acabara de calçar de novo o pé esquerdo, quando Heinrich, recomposto depois de um cigarro e um rebuçado de mentol, contornou a esquina do balcão e se dirigiu a eles. Erguia dois dedos para Leon Posen, num gesto que, sem se dar ao trabalho de formular a questão, lhe perguntava se estaria pronto para outra bebida, como se ambos tivessem uma relação de tal forma sagrada

que transcendia a linguagem. Franny, descalçando o pé esquerdo ao apressar-se a impedi-lo de continuar, acabou por cair em cima de Heinrich, que se viu obrigado a segurá-la. Ele olhou para os pés dela, apenas de meias calçados. Heinrich era homem para ter a mesma idade de Leon Posen, a idade do seu próprio pai, o que significava que ultrapassaria seguramente os cinquenta anos. Era de uma geração mais decorosa. Em primeiro lugar, Franny não tinha nada de estar atrás do bar e ela sabia disso. Era o território dele.

– Preciso de um favor – disse Franny. Era fácil falar baixinho. Estava nos braços dele.

Heinrich virou-se para Leon Posen e ergueu a sobrancelha ligeiramente, colocando formalmente a questão. Leon Posen assentiu.

– Anda comigo – disse Heinrich para Franny, conduzindo-a até ao final da longa bancada do bar, onde estavam as garrafas de *Curaçau* e *Vandermint*, pousadas nas prateleiras de vidro do topo, à espera de serem desempoeiradas.

– Aquele é o Leon Posen – exclamou Franny, mantendo o tom de voz baixo.

Heinrich assentiu, mas se queria dizer *Eu sei disso* ou *O que queres dizer com isso?*, não haveria maneira de saber. Em certa ocasião, Franny escutara Heinrich a falar ao telefone em alemão, num tom mais determinado por estar a falar na língua materna. Em que língua leria ele, ou será que lia sequer? Estariam os livros de Leon Posen traduzidos para a língua alemã? – Deixa-me ser eu a atendê-lo – pediu Franny. – Estou a suplicar-te.

A pele de Franny era de tal modo translúcida que atuava mais como porta de entrada do que como camada protetora. Era a única empregada do bar que entregava aos ajudantes de mesa os dez por cento das gorjetas que recebia, como era suposto, e dava uma percentagem aos empregados do bar com igual consideração. Heinrich sempre julgara que ela tinha algo de germânico, fosse por causa dos seus cabelos louros ou do azul cristalino dos olhos, mas os norte-americanos nunca eram alemães. Os norte-americanos eram rafeiros, todos eles.

– Tu não serves bebidas no bar – relembrou ele.

– Eu consigo pôr uísque dentro de um copo.

– Tens as mesas para atender. Eu não vou servir às mesas apenas porque acho o cliente interessante. – Indagava-se sobre o que lhe pediria em troca.

«Demasiado» assomou-lhe à mente. Não seriam os primeiros a recolherem-se ao armazém.

– Pelo amor de Deus, Heinrich, estudei língua inglesa, consigo recitar de memória os primeiros três parágrafos de *Nevermore*.

Heinrich estudara em Berlim ocidental e formara-se em língua inglesa, embora se tivesse concentrado na literatura britânica do século XIX. Que luxo era estudar Trollope, sabendo que à distância de um muro algo semelhante nunca poderia acontecer. Quis responder a Franny *Olha até onde esses livros nos trouxeram!*, mas, em vez disso, esticou-se por trás dela e, por entre as omoplatas, fez deslizar a mão ao longo de todo o comprimento da sua trança sedosa. Sempre desejara fazer aquilo.

Não importava. Se fosse necessário, Franny teria cortado a trança e ter-lha-ia oferecido como recordação. Voltou ao seu lugar junto do bar e retirou uma garrafa de *Macallan* da prateleira, não o uísque de vinte e cinco anos mas o de doze. Não fazia qualquer intenção de o extorquir. Colocou gelo fresco dentro do copo e cobriu-o com uísque. Os bicos de servir prateados espetados em todas as garrafas do bar faziam com que servir uma bebida fosse um verdadeiro prazer. Davam precisão e controlo ao movimento. Ninguém a convencia de que aquela era a tarefa mais difícil.

Leon Posen olhou para o fundo do bar, onde Heinrich descarregava uma prateleira de copos de vinho, limpando-os um a um por precaução.

– Então, o que lhe ficou a dever?

– Ainda não tenho a certeza – respondeu, pousando um guardanapo e colocando o copo em cima.

– Pergunte sempre o que uma coisa lhe vai custar. Pode ser essa a lição que retira do nosso encontro.

Leon ergueu o copo diante dela como se dissesse *Obrigado, querida Franny, e boa noite*. Mas Franny, que percebeu que este era o momento em que a conversa terminava e ela devia voltar a atender as mesas a seu cargo, não se moveu. Não que tivesse intenção de lhe colocar perguntas sobre os livros que escrevia ou sobre o que andara a fazer desde a publicação de *Septimus Porter*, há doze anos. Não tencionava de todo arruinar-lhe a noite. Mas acontece que, por

estar diante de Leon Posen, via a sua vida com muita clareza, e a sua vida era aborrecida e dura. Estudar Direito fora um terrível erro que cometera na expectativa de poder agradar aos outros e, por causa disso, endividara-se como se fosse uma personagem de um livro de Dickens ou o tipo de pessoa que acaba no programa televisivo da Oprah a soluçar, sem quaisquer competências, quando, subitamente, Leon Posen entra no bar de Palmer House e bebe a bebida que ela acabara de lhe servir. A luminosidade de Leon Posen, a clareza que sentiu só por estar do outro lado do balcão, era algo de que não estava disposta a abdicar. Era como se alguém, dia após dia, tivesse atirado migalhas de pão aos pássaros e, subitamente, um pombo-passageiro se iluminasse empoleirado nas costas do banco do jardim. Não era apenas algo raro, era virtualmente *impossível* de acontecer, e Franny não tencionava fazer qualquer movimento brusco que pudesse espantá-lo para longe.

– Vive aqui? – arriscou perguntar. *Como tem sido*, perguntou ao pombo-passageiro, *viver quando todos pensam que está extinto*?

Leon Posen olhou em redor por cima do ombro, de olhos esbugalhados.

– No Palmer House?

– Em Chicago.

Entrou um casal, desenrolando um emaranhado de casacos, cachecóis e chapéus, sentando-se a uma distância de dois lugares do sítio onde estavam. Por que razão, quis Franny perguntar, haveriam eles de se sentar tão próximo com tantos lugares vazios por onde escolher? Conseguia sentir o aroma do perfume da mulher, forte sem ser desagradavelmente almiscarado. Depois apercebeu-se de que pretenderam sentar-se diante dela: afinal de contas, era a empregada que estava a servir o bar.

– Vivo em Los Angeles – respondeu, finalmente, Leon Posen, depois de um intenso debate interior. – Mas depende de como encara as coisas.

– Um uísque *sour*[*] – pediu o homem, largando as vestimentas de inverno no banco ao lado deles. A pilha de roupas quentes começou, de imediato, a resvalar do banco e o homem agarrou a manga de um dos casacos. Inclinou a cabeça na direção da mulher que o acompanhava e pediu por ela. – Um *daiquiri*.

– Puro – acrescentou a mulher, retirando as luvas que trazia calçadas.

Franny não sabia muito bem como dizer-lhes que aquele não era o seu trabalho, mas Leon Posen soube fazê-lo.

– Ela não faz misturas de bebidas – esclareceu. – Sabe servir um uísque num copo, mas se a bebida tiver mais de um ingrediente, tem de ser outra pessoa a servi-los. – E olhou para Franny. – Não é verdade?

Franny assentiu. Sentia-se um embuste apenas por estar naquele lugar.

– Consigo preparar um uísque *sour* para o senhor – disse Posen para o homem e olhou de seguida para a mulher –, mas não sei fazer um *daiquiri*. Aposto que tem um copo misturador algures aí atrás.

– Nem sei dizer – respondeu Franny.

– Deviam pedir ao alemão – continuou Leon Posen, direcionando o casal para Heinrich, que permanecia no fundo da bancada do bar a limpar copos, ignorando a cena intencionalmente. – Seria um presente para ele, já que está magoado.

– Sabe muito sobre como as coisas funcionam por aqui – referiu a mulher. Era muito tarde e debaixo da luva não trazia qualquer aliança no dedo.

– Não sobre este lugar em particular – respondeu Leon. – Sobre os bares em geral. – Perguntou a Franny qual era o nome do empregado do bar e Heinrich, com os ouvidos preparados para escutar frequências mais altas, que só os cães conseguem ouvir, ouviu a pergunta de Posen e pousou o pano de limpar os copos.

– Um uísque *sour* – pediu de novo o homem.

Quando fizeram os pedidos, e depois de Heinrich ter aproveitado a oportunidade para demonstrar as suas habilidades com o copo misturador, o casal reuniu os seus pertences e dirigiu-se a uma mesa recolhida no canto do bar, que estaria sob a alçada de Franny, caso não tivessem feito uma troca tácita, em que ficou patente que Heinrich os serviria à mesa, ficando com a gorjeta do serviço.

– Nasci em Los Angeles – declarou Franny, assim que o casal, felizmente, se afastou. Esperara tanto tempo para o dizer que, naquele momento, não estava certa de ainda ser relevante para a conversa.

– Mas teve o bom senso de sair de lá.

– Eu gosto de Los Angeles. – Fora sempre uma criança em Los Angeles. Nadava em todo o comprimento da piscina da mãe de Marjorie, deslizando no seu fundo azul com o seu fato de banho de duas peças. A sombra de Caroline meia a dormir no colchão insuflável era uma nuvem retangular por cima dela, quando mergulhava. O pai permanecia à beira da piscina, numa espreguiçadeira a ler *O Padrinho*.

– Diz isso porque estamos em Chicago no mês de fevereiro.

– Se Los Angeles é assim tão horrível, porque vive lá?

– Tenho a minha mulher em Los Angeles – respondeu Posen. – É algo que estou a resolver.

– É por isso que as pessoas vêm a Chicago – acrescentou Franny. – Para fugirem das esposas.

Estava a pensar na legislação sobre o divórcio, recordando que nunca trabalhara nessa vertente, até se lembrar de que nunca se dedicara a nenhuma especialização.

– Parece um verdadeiro empregado de bar.

Ela abanou a cabeça.

– Sou uma empregada de mesa num bar. Não sei preparar bebidas de mistura.

– É a empregada de bar para aqueles de nós que não precisam de bebidas de mistura e eu vou querer outro uísque. Fez um excelente trabalho a servir-me o primeiro. – Posen voltou a analisá-la, como se só agora entrasse no seu campo de visão. – Está de novo mais alta.

– Disse que poderia melhorar a gorjeta que vou receber.

Ele abanou a cabeça.

– Não, foi *você* quem disse que ganhava melhores gorjetas por causa disso, e não é o que vai acontecer. Na verdade, não me importo se é alta ou não. Descalce os sapatos e ofereço-lhe uma bebida.

Quando é que Leon Posen terminara o seu uísque? Era um truque extraordinário. Não reparara em nada e estivera atenta. Talvez tivesse acontecido quando o uísque *sour* estava a ser preparado. Nessa ocasião, distraiu-se por instantes. Franny voltou a pegar na garrafa de uísque atrás de si.

– Não pode oferecer-me uma bebida. Não é permitido.

Leon inclinou-se para a frente.

– É proibido? – perguntou discretamente.

Franny assentiu. O gelo no copo estava brilhante e quase do mesmo tamanho, pelo que não viu necessidade de o substituir. Também não mediu a quantidade de uísque, limitando-se a acrescentar uma porção ao que já estivera dentro do copo. O gargalo prateado da garrafa dava-lhe um excesso de confiança, e serviu o uísque de uma altura demasiado elevada, entornando parte em cima da bancada do bar ao lado do copo. Limpou o excesso e colocou o copo em cima de um novo guardanapo de papel. Na verdade, não era uma empregada de bar muito competente, nem mesmo para bebidas com apenas um ingrediente.

– Então, diga-me, porque está em Chicago?

– Talvez seja uma psicanalista.

Leon Posen retirou o pacote dos cigarros do bolso do casaco e agitou-o até um se soltar.

– Quando disser que servi Leon Posen no bar, as pessoas vão querer saber o que fazia ele em Chicago.

– Leon Posen? – perguntou ele.

Esta era uma possibilidade que Franny não considerara, mas, na verdade, nunca o conhecera pessoalmente. Baseava-se nas fotografias de contracapa, algumas bem antigas.

– Não é o Leon Posen?

– Sou – retorquiu ele. – Mas é mais jovem do que o meu público-alvo. Não pensei que me reconhecesse.

– Pensou apenas que eu era uma empregada de bar extremamente prestativa?

Posen encolheu os ombros.

– Podia estar a tentar engatar-me. – Franny sentiu-se a ruborizar, o que habitualmente não acontecia no bar. Posen fez um aceno de mão, como que a descartar a observação que acabara de proferir. – Esqueça isso. Foi uma ideia disparatada. É uma jovem inteligente, lê livros e agora serviu uma bebida a Leon Posen, mas devia chamar-me apenas Leo. Leo. Seria ela capaz de se referir a

Leon Posen apenas por Leo?

– Leo – repetiu Franny, experimentando para ver como se saía.

– Franny – declarou Posen.

– Não é só por ser o Leon Posen – continuou Franny. – Leo Posen. Eu interesso-me pelas pessoas em geral.

– Está interessada em saber a razão que me traz a Chicago?

De certo modo, o rumo da conversa não estava a caminhar para onde ela desejara.

– Certo, concordo. Não estou interessada. Estou apenas a ser sociável.

Posen ergueu o copo e bebeu um pequeno gole, mergulhando o lábio superior como se estivesse a provar a bebida somente para ser educado.

– É jornalista?

Franny colocou a mão sobre o peito.

– Sou empregada de mesa num bar.

Na realidade, Franny repetia isso mesmo a si própria todos os dias diante do espelho da casa de banho, depois de escovar os dentes e antes de sair para o trabalho, *sou uma empregada de mesa num bar*. O treino compensara. Retirou o isqueiro do bolso do avental e rodou a tampa com o polegar. Posen inclinou-se para frente e de imediato para trás, abanando a cabeça.

– Não, não, tem de olhar para mim, não para o cigarro. Quando acende um cigarro a alguém, tem de se focar no olhar da pessoa. – Foi o que Franny fez, apesar de ser quase impossível. Leo Posen inclinou-se sobre a pequena chama nas mãos dela e manteve o olhar fixo no dela. Franny sentiu um aperto no peito. – Pronto – declarou Posen e soprou o fumo para o lado. – É assim que a sua gorjeta aumenta. Não é por causa dos sapatos.

– Vou tentar lembrar-me disso – afirmou Franny e apagou a chama do isqueiro.

– Vim, então, a Chicago para beber uma bebida – continuou ele. – Estou a viver na cidade do Iowa. Já alguma vez foi à cidade do Iowa?

– Pensava que vivia em Los Angeles.

Ele abanou a cabeça.

– Não seja esquiva. Fiz-lhe uma pergunta.

– Não, nunca fui à cidade do Iowa.

Leon Posen voltou a bebericar o uísque para examinar se a bebida melhorara agora que fumava um cigarro, e, obviamente, isso aconteceu.

– É o tipo de cidade onde apenas se vai se se tiver negócios ou afazeres a tratar. Quando se é produtor de milho ou se negoceia no mercado dos suínos ou se escreve poesia, é para a cidade de Iowa que se vai.

– Por isso mesmo é que nunca lá fui.

Ele acenou com a cabeça.

– Os bares estão repletos de estudantes. Não escolheria tomar uma bebida num bar repleto de estudantes, mas esse nem é o verdadeiro problema. – Posen fez uma pausa. Esperava que ela dissesse algo. Leo Posen gostava de manter os diálogos vivos.

– Qual é o verdadeiro problema?

– Parece que o gelo das bebidas contém uma certa quantidade de herbicidas... herbicidas, pesticidas e aquilo que penso que seja fertilizante líquido. Consegue-se sentir na bebida. E não é apenas por causa do gelo que põem nas bebidas, claro, trata-se da qualidade da água, de toda a água que não vem engarrafada de França. Ouvi dizer que chega mesmo a piorar durante a primavera, quando a neve começa a derreter. A concentração de produto é maior. Consegue-se sentir, inclusivamente, ao lavar os dentes.

Franny abanou a cabeça.

– Veio, então, a Chicago tomar uma bebida porque o gelo no Iowa tem químicos agrícolas?

– Isso e por causa dos estudantes.

– Está a dar aulas por lá?

Deu uma baforada casual no cigarro.

– Um semestre. Foi um erro. Parecia ser bem pago, mas nada é bem pago quando avaliado em função dos custos. Assinamos um contrato de trabalho, mas ninguém se preocupa em alertar-nos para o problema da água.

– Não seria mais fácil fazer o gelo em casa? Usando a água que vem de França. Também pode escovar os dentes com ela.

– Em teoria seria, mas não é fácil de implementar. Ou temos de levar um balde de gelo para dentro do bar ou temos de tomar a bebida em casa, sozinhos, coisa que eu não faço.

– Então, venha a Chicago tomar umas bebidas – declarou Franny, contente por ele estar diante dela, não querendo saber da razão que o levava ali. – É uma boa razão para sair da cidade.

– Agora sim, está a compreender – disse Posen, batendo com a palma da mão aberta na bancada do bar. – Cedar Rapids não é solução.

– E Des Moines também não é solução.

– Está de novo mais baixa.

– Disse que descalçasse os sapatos.

– Está a dizer que eu lhe disse para tirar os sapatos e obedeceu?

– Prefiro estar descalça.

Posen abanou a cabeça, Franny não conseguiu perceber se por estar maravilhado ou desesperado, depois apagou o que restava do diminuído cigarro no cinzeiro de vidro.

– Alguma vez quis ser escritora?

– Não – respondeu Franny, e acrescentou de bom grado –, sempre quis ser apenas leitora.

Leo bateu levemente com a palma da sua mão na parte de cima da mão de Franny, que fora deixada, deliberadamente, próxima, caso ele precisasse.

– Agradeço-lhe por isso. Fiz uma longa viagem para beber uma bebida e estar longe de qualquer outro escritor.

– Posso servir-lhe outra bebida?

– É uma rapariga formidável, Franny.

O problema, e era algo que Franny levava em consideração, é que ela não sabia quanto tempo Leo Posen estivera sentado no bar antes de ela reparar nele, há quanto tempo Heinrich estivera a fazer o seu trabalho antes de ela intervir.

Apesar de Leo Posen aparentar estar perfeitamente sóbrio, Franny desconfiava de que ele teria sempre essa aparência, não obstante a quantidade de álcool ingerida. Alguns homens são assim. Passam de um estado de sobriedade para um estado de inconsciência sem passarem por cada uma das fases intermédias.

– Está hospedado aqui no hotel? – atreveu-se a perguntar, num tom de voz quase sumido. Ele inclinou ligeiramente a cabeça e fez uma pausa, com uma expressão profundamente benevolente. Franny abanou a cabeça. – Pergunto porque se, esta noite, tiver de se meter dentro de um carro para conduzir de regresso ao Iowa e atropelar alguém, eu posso ser presa.

– Seria *você* a ir para a prisão? Não me parece muito justo.

– No estado de Illinois, os estabelecimentos de bebidas alcoólicas estão ao abrigo da legislação sobre responsabilidade civil. – E ergueu a mão para demonstrar que falava com seriedade.

– Estabelecimentos de bebidas?

– Deviam atualizar o termo.

– Os restantes empregados que servem bebidas sabem disso? – Apenas os que desistiram da faculdade de Direito, quis Franny acrescentar, mas limitou-se a abanar negativamente a cabeça.

– Bem, não se preocupe. Apenas tenho de apanhar o elevador.

Franny pegou de novo na garrafa de uísque.

– O que acontece no elevador só a si lhe diz respeito.

Nesse momento, as luzes diminuíram de intensidade. Heinrich apagava-as sempre de forma abrupta, diminuindo-as tanto e tão rapidamente que Franny sentia que mergulhava de cabeça na escuridão. De todas as vezes que isso acontecia, por instantes indagava-se se algo minúsculo mas crucial acabara de rebentar dentro da sua cabeça.

– É um sinal – referiu Leo Posen, olhando para o teto. – Sirva-me um duplo.

Depois de trazer um copo maior, que comportasse o dobro da quantidade de uísque, Franny voltou a calçar os sapatos e dirigiu-se às duas mesas que estavam a seu cargo para fechar as contas. Depois de ter negligenciado os clientes durante tanto tempo, sentiu-se acanhada por ter de pedir o pagamento, mas nenhum deles

pareceu importar-se com isso. Numa das mesas entregaram-lhe um cartão de crédito, na outra, os dois empresários pagaram-lhe uma maquia exorbitante e pegaram nos casacos para saírem. Quando regressou ao bar, Heinrich colocava uma película transparente sobre as taças de aço inoxidável que continham as guarnições, guardando as ginjas dentro do frigorífico durante a noite.

– Deram-lhe a gorjeta por causa dos sapatos? – perguntou Leo Posen. Bebera todo o uísque e estava inclinado sobre a bancada do bar, sem focar o olhar em coisa alguma.

– Deram.

– Quanto?

Heinrich desviou o olhar do trabalho que estava a fazer. Não se importou que fosse uma pergunta inconveniente. Nunca ninguém fazia perguntas sobre as gorjetas e ele queria saber.

Franny hesitou.

– Dezoito dólares.

– Isso diz-nos muito pouco, se não soubermos a quantia da despesa. Podiam ter estado a beber um *Montrachet Vintage*, o que significaria que a tinham roubado.

– Não estavam a beber *Montrachet* – respondeu Heinrich.

Franny suspirou. Não havia forma de lhe explicar que ela necessitava do dinheiro, que estava a dormir no sofá de Kumar para conseguir pagar a próxima prestação do empréstimo.

– Vinte e dois dólares.

Heinrich soltou um pequeno som involuntário, semelhante ao silvo do punho que rasga o ar ao dar um murro, mas sem o movimento em si.

– Escolhi o ramo errado – declarou Leo Posen.

Heinrich mirou-o com um ar de dúvida:

– Não receberia a mesma gorjeta que ela, certamente.

– E na outra mesa? – continuou Leo. Franny ergueu a mão para dizer que já chegava. – Nunca teria adivinhado – declarou Posen para Heinrich. Enfiou a mão no bolso para retirar a carteira de pele castanha, volumosa devido aos

cartões de crédito, fotografias, dinheiro e recibos dobrados. Atirou-a para cima da bancada do bar, onde fez um baque surdo como uma bola de basebol a cair na luva. – Tome – disse. – Fique com tudo. Não consigo fazer as contas.

Franny emitiu a fatura, dobrou o pequeno pedaço de papel e deixou-o em cima do bar, dentro de um copo de vidro limpo. Era assim que se fazia no Palmer House, apenas para relembrar aos clientes como haviam chegado a tamanha maquia. O pombo-passageiro permanecera ao lado dela toda a noite, e agora? Não podia guardar o sujeito dentro da bolsa e levá-lo para casa e não podia ficar a dormir no parque à espera de que ele se fosse embora. Estava frio e era de noite.

Leo Posen suspirou e abriu a carteira.

– Nem sequer me vai ajudar? – perguntou.

Franny abanou a cabeça e começou a limpar o bar. Suspeitava que o problema era fazer as contas, que quanto mais embriagados os clientes estivessem, maior dificuldade teriam em calcular as percentagens e, por isso, decidiam pender para o lado da extravagância. Mas também se indagava se lhe dariam gorjetas maiores por se sentirem constrangidos pela quantidade de álcool que haviam ingerido. Ou se as gorjetas eram maiores na expectativa de que ela corresse atrás deles a perguntar se, por dezoito dólares, queriam fazer sexo.

Apesar de ter colocado o dinheiro ordenadamente em cima da conta e o seu copo e guardanapo já terem sido recolhidos, Leo Posen continuou sentado. Todos os outros clientes do bar do Palmer House Hotel haviam saído. Jesus, um ajudante de mesa, aparecera vindo do restaurante para se certificar de que as mesas estavam limpas. Olhava para as costas de Leo Posen. Era altura de dar uso ao aspirador.

Depois de ter picado o ponto para sair e vestido o casacão, Franny regressou ao bar. Era o blusão de penas comprido que a mãe lhe comprara quando ingressara na faculdade de Direito, um saco-cama com mangas, dissera a mãe, e na verdade foram muitas as noites em que o estendera por cima dos cobertores no sofá antes de se deitar nele. Permaneceu ao lado da cadeira de Leo Posen.

– Estou de saída – declarou Franny, desejando pela primeira vez, desde que começara a trabalhar no bar, que a noite se prolongasse. – Foi realmente qualquer coisa.

Posen olhou para ela.

– Vou precisar da sua ajuda – murmurou, num tom de voz encantador.

O pombo esvoaçou das costas do banco do jardim diretamente para o colo de Franny, encostando a cabeça nas dobras do seu casacão.

– Vou chamar o Heinrich – anunciou, num tom de voz baixo apesar de estarem apenas os dois presentes. Era por esta razão que ela não devia servir os clientes de Heinrich, nem mesmo o famoso romancista, porque, no final, continuavam a ser responsabilidade dele. – Ele pode levá-lo ao elevador.

Posen inclinou a cabeça ligeiramente para a esquerda como se pretendesse dizer que não e de repente perdesse a linha de raciocínio.

– Não chame o alemão. Eu preciso apenas... – e fez uma pausa procurando a palavra certa.

– De que precisa?

– Orientação.

– Vamos procurar alguém mais forte.

– Não estou a pedir-lhe que me leve nos braços.

– Talvez fosse melhor.

– O elevador não fica no seu caminho?

Não seria uma espécie de honra que ele lhe estivesse a pedir? Seria a parte mais interessante da história e que ela omitiria quando a contasse a alguém... que Leo Posen estava demasiado embriagado para conseguir caminhar e sair do bar e que ela teve de o ajudar. Não seria a melhor decisão que Franny alguma vez tomara, mas nem sequer se aproximava da sua pior decisão. E ele fizera tanto por ela nos anos anteriores ao momento em que se conheceram com os belos romances que escrevera. Franny pegou na mão de Posen e apoiou o braço dele sobre os seus ombros. Ele rendeu-se a ela.

– Levante-se – ordenou Franny. Quando se erguem das cadeiras elevadas do bar, alguns homens conseguem ser surpreendentemente altos. Os ombros de Franny, levantados pelos saltos dos sapatos, mal chegavam às axilas de Posen. Pesava mais do que ela esperava, mas conseguia suportar o seu peso e segurá-lo direito. – Fique aqui um segundo para recuperar o equilíbrio – disse Franny.

– Tem jeito para isto.

Tentou recompor a mão dele que cobria, agora, inadvertidamente, o seu peito esquerdo. Onde estava Heinrich quando era preciso? A fumar um cigarro merecido? Ele podia usar isto contra ela, embora fosse difícil dizer o que seria capaz de ofender aquele alemão. Franny colocara o braço em torno da cintura de Leo Posen e orientava-o por entre os icebergues escuros que eram as mesas a seu cargo.

– Espere – pediu Posen. Franny parou. Ele levantou o queixo e parecia estar a tentar lembrar-se de algo ou prestes a pedir outra bebida. – Aquela música – continuou.

Franny pôs-se a escutar. Agravação continuava a tocar, agora numa sala vazia. Ouvia-se Gladys Knight e os Pips. A essência da letra da música centrava-se no fim de uma relação em que nenhuma das partes queria assumir a responsabilidade da rutura. Adorara a música as primeiras trinta vezes que a ouvira. Agora, já não tanto.

– O que tem?

Leo retirou a mão do peito de Franny e apontou para o ar.

– É a música que estava a tocar quando entrei. *I keep wondering what I'm going to do without you*[*] – cantou.

O bar, como Heinrich gostava de dizer, era a Alemanha Ocidental, e Franny compreendia a sua abordagem progressista e flexível sobre a força de trabalho. Mas a entrada do hotel estava sob a alçada de Leste, repleta de espiões soviéticos de quem nem sequer se suspeitava.

– Mantém-te longe da entrada do hotel – alertara Heinrich, assim que Franny começou a trabalhar no bar. – Uma vez na entrada, estás por tua conta. O bar não te pode salvar.

Ainda assim, tinha de confiar que talvez ninguém a conhecesse, do mesmo modo que ela não os conhecia. O seu uniforme poderia desmascará-la, mas estava escondido por baixo do blusão comprido, e os sapatos poderiam pertencer a qualquer hóspede do hotel. O Palmer House tinha uma entrada imponente, com enormes sofás de chita contíguos e excessivamente estofados; alguns eram redondos com um encosto central a apontar para os candelabros do teto, como

um chapéu fez. O tapete persa conseguiria cobrir um campo de basquetebol. O teto, que se estendia pelo segundo andar, era uma réplica em ponto menor da Capela Sistina em que Deus e Adão eram substituídos pelas estrelas da mitologia grega: Afrodite e um grupo aleatório de ninfas, rodeadas de nuvens divagantes. Era o tipo de entrada em que os turistas desejavam fotografar-se, colocando-se diante da torre de arranjos florais que em fevereiro era composta de peónias. Mesmo sendo uma da madrugada, continuavam a existir pessoas a circular sem rumo certo e uma equipa de jovens homens e mulheres permanecia nos seus fatos escuros, atrás do balcão de mármore, para ajudar os hóspedes e visitantes. Pelo menos o bar encerrava. Os funcionários da receção tinham de estar disponíveis a noite toda.

Depois de Franny ter premido o botão de chamada, ela e Leo tiveram oportunidade de observar o seu reflexo nas portas de bronze do elevador.

– Não parece ter ar de quem deva estar comigo – disse Posen, deixando-se levar pelo encantamento da trama que encenavam em conjunto. Começara a balançar ligeiramente, apenas para ver o reflexo de ambos a balançar da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.

Num tom de voz sussurrado, Franny pediu-lhe que ficasse quieto. Os números no topo do elevador acendiam à medida que este descia – cinco, quatro, três, dois – até que as portas deslizantes se abriram.

– Aqui tem – disse Franny e tentou empurrá-lo para a frente, para que se sustivesse sozinho. Não tinha muita esperança no sucesso da operação. Ele olhou para ela, por baixo do braço:

– Aqui tenho o quê?

– O elevador, como tinha pedido. – Mas Posen não aliviara um grama ao peso que Franny suportava e ela teve de admitir que a incapacidade dele parecia ser sincera. Não acreditava que ele fosse efetivamente capaz de entrar no elevador sem a sua ajuda. Leo Posen não proferiu mais nada. As portas começaram a fechar-se, mas, numa arriscada demonstração de equilíbrio, Franny, com o pé, fez com que se abrissem de novo.

– Muito bem – disse, embora estivesse a falar consigo mesma. – Ok, ok, ok. – Entrou com ele no elevador e as portas deslizantes fecharam-se. – Qual é o seu andar?

– Ok, o quê?

– Em que andar está hospedado?

– Não faço ideia. – As palavras estavam carregadas, mas eram bem distintas, cada uma como uma bola de canhão a cair na poeira.

– Tem um quarto neste hotel?

– Estou certo de que sim – respondeu Posen, embora com um ligeiro traço defensivo, que plantou a semente da dúvida na mente de Franny.

As portas deslizantes começavam a abrir-se de novo, Franny premiu o botão que forçava o fecho das portas e, de seguida, o botão que indicava o vigésimo terceiro andar. Existia um vigésimo quarto, mas tratava-se de uma suíte. Para chegar a esse andar, seria necessário uma chave de elevador privada.

– Tem a chave no bolso? Veja dentro do bolso.

– Não quer ser vista comigo?

Franny encostou Leo Posen a um dos cantos do elevador e ele equilibrou-se muito bem. Revistou os bolsos do casaco dele, por dentro, por fora, e os bolsos das calças. Este era o tipo de jogos que ela e a irmã Caroline faziam com o pai nos verões: como questionar um suspeito, como revistá-lo, como arrombar a fechadura de um carro. Fix encarava tudo como uma oportunidade de aprendizagem dos procedimentos policiais. Nos bolsos de Leo Posen encontrou um lenço de mão dobrado (engomado, mas sem monogramas), um par de óculos para ler, um pacote de pastilhas de mentol *Life Savers* (havia duas em falta), um talão de bagagem de um voo para o aeroporto de Los Angeles e a carteira. Continuou a revistar a carteira dele. As chaves dos hotéis atuais assemelham-se a cartões de crédito e, por vezes, as pessoas guardam-nas nas carteiras.

– Ei – vociferou Leo, num tom algo divertido que estava prestes a desvanecer-se –, não quer ser vista comigo?

Ouviu-se um modesto toque do elevador que anunciava a chegada ao andar pretendido. As portas deslizantes abriram-se, revelando a enorme área de receção dos elevadores do vigésimo terceiro andar: tinha um sofá comprido em forma de losango com assentos nos seus quatro lados, um espelho de cerca de três metros e um antiquado telefone em cima de uma mesa. Franny carregou no cinco.

– Não quero ser vista consigo.

Posen apalpou levemente os bolsos do casaco para verificar se haveria algo que tivesse escapado à inspeção de Franny.

– Sou um incómodo.

– Mostrou ostensivamente uma pilha de dinheiro, quando pagou a conta no bar, e agora vou ao seu quarto. Despedem as empregadas de bar, por causa de situações como esta.

É certo que Franny poderia telefonar para o gabinete de apoio jurídico da Universidade de Chicago, onde os estudantes do terceiro ano disponibilizavam aconselhamento jurídico gratuito, que valia exatamente aquilo que se pagava por ele. Tinha alguns amigos no gabinete que talvez fossem capazes de a colocar no topo da lista dos casos *pro bono*. Poderia explicar que fora despedida por solicitação, quando, na verdade, tudo o que fizera foi o que qualquer outro licenciado em língua inglesa faria: certificar-se de que Leo Posen regressava são e salvo ao quarto de hotel (mas seria isso um caso convincente? Não desejariam muitas licenciadas em inglês ir para a cama com Leon Posen? Sentiria ela o mesmo? Naquele momento, não. Não, não desejava). Afinal, era do interesse da faculdade que Franny preservasse o seu emprego para poder pagar o empréstimo, mas depois lembrou-se de que não era à faculdade que devia dinheiro. O empréstimo fora já transferido duas vezes e pertencia agora ao *Farmers'Trust* do Dacota do Norte. Fora aquele empréstimo que a forçara a enveredar pela prostituição. O quinto andar chegou e passou: as portas abriram-se de novo para um patamar semelhante ao anterior e voltaram a fechar-se. Estavam, mais uma vez, a caminho do vigésimo terceiro andar. Será que alguém na receção da entrada monitorizava as atividades suspeitas nos elevadores? Na carteira de Leon Posen encontrava-se: uma carta de condução emitida pelo estado da Pensilvânia com o nome de Leon Ariel Posen; um *American Express*, um *MasterCard*, um cartão *Visa*, um cartão de passageiro do *Admirals Club* da *American Airlines* e um cartão da biblioteca de Pasadena; fotografias escolares de uma menina de cabelo ruivo que envelhecia à medida que Franny avançava para o retrato seguinte; recibos dobrados que ela não desdobrou e um cartão do Palmer House Hotel. Bingo! Franny olhou para o cartão, num agradável tom verde-tropa, tinha o nome do hotel impresso numa caligrafia excessivamente

ornamentada e, na parte de trás, uma banda magnética que abriria a porta de um dos quartos do hotel.

– Qual é o número do seu quarto?

– Oitocentos e doze.

As portas deslizantes abriram-se uma vez mais, estavam de novo no vigésimo terceiro andar. Franny pressionou o número oito.

– Disse que não sabia qual era.

– Antes não sabia – respondeu Posen, desviando o olhar. A viagem não estava a cair-lhe bem. Em cada paragem e arranque sentiam um ligeiro solavanco, dois suaves puxões para cima e depois para baixo que relembravam os passageiros do cabo que segurava a caixa do elevador. Talvez tivesse dito um número apenas para voltarem a pisar terreno sólido. As portas do elevador abriram-se e Posen debateu-se para caminhar em frente, como se estivesse a tentar sair sem a ajuda de Franny. Ela voltou a apoiar o braço dele em torno dos ombros. Sentia calor dentro do blusão comprido, que fora concebido para preservar a vida humana a uma temperatura de vinte graus abaixo de zero. O brilho provocado pelo suor fazia o seu rosto resplandecer. O suor escorria pela parte de trás das pernas dela e entranhava-se nos sapatos.

– Não perderia o emprego por causa disto – afirmou Posen, mantendo o tom de voz baixo, o que Franny agradeceu. Nem todos os bêbedos eram capazes de mostrar tanta contenção. – Eu diria que somos amigos. É isso que somos.

– Não tenho a certeza de que gostassem da nossa amizade – respondeu Franny. Os corredores, tal como os patamares de entrada junto dos elevadores, eram bastante amplos. Tanto espaço desperdiçado representava um luxo do Velho Mundo. Nunca subira aos andares dos quartos do hotel e o que sentia, imaginava ela, devia ser muito semelhante a uma situação de invasão de propriedade. Os corredores eram intermináveis, aparentemente sem um ponto de fuga, e estavam decorados com fotografias a preto e branco de pessoas famosas no auge da beleza: Dorothy Dandridge, Frank Sinatra, Judy Garland. Continuavam até se perderem de vista. Franny observava-os. Olá, Jerry Lewis. A carpete do corredor era vertiginosa, uma amálgama de penas de pavão de cor amarela, pêssego, cor-de-rosa e verde. Era difícil olhar para baixo por muito tempo e Franny estava sóbria. Decerto não combinaria nada bem com um copo

de uísque. No corredor, havia uma mesa de serviço aos quartos, com uma sanduíche *Reuben* meio comida, batatas fritas espalhadas no tabuleiro, um único botão de rosa num vaso solitário e uma garrafa de vinho dentro de um balde prateado... 806, 808, 810, 812. Chegaram. Franny encostou a anca a Leo Posen, para equilibrar o peso, e colocou o cartão na ranhura da fechadura do quarto. Uma minúscula luz vermelha piscou duas vezes e desapareceu.

– Raios o partam – disse baixinho e tentou de novo. Uma vez mais, a luz vermelha.

– E se eu for para casa consigo?

– Isso não seria solução.

– Poderia dormir no sofá.

– *Eu* já durmo no sofá – disse Franny, exceto nas noites em que dormia com Kumar, que não eram frequentes, pois não era essa a natureza da relação que mantinham. Ele era apenas um amigo e ela precisava de um sítio onde ficar.

– Mil oitocentos e doze – disse Posen, tentando endireitar-se, impercetivelmente. – É isso, então.

Ela poderia levá-lo de regresso para aquele agradável sofá em forma de losango; um sítio onde descansar, se a espera pelo elevador se tornasse demasiado extenuante. O sofá era suficientemente amplo. Poderia deixá-lo ali. Poderia descer até ao piso térreo, telefonar para a receção a explicar que vira alguém a dormir no sofá do oitavo andar.

– Mil oitocentos e doze.

Franny abanou a cabeça.

– Está a referir-se à abertura da ópera ou tem em mente a data da guerra de 1812. Certamente, não está hospedado no quarto 1812.

Posen considerou esta hipótese, observando, ainda, a porta trancada diante deles.

– Talvez esteja a pensar na data da guerra – admitiu ele. – Podemos fazer uma pausa? Preciso de descansar um pouco.

– Eu também – concordou Franny. Picara o ponto para dar início ao turno às quatro e meia da tarde. Não planeava, agora, ir ao décimo oitavo andar. Mais

valia começarem no segundo e experimentarem o cartão nas ranhuras de todos os quartos do hotel.

– Parece nervosa – declarou Posen, a voz saía-lhe como se tivesse acabado de acordar. – Já esteve em sarilhos no passado? – Começava a sentir-se mais confortável com a transferência do seu peso para os ombros dela e mal se dava ao trabalho de levantar os pés, parecia que ela o arrastava sobre um trilho desnivelado de pedregulhos. Franny passou pelo patamar de entrada junto dos elevadores e continuou.

– Estou metida em sarilhos neste momento – respondeu Franny. Dar-lhe-ia mais uma oportunidade e depois largá-lo-ia entregue a si próprio. E ele não poderia censurá-la. Nem sequer se lembraria de nada. Se caíssem no patamar, seria o fim para os dois. Ele era cerca de vinte e cinco centímetros mais alto do que ela e trinta e cinco quilos mais pesado. Franny ficaria presa debaixo de Leo, com um tornozelo partido e um pulso aberto, até ao momento em que o rapaz que percorre os corredores, às três da manhã, para enfiar as contas debaixo das portas, os encontrasse ali estendidos. Ela não tinha seguro de saúde. Quando chegaram ao quarto 821, Franny retirou a chave do bolso do casaco e experimentou-a na ranhura. Piscou vermelho, vermelho e depois verde. A fechadura fez um clique e Franny rodou a maçaneta. Oitocentos e vinte e um. Ficou delirante por ao menos entender a natureza dos equívocos.

Leo Posen não se preocupara em deixar uma luz acesa. Franny teve de o arrastar até à cama, sentando-o na borda do colchão para conseguir acender o candeeiro. Era um quarto agradável, com uma cabeceira da cama acolchoada, cortinas pesadas e a imitação de uma secretária de qualidade, onde um romancista se sentaria para escrever um romance. Globalmente, um quarto demasiado agradável, se o seu único propósito fosse curar uma bebedeira. Na cadeira excessivamente estofada e com uma proteção drapeada nas costas, estava pousado uma mala de viagem de fim de semana. A excelente e caridosa camareira que estivera no quarto antes deles abrira as cobertas, expondo a almofada e os lençóis imaculadamente brancos, num envelope tão convidativo que levou Franny a questionar-se se, por acaso, se deitasse durante uma hora no canto mais afastado do colchão de tamanho gigante, alguém notaria a diferença. Caso fosse despedida por solicitação, o apoio jurídico tornar-se-ia muito mais

complicado, se encontrassem um fio de cabelo seu na almofada.

– Ajude-me com o seu braço.

Leo Posen inclinou-se para a frente e colocou o braço para trás e com esse ajustamento Franny foi capaz de lhe tirar o casaco do fato. Era um homem que, noutras ocasiões, já tivera ajuda para despir o casaco. Suspirou longa e profundamente, como se sentisse, por fim, todo o peso do mundo. Franny colocou o blusão comprido em cima do sobretudo de Leo e ajoelhou-se para lhe retirar os sapatos. Leo Posen tinha uns encantadores sapatos de atacadores, polidos e desgastados, suaves como luvas de pelica. Colocou-os bem afastados da cama, para que ele não tropeçasse neles durante a noite. Depois levantou-lhe os pés, repousando-os na cama para o deitar, rodando o corpo dele no processo. As calças e o cinto foram coisas que nem sequer considerou retirar.

– Da próxima vez, já sei – disse Posen, mergulhando na suavidade do colchão, nos lençóis lavados e nos cobertores quentes.

Franny colocou a mão no ombro dele, para captar a sua atenção por momentos.

– Durma bem – murmurou, num tom de voz suave como as almofadas, pois agora que tudo terminara e ele estava são e salvo enfiado na cama, Franny conseguia gostar dele novamente. Aconchegou-o com as cobertas.

– Pode ficar mais um pouco, não pode? – Era um pedido que não representava qualquer embaraço, apenas paz e tranquilidade, era somente o tempo que restava para pedir mais um pequeno favor; Franny pensou que essa era a grande diferença entre os homens e as mulheres. Os olhos de Leo Posen estavam fechados e, quando chegou ao final da frase, já estava a dormir, pelo que Franny não disse mais nada. Puxou a colcha para cima dele e apagou o candeeiro, sentou-se à beira da cama na escuridão, no lado mais afastado, e trocou de sapatos. Guardava uns sapatos de saltos rasos na bolsa. As solas dos sapatos que usava no trabalho apenas caminharam no chão coberto de carpete do hotel e estavam como novos. Poderia usá-los durante anos.

* * *

Se alguém tivesse perguntado a Fix Keating e Bert Cousins em que pontos estavam de acordo, nenhum dos dois teria sido capaz de elaborar uma longa lista. Ainda assim, e mesmo sem terem discutido o assunto (sem terem sequer discutido qualquer assunto), ambos decidiram que Caroline e Franny deveriam estudar Direito. Quando esta ideia surgiu pela primeira vez, as raparigas eram muito jovens. Caroline andava no liceu e Franny ainda dormia com bonecas, mas Fix e Bert delinearam o seu futuro, tal qual generais, cada um no seu campo de batalha. Nem Caroline nem Franny mostravam interesse na história da América. Não eram particularmente dadas ao pensamento racional, nem revelavam qualquer tipo de apetência para o debate, embora a energia que demonstravam para gritarem uma com a outra fosse inesgotável. Mas, enfim, não se tratava de algo que algum deles tivesse reparado em Caroline ou em Franny. Tratava-se daquilo que eles viam neles mesmos.

Bert reservava semelhantes expectativas para todas as outras crianças da família, incluindo Jeanette, que considerava ser capaz de, pelo menos, fazer investigações sobre títulos de propriedade, se alguma vez conseguisse terminar os estudos. Ao esperar que todos enveredassem pelo mesmo caminho, via-se como um homem imparcial e desprovido de favoritismos e, ao elaborar um plano nesse sentido com tantos anos de antecedência face à sua implementação, julgava conseguir granjear um certo grau de sucesso. A lei, ao fim e ao cabo, era ao que a família Cousins se dedicava. O trisavô de Bert fora advogado do Pennsylvania Railroad e o avô fora juiz no Tribunal de Círculo. O pai de Bert, William Cousins, a quem chamavam Bill, exercera uma versão cavalheiresca do direito proprietário em firmas de renome em Charlottesville, elaborando contratos para amigos que compravam terrenos agrícolas na Virgínia, na expectativa de que a classificação das zonas se alterasse e pudessem, então, convertê-los em áreas para centros comerciais. Representava uma boa fonte de rendimento da qual Bill se reformou cedo, logo depois de a mulher assumir a gestão dos direitos de permissão de engarrafamento da *Coca-Cola* para toda comunidade das nações britânicas, por legado de um tio que não tinha descendentes. Bill Cousins gostava de permanecer na sua sala de estar a olhar pela janela para a viela de nobres plátanos que se alinhavam no caminho da entrada e a refletir no quanto o mundo era belo e de como isso nunca deveria

mudar.

Bert tinha uma crença *Jeffersoniana* de que um conhecimento profundo da legislação representava as fundações de qualquer vida bem-sucedida, por isso, se algum dos seus filhos desejasse ser enfermeiro ou professor, ainda assim, deveria ter formação em Direito. Acreditava que uma pessoa que não conhecesse as leis não seria suficientemente inteligente nem interessante e isso contribuíra para o falhanço de ambos os seus casamentos.

A abordagem de Fix em relação à lei era mais direta: ele queria que as suas filhas fossem advogadas porque os advogados ganhavam muito dinheiro. Se Caroline e Franny tivessem ambas uma forma de sustento própria, a probabilidade de um dia poderem abandonar o homem com quem casassem para o trocar por outro mais rico seria ínfima. Fix era defensor do conceito de que a história se repete e nunca tentou disfarçá-lo. Se acontecera no passado, podia muito bem repetir-se de novo.

No ano em que Caroline tinha treze anos e Franny dez, Fix comprou a cada uma um guia de estudo Kaplan do LSAT[*]. Embrulhou os guias em folha de papel de alumínio vermelho e enviou-os por correio para a Virgínia, por altura do Natal, juntamente com todos os outros presentes que Marjorie escolhera: jogos de tabuleiro, um coelho de peluche, um conjunto de aguarelas, uma camisola e duas caixas de música.

– É um pouco louco, mas não acho que seja uma má ideia – confessou Bert, ao pegar na cópia de Franny, enquanto ela perscrutava a pilha de papel de embrulho amachucado, à procura de algum presente que pudesse ter ficado esquecido sob a árvore de Natal.

– Estás a falar a sério? – perguntou Beverly. Usava um robe de veludo verde-escuro com um fecho de correr que chegava aos pés, um presente de Natal feito pela mãe. Em qualquer outra mãe no mundo, teria parecido atarracado, mas na mãe delas era deslumbrantemente elegante.

– Se lessem um capítulo por mês – continuou Bert, percorrendo o índice –, não seria demasiado. Não têm de o compreender para já. Nesta fase seria apenas uma forma de se familiarizarem com o vocabulário, mas, se cumprissem o plano, mais tarde acabariam por ter resultados excelentes. – Bert teria de articular um plano para educar uma firma completa de advogados, mas admitia que a

iniciativa de Fix era um excelente ponto de partida.

Caroline, no seu pijama de flanela vermelho com renas estampadas e meias felpudas, estava dividida entre a vontade de mandar Bert dar uma curva e o facto de o presente ser do seu pai. Decidiu que, mais tarde, daria uma vista de olhos, quando Bert não estivesse por perto, assim evitaria que se sentisse satisfeito por ela estar a analisar o livro. Franny, por sua vez, abria naquele momento o livro de capa dura de *Laços Humanos*[*], um presente da avó. Logo na primeira frase, e avaliando pelo resto das palavras da página, teve a certeza de que seria o livro que leria durante o período das férias de Natal e não um de preparação para o LSAT. Mais tarde, quando o pai telefonou, para desejar às filhas um feliz Natal e lhes dizer o quanto sentia a falta delas mais do que qualquer outra coisa no mundo e o quanto desejava que todos estivessem juntos (o que levou as raparigas às lágrimas, cada uma na sua extensão telefónica, Caroline na cozinha e Franny sentada no chão do quarto de Bert e da mãe, junto à cama), acrescentou que ele mesmo ingressara na faculdade de Direito. A partir de janeiro, Fix Keating assistiria às aulas noturnas da Faculdade de Direito de Southwestern. Frequentar o regime noturno significava que levaria quatro anos a completar os estudos, em vez de três, mas isso não importava, pois fora assim que Dick Spencer também fizera. Desejava ter começado mais cedo, tal como Dick, mas não se pode passar a vida a lamentar as oportunidades perdidas ou adiadas.

– Se tivesse começado com a vossa idade, por esta altura já seria um sócio sénior – disse às filhas. *When I was a boy I took a turn, as an office boy in an attorney's firm*[*], gostava o pai de cantar pelas manhãs. – Vocês as duas têm todo o tempo do mundo para estudar. Se começarem agora e eu também, poderemos estudar todos juntos, quando estiverem comigo no próximo verão.

Era o período de férias de Natal e Franny não queria estudar, nem se queria comprometer a estudar nas próximas férias de verão. O pai já prometera levá-las ao Lake Tahoe no verão e alugar um barco plataforma de onde poderiam saltar e mergulhar. Franny não estava disposta a trocar isso para estarem todos sentados em redor da mesa da cozinha a fazerem perguntas uns aos outros naquilo que parecia ser um colossal teste de soletração.

No instante em que Caroline desligou o telefone, foi como se tivesse preenchido o formulário de inscrição. Subiu ao quarto com o guia Kaplan

debaixo do braço e fechou a porta. Estava determinada em ir para a faculdade de Direito com o pai.

Franny assoou-se e limpou os olhos marejados para regressar à sala de estar. A mãe reunia os papéis de embrulho amarrotados e os infindáveis pedaços de fitas de pontas serpenteantes, dentro de um saco do lixo da Hefty*, e Bert estava sentado no sofá com uma caneca de café a contemplar o cenário natalício: uma árvore de Natal, uma belíssima mulher, a lareira acesa e uma doce enteada.

– O papá vai estudar Direito – revelou Franny, acomodando-se no cadeirão azul com o novo livro que a avó lhe oferecera. – Por isso é que quer que nós estudemos também. Quer que estudemos Direito com ele.

Beverly ergueu-se com o saco lotado e pesando o mesmo que uma pluma.

– O Fix vai para a faculdade de Direito?

Bert abanou a cabeça:

– Ele é demasiado velho para isso.

– Não é, não senhor – respondeu Franny, contente por ter oportunidade de explicar. – Está a fazer o mesmo que o Dick Spencer. – Franny gostava dos Spencer, que a levavam a almoçar no Lowry todos os verões, quando estavam em Los Angeles. O nome soava ligeiramente familiar nas profundezas da mente de Bert. Dick Spencer do ministério público que em tempos fora polícia; na verdade, fora Dick Spencer que o convidara a juntar-se à festa de batizado na casa de Fix, o batizado de Franny.

– Onde vai ele estudar? – perguntou Bert, relembrando-se que Spencer estudara na UCLA.

– Na Faculdade de Direito de Southwestern – respondeu Franny, impressionada consigo mesma por ter conseguido decorar o nome.

– Santo Deus – retorquiu Bert.

– Bem – continuou Beverly, ajeitando uma madeixa de cabelo louro que lhe caíra para os olhos. – Que bom para ele.

– Sim, claro – acrescentou Bert. – Mas vai ser muito duro conseguir ir às aulas todas as noites, depois do trabalho. Não sei como vai ter tempo para estudar.

Franny olhou para ele, com o seu cabelo, também louro e comprido, levemente viscoso. Com a pressa de descer para desembrulhar os presentes, não se dera ao trabalho de o pentear naquela manhã.

– Não estudou, também, numa faculdade de Direito?

– Claro que sim – respondeu Bert. – Estudei na Universidade da Virgínia. Mas não foram aulas noturnas. Frequentei o regime normal.

– E por isso não foi difícil para si – declarou Franny. Sentia-se orgulhosa do pai, que teria duas ocupações em simultâneo. As freiras sempre lhe disseram que Deus preferia as pessoas que faziam tudo da maneira mais difícil.

– Foi difícil quanto baste – acrescentou Bert e bebeu mais um gole de café.

Caroline voltou para baixo e atravessou a sala de estar a caminho da cozinha, para ir buscar uma merenda, um segundo pedaço do bolo de café natalício, que, julgava ela, a poderia ajudar nos estudos.

– Então o teu pai vai estudar Direito – disse Beverly, sorrindo para a filha. – Isso é fantástico.

Caroline imobilizou-se estarrecida, como se a mãe a tivesse alvejado no pescoço com um dardo impregnado de neurotoxinas. A expressão do seu rosto demonstrava algo entre o horror e a raiva. Todos perceberam que um grave erro acabara de ser cometido e que não havia como voltar atrás.

– Disseste-*lhes*? – perguntou Caroline, virando-se abruptamente na direção de Franny.

– Eu não... – a voz de Franny era sumida, acabando por desaparecer por completo. Queria dizer que não sabia que não era suposto contar, ou que não sabia que era segredo, mas as palavras secaram na sua boca.

– Achas que o pai *queria* que eles soubessem? Não te perguntaste por que razão ele, simplesmente, não telefonou e pediu para falar com eles? – Caroline deu dois passos largos em direção a Franny e bateu-lhe no ombro ossudo com a mão aberta, fazendo-a cair do cadeirão. Franny magoou-se, tanto no braço que fora atingido como no que embateu no soalho. Não pôde deixar de pensar que a irmã devia estar mesmo muito zangada com ela, mais do que o habitual. Caroline raramente lhe batia diante de outras pessoas.

– Credo, Caroline – exclamou Bert, pousando a caneca de café. – Para com

isso. Beverly, não permitas que ela bata na Franny desta maneira.

O Natal é particularmente difícil. Os quatro pensavam nalgum tipo de versão dessa mesma frase. Beverly afastou-se de forma quase impercetível. Ninguém gostava de ver Franny a ser magoada, mas a verdade é que Beverly receava a sua filha mais velha e nunca intervinha a não ser à evidência de sangue.

– Não me dirija a palavra – ameaçou Caroline a Bert, cuspindo ligeiramente com a raiva que sentia. – Fale com a sua informadora. – Franny soluçava. À hora de deitar, a marca avermelhada da mão da irmã já se teria transformado numa nódoa negra. Caroline virou costas e subiu as escadas a patear, cada passo parecia mais uma desferida. Seria forçada a estudar sem uma fatia de bolo.

Assim que Fix iniciou as aulas, as suas conversas com as filhas giravam em torno de pequenos delitos.

– A senhora Palsgraf estava na estação de comboios de East New York Long Island perto de uma grelha – diria, ocasionalmente, em conversa, como se estivesse a contar uma história sobre um vizinho. Dirigia-se somente a Caroline, porque Franny pousara o telefone para retomar a leitura de *Kristin Lavransdatter*[*]. Durante os «Verões das Aulas de Direito», como mais tarde se refeririam a esta época, Caroline e Fix sentavam-se em torno da mesa da cozinha, com Fix a analisar os casos. Dizia que o ajudava, que se conseguisse apresentar um caso às filhas, isso significava que conseguia perceber os meandros jurídicos envolvidos.

– Dir-vos-ão que a faculdade de Direito é para vos ajudar a aprender a pensar, mas na verdade não é. É para vos ensinar a memorizar. – Segurou a mão no ar, contando com os dedos. – Negligência, homicídio involuntário, invasão de privacidade, difamação e calúnia, violação de propriedade... – Caroline tomava apontamentos. Franny lia livros, atribuiu à época em que o pai estudou Direito o crédito de ter sido responsável por ela ter lido livros como *David Copperfield* e *Grandes Esperanças*[*], tudo da autoria de Jane Austen e das irmãs Brontë e, por fim, *O Mundo Segundo Garp*[*].

Sempre existira um elo especial entre Caroline e o pai, mas agora, que tinham tema de debate com as dez regras de exceção das Normas do Homem Condenado à Morte, estavam ainda mais próximos. Caroline e Fix concordavam

que não existia nada mais aborrecido do que a legislação sobre matéria de propriedade, que tinha cinco vezes mais pormenores e menos argumentação intuitiva que os auxiliasse. Nada mais podiam fazer do que analisar os casos com repetições intermináveis e mnemónicas inteligentes. Em que consiste uma oferta? Em que consiste uma aceitação? O que pode ser considerado um contrato? O que pode ser considerado uma entidade beneficiária indireta? O direito de propriedade exigia uma atenção redobrada.

– Ainda bem que vão existir dois advogados na família – disse Fix a Franny, à hora do jantar, referindo-se a ele próprio e à filha Caroline. – Alguém tem de ganhar dinheiro para te comprar esses livros todos.

– São gratuitos – respondeu Franny. – Vou buscá-los à biblioteca.

– Graças a Deus pelas bibliotecas – zombou Caroline.

Era impressionante o grau de condescendência que podia estar presente naquela simples frase «*Graças a Deus pelas bibliotecas*». Fix gargalhou, mas depois conteve-se. Franny achou que o pai não pretendia ser jocoso.

Fix favorecia Caroline, mesmo antes de começar a estudar Direito. Talvez por ser a mais velha e por terem tido mais tempo para se conhecerem um ao outro antes do divórcio. Talvez por Caroline odiar tanto Bert, como uma chama que nunca se apaga, e porque fazia de tudo para tornar miserável a vida da mãe, reportando depois ao pai todos os acontecimentos. Fix dir-lhe-ia para ser mais branda, ao mesmo tempo que apreciava os meticulosos pormenores do relato. Também ele gostaria de ter a oportunidade de tornar a vida de Beverly um inferno. Caroline era muito parecida com o pai – cabelo castanho e uma tez que ficava dourada aos primeiros raios de sol na praia. Franny era demasiado parecida com a mãe, demasiado delicada, de tez clara e movimentos descoordenados. Demasiado bela e, ao mesmo tempo, nunca tão bela como a mãe. Um dia, pelas seis da manhã, Fix levou as raparigas, com as suas raquetes de ténis e latas com bolas por estrear, ao beco atrás da mercearia. Caroline chegava às vinte e sete batidas consecutivas sem falhar. *Tac, tac, tac,* uma e outra vez, de encontro à parede branca que pertencia às traseiras da mercearia, os seus braços longos balançavam intuitivamente graciosos, acompanhando o movimento atlético. O melhor que Franny conseguiu foram três batidas consecutivas e acontecera apenas numa ocasião. Mas a verdadeira diferença

entre as duas era que Caroline se interessava. Interessava-se pelo estudo do Direito, pelo ténis e pelas notas da escola, de que até nem gostava assim tanto. Interessava-se pelo que o pai dizia sobre a mãe e por qualquer outro assunto que ele abordasse. Franny apenas queria regressar para dentro do carro e ler um livro da Agatha Christie. E, na maioria das vezes, permitiam-lhe que o fizesse.

Depois de completar o segundo dia do exame da ordem dos advogados do estado da Califórnia, Fix telefonou às filhas, que estavam na Virgínia, para lhes contar quão loucas eram as pessoas naquela sala de exame. Levavam para o exame as suas próprias cadeiras ou os seus candeeiros de estudo da sorte. Um dos tipos era tão supersticioso que trouxe um amigo para o ajudar a carregar a secretária pessoal para fazer o exame. Que malucos! O teste era longo e extremamente difícil, como uma corrida desde o MacArthur Park até à academia de polícia durante o verão, mas era para isso que treinavam, para que, quando chegasse a altura de atuar, estivessem preparados. Fix estava preparado e o exame terminara. Estava feito.

Franny contou a Bert a novidade. Entrou no escritório dele e fechou a porta atrás de si antes de começar a falar, ainda assim, manteve o tom de voz baixo.

– O pai já fez o exame da ordem dos advogados.

Franny e Bert davam-se bem, mesmo quando Bert e Beverly já não estavam juntos e apesar de Caroline e Bert nunca se terem entendido. Bert levantou os olhos da pilha de pastas dobradas diante dele.

– E passou?

– Acabou de fazer o exame – respondeu Franny. – Mas tenho a certeza de que passou. – Quatro anos sem fazer mais do que trabalhar, estudar e assistir às aulas, a sacrificar férias e todo o dinheiro que tinha... só podia ter passado. Nem sequer havia hipótese de o resultado ser diferente.

Bert abanou a cabeça.

– A Califórnia é dura. Muitos têm de repetir o exame algumas vezes até serem aprovados.

– Teve de fazer o exame algumas vezes?

Bert, que estava sempre pronto a ser brusco com todas as pessoas, era mais delicado com Franny. Olhou para ela, que permanecia com os ombros muito

direitos, abanou ligeiramente a cabeça, como se pedisse desculpa, e voltou ao trabalho.

Fix reprovara no exame.

Foi Marjorie quem telefonou a informar as raparigas.

– Ninguém passa à primeira tentativa. Conheço muitos advogados e todos eles disseram para esquecer. O vosso pai vai ter de, simplesmente, tentar de novo. Na segunda tentativa, já se sabe o que se tem de enfrentar. À segunda vez, tudo faz sentido.

– Será o mesmo exame na segunda tentativa? – quis saber Caroline, que chorava, mas procurava não o dar a entender, colocando a mão sobre o bucal do auscultador.

– Creio que não – respondeu Marjorie, com alguma hesitação. – Acho que o exame é sempre diferente.

– E o que fez ele? – perguntou Franny na outra extensão, sabendo que lhe competia continuar a conversa. – O que aconteceu, quando ele soube? – Fix pedira a Franny e Caroline que rezassem por ele no dia do exame e assim o fizeram. Pediram às freiras do Sagrado Coração que também rezassem por ele e, ainda assim, reprovara no exame.

– Foi a casa da minha mãe, que lhe fez um belo jantar.

– Isso é bom – respondeu Franny. Sabia que a mãe de Marjorie conseguia fazer com que qualquer pessoa se sentisse melhor, independentemente do problema.

– Fez-lhe um gim tónico e um rolo de carne. Disse ao Fix que era uma lástima não ter passado no exame, mas que ao menos poderia repeti-lo. Reforçou que a maioria dos testes que temos na vida apenas ocorre uma vez. Acho que isso o fez sentir-se melhor.

Para o segundo exame, Fix elaborou cartões com resumos. Conhecia um tipo que usara essa técnica na segunda tentativa e fora aprovado. Nesse verão, Fix mostrou os cartões às filhas. Mantinha-os organizados numa caixa de sapatos, divididos por tópicos. Eram mais de mil cartões. Caroline interrogava-o mesmo quando levavam o carro à lavagem automática, mas efetivamente não o testava. Fornecia-lhe as respostas, segurando o cartão de encontro ao peito.

– A doutrina que permite a uma pessoa que usufrui de um terreno, apesar de ser propriedade de terceiro, poder adquirir um título válido sobre o mesmo, desde que determinadas leis gerais estejam presentes, e a usucapião...

Franny mantinha-se de pé junto das vidraças da lavagem automática, acompanhando o carro à medida que este passava pelas escovas de trapos que estavam penduradas no teto (continuidade), pelos ensaboadores (hostilidade), pelos aspersores (declarado e notório) e pelos pulverizadores de cera (efetividade). Permitia-se ser preenchida pelo processo de lavagem, em cada um dos seus componentes, mas ainda assim não era suficiente para suportar os quatro elementos da usucapião.

Por muito brilhantes que os cartões de resumo fossem, não resultaram, ainda que, na segunda tentativa, Fix tivesse levado o seu próprio candeeiro de secretária para dar sorte. A mãe de Marjorie voltou a preparar-lhe o jantar e incentivou-o a fazer o exame da ordem pela terceira vez, que não era nenhuma vergonha, muitos antes dele tiveram de o repetir. Assim, Fix fez de novo o exame e, ao ser reprovado pela terceira vez, desistiu. Nunca mais ninguém falou sobre a faculdade de Direito, exceto mais tarde quando se aplicava a Caroline e a Franny.

Quando Caroline fez o LSAT, no último ano em Loyola, o seu guia Kaplan mantinha-se íntegro com a ajuda de fita adesiva, estava sublinhado com marcadores de três cores diferentes e repleto de lembretes escritos em notas adesivas. Os examinandos são uma raça supersticiosa, por isso, apesar de ter o cuidado de ler as versões atualizadas do guia nos seus grupos de estudo, a cópia que lia na cama no dormitório, antes de adormecer, era a que o pai lhe oferecera naquele Natal na Virgínia. A teoria de Fix e Bert de que um estudo constante durante tantos anos resultaria numa classificação perfeita não estava de todo correta. Um resultado perfeito no LSAT é de cento e oitenta pontos. Caroline Keating conseguiu cento e setenta e sete pontos. Não sabia onde perdera aqueles três pontos, mas nunca se perdoou por isso.

* * *

Cerca de duas semanas depois de Franny ter miraculosamente deduzido que o

número do quarto de Leo Posen era o 821, de o ter conseguido enfiar lá dentro e de ter saído do hotel sem que ninguém desse conta, recebeu uma chamada telefónica no bar. Passavam dez minutos das seis da tarde, todas as mesas estavam preenchidas e todos os bancos do bar ocupados. As pessoas apinhavam-se atrás das que estavam sentadas, com as bebidas na mão, rindo e conversando demasiado alto, na expectativa de que algum lugar ficasse livre. Uma das outras empregadas do bar, a rapariga de nome Kelly que tinha um ex-marido e um filho, pousou a mão nas costas franzinas de Franny e quase encostou os lábios pintados à orelha dela ao sussurrar-lhe algo ao ouvido. Tudo o que aquelas pessoas faziam estava carregado de intimidade, mesmo tratando-se de passar uma mensagem.

– Tens uma chamada telefónica – disse, a sua voz deslizava sob o bulício da sala.

Franny nunca recebera um telefonema pessoal no bar. Kelly estava sempre a recebê-los, do ex-marido, da ama que ficava com o filho e da mãe que, por vezes, tomava conta do bebé. Raramente a criança aguentava o turno inteiro sem passar por alguma necessidade insolúvel. Franny perscrutou mentalmente quem poderia ter morrido e apercebeu-se de que nunca seria capaz de adivinhar. O barulho na sala era ensurdecedor, com vozes a competirem entre si para se fazerem ouvir, o tilintar dos copos e Luther Vandross no gravador, o que significava que a seguir se escutaria Bing Crosby. Heinrich segurava no telefone com o braço bem estendido para o lado, como se se tratasse de uma nojenta carcaça podre raspada do asfalto, ao mesmo tempo que mantinha uma conversação com um cliente. O queixo permanecia ligeiramente descaído, em modo de reprovação. Não necessitava de proferir qualquer palavra. Franny colocou a mão sobre um dos ouvidos, como se isso fosse eficaz no bloqueio do ruído da sala.

– É Leo Posen – ouviu-se do outro lado da linha.

– A sério? – retorquiu Franny. Não seria isso que diria, se tivesse tido tempo de refletir sobre o assunto. Desde que o acompanhou ao quarto do hotel, relera *First City* e isso manteve-o muito presente na sua mente. Franny duvidava de que ele se recordasse de algum pormenor daquela noite e, mesmo que conseguisse lembrar-se, nunca lhe ocorreria que pudesse ter novamente notícias

dele. Imaginar que Leo Posen pudesse telefonar-lhe exigia um grau de autoengrandecimento que Franny Keating não possuía.

– Devia ter-lhe telefonado mais cedo.

– Porquê? – perguntou Franny.

– Pu-la em sarilhos e nunca cheguei a certificar-me de que estava bem.

– Oh, não foi nada – respondeu ela. Olhou para o bar e imaginou as personagens dos livros dele ali sentadas a tomar uma bebida, Septimus Porter em pessoa segurava um copo alto, as suas raparigas, ao lado, causavam uma grande algazarra.

– Não consegui ouvi-la.

– Eu disse que *não foi nada*. Está realmente muito barulho no bar. É a *happy hour*. – Heinrich fitava Franny e ela colocou a mão sobre o auscultador. – É o Leon Posen – disse para Heinrich, que se limitou a abanar a cabeça em reprovação e a afastar-se.

– Será que pode vir à cidade do Iowa na próxima sexta-feira?

– Ao Iowa?

– Há uma festa onde tenho de estar presente e pensei que talvez gostasse de ir. – Parou por instantes e Franny esforçou-se por escutar algum som indicador do sítio onde ele pudesse estar, mas o barulho do bar não o permitia. Encostou o auscultador com mais força ainda contra a pobre orelha.

Por fim, Leo Posen começou de novo a falar.

– Bem, não é inteiramente verdade. Acho até que nem gostaria muito desta festa, mas pensei que talvez eu a conseguisse suportar se viesse comigo. Arranjo-lhe um quarto num hotel. Não é como o Palmer House, mas estaria bem por uma noite.

– Eu não tenho carro – continuou Franny.

– Eu envio-lhe um bilhete de autocarro! Isso ainda é melhor. Nunca podemos ter a certeza de como vai estar o tempo por aqui. Ficaria preocupado consigo se viesse a conduzir. Importa-se de fazer a viagem de autocarro? Posso enviar o bilhete ao seu cuidado para o hotel. Para a Franny do bar de Palmer House. Qual é o seu apelido?

Do outro lado da sala do bar, Franny conseguia ver um homem, sentado a uma das suas mesas, de copo no ar, inclinando-o de um lado para o outro. Nunca devia chegar àquele ponto, em que os clientes tinham de implorar por uma bebida.

– Keating. Ouça, tenho de ir – disse Franny, de olhos fixos naquele copo vazio, no modo como o gelo captava a luz sobre as cabeças da multidão. – Vou perder o meu emprego, de novo. Eu posso ir de autocarro.

Franny estava escalonada para trabalhar nesse dia, mas nunca fora um problema conseguir alguém para trocar uma sexta-feira. Era em dias como esse que se ganhava mais, por isso sentiu o dinheiro a esvoaçar, assim que abdicou dessa noite. Mesmo não tendo de pagar pelo bilhete de autocarro nem pelo quarto onde ia ficar, esta viagem ia sair-lhe do bolso.

– Ele quer dormir contigo – afirmou Kumar, ao ouvir o relato do telefonema. Quando Franny chegou a casa depois do trabalho, ele ainda estava acordado, sentado à mesa da cozinha, no meio de pilhas de livros e comentários em notas adesivas. Parecia sentir-se ligeiramente abatido, embora tivesse de despachar, nessa mesma noite, a revisão de um artigo com cerca de cem páginas e com mais de cem notas de rodapé. Não tinha energia suficiente para pensar em Franny, quanto mais dormir com ela.

Kumar estava certo, é evidente – que outra razão poderia haver para alguém importar uma empregada de bar de um estado diferente? – mas, de certo modo, não era isso que lhe parecia. Leo Posen esperara duas semanas antes de lhe telefonar, isso significava exatamente o quê? Que tentara esquecê-la e não conseguira? Que as empregadas de bar no Iowa não estavam disponíveis?

– Talvez ele aprecie a minha inteligência – disse Franny e riu-se da sua própria estupidez jovial. – Talvez goste da minha companhia encantadora.

Kumar encolheu levemente os ombros, conciliante, mas não acrescentou nada.

Na noite em que conheceu Leo Posen, Franny acordara-o e relatou-lhe toda a história, tal como previra que faria. Eram quase duas horas da madrugada, quando subiu para a cama dele no quarto escurecido e o acordou, abanando-lhe o ombro.

– Adivinha quem acabei de conhecer! Tens de adivinhar!

Kumar adorava os livros dele. Pouco depois de se conhecerem, haviam falado horas a fio sobre os livros. Estivera a perscrutar a estante de Franny quando esta fora à cozinha fazer uma cafeteira de café fresco e, ao regressar com as canecas, Kumar segurava no seu exemplar de *Septimus Porter*. Ignorara o Updike, o Bellow ou o Roth, que também estavam nas prateleiras.

– Leste Leon Posen? – perguntara, então, para se certificar de que o livro não fora deixado na estante por algum ex-namorado de Franny.

Franny e Kumar conheceram-se pouco depois de ambos terem ingressado na Universidade de Chicago. Sentaram-se ao lado um do outro nas aulas de Direito Civil e decidiram estudar em conjunto. Tornaram-se amigos antes de se aperceberem de que em breve haveria pouco tempo para as amizades. Agora que Franny estava falida e a dormir no sofá da casa dele, era difícil perceber o que o perturbava mais sobre a sua viagem ao Iowa, se o facto de uma mulher de quem ele poderia gostar bastante, caso tivesse tempo, estivesse prestes a ir a uma festa noutro estado do país com outro homem, se o facto de achar que gostaria de a acompanhar, ou se o facto de desejar ir no lugar dela.

Leo Posen esperava por Franny no terminal rodoviário da cidade do Iowa. Usava o seu sobretudo preto e o chapéu de feltro cinzento e observava o horário dos autocarros afixado sob um quadro de acrílico pendurado na parede, parecia considerar a hipótese de ele mesmo fazer uma viagem. Vendo Franny dirigir-se a ele, devolveu-lhe um sorriso rasgado, maior e mais agradecido do que qualquer outro que lhe tivesse dirigido no bar.

– Nunca pensei que isto pudesse realmente resultar – confessou Leo, revelando por segundos a adorável e constrangedora sobreposição dos dentes inferiores. Estendeu a mão para a cumprimentar. Franny teria de se lembrar de contar este pormenor a Kumar, pois se o plano era dormir com ela, se fosse essa a sua única intenção, ter-lhe-ia dado um beijo logo à partida.

– Foi uma viagem fácil – afirmou Franny.

– Não está a perceber – exclamou ele, bastante animado. – Pensei que fosse ficar aqui sentado a congelar o traseiro e a ver todas as pessoas a saírem do autocarro que veio de Chicago e que nenhuma delas seria você. Talvez até

ficasse para ver o que acontecia no autocarro seguinte, não fosse eu ter-me enganado no horário. Depois disso, sentir-me-ia um idiota, dir-me-ia quão ridículo teria sido julgar que poderia enviar um bilhete de autocarro a uma estranha e esperar que ela, efetivamente, descesse na paragem, apenas porque eu assim o desejava. Tinha tudo planeado. Na verdade, a certeza de que não viria era tão grande que até considerei a hipótese de nem vir ao terminal rodoviário, só para lhe dar uma lição.

– Isso seria horrível – declarou Franny, porque se apercebeu, entretanto, de que nem sequer tinha o número de telefone dele ou a morada.

Ele abanou a cabeça.

– Sentir-me-ia muito mal e tolo e velho durante todo o dia e, depois, teria de ligar para o diretor do departamento para lhe dizer que, mediante as circunstâncias, não poderia de forma alguma estar presente na festa.

– Bem – disse Franny, sem perceber muito bem aquela narrativa, – parece que lhe arruinei os planos.

– É verdade que sim! Arruinou completamente o dia. – Esfregou as mãos uma na outra para as aquecer e afundou-as dos bolsos do sobretudo. O terminal rodoviário da cidade era mais agradável do que Franny antecipara, o chão fora varrido e não havia pessoas a dormir nos bancos da zona de espera, mas estava tanto frio no interior como no exterior, o habitual frio gélido e profundo da pradaria ventosa do centro-oeste do país em finais de fevereiro. Dentro da sua cabine, o vendedor de bilhetes usava chapéu, luvas e um casaco grosso.

– Quer ir primeiro ao hotel refrescar-se? Ou descansar um pouco?

Franny abanou negativamente a cabeça.

– Nem por isso. – Não fazia sentido que ele parecesse tão surpreendido: é evidente que Franny Keating aceitaria o convite de Leo Posen. A grande questão era, supunha ela, até que ponto ele se via como sendo o Leon Posen? Se ele se visse como o famoso romancista que realmente era, então saberia que ela viria. Todavia, se se visse como alguém que Franny conhecera no bar, bem, nesse caso era de esperar a sua surpresa. Ela nunca teria entrado no autocarro por alguém que conhecera no bar, nem por outra qualquer circunstância que lhe pudesse ocorrer naquele momento. E também não teria levado mais ninguém até ao

quarto do hotel, na verdade, só a ideia já lhe provocava um arrepio que nada tinha que ver com o terminal rodoviário gelado. Ainda assim, ao olhar para Leo, Franny não teve a sensação familiar de ter cometido um erro. Apenas viu Leo e estava contente por estar no Iowa.

Ele pegou no saco de lona que Franny trazia ao ombro, o mesmo que usava para levar os livros escolares nos tempos da faculdade. Sempre fora muito pesado. Agora transportava uma camisa de noite e uma escova de dentes, uma muda de roupa para o dia seguinte e o livro de contos de Alice Munro que viera a ler durante a viagem.

– Não parece que esteja a planear ficar – observou Leo.

– Apenas por esta noite.

– Bem, acho que devo mostrar-lhe um pouco da cidade, antes que escureça mais.

– Vi bastante no autocarro, ao entrar na cidade. Parece o Illinois nas zonas que não são a cidade de Chicago. – A viagem levara cinco horas e meia. Nos intervalos dos contos de Munro, observara os infindáveis campos cobertos de neve, com os caules do milho partidos a perfurarem a neve e as suas longas sombras a alongarem-se à luz tardia daquele dia. Encostara a cabeça ao vidro da janela. Campos atrás de campos e nem um centímetro desperdiçado com algo decorativo e inútil como uma simples árvore.

– Então já viu tudo o que havia para ver – disse Leo Posen e apontou para as enormes portas duplas que davam para o parque de estacionamento. – Vou levá-la a jantar. – Juntos caminharam na direção da massa de ar gelada, uma leve camada de neve começava a cobrir os passeios recentemente limpos.

A neve mais antiga acumulava-se no chão, sobre os carros imóveis que estavam estacionados há mais tempo e nos ramos mais resistentes que suportavam o peso incomportável da neve até à primavera. Franny sentia a sua própria fragilidade perante a luta travada entre o vento gelado e o seu casacão. Não era pior do que Chicago, talvez até estivessem cerca de dois graus a mais, e ainda assim era como se caminhasse de encontro a uma parede de vidros partidos. Imaginou os pioneiros dentro das suas carroças cobertas a atravessarem a pradaria, em busca de uma vida melhor. Porque teriam eles parado ali? Estariam os cavalos coxos? Seria primavera? Estariam com tanta fome que

pararam as carroças e disseram *Isto é suficientemente longe*?

– Explique-me novamente por que razão isto é melhor do que Los Angeles? – pediu Franny. Desejou poder enfiar o braço dela no dele e encostar-se ao seu corpo. Era suficientemente alto para bloquear o vento.

– Não estou casado com ninguém no Iowa.

– Esperemos que isso se aplique à maioria dos estados.

– É isso que mais aprecio em si. Tem sempre uma abordagem positiva. – Encostou a palma da mão às costas de Franny e conduziu-a para dentro de um restaurante italiano que parecia ter sido uma cafetaria não há muito tempo. – Estou a ser otimista – disse Leo, ao olhar para o relógio. – Provavelmente, não temos tempo para jantar. Talvez apenas para bebermos alguma coisa. Consegue ficar bem apenas com uma bebida, por agora? Haverá muito para comer mais tarde, na festa.

Franny estava satisfeita somente por poder fugir àquela temperatura horrível. O vento soprou pela porta atrás deles, provocando uma aragem quase ártica nas mesas, o que levou os outros clientes a olharem na sua direção. O restaurante, ao contrário do terminal rodoviário, tinha um zeloso aquecedor.

– Fico bem, sim.

Começou a desapertar o fecho do casacão e a retirar o cachecol e o chapéu. Usava botas com sola e biqueira de borracha. Estavam em sintonia com as restantes peles de ursos de peluche abandonados presentes na sala. Não existia vaidade no inverno.

A empregada de servir ao bar era uma mulher próxima dos seus sessenta anos, com madeixas de cabelo louro encaracoladas e presas no topo da cabeça e um uniforme preto que quase falhava na sua tarefa de conter o peito. Tinha o nome de Rae bordado em cursivo serpenteante sobre o peito esquerdo.

– Aqui está ele! – exclamou Rae. – A abrigar-se do frio antes de ir trabalhar?

– Achei que deveria fazê-lo – respondeu Leo.

– Tentei sair – disse Rae, dirigindo-se a Franny, com um olhar brilhante a espreitar por entre a gaiola de picos formada pelas pestanas cobertas de rímel –, mas não fui capaz. O que vai beber, querida?

– O mesmo – declarou Franny, inclinando a cabeça na direção de Leo Posen. – E talvez uns gressinos e um copo de água.

– É uma boa ideia – respondeu a mulher, retirando uma garrafa de uísque da prateleira atrás dela. – Isso ajuda a absorver. Vai apresentá-lo?

– Mas não se conhecem? – perguntou Franny, confusa. A empregada do bar parecia tê-la confundido com outra pessoa. Estendeu a mão na direção do homem a seu lado. – Conhece Leo Posen?

Isto divertiu-os imenso, a Leon e à empregada do bar, e ambos gargalharam ao ponto de alegrarem aquele cantinho do bar, naquele sombrio restaurante.

– Sou a Rae – disse ela e estendeu a mão na direção de Leo que a agarrou com ambas as mãos para a cumprimentar, como se faz quando se encontra um amigo em boa hora.

– É ela que me faz o gelo – informou Posen.

– Mantenho-o num saco de plástico com fecho – Rae esticou-se na direção do frigorífico por baixo do bar e retirou o saco onde escrevera *Não tocar* com um marcador preto grosso. – Ele julga que o Iowa está a tentar envenená-lo com gelo de má qualidade.

– Ele disse-me – respondeu Franny, acenando com a cabeça.

– Eu disse-lhe isso? – perguntou Leo, retirando o cachecol e o sobretudo. Estava, de novo, de fato, desta vez azul-escuro, e com uma gravata às riscas.

– A quem é suposto apresentá-lo?

– Apresenta-o à plateia, na sessão de leitura desta noite – respondeu Rae, que usou um copo alto para servir duas doses de gelo. – Escritores famosos raramente significam alguma coisa nesta cidade, mas gosto de assistir sempre que tenho uma noite livre. Há anos que vou assistir. Assim tenho oportunidade de ver os meus clientes enquanto estão a trabalhar. E sabe o que todos me dizem? Dizem «Rae, devias ser tu a escrever livros».

Leo acenou com a cabeça, em sincera concordância.

– E devias.

Rae sorriu para Leo e voltou a centrar a atenção em Franny.

– Por vezes, pedem a um dos miúdos do programa para apresentarem os

velhotes. E, por falar nisso, devia dar uma olhadela ao seu bilhete de identidade.

Franny procurou pela carteira dentro da bolsa e mostrou a carta de condução à empregada do bar, que retirou do bolso das calças um par de óculos de ver ao perto e olhou efetivamente para o documento; foi mais do que Franny alguma vez fizera, enquanto empregada de mesa num bar. Raramente pedia a identificação a um cliente e, quando o fazia, assumia que alguém com coragem suficiente para mostrar a identificação teria, certamente, a maioridade.

Depois de ficar satisfeita com a apreciação do documento, Rae entregou os copos a ambos e a carta de condução a Leo.

– Olha para isto – disse Rae. – A Frances tem quase vinte e cinco anos. Francamente, juraria que teria uns dezassete. É o problema de envelhecer. Todos os outros parecem mais novos.

Leo pegou nos copos e analisou o documento.

– Estado da Virgínia? – inquiriu espantado e virou a carta de condução para ver do outro lado, talvez equacionando se ela escolhera ser dadora de órgãos. – Pensava que era de Los Angeles.

– E sou, mas aprendi a conduzir na Virgínia.

– Então, se não é tua aluna e não sabe que vais fazer uma leitura pública dentro de vinte minutos, quem é ela?

O tom de Rae mantinha-se alegre, mas agora dirigia-se apenas a Leo, que continuava a olhar para a carta de condução.

– Ela é a minha empregada de bar – disse distraído. Depois, caindo em si, olhou para Rae e sorriu. – A minha outra empregada de bar.

Franny não o corrigiu. A mulher atrás do bar parecia não querer ouvir nem mais uma palavra dela. Rae serviu uísque *Dewar* nos dois copos e empurrou-os na direção deles.

– Já são oito – declarou. Os gressinos e a água não estavam à sua responsabilidade. Começava a formar-se uma multidão no canto mais quente do bar, que ficava mais afastado da entrada, e Rae foi atender os clientes.

Leo Posen deixou uma nota de dez dólares em cima da bancada do bar. Se percebeu o que acabara de acontecer com a sua amiga, que se dava ao trabalho

de fazer gelo para ele em casa e trazê-lo para o trabalho num saco de plástico com fecho, não deu qualquer indício. Concentrava-se na sua bebida.

– Tenho de fazer uma leitura e depois há uma festa em minha honra. É uma das obrigações do ofício. Não são muitas e estão todas especificadas no meu contrato. Não tenho de estar presente em qualquer outro tipo de festa.

– Ia dizer-me alguma coisa sobre esta leitura pública?

Leo abanou levemente a cabeça.

– Da maneira como imaginei, não pensei que fosse necessário. Primeiro, porque tinha as minhas dúvidas de que chegasse sequer a vir de Chicago de autocarro e, depois, achei que se realmente viesse, estaria demasiado cansada da viagem e quisesse descansar no quarto do hotel. Quando vou a um sítio novo, fico sempre cansado. As viagens cansam-me, a novidade cansa-me e nunca viajo de autocarro, pelo que julguei que, se viesse, havia de querer ir direta para a cama. É evidente que é mais resiliente do que eu.

– Mesmo que conseguisse livrar-se de mim e abandonar-me no quarto do hotel enquanto estivesse a fazer a sua leitura e me fosse buscar depois para a festa, não acha que alguém poderia dizer: «Gostou da leitura?»

Se ela nunca tivesse conhecido Leo Posen em pessoa, ainda assim teria vindo. Se soubesse que Leo Posen iria fazer uma sessão de leitura na cidade do Iowa, teria vindo de mote próprio de autocarro. Kumar teria abandonado as suas responsabilidades como editor de uma publicação sobre Direito, o que nunca fazia, apenas para poder acompanhá-la. Era isso que Leo Posen não compreendia.

– Ou talvez dissessem «Meu Deus, que sessão de leitura interminável». E, a propósito, eu não estaria a tentar livrar-me de si. Estaria a poupá-la. O ímpeto era de educação.

Franny sorriu e Leo Posen olhou para o relógio, esticando, de seguida, o pescoço na direção de Rae. Na outra ponta do bar, ela ria junto dos seus novos clientes, com as costas largas categoricamente viradas para eles os dois.

– Você é que é a profissional da área. Qual é o melhor truque que conhece para fazer com que o empregado de bar venha ter com o cliente, se este estiver com pressa para sair?

– Pedir-lhe que o acompanhe à sua leitura – respondeu Franny. – Resulta sempre.

Leo batucou no mostrador do relógio, como se estivesse a perguntar as horas.

– É que seria muito conveniente poder tomar mais um copo antes de irmos.

Franny fez deslizar o seu copo na direção dele. O gelo, feito com tanta dedicação, começava a derreter, suavizando o *Dewar* com água engarrafada de uma nascente ancestral na longínqua França.

– Na verdade, eu não bebo – declarou Franny. – É um truque que aprendi há muitos anos. Faz com que as pessoas gostem de mim.

Leo olhou para o copo e depois, de novo, para Franny.

– Meu Deus – exclamou –, você é mágica.

-

* Grupo de *hip-hop* norte-americano originário da Califórnia. *(N. da T.)*

* Título da música do mencionado grupo que pretende ser uma espécie de julgamento público sobre a atuação da força policial da cidade de Los Angeles, e que traduzido para a língua portuguesa significa: «*Que se lixe a polícia.*» *(N. da T.)*

* Letra da música referida que na língua portuguesa significa: *Não tenho motorista para me guiar. Não tenho um criado para me servir o chá. (N. da T.)*

* Bebida à base de uísque ou *bourbon* que leva sumo de limão, açúcar e gelo preparado no copo misturador *(N. da T.)*

* Letra da música referida, que na língua portuguesa significa: «Pergunto-me o que vou eu fazer sem ti.» *(N. da T.)*

**Law School Admission Council*, que consiste num exame de admissão para o exercício do Direito, obrigatório nos Estados Unidos, e sem o qual uma pessoa fica inibida de poder exercer legalmente a atividade de advocacia. *(N. da T.)*

* No original, *A Tree Grows In Brooklyn*, da autora norte-americana Betty Smith. *(N. da T.)*

* Traduzido para a língua portuguesa: «*quando era miúdo, experimentei ser um moço de recados numa firma de advogados.*» *(N. da T.)*

* Marca norte-americana do departamento de plásticos da empresa Mobil que comercializa produtos de consumo doméstico como sacos do lixo, caixotes do lixo, artigos de mesa e de cozinha descartáveis, sacos de armazenamento com fecho, etc. *(N. da T.)*

* Trilogia de romances históricos escritos pela norueguesa Sigrid Undset, laureada com o Prémio Nobel. *(N.*

da T.)

[*] Ambos os títulos do romancista inglês da era vitoriana Charles Dickens. *(N. da T.)*

[*] Do autor norte-americano John Irving. *(N. da T.)*

5

Uma bicicleta desconhecida estava estacionada à entrada do seu apartamento, onde não era suposto deixar bicicletas, mas, claro, isso não foi suficiente para alertá-la. Jeanette abriu a porta de casa, com as asas dos sacos das compras a vincarem-lhe os pulsos e o casaco e as botas tornados pesados e quentes pelos quatro lanços de escadas que acabara de subir, para encontrar o irmão sentado no sofá com o filho dela ao colo.

– Olha! Olha! – exclamou o marido. De tão excitado que estava, Fodé abraçou-a, antes de se lembrar de a ajudar com os sacos de plástico das compras. Bintou, a ama do filho, apressou-se a retirar-lhe os sacos das mãos e a despir-lhe o casaco. Ambos a tratavam assim, como se ela fosse a rainha de Williamsburg.

– Albie? – Não havia dúvida de que se tratava do seu irmão, mas era uma grande diferença ver diante dela a criança que se tornara um homem. O cabelo de Albie, que fora uma confusão adorável de cabelos escuros encaracolados, estava agora enredado numa longa trança, que fazia Jeanette interrogar-se se ele alguma vez cortara o cabelo desde a última vez que o vira. E de onde surgiram aquelas maçãs do rosto? Existiam rumores da presença de traços da tribo Mattaponi gravados no ADN da família do lado da mãe. Talvez os Mattaponi se tivessem manifestado na mais nova das crianças Cousins. Parecia estar a encarnar a personagem. «O Meu Índio Selvagem», costumava Teresa dizer, ao vê-lo correr pela casa aos gritos. E agora, aqui estava ele, magro e sossegado.

– Surpresa – disse Albie, usando uma expressão demasiado despojada para: *Estou surpreendido por estar no teu apartamento. Estás surpreendida por me ver aqui*. Depois, acrescentou algo que, para ele, era ainda mais surpreendente: – Tens um bebé. – Dayo, o bebé, segurava na corda que era o cabelo de Albie. Lançou um enorme sorriso à mãe, para lhe dizer que estava contente por vê-la regressar para junto dele e que gostava da presença daquele convidado tão

exótico.

– O cachecol – lembrou Bintou e desenrolou o pedaço de lã em torno do pescoço de Jeanette, que retirou o chapéu da cabeça e sacudiu a neve derretida. Estavam no mês de fevereiro. Jeanette virou-se para o marido.

– Este é o meu irmão – afirmou, como se fosse ele quem acabara de chegar. Parecia ser quase acidental, ver Albie sentado na sua sala de estar, como se fossem irmãos há muito desencontrados que de repente se cruzavam num aeroporto ou num funeral.

– Encontrei-o na rua! – exclamou Fodé. – Quando cheguei do trabalho, estava a afastar-se de bicicleta, vindo do nosso prédio.

Albie assentiu, confirmando a história implausível.

– Veio a correr atrás de mim. Pensei que fosse um maluco qualquer.

– Nova Iorque – disse Bintou.

As boas novas inundavam Fodé, jorravam dele com a excitação de tudo ainda muito presente.

– Excetuando o facto de eu estar a chamar o teu nome, Albie! Albie! Os malucos não nos chamam pelo nome.

Jeanette desejava apenas poder refugiar-se, por momentos, no átrio da entrada, para reorganizar os pensamentos. A sala parecia demasiado apertada: Albie e Dayo sentados no sofá, como se fossem convidados, enquanto ela, Fodé e Bintou permaneciam de pé. Teriam chegado naquele instante ou já estariam à espera dela há algum tempo? Teria ela perdido grande parte da conversa?

– Estavas simplesmente a passar pela rua? – perguntou Jeanette a Albie, *Precisamente na minha rua, com tantas ruas que existem no mundo?*

– Vinha visitar-te – respondeu Albie. – Toquei à campainha. – E encolheu os ombros, como que a dizer que pelo menos tentara contactá-la.

– Mas tocou na campainha errada – acrescentou Bintou. – Não tocou aqui.

Jeanette virou-se, de novo, para o marido. Nada daquilo fazia sentido.

– E como sabias que era o meu irmão?

Não existiam fotografias do irmão no apartamento e Fodé, seguramente, nunca o conhecera. Jeanette tentou recordar-se da última vez que o vira. Albie

entrava num autocarro com destino a Los Angeles e tinha dezoito anos. Fora há muitos, muitos anos.

Fodé riu-se e até Bintou cobriu a boca com a mão.

– Olha para ti – declarou ele.

Em vez disso, Jeanette olhou para o irmão. Era uma versão exagerada dela própria: mais alto, mais magro e de tez mais escura. Ela diria que não eram muito parecidos, exceto quando comparados com os africanos ocidentais presentes na mesma sala. Era curioso que pudesse, alguma vez, existir no apartamento alguém que se assemelhasse a ela, sendo que Dayo era muito parecido com o pai e com a ama. Quando, numa noite, Bintou lhe apareceu à porta, com Dayo amarrado ao peito, engenhosamente enrodilhado em metros de pano de um amarelo vivo, Jeanette foi incapaz de conter o pensamento *A sério? Este é o meu filho?*

– Somos assim tão parecidos? – perguntou ao irmão, mas Albie não respondeu. Tentava desenlaçar os dedos pequeninos de Dayo do seu cabelo.

– Quis esperar para te ver assim tão feliz – confessou Bintou, apertando o braço de Jeanette. – Agora estou de saída. É um momento para a família. – Inclinou-se sobre o bebé e beijou-lhe o topo da cabeça várias vezes. – Até amanhã, homenzinho. – Depois acrescentou algo em língua susu, algumas palavras semelhantes ao canto dos pássaros, com o intuito de ligar o bebé a Conacri, a terra-mãe.

– Eu vou acompanhá-la – declarou Fodé. – Assim vocês os dois têm tempo para conversar. – Fodé tinha de os deixar a sós. Não conseguia conter a sua boa disposição nem mais um segundo, a sua exaltação perante a visita de um familiar. Vestiu o casaco, o chapéu e o cachecol de Jeanette, porque estavam ali disponíveis e porque Fodé não fazia distinção entre o que era dele e o que era dela. – Adeus! Adeus! – acrescentou, acenando incessantemente, como se fosse acompanhar Bintou de regresso à Guiné. Por mais curta que fosse a ausência, existia sempre grande aparato nas despedidas de Fodé.

– Explica-me uma coisa – proferiu Albie, assim que a porta se fechou. A intensidade dos passos diminuía a cada lanço de escadas e a animada elegância da língua francesa desvanecia-se atrás deles. Quando estavam a sós, Fodé e Bintou falavam francês um com o outro. – Eles são um casal?

Jeanette detestava admiti-lo, mas sentia-se melhor agora que eles tinham saído, havia mais espaço na sala apertada, mais ar para respirar.

– Fodé é o meu marido.

– E ele tem duas mulheres?

– A Bintou é a nossa ama. São ambos da Guiné e ambos vivem em Brooklyn. Isso não faz deles um casal.

– E tu acreditas nisso?

Jeanette acreditava, efectivamente, nisso.

– Não precisas de procurar outras formas de me enlouquecer. Ver-te aqui já é suficiente. A mãe sabe onde estás?

Albie ignorou a pergunta.

– E este é realmente teu? – Afastou os braços até onde a sua trança permitia e abanou Dayo para a frente e para trás, o bebé ria, balançando as pernas para cima e para baixo. – Consegues imaginar o que os velhos Cousins diriam a este respeito? Obrigavam-te a entregá-lo à Ernestine.

– A Ernestine morreu – informou Jeanette. Morrera por causa da diabetes. Primeiro, perdera o pé e, depois, ficara cega. A avó mencionara as perdas de Ernestine na anual carta natalícia até que, por fim, chegou a notícia de que a empregada da casa morrera. Desde essa altura, Jeanette não voltara a pensar em Ernestine e, perante a recordação repentina do rosto dela, apercebeu-se da sua deslealdade. Ernestine fora a única pessoa em casa dos avós de que Jeanette alguma vez gostara.

Albie fez uma pequena pausa para absorver a novidade.

– Mais alguém?

Mais pessoas haviam falecido, como era evidente, mas não se lembrava de ninguém que Albie também conhecesse. Abanou negativamente a cabeça. O bebé começou a enfiar a trança do irmão na boca e Jeanette pegou nele ao colo, tanto por julgar que Albie talvez não quisesse saliva de bebé no cabelo, como por não ter a certeza de querer que o cabelo do irmão estivesse dentro da boca do filho. Ofereceu o pulso a Dayo, que começou, de imediato, a mordê-lo para aliviar as gengivas doridas, os poucos dentes que tinha massacravam a pele da

mãe. Enquanto sugava e mordia, ergueu os olhos para fitar os de Jeanette. Algo naquela ânsia de morder a tranquilizou, trouxe-a de volta a si mesma, àquela sala, àquele momento.

– Já que ias ter um filho africano, não podias ter-lhe dado um nome menos nativo?

Jeanette passou os dedos pela densidade abundante do cabelo do filho.

– Para ser franca, dei-lhe o nome de Calvin, mas nunca consigo chamar-lhe isso. Durante muito tempo, apenas nos referíamos a ele como «o bebé». Foi o Fodé quem começou a tratá-lo por Dayo.

Involuntariamente, Albie endireitou as costas, inclinando-se, de seguida, para fitar o bebé nos olhos.

– Cal?

– Por onde tens andado? – quis saber Jeanette.

– Na Califórnia. Era altura de partir.

– Na Califórnia? Este tempo todo?

Albie sorriu ligeiramente perante a impossibilidade de tal ideia e, nesse sorriso, Jeanette viu algo do irmão que outrora conhecera.

– Nem sequer perto – respondeu Albie. As mangas da sua camisola preta estavam arregaçadas até aos cotovelos, revelando faixas padronizadas de tatuagens negras que circundavam os pulsos como grossas pulseiras. Tudo era preto: as tatuagens, a camisola, as calças de ganga, as botas de trabalho. Jeanette interrogava-se se ele tinha um traço de lápis preto em redor dos olhos ou se as pestanas eram, efetivamente, assim tão escuras.

– E agora vives aqui na cidade? – Não era a pergunta que mais desejava fazer-lhe, mas, na verdade, não existia apenas uma pergunta.

– Não sei – Albie esticou-se e tocou com a ponta dos dedos no queixo de Dayo, fazendo com que o bebé se risse de novo. – Vamos ver como as coisas correm.

Jeanette viu, então, o saco de lona diante do sofá, a alguns centímetros da biqueira das suas botas de inverno. Ainda não reparara no saco, porque centrara toda a atenção no irmão.

Albie encolheu os ombros, como se nada daquilo fosse ideia sua.

– O teu marido disse que eu podia dormir no sofá até encontrar um lugar.

Teria de ser no sofá, realmente, a não ser que quisesse dormir na mesa do café, no cadeirão onde o Fodé estudava ou na minúscula mesa da cozinha. O bebé dormia com eles no quarto, num pequeno berço entalado entre a cama e a parede. Se Jeanette tivesse de se levantar a meio da noite para ir à casa de banho, afastava os cobertores e rastejava pelo fundo da cama. Jeanette sentou-se no sofá e o bebé, que começara a gatinhar há pouco tempo, esticou os braços para sair do colo da mãe, esforçando-se para ir para o chão. Jeanette fez-lhe a vontade.

– Não é para ficar aqui para sempre – justificou Albie.

Era o mais próximo que conseguia chegar de um pedido de desculpa e sobressaltou-a, pois apesar de não terem espaço, nem disponibilidade, nem recursos financeiros para poderem acolhê-lo, e apesar de ela ainda não o ter perdoado por desaparecer durante os últimos oito anos, enviando, ocasionalmente, um postal pelos correios para ficarem a saber que ainda não morrera, a ideia de ele poder partir novamente deu-lhe vontade de se levantar e trancar a porta. Quantas teriam sido as noites em que necessitou de um sítio onde ficar, mas nunca a contactou, ou a Holly ou à mãe? Se Albie estava com ela naquele momento, isso significava que algo tinha mudado. O bebé encontrou o fecho de correr do saco de lona e estava a tentar descobrir como funcionava.

– Vais ficar aqui – reforçou Jeanette.

* * *

Albie e Jeanette não eram, originalmente, da Virgínia. Ambos nasceram na Califórnia e, nesse aspeto, sempre formaram uma espécie de equipa, apesar de serem uma equipa à qual nenhum dos dois desejava pertencer. Aos vinte e seis anos, depois de engravidar e já casada com Fodé, Jeanette requisitara a emissão do passaporte pela primeira vez. Ele queria levá-la à Guiné para conhecer a família. A questão que a impediu de continuar a preencher o formulário de requisição de emissão do passaporte foi a que se referia ao «local de nascimento». O que desejava escrever era «outro lugar que não a Virgínia». *Outro lugar que não a Virgínia* era de onde vinha. Cal torturara Albie e Jeanette

com a condição inferior do nascimento deles.

– Reparem bem à vossa volta – dissera Cal, durante uma viagem de Arlington para Dulles, com a paisagem a passar diante deles num sombreado multidimensional de verde que nunca se vislumbrava no sul da Califórnia. – Apenas vos deixam entrar agora porque são menores. O pai arranjou-vos permissão. Assim que forem mais crescidos, vão detê-los no aeroporto e metem-vos de novo num avião de regresso.

– Cal – repreendeu a madrasta, dizendo apenas o seu nome. Conduzia o carro e não queria que aquela conversa fosse mais longe, exibiu os seus grandes óculos de sol ao estilo Jackie Onassis através do espelho retrovisor, para lhe mostrar que estava a falar muito a sério.

– E também a mandam a si de regresso – declarou Cal, desafiador, de rosto voltado para a janela. – Mais cedo ou mais tarde.

Depois de Cal ter falecido, nunca mais alguém mencionou que Jeanette, Holly ou Albie seriam enviados de regresso para a Virgínia. Uma vez por outra, o pai viajava de avião até Los Angeles para os levar a visitar o SeaWorld e o Knott's Berry Farm, ou para irem àquele restaurante em West Hollywood onde raparigas nadavam dentro do aquário gigante que acompanhava todo o comprimento da parede, enquanto os clientes degustavam o jantar, mas os longos verões sem supervisão adulta na comunidade da Virgínia haviam acabado. Albie, é certo, regressou para mais um único e desastroso ano escolar depois do incêndio e Holly regressou durante duas noites, já em adulta, numa tentativa de avaliar que paz e perdão conseguira alcançar através do darma, mas Jeanette eliminou por completo tanto o estado da Virgínia como os seus residentes, que incluíam, mas não se limitavam a eles, o pai, os avós de ambos os lados, os tios e as tias, um punhado de primos em primeiro grau, a madrasta e as duas meias-irmãs. Adeus a tudo isso. Ficou com quem considerava ser a sua verdadeira família: Teresa, Holly e Albie, as três pessoas que partilhavam a casa com ela em Torrance, quando lavava os dentes à noite. Era curioso, mas, até esse momento, nunca compreendera até que ponto o pai estivera *ausente*, como os abandonara anos antes e nunca mais regressara, a não ser para passar o dia num parque de diversões. A mãe dormia sozinha no seu quarto, tal como Albie dormia sozinho no dele, mas Jeanette, felizmente, tinha Holly. Durante a noite, ficava acordada

na cama a observar Holly a respirar e prometia a si mesma que iria odiar Albie um pouco menos. Ainda que fosse irritante e, simultaneamente, incognoscível, não deixava de ser seu irmão, o único irmão rapaz que lhe restava.

Contudo viviam-se anos difíceis para serem dedicados a caridades emocionais e, por mais que fossem as noites em que Jeanette resolvesse ser mais gentil, a amabilidade falhava-lhe. Sem o pai e sem Cal, os quatro restantes membros dos Cousins do sul da Califórnia tornaram-se mais profundamente individualistas, como se qualquer habilidade social que houvessem adquirido ao longo da vida se desvanecesse com a mesma rapidez com que uma abelha pica uma criança. A velocidade com que a mãe deles corria do trabalho para a escola e daí para o supermercado duplicara. Estava sempre a chegar e sempre a partir, mas nunca presente. Jamais encontrava a carteira ou as chaves do carro. Não tinha tempo para fazer o jantar. Holly descobriu uma caixa de cheques cancelados na gaveta da secretária da sala de estar e praticou a assinatura da mãe. *Teresa Cousins, Teresa Cousins, Teresa Cousins* até ser capaz de a reproduzir com a dose certa de pressão e com a caneta a fazer o ângulo perfeito com a superfície do papel. O esforço de Holly na arte da falsificação significava que as crianças podiam continuar a participar nas visitas de estudo e a entregar os boletins de avaliações escolares assinados pelo encarregado de educação. Holly, que defendia a atribuição do mérito a quem o merecesse, mostrou a sua habilidade à mãe, que lhe passou a responsabilidade de gerir as contas da casa, sem nunca lhe confessar se se tratava de um castigo ou de uma recompensa. A incapacidade de Teresa de gerir as contas da casa era lendária, recuando à época em que ela e Bert estavam casados e felizes. Antes de Holly ficar responsável pelo livro de cheques, chegavam à caixa do correio várias notificações de atrasos de pagamento e avisos de corte de serviços que facilmente se perdiam, pelo que, uma ou duas vezes por ano, a casa ficava às escuras. Ficar sem eletricidade não era uma perda assim tão grande, se não se tivesse em conta a televisão, o bruxulear das velas em cima da mesa, enquanto comiam os cereais ao jantar, lembrava-lhes os muito ricos ou os apaixonados que comem à luz das velas. Mas quando deixava de ser possível puxar o autoclismo e não havia água para tomar banho, isso já era intolerável. Todos concordavam que a conta da água tinha de ser sempre paga dentro do prazo. Holly, que, aos catorze anos, era competente em quase tudo, era igualmente boa a matemática. Começou a equilibrar o

orçamento doméstico, tal como lhe ensinaram nas aulas de economia doméstica (as mesmas aulas em que aprendeu a remendar roupas numa situação de emergência e a preparar guisados improvisados). Assim que conseguiu identificar o desastre do estado financeiro em que se encontravam, passou a afixar, todas as semanas, um orçamento familiar rudimentar na porta do frigorífico, tal qual a professora Sheperd lhes ensinara que deveriam fazer mais tarde nas suas vidas, depois de casarem. Na última linha do orçamento, Holly escreveu com marcador de tinta vermelha: *Isto é o que temos para gastar: $*_____. Até Albie prestou atenção àquela anotação.

No que tocava a Jeanette, era habitual ser ela a arrastar o escadote desde a cozinha até ao pátio das traseiras, para colher as laranjas que se encontravam nas árvores a uma altura mais baixa. Depois, levava-as para a cozinha dentro de um balde e fazia sumo com o auxílio do velho espremedor de metal. Dava muito trabalho, mas Jeanette continuava a fazê-lo, pois sumo de laranja fresco era uma tradição familiar. De noite, a mãe retirava o jarro com sumo do frigorífico e preparava um *screwdriver*. Nunca perguntava qual dos filhos havia sido tão atencioso ao ponto de fazer sumo de laranja e Jeanette, ao contrário da irmã, nunca era capaz de o mencionar. A mãe continuava apta a resolver determinadas situações – caso entornasse o jarro do sumo, limparia o chão com a esfregona –, mas era incapaz de demonstrar curiosidade. Nunca se interrogava sobre nada, exceto no que se referia a Cal.

Na maior parte do tempo, não falava sobre Cal, mas havia alguns pormenores que a desmascaravam, como o facto de ser habitual trazerem pilhas de pizas congeladas *Tombstone* do supermercado e, agora, se sequer passassem por elas no corredor dos congelados, Teresa vacilava. Seria por Cal ter comido tantas pizas *Tombstone* de salsicha e salpicão ou seria somente o nome da marca* que ela não conseguia suportar? Nunca foi debatido. Agora encomendavam as pizas com entrega ao domicílio.

Todavia, certa noite, enquanto comiam piza e viam televisão, a mãe foi muito clara e direta e perguntou sobre aquilo que tinha permanentemente na cabeça.

– Falem-me do Cal.

Assistiam a um programa antigo de Jacques Cousteau que nada tinha que ver com o assunto.

– O que queres saber? – perguntou Holly. Não sabiam mesmo a que se referia Teresa. Haviam decorrido mais de seis meses desde a morte de Cal.

– O que aconteceu naquele dia – continuou Teresa e acrescentou, para o caso de os filhos não estarem a compreender a que se referia –, na casa dos avós.

Ninguém lhe dissera? O pai não lhe explicara o que aconteceu? Não era justo que tudo recaísse sobre Holly, mas a verdade é que era assim. Jeanette manteve os olhos no prato e Albie, bem, Albie também não sabia o que acontecera. Foi nesse momento que Holly agradeceu o facto de Caroline lhe ter fornecido um guião para poder seguir. Caso contrário, não saberia o que dizer. Contou à mãe que as raparigas saíram de casa depois de Cal, porque Franny decidira voltar atrás para trocar de calças e vestir umas de perna comprida, por causa das carraças. Falou-lhe dos dois trilhos que davam para o celeiro a partir da cozinha dos Cousins e de como Cal e as raparigas tinham ido por caminhos diferentes, porque o encontraram quando estavam a voltar para trás. Teresa conhecia a casa dos Cousins, como era evidente. Ela e Bert casaram-se no alpendre daquela casa e dançaram diante de duzentos convidados numa tenda montada no relvado para a ocasião. No armário da entrada, existia ainda um álbum de pele de cor creme com as fotografias do casamento. O pai era deslumbrante. A mãe, sardenta e de tez pálida, de cintura fina e cabelo escuro, parecia uma noiva de contos de fadas, uma noiva-criança.

– Porque haveriam de esperar que Franny trocasse de calças? – perguntou a mãe. – Porque não esperou a irmã por ela?

– A Caroline esperou – assegurou Holly. – Todas nós esperámos. As raparigas permaneceram juntas. – Continuou, dizendo que viram Cal deitado na relva e de como, de início, julgaram que se tratava de uma partida. As outras raparigas correram para casa, mas Franny permaneceu com Cal, apenas para prevenir.

– Para prevenir o quê? – Teresa não ficou satisfeita com o facto de ter sido Franny a ficar com Cal.

Era difícil para Holly proferir as palavras, pois referiam-se a um momento da vida dela em que ainda acreditava num desfecho diferente.

– Para o caso de ele acordar – respondeu Holly.

– Eu vi – afirmou Albie, de olhos postos no ecrã da televisão. Estava a passar

um anúncio de uma bela mulher a espalhar manteiga de amendoim numa fatia de pão.

– Não viste nada – declarou Holly. Albie não estava com as raparigas nem com Cal. Albie estava a dormir e sobre isso ninguém tinha dúvidas.

– Eu fui-me embora, antes de vocês chegarem ao local. Vi tudo o que aconteceu, antes de vocês aparecerem.

– Albie – disse a mãe, num tom de voz compassivo, pois julgava compreender o que Albie poderia estar a sentir. Também ela se sentia excluída dos acontecimentos.

– Tu estavas a dormir – reafirmou Holly.

Albie virou-se de repente e atirou o garfo contra a irmã, como se fosse um dardo de atletismo, na expectativa de que lhe perfurasse o peito, no entanto este resvalou no ombro de Holly sem qualquer mácula. Albie tinha dez anos e os seus movimentos eram tendencialmente descuidados.

– Ele foi alvejado e eu sou o único que viu como tudo aconteceu.

– Albie, para com isso – ordenou a mãe e passou as mãos pelo cabelo. Arrependia-se de ter feito qualquer pergunta aos filhos e as crianças perceberam isso.

– Está tudo bem – confirmou Holly, descontraída e desdenhosa, de um modo que deixou Albie a rebentar de raiva.

– Foi o Ned do celeiro! – gritou Albie. – Foi ele que alvejou o Cal com a arma do pai. Aquela que encontrámos no carro, a que a Caroline tirou de dentro do carro! Eu vi e vocês não, porque eu era o único que estava lá. Eles nem sequer sabiam que eu estava ali.

Por esta altura, Jeanette e Holly choravam. A mãe chorava. Albie gritava que as odiava, *odiava*, e que eram umas mentirosas. Foi assim que o relato terminou.

No pior de todos os dias de agosto na Virgínia, Caroline já decidira tornar-se advogada e instruiu as raparigas – Holly, Franny e Jeanette – de como tudo se passara, apesar de todas terem estado presentes. Isso aconteceu depois de correrem em direção a casa, velozes como cavalos, de levarem Ernestine até ao local onde Cal se encontrava e de esta ter chamado a ambulância. Ernestine, com

vinte quilos a mais e sapatos folgados, corria juntamente com as raparigas pelo caminho das traseiras, enquanto a senhora Cousins esperava em casa para orientar a ambulância. Algures no meio dos acontecimentos, Caroline construiu mentalmente a história. Quando terá ela encontrado o momento? Quando estavam todos ainda a correr? Quando já haviam regressado a casa? Cal estava na ambulância, que acelerava com as luzes a girar e a sirene a gritar sem propósito (o que ele teria adorado!), e os Cousins estavam no carro que seguia a ambulância que levava Cal para o hospital. Ernestine procurava Albie, que, de algum modo, desaparecera no meio da confusão. O pai corria pelo parque de estacionamento do seu escritório de advocacia em Arlington para se enfiar no carro e acelerar até Charlottesville para ver o filho pela última vez. Ninguém sabia onde estava Beverly. Foi nesse momento que Caroline reuniu as três raparigas na casa de banho do piso superior da casa dos Cousins, empurrando-as para o interior e trancando a porta atrás delas. Apenas Franny chorava, presumivelmente por ter passado aqueles quinze minutos adicionais com Cal, enquanto as outras raparigas corriam para casa e voltavam. Franny percebera sozinha que Cal estava morto. Nem sequer os profissionais de saúde que chegaram na ambulância proferiram a palavra «morte», quando, na verdade, lhes bastava olharem para Cal. Caroline ordenou à irmã que se calasse.

– Agora ouçam – ordenou Caroline, como se não fosse habitual prestarem atenção ao que ela dizia. Pequenos pedaços de relva cortada estavam presos às pernas dela e aos ténis. – Nós não estávamos com ele, estão a perceber? O Cal foi ao celeiro sozinho. Nós chegámos mais tarde e encontrámo-lo na relva, exatamente no local onde estava, e, mal o encontrámos, corremos de imediato para casa para procurar ajuda. É tudo o que sabemos. Quando alguém perguntar, é isso que vamos dizer.

– Porque temos de mentir? – perguntou Franny. O que haveria para esconder, se nem sequer deviam mentir? Não seriam os acontecimentos do dia suficientemente horríveis para ser necessário compô-los? Caroline, no auge da sua frustração perante as circunstâncias e a estupidez de Franny, deu uma estalada à irmã com força. Franny não estava à espera, não se preparara, e o impacto derrubou-a para o lado, a sua cabeça foi de encontro à porta do armário das roupas de casa. À vista de todas, o tendão da têmpora esquerda começou a inflar de imediato. Mais uma coisa que teriam de explicar.

Caroline estava irritada com o estalido que a cabeça da irmã fizera contra a porta, numa altura em que ela fazia um esforço para mantê-las a todas em silêncio. Virou-se para Holly e Jeanette, as duas mais confiáveis.

– Podemos estar tão perturbadas quanto quisermos. Vão estar à espera que estejamos perturbadas. Mas estamos alteradas porque fomos nós que o encontrámos, porque tudo isto aconteceu, apenas isso, e não porque estávamos lá.

Naquele momento, Caroline podia muito bem dizer-lhes que a única forma de escaparem seria fazerem crescer uma cauda e fugirem a balançar por entre as árvores, que tê-lo-iam feito. Pensava na culpabilidade delas e, talvez, porque se tratava de Caroline, em como isso poderia afetar a sua admissão à universidade. No outono seguinte, iria para o secundário.

– Conta-me de novo o que aconteceu – pediu Teresa a Jeanette, certo serão. Já teria passado bem mais de um ano depois da morte de Cal. Como regra, os membros da família não perguntavam nada a Jeanette. Holly estudava na casa de uma amiga que morava no final da rua e Albie fora andar de bicicleta com o grupo de rapazes ao qual se juntara recentemente. Naquela ocasião, Jeanette e a mãe estavam sozinhas em casa, apesar de ser muito raro estarem sozinhas. A mãe fizera o pedido tão casualmente como se se tratasse de um dos seus habituais esquecimentos. *Onde está o meu batom? Quem era ao telefone?*

Jeanette ainda visualizava claramente a figura de Caroline, na casa de banho, a gritar as instruções. Conseguia ver como o suor deixara os cabelos de Caroline húmidos na zona das têmporas e como lhe ensopara o colarinho da *t-shirt* amarela. Mas já não conseguia visualizar Cal. Em apenas um ano, o rosto dele desvanecera-se da sua mente.

– Eu não estava lá – respondeu Jeanette.

– Mas estavas – afirmou a mãe, como se Jeanette se tivesse esquecido.

– Se queres encontrar o culpado, tens de fazer as mesmas perguntas uma e outra vez – dissera-lhe, em tempos, Franny, num dos verões que passaram na Virgínia. Fora há muitos anos, antes de Cal morrer. Era uma das técnicas policiais que Franny lhe tentava ensinar, juntamente com a técnica de arrombar um carro e de desmontar o auscultador do telefone, para escutar as chamadas

telefónicas de outra pessoa sem que ela se apercebesse. – Mais cedo ou mais tarde, alguém se descai – complementou Franny.

Jeanette interrogava-se se era isso que a mãe estava a tentar fazer.

– Ele cansou-se de esperar por nós – disse Jeanette. – Ia ver os cavalos e nós iríamos ter com ele depois.

– E foram ter com ele – disse a mãe.

Jeanette encolheu os ombros, um gesto horrível dadas as circunstâncias, desrespeitador.

– Era demasiado tarde. – Foi depois da morte de Cal que a mãe perdeu, finalmente, as sardas, como se até elas a tivessem abandonado. Jeanette observava a cana do nariz da mãe, tentando manter-se focada, tentando lembrar-se da sua aparência antes de tudo ter acontecido.

– Então quem deu os comprimidos ao Albie? – indagou a mãe.

– O Cal – respondeu Jeanette, surpreendida com o bem que sabia poder, finalmente, dizer a verdade sobre algo. – Era sempre ele quem lhos dava.

Com tudo o que acontecera nesse dia, ninguém se importou com o desaparecimento de Albie, exceto Ernestine. Depois de procurar no sótão e na cave, sugeriu que talvez ele tivesse ido com Beverly. Ninguém sabia onde ela estava. Pegara num dos carros dos avós das crianças e não dissera a que se ia embora. Se tivesse ido à cidade, certamente, teria levado Albie. Em qualquer outro dia que não aquele, a simples ideia de Beverly levar Albie a algum lado, qualquer lado, teria feito com que as raparigas se rissem à gargalhada.

* * *

Os Malditos Rapazes das Bicicletas era como os vizinhos de Torrance lhes chamavam e, mais tarde, seria o nome que viriam a adotar. Ouviam alguém a gritar o nome sempre que estraçalhavam os relvados, apareciam abruptamente entre os carros fazendo chiar estridentemente os travões ou deslizavam pelos parques de estacionamento dos supermercados em círculos repentinos e apertados pelo simples prazer de aterrorizar as mães com os carros cheios de

compras. As pessoas, simultaneamente, tinham vontade de os matar, achavam que quase os haviam matado e tinham medo que eles os matassem. Albie, um membro da tribo Mattaponi, Raul, salvadorenho nascido nos EUA de pais nativos de El Salvador, e dois rapazes negros, o mais pequeno, mais bonito e de olhar ensonado que se chamava Lenny e o outro, o mais alto dos quatro, de nome Edison. Começaram a andar todos juntos de bicicleta quando tinham dez e onze anos, na altura em que eram ainda, e apenas, miúdos irritantes cujas mães os queriam fora de casa durante as tardes. Eram perigosos desde o começo, obrigando os carros à frente dos quais se atravessavam a desviarem-se abruptamente para cima dos relvados dos vizinhos. Certa ocasião, um carro saltou o lancil e foi de encontro a um poste telefónico, à medida que os rapazes se afastavam a grande velocidade nas bicicletas, ululando como imaginavam que os índios fizessem. No verão em que quase todos tinham doze anos, um carro abriu repentinamente a porta, projetando Lenny pelos ares. Os outros três rapazes travaram a tempo de verem o seu jovem amigo a voar atleticamente contra o fundo de um céu azul. Poderia ter morrido, e teria mesmo morrido, caso aterrassem de cabeça, mas, em vez disso, esticou a mão direita para amparar a queda e quebrou o pulso ao ponto de o osso perfurar a pele. Albie estampou-se não tinham passado sequer duas semanas, um repentino aguaceiro tornou o pavimento escorregadio, atirando a bicicleta a rodopiar pelos ares para longe de Albie. Fraturou o ombro e rasgou uma orelha, que necessitou de trinta e sete pontos para ser reimplantada. No restante período do verão, Edison e Raul pedalaram com cuidado pelos trilhos para bicicletas do parque, sem assustar ninguém, nem sequer a eles mesmos. Edison visitou Albie em casa e permaneceu de pé ao lado do cadeirão reclinável, na escura sala de estar. Por causa do ombro, Albie viu-se obrigado a permanecer no cadeirão reclinável a maior parte do tempo.

– Todos temos um péssimo verão de vez em quando – referiu Edison e Albie, que sabia muito bem o quanto isso era verdade, deu ao amigo um comprimido de codeína, enquanto viam os desenhos animados na televisão.

Na altura em que concluíram o ensino básico, na Jefferson Middle School, Albie, Lenny e Edison tinham catorze anos e Raul, quinze. Eram todos de estatura alta, mas não tão altos quanto ainda seriam. Quem os observava à distância a aproximarem-se nas bicicletas tinha dificuldade em dizer se se tratava

de rapazes ou de homens. Deslocavam-se a grandes velocidades e, como estavam sempre a tentar ultrapassarem-se uns aos outros, o grupo pedalava furiosamente como se fosse o pelotão da frente de uma prova de ciclismo.

Depois da preparatória, Os Malditos Rapazes das Bicicletas roubavam menores quantidades de guloseimas, concentravam-se, agora, nas latas de *Reddi-wip*[*], que escondiam nos bolsos das camisolas durante as idas ao supermercado Albertson. Mais tarde, sentavam-se todos juntos no chão do quarto de Albie para sentirem o pequeno esticão doce dos fluorcarbonetos ou cheirarem cola dentro de sacos de merendas de papel. Cada uma das mães dos quatro rapazes desesperava com a péssima companhia em que andavam e, com exceção de Teresa, todas consideravam que a culpa era dos outros rapazes e nunca do próprio filho.

Até que, num dia quente de verão, tinham eles na sua maioria catorze anos, a corrente da bicicleta de Raul soltou-se. Estavam a quilómetros de distância de casa, numa estreita rua secundária que acompanhava um campo que se estendia pelas traseiras de uma zona industrial. Os rapazes esperaram por Raul, enquanto este, acocorado ao lado da bicicleta, tentava reparar a corrente. O campo não estava jardinado e sucumbira à relva alta e a outras ervas daninhas que secaram meses antes. Estavam em Torrance. Albie deitou-se de costas no pavimento, que estava a cerca de dois graus de se tornar insuportavelmente quente. Sentia um certo conforto com aquela temperatura no ombro. Desejou usar óculos de sol, mas nenhum deles tinha. Retirou um isqueiro *Bic* de cor azul do bolso abotoado e gigante dos seus calções compridos. Tinha, também, um pequeno cachimbo guardado no bolso, com uma pequena lamela de madeira sobre a malha, mas era apenas para impressionar. Há muito que não tinha erva e o dinheiro que roubara a Holly, poupado a trabalhar como ama de crianças, acabara-se, pelo que não podia comprar mais, então, em vez de ficar pedrado, esticou os braços para o ar e acendeu o isqueiro, apontando-o para o sol.

– O que foi? – espantou-se Lenny. Tentara sentar-se no pavimento, mas estava demasiado quente. Nem queria acreditar que Albie conseguia estar ali deitado.

– O fogo comunica com o fogo – respondeu Albie, julgando que soava a uma afirmação muito profunda. Virou a cabeça para a direita, na direção do campo,

viu duas traças castanhas a mergulharem na relva seca e, sem mais nem menos, deixou cair o braço para a direita, com a chama do isqueiro na potência máxima, e pegou fogo ao capim.

Era um campo feito para ser queimado. A chama roçou o pulso de Albie, no instante em que este afastou repentinamente a mão e deu duas voltas pelo chão, antes de saltar para se levantar e agarrar na bicicleta. O fogo silvou e deu lugar a um estalido crepitante, como se mãos humanas amarrotassem uma folha rígida de papel celofane.

– Porra – exclamou Raul, recuando. – O que é que fizeste?

Empurraram as bicicletas cada vez mais para longe, passando a perna por cima do selim para pedalarem dali para fora, mas nenhum foi capaz de se virar para fugir. Os quatro rapazes estavam congelados, fascinados, um arrepio estranho percorria-lhes a pele, à medida que observavam este animal miraculoso que crescia e devorava a terra em todas as direções onde havia relva seca, sem os perturbar no pavimento. O fogo chegou à altura das suas cinturas, dos seus peitos, mais belo do que qualquer outra coisa que alguma vez haviam visto, com as ondas alaranjadas das chamas a esticarem-se pelo ar, como se fossem uma miragem num deserto, como algo que estava ali e não estava. Um fumo preto rodopiava sobre as chamas, anunciando à vizinhança este espetáculo bastante privado que Albie criara. *Fogo! Fogo!* Ouviam-se os gritos vindos do parque industrial, apesar de o fogo estar já a morrer nas orlas do campo. O fogo precisava de mais. Os rapazes percebiam que procurava mais capim seco, algo que o mantivesse vivo. De bom grado os teria queimado, se isso significasse poder estar ativo por mais um minuto.

– Devíamos sair daqui – avisou Edison, mas a todos soou como se ele tivesse dito *Olhem só para aquilo!* Esqueçam as latas de natas adocicadas, a cola ou as ganzas. Esqueçam, até, as bicicletas. Desde aquele primeiro momento, tudo o que desejavam era o fogo primordial. Conseguiam ouvir as sirenes à distância. No dia anterior, teriam pedalado ao encontro do bulício, seguido os camiões de cor vermelha-viva até onde a ação decorria, tal como fãs inveterados de uma banda de música. Hoje, eram eles a ação e já haviam visto o suficiente para se porem a andar dali para fora.

Num verão na Virgínia, fora o avô Cousins quem primeiro ensinara Albie e

Cal a fazer armas de fósforos. Tudo o que necessitavam era de uma mola de roupa, um par de elásticos de borracha, uma caixa de fósforos e um pedaço de lixa. Os rapazes foram instruídos para prestarem atenção ao incomensuravelmente aborrecido velhote, que, por sua vez, fora instruído a incutir alguma sabedoria familiar nos rapazes. Uma arma de fósforos fora do que o velhote se lembrara. Significava algo diferente na Virgínia, claro, onde, pelo menos naquele estranho verão, em que choveu sem cessar, o mundo se tornara lânguido, exuberante e, essencialmente, à prova de fogo. As pessoas na Virgínia guardavam a lenha na garagem, na expectativa de que um dia estivesse seca o suficiente para a poderem queimar. Depois de fazerem as armas, o avô ajustou o fósforo na posição certa e, *boing*, atirou o míssil, que saiu disparado pelo alpendre da frente da casa, desenhando um arco incandescente no ar.

– Nunca façam isto no celeiro – instruiu o avô aos rapazes, entregando-lhes a invenção. – Aliás, nem nunca o façam sozinhos. Estão a ouvir bem? Se forem atirar fósforos, eu tenho de estar perto de vocês.

Cal estava pouco impressionado. Sempre que surgia a oportunidade, retirava a arma de verdade do porta-luvas do carro do pai e enfiava-a na perna da meia, debaixo das calças de ganga, atando o punho do revólver ao tornozelo com um lenço apertado. Tinha-a nesse dia no alpendre, quando o avô fazia um grande alarido por causa de uma mola.

Mas Albie não tinha uma arma, pelo que o pequeno lançador de chamas cativou-lhe o interesse, pelo menos o suficiente para, cinco anos mais tarde, em Torrance, conseguir reconstruir outro de memória. Ao espalhar os materiais na mesa da sala de jantar, construiu uma arma de fósforos para cada um dos elementos do seu grupo. Depois de um pequeno treino no pátio das traseiras da casa de Edison, onde queimaram papel de cozinha e toalhetes dispostos na relva a diferentes distâncias, lançaram fogo a um monte de caixas de cartão vazias empilhadas atrás da loja de bebidas alcoólicas e a dois arbustos secos à frente de uma gasolineira *Exxon*. Nos dias em que se levantavam da cama a tempo, ateavam fogo aos jornais que esperavam para serem recolhidos nos passeios e degraus de entrada das casas dos vizinhos. Quando se tornaram mais exímios, atiravam aos jornais montados nas bicicletas em andamento. Apanharam um autocarro que os levou até Sunset Strip e atiraram os fósforos às palmeiras,

afastando-se para observarem as ratazanas a caírem dos troncos esguios, no instante em que as folhas secas rebentavam em chamas por cima delas. Tentaram acertar nas ratazanas, mas isso nunca resultou. Eram muito velozes e não particularmente inflamáveis.

Durante todo esse verão, atearam fogo a muitas coisas, apesar da seca e dos ventos e apesar dos admoestamentos dos cartazes colocados à beira da estrada pela Guarda Florestal. Que se lixe a Guarda Florestal. Os rapazes não estavam interessados em algo tão desleixado como um incêndio na floresta. Gostavam da precisão, da arte das chamas, de um simples jornal a arder ou de um loteamento abandonado. Dedicaram-se a esta atividade durante os primeiros dois meses do primeiro ano na escola secundária de Shery High. Enquanto ladrões de lojas, tiveram um cadastro bem sujo, mas como incendiários eram consideravelmente eficazes em não serem apanhados, ou pelo menos assim foi até terem ateado fogo à escola.

Raul tinha aulas de arte no último horário das sextas-feiras, um momento de tranquilidade no final da semana, onde estava livre para desenhar meticulosos dragões a cuspirem fogo para as árvores. Segundos antes de sair da aula, mesmo em cima do toque de saída e quando todos arrumavam freneticamente os cadernos nas mochilas, Raul inclinou-se e girou o trinco da janela lateral, destrancando-o. A sala da aula das artes ficava na cave da escola e as janelas eram largas e ao nível do chão. Ninguém estava a olhar para ele, por isso ninguém o viu a destrancar a janela. Fê-lo apenas porque podia. Antes de ir para casa, a menina Del Torre, a professora de arte, certamente voltaria a trancá-la ou, caso não o fizesse, porque era uma idiota, o que tornava impossível prevê-lo, seria o zelador da escola a trancar a janela, na altura em que viesse passar a esfregona no chão, depois de as aulas acabarem.

– Quero ir verificar uma coisa – disse Raul aos outros rapazes, no sábado de manhã. Não estavam a fazer mais nada, por isso nem questionaram o que pretendia ele verificar, limitando-se a pegar nas bicicletas e a segui-lo até à escola. Levou-os até uma sebe baixa que tapava a visibilidade da janela para a estrada e, olhando para dentro da sala de artes, Raul empurrou o vidro da janela. Mal lhe tocou, abriu-se. Albie, exultante perante a possibilidade de um sábado interessante, arrastou as quatro bicicletas para trás da sebe, enquanto Lenny, o

mais franzino de todos, foi o primeiro a esgueirar-se pela janela. Assim que se encontrou dentro da sala, endireitou-se e sorriu para os outros, acenando com a mão. Encontrou uma janela mais ampla, na outra ponta da sala, um portal para um novo mundo, e, um a um, cada um dos Malditos dos Rapazes das Bicicletas deslizou para dentro da sala.

Não tinham qualquer explicação para o facto de a escola, a maior fonte de desgraça da vida deles, se ter tornado subitamente o lugar mais atrativo da terra simplesmente por ser sábado. *What a difference a day makes*[*], costumava a mãe de Albie cantar, no tempo em que ainda fazia coisas como cantar. *Twenty-four little hours*. Os corredores estavam silenciosos e pareciam amplos, sem as hordas de crianças furiosas e de adultos derrotados e amargos. Sem o zunido das lâmpadas de teto, a luz do sol descia pelas paredes revestidas a linóleo, agregando-se em poças ondulantes aos pés dos rapazes. Edison interrogou-se como seria se fosse mais velho, tão velho quanto o pai, e regressasse a esta escola. Imaginou que sentiria algo semelhante ao que o preenchia naquele momento, com o edifício inteiramente à sua disposição, pois não considerou a hipótese de outras crianças frequentarem aquela escola no futuro. Raul deteve-se para observar os trabalhos vencedores da competição de arte alinhados num painel de cortiça. Apenas dois dos trabalhos eram bons: um desenho a carvão de uma rapariga num vestido de verão e uma pequena pintura de duas peras numa taça. Atribuíram a ambos uma menção honrosa, enquanto uma ridícula colagem de pequenos recortes de arranha-céus retirados de revistas fora a vencedora. Interrogava-se se a menina Del Torre, que, nunca era demais dizê-lo, era uma idiota, saberia distinguir qual dos alunos era, realmente, talentoso porque existiam sempre demasiados alunos.

A certa altura, perderam Lenny. Nenhum deles se apercebera da sua ausência, até o verem regressar, a caminhar pelo corredor.

– Pessoal – chamou Lenny, acenando com o braço, como se eles pudessem não reparar nele –, cheguem aqui. Têm de ver isto.

O chiar dos ténis dos rapazes soava pelo corredor, o que fez Albie gargalhar, e todos os outros o imitaram ao passarem pela infindável fila de cacifos, todos eles trancados, todos exatamente iguais.

– Olhem para isto – declarou Lenny e entrou na casa de banho dos rapazes.

Para um caloiro numa escola pública em Torrance, e especialmente para Lenny, que não era o mais alto dos rapazes, nem o mais magro, apesar dos seus esforços, nenhum outro lugar era mais assustador do que a casa de banho. Usava todos os recursos de que se lembrava para se manter afastado do local, apesar de, por vezes, suspeitava ele, o facto de pensar tanto no assunto lhe dar vontade de ir à casa de banho. Mas esta divisão, que, tão recentemente como no dia anterior, fora imunda e perigosa, como o antro de um toxicodependente, fedendo a suor de rapazes, dejetos e urina, ao odor acre do medo, era hoje uma divisão imaculada. Cheirava leve e, até, agradavelmente a cloro, como a água da piscina pública. Na verdade, o modo como estava arrumada – com os espelhos e os lavatórios de um lado e a fila de cubículos sanitários com portas de metal verde do outro – conferia-lhe uma espécie de simetria pacificadora. O espaço entre os cubículos e os lavatórios era enorme, para assegurar que os utilizadores não tivessem necessidade de se acotovelarem, a não ser que tivessem a intenção de o fazer. Pela primeira vez, os rapazes repararam em três filas de azulejos que davam a volta a todo o espaço, três bandas azuis que não tinham outro propósito para além do decorativo. Raul dirigiu-se ao urinol e, ao inclinar a cabeça para trás de satisfação, reparou na luz do sol.

– Quando é que puseram aqui janelas?

Por não existir vivalma que pudesse impedi-los, entraram na casa de banho das raparigas e encontraram exatamente o mesmo cenário, excetuando as três listas de azulejos que circundavam as paredes, que eram, aqui, em tons de rosa, e, em vez de urinóis, havia um dispensador de tampões higiénicos preso à parede junto dos lavatórios, onde alguém riscara o esmalte branco para escrever as palavras *Eat Me*. Outra pessoa tentara, sem sucesso, apagá-las com uma lixa. A divisão era, de certa forma, dececionante. Até mesmo Albie e Raul, que tinham irmãs, julgaram que deveria existir algo mais do que aquilo.

Todos os armários de aprovisionamentos na escola estavam trancados, bem como o escritório do diretor, o que era uma lástima, pois teriam adorado vasculhar as gavetas da secretária. Consideraram tirar tudo de dentro de uma sala e trocar com o conteúdo de outra ou, talvez, alterar apenas o lugar de algumas coisas para levar as pessoas a interrogar-se se estariam a ficar loucas. Porém, no fim de contas, decidiram não tocar em nada. Sentiam-se muito bem por estarem

na escola a um sábado e, se quisessem regressar outra vez, seria melhor deixarem tudo nos seus lugares.

Assim, foi insensato da parte de Albie atirar os fósforos para dentro do caixote do lixo da sala de artes, quando se preparavam para sair. Nessa altura, andava sempre com caixas de fósforos nos bolsos para praticar a habilidade de abrir a caixa e acender o fósforo apenas com uma mão. Depois, agitava a caixa violentamente para apagá-lo. Mas desta vez, ao acender o fósforo, atirou a caixa toda para dentro do caixote do lixo que estava no canto mais afastado da sala, perto da janela por onde entraram, pela mesma razão que Raul deixara o trinco aberto. Ou seja, nenhuma razão. Não havia qualquer razão para acender o fósforo nem para atirar a caixa para o caixote do livro. Não era para impressionar os outros rapazes, que, por essa altura, também atiravam fósforos acesos para todo o lado. E não havia razão alguma para o ter feito na sala de artes, a não ser por ser a sala onde calhou estarem, na verdade, em primeiro lugar, não havia razão alguma para estarem na escola a um sábado. O fósforo aterrou num caixote do lixo grande e de metal, que lhes dava pela altura da cintura e era dez vezes maior do que os das salas de aulas normais, onde todos os miúdos deitavam ocasionalmente um teste surpresa no qual tivessem um mau resultado. O caixote de lixo da sala de artes devia estar vazio, tudo na escola estava vazio e limpo, mas, mesmo no fundo do saco de plástico verde dentro do caixote, estavam alguns papéis de jornal amarrotados e um par de panos sujos, que foram usados para limpar pincéis, depois de estes terem estado mergulhados em terebentina. Consequentemente, o caixote do lixo incendiou-se como se fosse a própria entrada do inferno e cuspiu uma chama que fez Albie saltar para trás como uma mola e os outros rapazes virarem-se de repente. As chamas alcançaram os rugosos cortinados de poliéster verde, sobrepostos com o intuito de escurecer a sala, pois naquela altura do semestre a menina Del Torre fizera uma apresentação sobre os destaques da história da arte. Os cortinados eram do tempo dos pais deles e queimaram-se mais depressa do que a relva seca do campo, com as chamas a subirem para os ladrilhos acústicos do teto, passando por cima das cabeças dos rapazes até chegarem à outra ponta da sala onde tintas, pincéis, pastéis, papéis e frascos de solventes as aguardavam para explodirem como *cocktails molotov*. O fumo da sala nada tinha que ver com o fumo do exterior que tanto adoravam. Este fumo era algo entre a tinta e o alcatrão, oleoso,

viscoso e muito preto. E vinha atrás deles, consumindo o ar à medida que a chama alaranjada consumia as cortinas. Toda a sala parecia vir no seu encalço, com fogo em todos os cantos. Tinham entrado na sala pela janela, mas quando verificaram novamente perceberam que já não apresentava uma alternativa de saída.

Nunca haviam ateado fogo no interior de uma divisão nem nunca haviam visto um, pelo que aplicaram, indevidamente, as regras que aprenderam com os fogos no exterior: permaneceram quietos a observar, com base na teoria de que, se eram os criadores do fogo, deviam ser respeitados por ele. Até que os alarmes de incêndio da escola dispararam. Eles conheciam bem aquele som e era tão estridente que parecia soar dentro das suas cabeças. Adoravam os exercícios de incêndio, em que tudo parava, as raparigas ficavam sempre muito aborrecidas por não poderem levar as malas com elas, todos os miúdos se mantinham alinhados e se dirigiam ordeiramente para o exterior. Foi o alarme que os trouxe de volta à realidade. Foi o alarme que os salvou. Haviam praticado tantas vezes no passado que, naquele momento, fizeram aquilo para que treinaram: mantiveram-se agachados, juntos e dirigiram-se para a porta. Uma chama alcançou a *t-shirt* dos Red Baron de Albie, queimando-lhe as costas. No corredor, Edison conseguiu retirar-lhe a *t-shirt* e queimou a mão. Ao correrem para a porta, os aspersores, nos quais nunca haviam reparado, inundaram o longo e vazio corredor, dissolvendo os trabalhos da competição de arte. Empurraram a porta da rua, correram na direção da luz do sol e deixaram-se cair na relva do parque de estacionamento, arfando e tossindo, ofegantes e chamuscados, com o cheiro do fumo impregnado nas suas peles. Por momentos, Albie lembrou-se do irmão Cal. Indagava-se se morrer teria sido algo semelhante a isto. Os quatro rapazes permaneceram deitados na relva com as lágrimas a escorrerem no rosto enegrecido pelo fumo, tão eufóricos com o vigor das suas próprias vidas que nem se conseguiam mexer. Era aí que estavam, quando, poucos minutos depois, os bombeiros os encontraram.

Fora uma decisão quase impossível para Teresa a de enviar Albie para morar com Beverly e Bert na Virgínia. Era evidente que precisava de um pai, mas um pai diferente, outro pai qualquer, teria sido preferível. Beverly e Bert não mataram Cal. Lá no fundo, Teresa sabia-o. Foram negligentes na sua

responsabilidade de supervisão, mas, tal como confirmava a recente desgraça de Albie, também ela o fora. Ainda assim, sentia-se melhor a culpabilizá-los. Quase se sentia bem, embora sentir-se bem não fosse a expressão apropriada. Poderia telefonar a Bert e perguntar-lhe «Sentes-te bem ao culpar-me pelo que aconteceu com o Albie? “Bem” é a palavra certa?»

O que Teresa sabia com certeza é que não podia permanecer com a guarda do seu segundo filho rapaz e, como ninguém se voluntariava para ficar com ele, não conseguia vislumbrar outra alternativa. Albie acabou por ir para Arlington e, ao obter maus resultados na escola privada, foi enviado para um colégio interno na Carolina do Norte e, depois, para a academia militar em Delaware. No verão em que regressou a Torrance, tinha dezoito anos e estava no penúltimo ano do secundário, uma vez que o colégio interno não o deixara progredir. Holly e Jeanette estavam de regresso a casa, no período de férias da universidade, e tentaram levá-lo à praia, a festas com amigos de quem talvez se lembrasse, mas Albie alojara-se como uma bigorna no sofá, a ver concursos na televisão e a comer taças de cereais cobertos por uma espessa camada de açúcar. Manteve as conversas coletivas reduzidas a vinte palavras por dia. E contabilizava-as. Conseguiu ter acesso à garrafeira e esvaziou-a da esquerda para a direita, embora a garrafeira não tivesse propriamente um padrão de organização. Nunca encetava uma garrafa antes de finalizar a anterior.

Até que um dia anunciou ter recebido uma chamada de Edison. O seu velho amigo conseguira um emprego a angariar bandas de música para um clube em São Francisco e disse que tudo o que Albie teria de fazer era descarregar os amplificadores da carrinha e ligá-los dentro do clube. Edison dividia um apartamento com outros tipos e ele poderia estender um colchão no chão. Albie parecia quase entusiasmado perante esta proposta, Jeanette, Holly e a mãe não se lembravam de alguma vez o terem visto tão animado. Carregar com coisas de um lado para o outro e ligá-las à corrente pareciam ser tarefas para as quais estava habilitado, por isso Teresa comprou-lhe um bilhete de autocarro para São Francisco e fez-lhe uma merenda de sanduíches de manteiga de amendoim. Holly e Jeanette deram-lhe, cada uma, uma nota de cem dólares das suas poupanças. Albie carregou a bicicleta e o saco de lona no porta-bagagens do autocarro e Jeanette, Holly e a mãe esperaram até que ocupasse o seu lugar junto à janela, para que pudesse vê-las a acenar-lhe em despedida. Estava de novo de

partida. Passaria a ser o problema insolúvel de outra pessoa qualquer. Todas estavam secretamente satisfeitas e aliviadas.

Nessa noite, Fodé entrou na casa de banho, no momento em que Albie lavava os dentes. Bateu à porta com um toque apenas, entrando sem esperar pela resposta, depois fechou a porta atrás de si. A casa de banho era um bom lugar para conversar, mesmo não existindo espaço para dois homens adultos estarem confortáveis dentro da divisão. Albie estava encostado ao lavatório e Fodé, com calças de pijama de flanela e uma *t-shirt* branca, movia-se entre as grades de plástico do leite cheias de toalhas dobradas, brinquedos para o banho e fraldas.

– Meu irmão – começou Fodé –, escuta o que tenho para te dizer. Quero dizer-te que podes ficar aqui connosco. Uma semana, um ano, o resto da vida, enquanto precisares és bem-vindo para ficar connosco.

Albie tinha a escova de dentes na boca, com uma espuma mentolada a escorrer do seu lábio inferior, no instante em que o marido da irmã colocou a palma da mão na sua nuca e juntou as testas de ambos. Seria um costume tribal? Um sinal que imprimia seriedade à circunstância? Uma passagem? Tudo o que sabia a respeito da irmã era do que se lembrava dos tempos de adolescência e nada sabia sobre o maluco do seu marido africano. De testas encostadas, Albie assentiu. Continuava a precisar de um sítio onde ficar nessa noite.

Fodé sorriu.

– Ótimo, ótimo, ótimo. A tua irmã precisa da família. O Calvin precisa do tio. E a mim faz-me falta um irmão. Estou muito longe de casa.

– Claro – respondeu Albie.

– Podes falar comigo. É isso que fazemos. Olhas em redor nesta casa, o teu lar, e parece que tudo está atarefado. – E abanou a cabeça. – Eu sou muito bom a parar. Se disseres «Irmão, para e senta-te comigo», eu faço isso. Dizes o que precisas. – Fodé fez uma pausa e olhou de novo para Albie, com a cara tão próxima que era difícil focá-la. – Albie, de que precisas?

Albie refletiu sobre aquela pergunta. Inclinou-se para cuspir a pasta de dentes para dentro do lavatório. Tinha a cabeça a latejar.

– Um analgésico?

Perante este pedido simples, Fodé irradiou de contentamento, com os dentes, os óculos, a sua ampla fronte, tantas superfícies refletoras de luz. Esticou-se na direção de Albie, abriu o armário dos medicamentos e apontou para a segunda prateleira.

– Analgésico – disse orgulhoso. – Não te sentes bem?

– Dói-me a cabeça. – Com o olhar, Albie fez uma vistoria rápida ao armário, que pouco mais tinha do que analgésicos, gotas para os ouvidos, para os olhos e para o nariz.

Fodé encheu o pequeno copo amarelo no lavatório, o copo comunitário, e entregou-o a Albie.

– Em breve vais estar a dormir. É isso que te vai ajudar. Fizeste uma longa viagem até casa.

Albie engoliu quatro comprimidos e acenou em confirmação, um aceno que pretendia ser, simultaneamente, um agradecimento e uma despedida de boa-noite. Fodé devolveu um aceno de cabeça solene e saiu da casa de banho, fechando a porta atrás de si. Jeanette dissera-lhe de onde viera esta criatura tão amistosa, mas raios o partam se se lembrava. Da Namíbia, da Nigéria, do Gana? Até que se lembrou. Era da Guiné.

Albie não conseguia ficar todo o dia dentro do apartamento, mesmo com o incentivo adicional de Bintou, que, se não era efetivamente a segunda mulher do seu cunhado, poderia muito bem ser uma boa substituta enquanto o bebé dormia a sesta. Em primeiro lugar, porque estava um calor tropical. O radiador silvava e chocalhava, como se, na cave, alguém estivesse a arriá-lo até à morte com um tubo de metal. Nem Bintou nem Dayo pestanejavam com o barulho, mas era o suficiente para Albie desejar arrancar a própria pele. Como seria de esperar, Jeanette e Fodé saíam cedo para o trabalho. Existia um humidificador que soprava uma névoa constante na pequena sala, muito possivelmente uma tentativa de reproduzir um clima subsariano neste terrário em Brooklyn.

– Faz bem aos pulmões – afirmou Bintou a sorrir, no instante em que Albie se levantou para verificar se conseguia desligá-lo. A janela que dava para a escada de incêndio estava encravada, pelo que desceu os quatro lanços de escadas para fumar um cigarro. À terceira vez que desceu para fumar, levou a bicicleta e

pedalou pela neve fofa e aveludada. Perto da uma da tarde, conseguira um emprego como estafeta, em bicicleta.

Era o emprego que conseguia em todas as cidades, o único para o qual sentia que a vida o preparara. Nem se podia intitular como incendiário, uma vez que tinha agora vinte e seis anos e não acendera sequer uma lareira desde os catorze. Perguntaram-lhe quando podia começar a trabalhar e Albie respondeu «de imediato», passou, depois, o dia a tentar conhecer as ruas de Manhattan. Não era um sítio complicado.

– Estou tão orgulhosa de ti! E isso significa que vais ficar connosco. As visitas não arranjam emprego no primeiro dia que passam na cidade. Nem os convidados que permanecem mais tempo. Agora és um residente. Apenas um dia na cidade e já dominas tudo.

Jeanette sorria para o irmão, tanto quanto Jeanette conseguia sorrir, revirando um pouco os olhos. *Africanos*, parecia dizer, *o que podemos fazer?* Estava ainda vestida com as roupas do trabalho, uma saia e uma camisola. Engravidara no segundo ano da faculdade de engenharia biomédica. Afinal, Jeanette revelou ser a mais inteligente. Na noite anterior, explicou a Albie que, em vez de seguir o seu plano original de fazer um aborto, ela e Fodé decidiram enveredar por uma experiência social radical a que deram o nome «Ter o Bebé» e, como resultado dessa experiência, desistira da faculdade e trabalhava agora como engenheira de campo para a Philips. Instalava equipamentos de ressonância magnética, dava formação e fazia a manutenção desses equipamentos em hospitais, desde Queens até ao Bronx.

– Ligo-os à corrente – declarou categórica. – E mostro o manual às pessoas.

E teria de continuar a fazê-lo, explicou a Albie, enquanto lhe preparava a cama, ainda que o trabalho fosse insignificante e lhe devastasse a alma, pelo menos até Fodé acabar o doutoramento em saúde pública na universidade de Nova Iorque e Dayo estivesse numa idade em que fosse suportável vê-lo num infantário. No *infandayo* como lhe chamavam.

– Se não voltar a estudar – sussurrou Jeanette, ao prender as bordas do lençol que cobria o sofá –, a experiência social radical terá sido um fracasso porque terei de me suicidar.

Albie segurava no bebé e Jeanette aquecia o jantar que Bintou deixara

preparado. Fodé punha a mesa e abria uma garrafa de vinho, enquanto relatava os acontecimentos do dia.

– Os norte-americanos adoram a ideia de vacinar africanos. O que poderia ser melhor do que uma fotografia de primeira página no *New York Times* de pequenas e empoeiradas crianças nigerianas alinhadas para a inoculação? Mas quando se trata das suas próprias crianças, as mães de Nova Iorque consideram a vacinação ultrapassada. Dizem que não é suficientemente natural e que o resultado pode ser pior do que o que pretendem prevenir. Passei o dia a tentar convencer mulheres com educação superior a vacinar os filhos e, ainda assim, discutiram comigo. Tenho de ir para a faculdade de Medicina. Se não for médico, ninguém me dará ouvidos.

– Eu dou-te ouvidos – respondeu Jeanette. – Não precisas de ir para a faculdade de Medicina.

– Uma das mulheres disse-me que não acreditava na epidemiologia. – Fodé cobriu a face com as mãos. – É assustador.

– O sarampo já foi erradicado em Nova Iorque. – Jeanette deu uma palmadinha no ombro do marido. – Já ultrapassámos o sarampo.

Jeanette lavava os verdes da salada e Fodé embrulhava o pão partido às fatias em papel de alumínio e colocava-o no forno. Orientavam-se na minúscula cozinha em torno um do outro, tentando não se atrapalhar mutuamente.

– Fala-me antes do *teu* dia – pediu Fodé a Jeanette. – Falemos de coisas mais agradáveis.

– Queres que fale sobre demonstrações de equipamentos de ressonância magnética em caves de hospitais? – Fodé deteve-se por breves instantes, sorriu e abanou a cabeça.

– Não, não. – Virou-se, então, para o cunhado, feliz por ter outra alternativa. – O que queria dizer era, Albie, por favor, conta-nos como foi o teu dia.

Albie transferiu o peso do sobrinho de um braço para o outro. E falou, dirigindo-se ao bebé.

– Hoje fui mandado parar pelos seguranças de quatro prédios. Mostrei o bilhete de identidade e disseram-me que podia subir aos andares de cima, para depois ser intercetado por outros seguranças, junto dos elevadores, que me

impediram a passagem.

Fodé acenou apreciativamente.

– Isso é deveras impressionante para um tipo caucasiano.

– E quase fui atropelado pelo autocarro M16.

– Pronto – exclamou Jeanette, pousando a taça da salada no centro da mesa de jantar. – Chega de falar do teu dia, também.

– Resta-nos o Dayo – respondeu Albie.

Fodé pegou no bebé, retirando-o dos braços de Albie.

– Dayo, não há ninguém neste mundo que eu gostasse mais de ouvir a falar sobre o seu dia. Diz-me, meu filho, foi um bom dia para se estar vivo?

– Tio – pronunciou Dayo e esticou os braços para voltar para o colo de Albie.

Albie, que vivera à beira do abismo durante tanto tempo e, por vezes, ultrapassara mesmo os limites do abismo, olhou pela janela para observar as luzes que irradiavam daqueles inúmeros apartamentos em Brooklyn. Interrogava-se se os seus habitantes estariam a fazer algo semelhante: a preparar o jantar com as famílias, a pegar em bebés ao colo, a contar como foram os seus dias? Seria isso a vida para essas pessoas?

A bicicleta de Albie era uma amálgama de tantas peças de substituição que, com justiça, já não podia ser considerada uma *Schwinn*. O seu trabalho consistia em entregar pequenos pacotes, formulários de seguros devidamente autenticados e escrituras. Por vezes, tratava-se de contratos que tinha de esperar que fossem assinados, para os devolver na morada onde os levantara. Por vezes, pediam-lhe para assinar como testemunha. Nova Iorque era a cidade das entregas sem fim. Existia sempre alguém que tinha algo que necessitava de ser entregue noutro sítio, pelo que o dia continuava até ele decidir terminá-lo. Atravessava-se à frente dos autocarros e por entre os táxis, assustando os condutores de Connecticut, como o Maldito Rapaz da Bicicleta que fora outrora. Os turistas viam-no prestes a abalroarem-nos e encolhiam-se nos passeios. Ao chegar ao seu destino, colocava a bicicleta ao ombro, como se se tratasse de um irmão mais novo, e levava-a para dentro do elevador. Apesar de ser alguns centímetros mais alto do que o pai, Albie era apenas muito alto e não extraordinariamente alto.

Era, contudo, extremamente magro e essa magreza criava a ilusão de ser mais alto do que na realidade era. Frequentemente, as rececionistas empalideciam diante da visão de Albie a aproximar-se das suas secretárias com um envelope na mão e a bicicleta a marcar o acrómio. Era um esqueleto vivo com tatuagens pretas e uma grossa trança preta, como se a própria morte se dirigisse a elas para, prontamente, as levar montadas no guiador.

– Devias considerar aumentar a ingestão de calorias – sugeria Jeanette, nas noites em que o via regressar ao apartamento a coxear.

– Ossos do ofício – respondia. Verdade ou não, durante o dia cruzava-se com alguns estafetas gordos.

Albie ganhava dinheiro e, ao fim de alguns meses a pensar que sairia do apartamento no dia seguinte ou no outro a seguir, começou a dar metade do seu salário a Jeanette, para ajudar a pagar a renda e o café, o vinho e a educação de Dayo ou os estudos da irmã. Trocava a outra metade por notas de cem dólares e guardava-as no compartimento com fecho do seu saco de lona. Inicialmente, tentara dar o dinheiro a Fodé, mas este nem sequer olhara para as notas. No dia seguinte, esperou pela irmã na estação do metro e entregou-lhe o dinheiro a ela. Jeanette assentiu, agradecida, e guardou-o no bolso.

– Não achas que, um dia destes, devíamos fazer algum tipo de terapia? – perguntou ela, ao passarem pela loja dos iogurtes, pela sapataria, pelos mercados coreanos com os baldes de narcisos dispostos à frente da loja. Talvez julgasse que Albie lhe entregara o dinheiro para fazer terapia. – Quando estivéssemos psicologicamente recuperados, poderíamos incluir a Holly e a mãe através de teleconferência, para se juntarem a nós na terapia. – Albie dissera ainda não estar preparado para falar com a mãe, mas Jeanette telefonara-lhe. Ligava a Teresa quase todos os dias do trabalho para lhe contar as novidades.

– E o pai? – perguntou Albie. A rua estava repleta de pessoas e colocou o braço sobre o ombro da irmã enquanto caminhavam, sem sequer saber muito bem a razão. Nunca o fizera no passado, mas sentia-se bem. Caminhavam de forma semelhante.

– Aposto que o pai faz terapia há anos. Por esta altura, até já deve ter terminado.

– Sem nunca ter conferenciado connosco?

Jeanette abanou a cabeça.

– Nem sequer se deve ter lembrado disso.

Albie viera para Brooklyn para se recompor e, em certa medida, conseguira, exceto no que diz respeito à bebida. Chegara a um compromisso ingerindo quantidades limitadas de álcool com rigorosa consistência, que, com a ajuda de drunfos, o auxiliavam a aguentar a segunda metade do dia. Fumar não contava. Os vícios são uma questão de perspetiva e, enquanto o presente fosse visto com a lupa do passado, todos seriam da opinião de que Albie estava a fazer um excelente trabalho. Poupara dinheiro suficiente para ter a sua própria casa, mas nunca a procurou. De certo modo, e apesar da quase hilariante falta de espaço, Fodé e Jeanette faziam-no sentir que nunca se devia ir embora. Assim que entrava pela porta, Dayo gostava de se agarrar à perna de Albie, colocando os seus pequenos pés em cima do pé dele, enredando os braços em torno da musculada barriga da perna para se erguer. «Tio» era a sua melhor palavra, perfeitamente pronunciada. E não se cansava de a proferir. Albie gostava de dormir no sofá, que era demasiado curto para a sua estatura. Gostava dos dias em que pedalava de regresso a casa a meio da tarde e dizia a Bintou que podia sair mais cedo, que ele levaria o bebé ao parque. Gostava da sensação, para a qual não tinha designação, de, já pela noite dentro, ver Fodé nos degraus da entrada à espera dele com uma cerveja na mão. Albie acabaria por deixá-los, eventualmente, mas até isso acontecer traria para casa *noodles* frios de sésamo de Chinatown, dobraria os cobertores todas as manhãs e guardá-los-ia atrás do sofá, encontraria formas de ficar até mais tarde na rua durante a semana para garantir a privacidade da irmã e da família e, ao chegar a casa tarde, rodaria sempre a chave no trinco tão silenciosamente que nunca os acordaria.

– Onde estiveste ontem à noite? – perguntaria Jeanette e Albie ficaria a pensar: *teve saudades minhas*.

De início, nas noites em que ficava na rua até mais tarde, ia a bares ou ao cinema, mas depressa se apercebeu de que em Nova Iorque a vida de bares e cinema facilmente lhe consumia o que ganhava num dia de trabalho. Permanecia na biblioteca até que esta fechasse e, depois, ia para a Sala de Leitura da Ciência Cristã até que esta encerrasse. De seguida, consoante a qualidade do livro que estivesse a ler e a quantidade de anfetaminas no organismo, dirigia-se para a

lavandaria automática que nunca encerrava e sentava-se no meio de traças mortas, das ruidosas máquinas de secar roupa e do aroma dominante das toalhitas. Como ficara a conhecer as rececionistas das editoras onde entregava envelopes e lhes perguntava o que andavam a ler, tinha sempre livros à disposição. Em mais nenhum lugar onde fazia entregas ou levantava encomendas lhe ofereciam lembranças, mas as rececionistas das editoras não se importavam de dar um exemplar de um livro ao estafeta da bicicleta, mesmo que ele se assemelhasse ao mensageiro da morte.

– Diga-me o que pensa deste livro – diria uma das rececionistas e, em troca, Albie sorriria para ela. O sorriso de Albie era deslumbrante, uma maravilha fruto da ortodontia infantil que ninguém esperaria atendendo ao resto do seu aspeto. Com aquele sorriso, a rececionista sentia que acabara de receber um presente em troca.

Certa noite, depois da meia-noite no início do mês de junho, Albie estava numa lavandaria automática de Williamsburg. Os táxis continuavam atarefados, mas, ainda assim, mais calmos. As pessoas na rua estavam, também, mais sossegadas. Albie lia o romance que começara no dia anterior e perdera a noção do tempo. Era consideravelmente melhor do que a maioria das histórias de detetives e de suspense que costumava ler, porque a rececionista da editora Viking tendia a oferecer-lhe livros um pouco melhores. Não se limitava a dar-lhe as novidades da semana, embora, por vezes, também lhe oferecesse esses. Certa ocasião, entregara-lhe um exemplar de *David Copperfield* e dissera-lhe que talvez gostasse, assim, sem mais nem menos, como se ele fosse o tipo de pessoa para quem se olha e que, automaticamente, faz lembrar Dickens, por isso, ele leu o livro. No ano em que esteve na Virgínia, era o livro de leitura obrigatória para a escola. Andara com ele para todo o lado durante um mês, tal como todos os outros miúdos da sua turma, mas nunca o abriu.

– Se a conhecesse quando vivi na Virgínia – disse Albie para a recepcionista, depois de ter terminado a leitura –, talvez tivesse sido aprovado nessa disciplina.

– É da Virgínia? – indagou a rececionista. Teria a idade da mãe de Albie, ou talvez fosse um pouco mais jovem, e era inteligente, isso era evidente. As conversas entre eles nunca duravam mais do que dois ou três minutos, mas Albie gostava dela. Ele tinha outros sítios para onde ir e o telefone na secretária dela

nunca parava de tocar. Ela atendia-o e perguntava à pessoa do outro lado da linha se poderia colocá-la em espera por um instante, o que fazia mesmo sem esperar pela resposta.

– Não originalmente – respondeu Albie. – Apenas vivi lá por uns tempos, em miúdo.

– Espere aqui um segundo – pediu a rececionista. Ao regressar, entregou-lhe um livro com o título *Comunidade*. – Foi um estrondo no ano passado, chegou mesmo a ganhar o National Book Award e vendeu-se às carradas. Conhece?

Albie abanou negativamente a cabeça. No ano passado, estava ainda em São Francisco, gastando em heroína todo o dinheiro que fazia como estafeta. Toda a costa leste poderia ter sido devastada por um meteorito que ele nunca teria dado conta. A rececionista virou o livro ao contrário e apontou para a fotografia do homem na contracapa.

– Foi o primeiro livro que ele escreveu depois de quinze anos, talvez mais do que isso. Aqui, já todos haviam desistido dele.

O telefone tocou e todas as luzes das linhas em espera piscavam. Era altura de voltar ao trabalho. Ela entregou-lhe o livro e acenou em despedida. Albie inclinou ligeiramente a cabeça num cumprimento, sorrindo para ela antes de sair.

Em retrospetiva, Albie diria que soube desde o início, talvez a meio do primeiro capítulo, que algo se passava, embora tudo parecesse mais claro em retrospetiva. Verdade seja dita, o livro cativou-o muito antes de se ver representado nele. Era essa a parte que parecia ser uma loucura, o facto de ter gostado tanto do livro antes de perceber do que se tratava.

Era sobre duas famílias vizinhas na Virgínia. Um dos casais vivia naquela casa há longos anos, o outro casal acabara de se mudar. Partilhavam a mesma entrada e entendiam-se muito bem. Emprestavam coisas uns aos outros, tomavam conta dos filhos uns dos outros. Aos serões, sentavam-se no alpendre de uns e de outros, para tomarem uma bebida e falarem de política. Um dos maridos era político. As crianças, seis no total, entravam e saíam da casa umas das outras o tempo todo e as raparigas partilhavam os quartos. Era fácil perceber para onde tudo se encaminhava, mas o miserável romance amoroso não era o centro da narrativa. Esta tratava do inestimável fardo que eram as suas vidas: o

trabalho, as casas, as amizades, os casamentos, os filhos, como se tudo o que sempre quiseram e que sempre fizeram contribuísse para cimentar a impossibilidade de terem qualquer rasgo de felicidade. As crianças, que de início parecem ser despreocupadas e encantadoras, são na verdade um ninho de cobras. O mais velho e o mais novo são rapazes e entre eles existem quatro raparigas. Duas raparigas na casa do político e duas raparigas e dois rapazes na casa da médica por quem o político está apaixonado. Um marido e uma esposa em excesso. A criança mais jovem, um rapaz, é insuportável. Talvez seja esse o grande problema. Ele representa tudo o que não pode ser ultrapassado. Os amantes – com os seus casamentos, lares e empregos – recorrem a todas as artimanhas para arranjarem forma de estarem juntos, mas aquilo de que na verdade fogem é dos próprios filhos, em particular, do filho mais novo. As crianças, que muitas vezes se veem encalhadas com o mais novo, dão-lhe medicação para as alergias para se livrarem dele. O mais velho, por ser alérgico a picadas de abelhas, traz sempre comprimidos para as alergias nos bolsos. Dão os comprimidos ao mais novo e enfiam-no no cesto da roupa suja, por baixo de uma pilha de lençóis, para poderem pegar nas bicicletas e irem até à piscina da cidade, livres como pássaros. Não é isso que todos pretendem, ser livres por instantes?

Albie colocou o polegar na página e fechou o livro. A lavandaria automática ficara subitamente gelada. Estavam dois jovens *punks* presentes, o rapaz com o cabelo espetado com cola e a rapariga com dois alfinetes de dama a perfurarem-lhe o nariz. Estavam sentados a fumar, enquanto as suas roupas pretas rodopiavam dentro da máquina de lavar. A rapariga dirigiu a Albie um meio sorriso, talvez julgando tratar-se de um exemplar da mesma tribo.

Saberia ele que se tratava de comprimidos para as alergias? Chamavam-lhes *Tic Tacs*, mas saberia ele? Era frequente acordar debaixo da cama, num descampado, no carro, no sofá tapado por cobertores. Acordou no chão da lavandaria na casa em Virgínia, debaixo de lençóis. Nunca percebera porque acordava em sítios onde não se lembrava de adormecer.

– É porque és o bebé – explicava Holly. – Os bebés precisam de dormir mais horas.

Albie tinha as mãos geladas. Guardou o livro no seu saco de estafeta e levou

a bicicleta para a rua, ouvindo o *tick-tick* dos raios metálicos das rodas; os jovens *punks* observavam-no, julgando que se ia embora sem levar as roupas. Ele conhecia a parte que se seguia no livro e que ainda não lera, a parte em que o filho mais velho de nome Patrick morria e que davam os comprimidos todos ao filho mais novo para que quando fossem necessários não existisse nenhum. Sabia que o livro nem sequer era sobre isso.

Albie desceu a rua com a bicicleta. Será que se revia nos livros de detetives dinamarqueses? Nos *thrillers* pós-apocalípticos? Será que a questão se prendia com ele se colocar como o centro de tudo?

Não, essa não era a questão.

Regressou ao apartamento quase às duas da madrugada. Entrou no quarto da irmã e do cunhado e permaneceu aos pés da cama, com Jeanette, Fodé e Dayo a dormirem profundamente. Talvez o subconsciente de todos já se tivesse habituado ao facto de Albie viver com eles e, por isso, já não ouviam os seus passos, ou talvez estivessem de tal forma cansados no final do dia que qualquer pessoa podia entrar no quarto deles que nem sequer davam conta. Mesmo com as persianas corridas, havia luz dentro do quarto. Era assim em Nova Iorque. Nunca nada ficava na escuridão total. Dayo estava na cama com os pais, entre os dois, a dormir de barriga para cima. Jeanette tinha a mão no peito do bebé. Era quase insuportável ver os outros a dormir. Teria ela contado tudo a Fodé? Ter-lhe-ia dito que um dos irmãos morrera, mas o que teria ela contado para além disso? Albie nunca contara nada a ninguém. Nem aos Malditos Rapazes das Bicicletas, nem aos colegas estafetas com quem tomava café de manhã, nem a Elsa em São Francisco com quem partilhara uma seringa. Nunca falara sobre Cal. Albie tocou no pé da irmã com a mão; no pé e, depois, no lençol, no cobertor e na colcha. Apertou o pé da irmã que, a dormir, tentou afastá-lo, mas Albie agarrou-o até que ela abrisse os olhos. Ninguém deseja acordar e ver um homem dentro do quarto. Jeanette fez um som breve e abafado, um som de profundo horror que partiu o coração do irmão. O marido e o filho continuavam a dormir profundamente.

– Sou eu – sussurrou Albie. – Levanta-te. – Apontou para a porta do quarto e saiu para a sala de estar, onde ficou à espera da irmã.

-

* O nome da marca traduzido para a língua portuguesa seria «*Lápide*». *(N. da T.)*

**Reddi-wip* é uma marca de natas açucaradas instantâneas. *(N. da T.)*

* Traduzido para a língua portuguesa: «*A diferença que um dia faz*», referindo à letra da música popularizada inicialmente por Dinah Washington, em 1959. *(N. da T.)*

6

Durante o verão, Leo Posen arrendara uma casa, em Amagansett, sem vista para o mar. Teria de ter escrito um género de livro completamente diferente para ter direito a vista para o mar, mas era uma bela casa, com corredores amplos e divisões soalheiras, um baloiço de alpendre do tamanho de um sofá-cama, uma cozinha com uma enorme mesa que parecia ter sido construída pelos colonizadores para celebrar um posterior e mais próspero dia de Ação de Graças. A casa pertencia a uma atriz que, durante esse verão, estaria na Polónia em filmagens e o verão era a única altura do ano em que ela usava a casa. A promotora imobiliária fora bastante clara ao referir que esta propriedade nunca fora arrendada, mas que a atriz era uma grande admiradora de Leo. Na verdade, esperava conseguir um papel na adaptação ao cinema de *Comunidade*. Desejava fazer o papel da médica envolvida no caso amoroso e esperava que Leo, rodeado dos seus belos pertences e das suas fotografias, se lembrasse dela quando a altura se apresentasse.

No espírito da total transparência, Leo disse à promotora que não existia qualquer proposta para a adaptação ao cinema.

Perante tal revelação, a promotora fez uma pausa. Até mesmo ela, que não percebia nada do negócio cinematográfico, sabia que os direitos de adaptação ao cinema deviam ter sido conseguidos antes da publicação do livro. Durante breves instantes, interrogou-se se seria possível adquirir ela mesma os direitos para *Comunidade*.

– Não se preocupe com isso – disse a promotora. – Quando fizerem o filme, ela ainda vai querer representar um dos papéis.

Leo arrendara a casa na expectativa de passar o verão a trabalhar num novo romance, que o seu agente literário vendera ao editor sem haver sequer um esboço do enredo, na altura em que *Comunidade* fazia soar as caixas

registradoras. Também arrendara a casa na expectativa de poder agradar a Franny. Leo dissera-lhe que ela não teria de fazer mais nada além de se deitar no sofá na sala principal o dia todo a ler livros ou ir passear de bicicleta até à praia, onde poderia, também, ler.

– Areia, ondas do mar e rosas rugosas – referiu Leo, pegando numa madeixa do fascinante cabelo de Franny e deixando-a deslizar por entre os dedos. Ao serão, depois do jantar, sentar-se-iam juntos no alpendre, para ele lhe ler tudo o que escrevera durante o dia. – Não parecem ser umas férias assim tão desagradáveis.

Mas foram umas péssimas férias. O problema, aperceberam-se disso demasiado tarde, era a própria casa gloriosa, que ficava no topo de uma colina, permitindo sentir a brisa da tarde, e se encontrava rodeada por uma sebe enorme que conferia privacidade. As árvores de fruto, espalhadas pelo amplo relvado, desabrocharam tardiamente por causa do longo e rigoroso inverno, pelo que, até mesmo nessa altura, em inícios de junho, as cerejeiras estavam repletas de rebentos cor-de-rosa escuros. O amontoado de camas de flores gloriosamente desalinhadas era tratado pelo jardineiro que aparecia às quartas-feiras, dia em que aparecia, também, um homem peruano comum a rede para remover as flores de cerejeirada piscina. Existiam cinco quartos com variações do mesmo tema de águas-furtadas-de-teto-inclinado: bancos de janela, edredons inflados, tapetes entrançados à mão sobre soalhos de carvalho em corte radial. Leo Posen dissera à promotora imobiliária que procurava algo consideravelmente mais pequeno, mas ela não fez caso do pedido.

– Mais pequeno continuará a ser mais caro, tendo em conta o negócio que estou a conseguir para si – revelou. – Não faz ideia do valor que pagaria por esta casa, se a estivesse a arrendar pelo justo preço do mercado. Se não quiser usar os quartos adicionais, sugiro que tranque as portas.

Era uma solução que poderia ter resolvido o assunto, caso a natureza não abominasse um quarto vazio num verão em Amagansett, em particular se esses quartos pertencerem a uma atriz e forem arrendados por um romancista. As pessoas queriam conhecer e visitar a casa. Eric, o editor de Leo, que deveria ter contratado um guarda com posse de arma para patrulhar a propriedade, foi o primeiro a telefonar, dizendo que seria agradável poderem encontrar-se fora da

cidade para discutirem as ideias de Leo para o novo romance. Eric poderia chegar na quinta-feira, evitando as horas de ponta, mas a mulher Marisol precisava de estar presente numa inauguração nessa noite. Sendo assim, apanharia o autocarro turístico *Jitney* na sexta-feira.

Marisol? Leo gaguejou por instantes, mas acabou por concordar de boa vontade com tudo o que o editor lhe dizia «sim, sim, seriam momentos bem passados para todos». Desligou o telefone, olhou para o bloco de apontamentos de folhas amarelas diante dele e, de seguida, pela janela. Estava a chover e, por momentos, permaneceu sentado a observar as cerejeiras, interrogando-se se alguém teria alguma vez feito um bloco de apontamentos a partir de uma cerejeira. Depois, dirigiu-se ao andar de baixo para ver se Franny desejaria ir à cidade para almoçarem.

– É bom que o Eric possa vir – disse-lhe Leo. A chuva era fraca e sentaram-se debaixo do toldo, no exterior de um café onde almoçavam há três dias consecutivos. Era extremamente agradável. – Posso perguntar-lhe se te consegue arranjar um emprego. És uma editora fantástica, sabes, melhor do que ele alguma vez será, ainda que não lhe possa dizer isso.

Franny abanou a cabeça.

– Não lhe perguntes nada.

A empregada de mesa chegou junto deles e Leo tocou na orla do seu copo de vinho vazio. Já passava das duas da tarde, pelo que se tratava de um almoço tardio.

– Se não for eu a perguntar-lhe, estou certo de que ele vai perceber sozinho. Posso apenas referir que andas à procura de uma ocupação. Ou talvez o mencione em conversa com a Marisol.

– O Eric conhece-me – disse Franny. – Se ele quiser contratar-me, sabe onde me encontrar. – É evidente que Eric deveria ter reparado que Franny e Leo não viviam em Nova Iorque; na verdade, não viviam em sítio algum por mais de quatro meses consecutivos, o que tornaria difícil manter um emprego a tempo inteiro. De qualquer forma, Franny não estava certa de querer ser editora.

– O Eric conhece-te das festas e dos jantares. Não teve oportunidade de passar tempo de qualidade contigo. É por essa razão que a vinda dele vem

mesmo a calhar.

Na quinta-feira à tarde, Eric chegou e mencionou que gostaria de jantar em casa. Jantara fora todas as noites dessa semana e, de qualquer forma, seria muito mais fácil conversarem se ficassem em casa. Eric era um homem acelerado, um atleta competitivo de estrutura pequena, a quem em tempos devem ter dito que o azul lhe favorecia os olhos. Franny nunca vira Eric vestido com outra cor que não fosse o azul. Ele olhou para o topo das escadas, tocando afavelmente no corrimão.

Leo olhou para Franny.

– Não há problema, pois não?

Nesse momento, Franny devia ter percebido, mas não percebeu. Julgava tratar-se apenas de um jantar, de uma noite. Entrou na cozinha e telefonou a Jerrell, no Palmer House, para lhe perguntar como se cozinhavam os bifes. Ele estaria no início do seu turno a picar salsa.

– Little House – respondeu Jerrell. – Volta imediatamente para aqui. Sabes que mais ninguém me traz a bebida como tu.

Franny riu-se.

– Achas que vou abdicar do meu verão para te poder levar uma limonada aí no bar? Sê amigo a dá-me uma ajuda.

Jerrell estava no gabinete do gerente, que olhava para ele. Os cozinheiros nunca recebiam chamadas telefónicas. Jerrell disse a Franny para untar a carne com um pouco de mistura de condimentos *Old Bay* e que a deixasse repousar.

– Estou a dizer para pores uma pequena porção, essa mistura nem é própria para bifes. – Depois explicou-lhe o essencial sobre espargos e batatas cozidas. – E compras a salada e um bolo. Alguém por aí deve ter dinheiro. Não te ponhas a fazer tudo sozinha.

Franny foi ao supermercado, ao talho e à pastelaria. Foi à loja de bebidas e escolheu os vinhos, abasteceu-se de uísque escocês e de gim. Quando regressou a casa, descarregou o carro. Leo e Eric escusaram-se da viagem até à cidade, desculpando-se que tinham muito que conversar sobre o novo romance, para despacharem de uma vez os assuntos de trabalho. Franny conseguia ouvi-los a rir no alpendre situado na parte lateral da casa que estava protegido com uma

tela, Leo decidira que ali era um bom sítio para fumar. Enormes e estridentes gargalhadas. Para ser simpática, Franny levou-lhes dois copos com gelo e uma garrafa de uísque. Usava a sua roupa de praia: calções recortados, havaianas e uma *t-shirt* branca. Nessa altura, tinha vinte e nove anos. Brincavam às casinhas e ela era a anfitriã.

– Eric, olha bem para esta rapariga – disse Leo, sentado na cadeira, colocando os braços em redor das ancas de Franny e puxando-a na sua direção. – Não é um sonho?

– Um sonho – confirmou Eric e perguntou a Franny se podia beber um copo alto de *Pellegrino* ou *Perrier* com gelo.

Franny assentiu, satisfeita por se ter lembrado de comprar água com gás. Regressou à cozinha. Os homens falavam sobre Tchékhov e não sobre o livro. Eric indagava-se se existiria mercado para uma nova tradução, uma coleção de dez volumes, com toda a obra. Franny interrogava-se a que histórias de Tchékhov teriam achado graça.

Enquanto feminista, Franny teve de se perguntar por que razão estava na cozinha, numa quinta-feira à noite, a fazer o jantar de Leo e Eric, sem ter qualquer expectativa de que eles oferecessem ajuda. Porém, no dia seguinte, quando Marisol chegou da cidade, numa túnica de linho bordada e usando um lenço de linho vermelho, e se sentou no alpendre coberto dizendo que o que realmente lhe apetecia era um copo de vinho branco, um belo *Chablis* se tivessem, Franny sentiu uma ligeira picada, como se alguém lhe acertasse no pescoço com um elástico de borracha. *Perguntara* a Marisol o que poderia servir-lhe e ela, vasculhando a carteira à procura do tabaco, encantada por ver que mais alguém fumava, respondera-lhe. Qual era o problema?

– Este sítio é lindo! – declarou Marisol, sorrindo ao aceitar o copo oferecido por Franny. – Mas também nunca conheci alguém tão sortudo como o Leo.

Pela mesma razão da noite anterior, decidiram não comer fora de casa nesse serão. Marisol gesticulou na direção das cerejeiras. – Abandonar este sítio e ir à cidade? Jantar com todos os outros passageiros do *Jitney*? Nem pensar. – Marisol geria uma galeria de arte no SoHo. A ideia de poder desfrutar da casa de uma atriz, escutando os grilos, era encantadora.

Franny manteve uma expressão neutra, mas Leo foi capaz de captar uma

centelha do problema. Bateu as palmas das mãos, num único movimento de satisfação.

– Podemos fazer exatamente o mesmo que fizemos ontem à noite. O jantar de ontem estava perfeito. Comemos o mesmo. Não é complicado, pois não? – perguntou, dirigindo-se a Franny.

– A Marisol não come carne – afirmou Eric, recorrendo ao seu sorriso mais simpático. Eric e Marisol eram mais ou menos da mesma idade de Leo, estavam nas fileiras dos recentemente ultrapassados sessenta anos. Tinham um filho que terminava o internato em dermatologia no Johns Hopkins e uma filha que estava em casa com um bebé.

– Peixe – completou Marisol, colocando a mão no ar como fazem os escuteiros. – Na verdade, sou vegetariana, mas como peixe socialmente.

Todos olharam para Franny, repletos de inocência e expectativa, os três acomodados nas almofadas macias cor de marfim que cobriam as cadeiras de vime. Franny não poderia telefonar de novo a Jerrell, ele dir-lhe-ia que ela era uma completa idiota. Para fazer peixe, teria de telefonar à mãe.

– Mais alguma coisa? – acrescentou Franny.

Eric assentiu.

– Algo crocante? Umas nozes, umas tostas ou, quem sabe, uma mistura de frutos secos?

– Aperitivos de bar – respondeu Franny e voltou à cozinha para procurar as chaves.

Nada daquilo acontecia quando eram só Leo e Franny. A sua relação, que durava há já cinco anos, era construída com base na admiração e descrença mútua. Depois de todo este tempo, Leo nem queria acreditar que Franny continuava com ele: não só era muito jovem (não apenas mais nova mas literalmente *jovem*) e mais bela do que ele merecia naquele ponto da sua vida, mas representava a tábua de salvação onde ele se segurava uma e outra vez para regressar ao trabalho: ela era a eletricidade, a faísca. Franny Keating representava a *vida*. Para ela, dizer *Leo Posen* era como dizer *Anton Tchékhov* e podia encontrá-lo ali, na cama, ao seu lado. Não deixava de ser surpreendente, mesmo com a passagem do tempo. E mais do que isso, ele julgava que a vida

dela fazia sentido, quando ela própria não conseguia atribuir-lhe nenhum rumo.

Mas isso não significava que não tivessem problemas: o futuro existia, sempre desconhecido, mas, realisticamente, condenado em determinada altura pela diferença de trinta e dois anos entre eles, e existia o passado, uma vez que Leo continuava tecnicamente casado. A mulher, que vivia em Los Angeles, resistia ao divórcio para beneficiar de uma percentagem nos eventuais futuros direitos de autor, uma exigência comovedoramente otimista, considerando o tempo que passara desde que publicara o último livro. Leo recusava-se categoricamente a ceder qualquer parte do trabalho que ainda não produzira. Depois, publicou esta obra que se tornara um *bestseller* e que lhe granjeara um adiantamento considerável, sob a forma de um prémio em dinheiro, e amplas vendas no estrangeiro. Ao entrarem na nova fase dos cheques sobre os direitos de autor, a mulher provou ao advogado que estivera certa ao fazer finca-pé.

Leo já deveria ser rico por esta altura, mas continuava a ter de aceitar fazer aparições públicas em acontecimentos de prestígio, como autor convidado em instituições de renome, para conseguir sustentar-se, e estas presenças tornavam virtualmente impossível que o tempo fosse suficiente para trabalhar num novo projeto literário. Sim, existia dinheiro a rodos, mas fluía de uma fonte única para inúmeros afluentes. Leo tinha uma primeira ex-mulher, de quem se divorciara efetivamente e que já havia esquecido, mas que conseguira uma pensão de alimentos significativa, bem como os pagamentos da que deveria ser a sua segunda ex-mulher e que lhe custava uma fortuna. A filha do primeiro casamento estava sempre a precisar de dinheiro, na realidade precisava de muito mais do que dinheiro, mas esta era a forma mais fácil de ela expressar as suas necessidades. Além disso, existiam dois filhos do segundo casamento que se recusavam a falar com o pai; um era caloiro em Kenyon e o outro estudante em Harvard-Westlake, em Los Angeles. As propinas de ambos, juntamente com todos os seus desejos, eram ordens para Leo.

Franny sabia que já era tempo de resolver a sua vida, mas Leo apegava-se a ela como uma criança a um cobertor e, honestamente, era maravilhoso que a pessoa que Franny mais admirava precisasse dela e lhe dissesse que ela era indispensável. Isso era, infinitamente, preferível a inscrever-se numa licenciatura, numa altura em que não sabia o que pretendia estudar, pelo que se

deixava ir com Leo, aparecendo com belos vestidos nos jantares das faculdades de Stanford ou Yale. Por vezes, regressava ao Palmer House para trabalhar durante uns meses, vivendo no apartamento que mantinham em North Lake Shore Drive. Leo pagava as prestações do empréstimo de Franny, pelo que se sentia segura, mas sentia falta de ganhar dinheiro pelo seu esforço de trabalho. De qualquer forma, era sempre bom rever os amigos. O Palmer House iria sempre recebê-la.

– Isto é uma loucura – diria Leo ao telefone, depois de ter ultrapassado o ponto em que bebera demasiado para estar a fazer aquele telefonema –, estou aqui sozinho para que possas estar a servir às mesas? Vai para o aeroporto, por favor, esta mesma noite ou amanhã logo cedo, e apanha um avião de regresso. Eu envio-te o bilhete. – Era uma espécie de brincadeira privada, o facto de ele sugerir o envio do bilhete, mas, nestas ocasiões, falava muito a sério.

– Tu ficas bem sem mim – Franny fazia questão de não referir nada de relevante nestas conversas. No dia seguinte, Leo não se lembraria de nada. – E isto é bom para mim. Eu preciso de trabalhar de vez em quando.

– Mas tu tens trabalho! Tens sido uma inspiração constante para mim, quando o resto do mundo falhou nessa tarefa. Eu pago-te um salário. Eu passo-te um cheque. Estamos da falar do raio do teu livro, Franny. É sobre ti.

Claro que, enquanto escrevia o livro, Leo referia que não era sobre ela, que os relatos sobre o passado de Franny apenas haviam espoletado a sua imaginação. Não se tratava da família dela, ninguém seria capaz de os reconhecer na narrativa.

Mas ali estavam eles.

Além da diferença de idades, do facto de Leo ter uma mulher à distância e de ter escrito um romance sobre a família de Franny – que na sua forma final lhe dera voltas ao estômago, ainda que o tivesse considerado muito excitante enquanto ele trabalhava no texto –, além de tudo isso, Franny e Leo entendiam-se lindamente. E não é que ela guardasse rancor do romance, era um romance brilhante, mas era o brilhante trabalho de Leon Posen que ela deixara que a derrubasse.

Todavia, se alguém estivesse a registar tudo numa lista, existia outro problema que merecia ser mencionado, mesmo que Franny se recusasse a vê-lo

como um problema: ela não ingeria bebidas alcoólicas. Leo via a sua abstinência como se fosse um julgamento, embora ela não fizesse qualquer alarido sobre o assunto. Reparou nisso quando eram apenas amigos e nos momentos em que ela se dirigia para o lado do condutor, depois de almoçarem, apenas porque ele bebera três reles copos de *Pinot Gris*. Reparava, também, sempre que estava sozinho e Franny estava do outro lado do país. Franny dissera a Leo que tivera um acidente há muito tempo, que provocara esse acidente por ter estado a beber e, por essa razão, deixara de o fazer. Leo puxou o assunto algumas vezes, em diferentes ocasiões, mas tinha sempre a sensação de que falava com a parte de Franny que frequentara a faculdade de Direito. Leo sentia que ela estava a perder uma grande oportunidade por não completar a sua educação escolar. Começaria por dizer algo do género:

– Mataste alguém nesse acidente de carro?

– Não

– Aleijaste alguém? Atropelaste um cão?

– Não.

– Ficaste ferida?

Ela suspirava profundamente e fechava o livro que estava a ler, *A Marcha Radetzky*, de Joseph Roth. Fora Leo que lhe recomendara a leitura.

– Será que me podes dar descanso sobre este assunto?

– És alcoólica?

Franny encolhia os ombros.

– Que eu saiba não. É provável que não.

– Então porque não tomas uma bebida e me fazes companhia? Podias tomar uma bebida em casa, não te vou pedir que conduzas o carro.

Nessa altura, Franny inclinar-se-ia e dar-lhe-ia um beijo, como se fosse a sua forma de acabar uma discussão, com o melhor dos argumentos.

– Usa o teu cérebro brilhante – dizia, gentilmente. – De certeza que consegues encontrar uma causa melhor pela qual lutar.

Franny entrou na cozinha e telefonou para a mãe na Virgínia.

– Tenho de fazer peixe para o jantar – começou Franny –, para quatro pessoas, algo onde não possa errar.

– Não podem ir comer fora? – perguntou a mãe.

– Não me parece. Revelou-se que esta casa mais parece o Hotel California. As pessoas entram pela porta e não querem mais sair. Provavelmente sentiria o mesmo, se não tivesse de ser eu a cozinhar.

– Tu, a cozinhar – proferiu a mãe.

– Eu sei.

– Já espreitaste dentro do armário dela?

Franny riu-se à gargalhada. A mãe tinha o dom de ir direta ao assunto.

– Biquínis da *Etro*, uma coleção de pequenas combinações de seda, muitas camisolas de caxemira compridas, leves como plumas, sapatos como nunca viste. Ela deve ser do tamanho de um conta-gotas. Nem podes acreditar como tudo é minúsculo.

– De que tamanho são os sapatos?

– 37. – Franny tentara calçar umas sandálias, mas sentira-se como a desajeitada meia-irmã da Cinderela.

– Se eu te fosse visitar, podia ajudar-te a cozinhar – ofereceu-se a mãe.

Franny sorriu e suspirou. A mãe tinha os pés pequenos.

– Não preciso de mais visitas. Neste momento, são o problema.

– Eu não sou uma visita, sou a tua mãe – disse Beverly, com ligeireza.

Por instantes, Franny considerou como poderia ser agradável ter a mãe na outra ponta do sofá a ler um livro. Na maior parte das vezes, Franny ia sozinha à Virgínia ou a mãe ia ter com Franny a Chicago, quando trabalhava no bar. As poucas ocasiões em que Leo e Beverly estiveram juntos, ambos foram descontraídos e educados. A mãe era mais jovem do que Leo. Lera *Comunidade* e, apesar de ficar agradada por ser retratada como médica, ficaria ainda mais satisfeita se tivesse sido excluída de todo da narrativa. Beverly não acreditava que Leo agisse no melhor interesse da filha. Certa ocasião, quando ambos tomavam uma bebida, dissera-lhe isso mesmo. A mãe de Franny não era do que necessitavam para completar as férias de verão.

– Por favor, mãe – suplicou Franny. – Ajuda-me apenas com o peixe.

Beverly pousou o auscultador para ir buscar a receita de ensopado de marisco.

– Se seguires à risca as minhas instruções, como nunca fizeste na vida, farás um tremendo sucesso.

E como ela estava certa. Comeram e choraram por mais. Eric e Marisol afirmaram que nunca haviam comido refeição melhor em Manhattan. A mãe de Franny pensara em tudo, na salada com nectarinas, na marca dos biscoitos de queijo que deveria comprar, e Franny estava tão impressionada quanto os seus convidados. Mas, mais uma vez, Leo não conseguira acompanhá-la ao supermercado e nenhum deles se dispôs a auxiliá-la na cozinha, cortando os pimentões ou qualquer outra coisa. Para mais, quando Franny foi ao alpendre avisar que o jantar estava pronto, Eric, que estava a meio de outra história engraçada a respeito de Tchékhov, levantou o braço para que esperasse até ele terminar a história, que lhe levou cerca de quinze minutos a finalizar, e Franny não conseguia deixar de pensar no camarão que era suposto ficar apenas três minutos a marinar no molho. No final da refeição, os convidados estavam profundamente agradecidos, pois não podiam ter comido melhor, e Eric fez gala em enrolar para cima as mangas da sua camisa de linho azul para levantar os pratos e colocá-los dentro do lava-loiça, mas ficou-se por aí.

No sábado de manhã, a agente literária de Leo, Astrid, telefonou. Na véspera, a sua secretária telefonara para o escritório de Eric, por causa de outro assunto que nada tinha que ver com Leo, e, no decorrer da conversa, disseram-lhe que estava em casa de Leo, em Amagansett. Astrid tinha uma casa em Sag Harbor para onde ia todas as quintas-feiras à noite, no verão, regressando nas segundas-feiras de manhã. Acharam mesmo que não se cruzariam com ela? Astrid referiu que, nessa tarde, estariam em Amagansett. «Estariam» incluía um dos seus autores, um jovem muito promissor que estava a passar duas semanas em casa dela para tratar de algumas revisões finais.

– Eu dou-te a morada – referiu Leo, um tanto ou quanto resignado.

– Não sejas tonto – respondeu Astrid. – Todos sabem onde fica a casa.

– A Astrid? – O rosto de Eric expressava um desespero moderado. Estava de volta das palavras cruzadas do jornal de sábado. Não fizera a barba e não se

queria barbear.

– Ela nem perguntou – disse Leo, apesar de gostar de Astrid. O facto de Eric não gostar dela era prova suficiente de que fazia o seu trabalho.

– Lá se vai o almoço – reclamou Eric.

Marisol desceu as escadas, envergando um fato de banho vermelho e um chapéu de abas largas.

– Vou para a piscina – informou ela.

– A Astrid está para chegar – disse Eric.

Marisol deteve-se e pôs os óculos de sol.

– Bem, ela tem uma casa em Sag Harbor. Não me parece que vá ficar.

Franny conduziu até Bridgehampton e comprou o almoço numa loja *gourmet* ridiculamente cara que vendia refeições para fora, guardou tudo no carro e, em choque perante a súbita e clara evidência de que ninguém se preparava para se ir embora, regressou à loja para comprar, também, o jantar. Leo dera-lhe o cartão de crédito. O total das duas refeições atingiu valores inqualificáveis. Quando regressou a casa, Astrid já chegara, acompanhada de um jovem escritor pálido de nome Jonas, de cabelo escuro brilhante e que usava calças de linho amarelas. Comia o dobro do resto do grupo. Franny apercebeu-se, tristemente, de que não sobraria nada para o almoço do dia seguinte.

– Para quê voltar a editar Tchékhov? – perguntou o jovem escritor a Eric, servindo-se tanto de um peito de frango com ervas aromáticas como de uma posta de salmão escalfado em limão. – Porque não ter a coragem de publicar alguns jovens escritores russos?

– Talvez porque eu não trabalho numa editora na Rússia. – Eric serviu-se de um copo de vinho e abasteceu, depois, o copo de Marisol. – Ah, e também porque não falo russo.

– O Jonas fala russo – informou Astrid, como uma mãe repleta de orgulho.

– *Konechno*[*] – declarou Jonas.

Astrid acenou com a cabeça.

– O Jonas está muito envolvido com os *refuseniks*.

– Não existem *refuseniks* – afirmou Leo. – Abriram as fronteiras nos anos de

1970 e deixaram-nos sair.

– Os *refuseniks* foram o meu campo de estudo – informou Jonas. – Pode ter a certeza de que ainda existem muito judeus oprimidos na Rússia.

– Então não seria melhor que a minha editora publicasse um jovem russo que escreva sobre os *refuseniks* em vez de um norte-americano que os estuda? Isso não demonstraria uma coragem maior?

– Os meus livros não são publicados pela sua editora.

Eric sorriu, perante esse pensamento tão satisfatório.

– Vamos considerar que estamos empatados, sim? Tchékhov é o meu campo de estudo e os *refuseniks* são o seu. Estamos os dois fora de moda.

– Isso é cuscuz? – perguntou Marisol a Franny, apontando para a salada de pepino e tomate.

– Israelita – respondeu Franny, dando-lhe a taça. – É apenas maior.

A premonição de Franny na loja *gourmet* revelou-se estar correta. Chegada a hora do jantar, Leo e os convidados ainda permaneciam sentados nos vários sofás espalhados pela casa. Jonas aparentava estar a trabalhar num manuscrito ou, pelo menos, tinha uma pilha de folhas de papel pousada em cima do colo e um lápis entre os dentes. Era estranho que tivesse trazido um manuscrito para o almoço. Eric aproximava-se, vindo da piscina, e reconheceu que, apesar de há apenas duas horas a ideia de comer lhe parecer impossível, agora julgava estar a ficar com fome. Pelo menos necessitava de uma bebida.

Leo ergueu os olhos e sorriu.

– Ora aí está uma bela ideia.

Após um longo serão, em que Franny não teve de cozinhar, mas necessitou de aquecer a comida, colocá-la nos pratos e servi-la, e depois de um consumo extraordinário de vinho, seguido de um ataque aos *Calvados* e *Sauternes* da atriz para digestivos («Franny, toma nota do que estamos a consumir», pediu Leo, perscrutando a garrafeira da despensa. «Lembra-me de repor tudo»), assim que todos regressaram ao alpendre lateral para fumar, Franny ficou sozinha na sala de jantar onde parecia que Baco acabara de fazer uma farra. Respirou fundo e começou a empilhar os pratos.

O alto e jovem romancista seguiu Franny até à cozinha. Por instantes, julgou que ele estava interessado em ajudá-la, até perceber que ele estava apenas interessado nela. Agora usava óculos, apesar de Franny não se lembrar de o ter visto com eles anteriormente, quando estava a ler.

– O meu contrato é com a editora *Knopf* – revelou Jonas, pegando num copo de vinho e segurando-o com um pano da loiça. – *Entre nous*, esperava fazer contrato com a FSG. Desde a faculdade que desejava publicar na FSG, mas... – e encolheu os ombros, encostando-se ao lava-loiça – sabes como é.

– Não quiseram publicar o teu livro? – perguntou Franny.

Jonas parecia magoado.

– Dinheiro – respondeu. – Todos sabem que a FSG nunca tem capital.

Franny passava os pratos por água e Leo entrou na cozinha.

– Ah, estás aqui! – exclamou para o jovem romancista de braços abertos com um copo alto numa das mãos. – Estava à tua procura para te mostrar uma árvore. – Por vezes Leo berrava, quando estava embriagado, e, com todas as janelas abertas, Franny interrogava-se se os vizinhos conseguiriam ouvi-lo.

– Uma árvore? – perguntou Jonas. Tinha os óculos ligeiramente embaciados por estar tão perto do lava-loiça. Leo colocou o braço em redor dos ombros do jovem e levou-o para fora.

– Anda ver. Está um maravilhoso céu noturno.

– A sério, Leo? – perguntou Franny. – Uma árvore? É o melhor que consegues arranjar?

Astrid acabou por não passar a noite, mas, sabe-se lá como, o jovem escritor acabou por ficar. Jonas revelou que, se bebesse, era propenso a enjoar ao andar de carro e, certamente, fora o caso. Observou a casa e declarou que tudo parecia saído de um romance de Fitzgerald, tanto que pernoitar teria de fazer parte do serão. Astrid, que também teria ficado se lhe tivessem alargado o convite, voluntariou-se para o ir buscar no dia seguinte, por volta da hora do almoço.

Quando a última peça do serviço dinamarquês de porcelana da atriz fora de novo guardada nos armários com portas de vidro, as bancadas de zinco da cozinha estavam limpas e o lixo posto na rua, Franny fez uma pausa para contemplar o seu excelente trabalho. Os convidados proporcionaram-lhe três

dias de trabalho forçado, mas era o tipo de tarefas a que estava acostumada. Talvez não a parte de cozinhar, mas a de servir bebidas e despejar os cinzeiros, de arrumar e trazer o que fosse solicitado, sendo uma espectadora silenciosa das conversas à sua volta. No dia seguinte era domingo e, nesse dia, tudo estaria terminado. Franny sentia-se orgulhosa de si: fora uma boa companheira. Leo estaria seguramente agradecido por todas as delicadezas que ela tivera com os seus amigos.

Depois de um pequeno-almoço de ressaca em que os que queriam comer ovos pediram que fossem preparados de formas distintas, Leo anunciou que tinha trabalho para fazer. Colocou o seu bloco de notas de folhas amarelas, as canetas, o uísque e dois volumes de Tchékhov (Eric convencera-o a escrever a nota introdutória da nova edição, não sem antes, claro, acabar o seu próprio romance) numa sacola de pano e atravessou o relvado em direção à pequena cabana de uma só divisão situada ao fundo da propriedade. Com uma pequena secretária, uma cama de solteiro, uma cadeira estofada, um otomano e um candeeiro de pé, era fácil imaginar que a cabana teria sido construída com esse propósito: não o de escrever, porque Leo não andava a escrever, mas o de constituir um refúgio das hordas de traças que eram atraídas pela chama magnificente que era aquela casa.

– É bom sinal que ele esteja a trabalhar – disse Eric para Franny. Segurava com ambas as mãos na caneca do café, olhando melancolicamente na direção por onde Leo desaparecera, como uma mulher na praia olharia para o horizonte, precisamente para o local onde o baleeiro se ocultara da sua visão. – Temos de o encorajar, certificarmo-nos de que ele continua. Não pode perder o ímpeto.

Franny não referiu que não existia ímpeto porque não havia livro nenhum. Questionava-se sobre o que teria Leo dito a Eric.

– Ele vai trabalhar – continuou Franny –, assim que tudo se acalmar e estiver mais silencioso. – Que estaria ele a pensar apanhar de regresso à cidade? Olhou para Eric, de cabelo cinzento comprido e encaracolado, com os óculos colocados no topo da cabeça. – Depois diga-me, quando quiser apanhar o *Jitney* – arriscou dizer. – Eu levo-o de carro. Aos domingos, pode haver uma fila de pessoas à espera.

Marisol abanou a cabeça.

– Já me bastou na sexta-feira. Nem consigo imaginar como será no domingo. – Olhou para o marido. – Quando pensas regressar?

Eric inclinou a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse a calcular a gorjeta que deveria dar.

– Terça-feira? Talvez na terça-feira. Terei de confirmar.

Marisol assentiu e pegou no suplemento de moda do jornal.

– Bem, tenho direito a um dia extra. Cheguei um dia depois de ti.

Jonas chegou à cozinha vestido com uns calções de banho verdes e uma *t-shirt*.

– Posso beber apenas café? – perguntou, semicerrando os olhos por causa da luz da manhã. – Vou dar um mergulho.

Franny tinha tanto para dizer, mas naquele preciso momento distraiu-se perante a visão dos calções de banho do jovem escritor, deixaram-na atordoada.

– Onde arranjaste os calções de banho?

Jonas baixou a cabeça e mirou-se.

– Estes? Nem me lembro. Na *REI*[*]?

De *t-shirt*, à luz brilhante do dia, não parecia ter mais do que vinte anos.

– São teus? Trouxeste os calções?

Todos olhavam para Franny.

– Sim, trouxe – respondeu ele e puxou o tecido com dois dedos. – Estão bem para a ocasião?

– Trouxeste uma muda de roupa?

Jonas percebeu, então, o intuito das perguntas da anfitriã e respondeu com uma defesa mal preparada.

– Eu enjoo de carro. E não gosto de andar de carro de noite. Astrid disse que a casa era grande.

Franny estava no supermercado, quando eles chegaram. Não o vira chegar com a bagagem. Teria de lavar os lençóis do quarto dele, a menos que não tivesse a intenção de se ir embora. O telefone tocou e Jonas, numa atitude independente, serviu-se de café e saiu pela porta das traseiras.

– Quero falar com o meu pai – exigiu a voz do outro lado do telefone.

– Ariel? – Não se ouviu resposta, porque a resposta seria que Leo tem três filhos, dois deles são rapazes e, nessa altura, a rapariga era a única que falava com ele, por isso se uma mulher telefonasse a pedir para falar com o pai, sim, teria de ser Ariel. – Espera um segundo – respondeu Franny. – Ele está na cabana das traseiras. Vou ter de o chamar.

Eric olhou para Franny como se inquirisse a natureza do telefonema de Ariel, mas ela ignorou-o. Atravessou a relva molhada, por baixo das cerejeiras, para lá da piscina onde Jonas estava estendido, sem *t-shirt*, em cima da prancha de saltos, com a caneca do café ao lado da cabeça. Chegou à porta da cabana e não bateu.

– A Ariel está ao telefone – informou.

Leo estava estendido em cima da cama, com um volume de Tchékhov na mão. Olhou para Franny e sorriu.

– Podes dizer-lhe que estou a trabalhar? Diz-lhe que telefono mais tarde.

– Nem pensar – retorquiu Franny.

– Não posso falar com ela agora.

– Bem, eu também não, por isso sugiro que vás até à cozinha e desligues o telefone.

Franny saiu da cabana e dirigiu-se ao fundo da propriedade. Sabia onde existia uma abertura na sebe e aproveitou-a: seguiu pelo pátio do vizinho, descendo pela rampa da casa dele até à rua, com as havaianas a chinelarem. Desejou ter a bicicleta consigo, um chapéu, algum dinheiro e, ao mesmo tempo, não desejava nada, somente estar sozinha. Franny não foi capaz de evitar o pensamento de que todo o desconforto que sentia fora provocado por ela própria. Se tivesse dado um rumo à sua vida, ninguém lhe pediria para fazer um *cappuccino* e, se tivesse feito alguma coisa da sua vida, teria todo o gosto em preparar um *cappuccino* para os outros, porque não seria esse o seu emprego. Faria o café por ser uma pessoa gentil e prestável. Conseguiria sentir-se bem por ser amável, sem se questionar constantemente se seria algo mais do que uma empregada de mesa com uma aparência razoável. À beira dos trinta anos, desejava ter descoberto como ser mais do que uma musa ou, como dissera o pai

na última vez em que estiveram juntos em Los Angeles: «Ser a amante de alguém não é um trabalho.»

O pai não lera *Comunidade*, mas a irmã Caroline sim.

– Não tem nada de particularmente difamatório – afirmou Caroline. – Ele encobriu bem o rasto.

– Fico satisfeita por não escreveres recensões para o *Times*.

– Pondo as coisas de outra forma, não posso dizer que tenha gostado, mas não o vou processar.

– Quase nem apareces no livro.

Caroline deu uma gargalhada.

– Talvez tenha sido isso o que me irritou a respeito do livro. Seja como for, se tivesse a intenção de o processar, tornaria isto um caso de ação civil e envolveria toda a família.

– Bem – disse Franny –, seria uma forma de nos juntarmos todos outra vez.

Era curioso o quanto Franny sentia a falta de Caroline. Por muito que se odiassem quando eram mais novas, existia um afeto peculiar que surgira sorrateiramente algures no caminho. Franny e Caroline conheciam as mesmas histórias. Caroline exercia Direito em matéria de patentes, em Silicon Valley. Não existia nada mais difícil do que isso. Estava casada com um programador informático de nome Wharton. Wharton era o seu apelido, mas todos o tratavam assim, porque o primeiro nome era Eugene. Franny era da opinião de que ele conseguira suavizar a natureza da irmã. Fazia Caroline rir. Cresceram juntas e Franny não se recordava de alguma vez a ter visto rir sobre o que quer que fosse, pelo menos nunca diante dela. Caroline e Wharton tinham um bebé que se chamava Nick.

Franny passara uma longa temporada com Caroline no semestre em que Leo deu aulas em Stanford. Caroline ainda a importunava para retomar os estudos de Direito e Franny acreditava que essa insistência se devia ao afeto.

– Acredita em mim – dizia Caroline. – Eu sei que a faculdade é terrível. Até exercer advocacia pode ser miserável. Mas, mais cedo ou mais tarde, terás de fazer *alguma coisa*. Se achas que vais encontrar algo que será perfeito para ti, vais passar o teu octogésimo aniversário a olhar para os anúncios de emprego.

– Parece que me estás a convencer a aceitar um péssimo casamento.

– Mas não tem de ser um mau casamento. Porque não consegues ver isso? Acaba o curso de Direito e vai combater a discriminação imobiliária ou arranja emprego numa editora a tratar dos contratos dos autores.

Franny sorriu e abanou a cabeça.

– Eu arranjo solução – foi o que respondeu à irmã.

Mas não arranjara nenhuma solução e agora estava em Amagansett, a caminhar pela cidade, para evitar o homem que amava e os seus amigos. Franny espreitou as montras das lojas e, ao ver um jornal abandonado num banco, sentou-se e leu-o de uma ponta à outra. A luz era suave, cor de mel, ao ponto de quase a levar a perdoar os convidados por quererem permanecer na casa. Esperou até se certificar de que seria tarde de mais para alguém lhe pedir que fizesse o almoço. Passou pelo restaurante de que ela e Leo gostavam, na esperança de, por algum acaso, o encontrar ali. Por fim, decidiu regressar. Nada mais havia para fazer. Planeava esgueirar-se até ao quarto, sem ser detetada, mas todos a viram do alpendre lateral e acenaram-lhe.

– Franny, que dia tivemos sem ti! – exclamou Leo, como se não fosse estranho Franny ter-se ausentado e, entretanto, regressado. Astrid, de volta de Sag Harbour, assentiu.

– Tive de trazer sanduíches para o almoço. Ainda sobrou algum sorvete.

– E o Eric e eu fomos à cidade comprar o jantar – declarou Marisol.

– Alguém vai ter de regressar à cidade – acrescentou Eric. – Não comprámos o suficiente.

Franny olhou para eles no alpendre, a imagem de todos suavizada pela tela de proteção, com a luz do dia a bater por trás e uma fila de lírios amarelos a separá-los dela. Não era muito diferente de ver tigres no jardim zoológico.

– O Hollinger telefonou – informou Leo. – Vem da cidade com a Ellen. Devem chegar dentro de uma hora.

– O Hollinger? – perguntou Astrid. – Não me disseste nada. Como ficou ele a saber onde estás?

John Hollinger não era cliente de Astrid. O seu romance, *The Seventh Story*,

vencera *Comunidade* no prémio Pullitzer e ambos os autores fizeram gala em mostrar que isso não afetara a sua amizade, apesar de não serem grandes amigos à partida.

Marisol fez um aceno evasivo.

– Não será dentro de uma hora. Ele chega sempre atrasado.

Houve uma época em que Franny se sentiria assoberbada perante a notícia de que John Hollinger viria para jantar, mas esse tempo já passara. Agora, ele e a mulher não eram mais do que dois lugares extra na mesa do jantar. Com eles seriam oito pessoas, assumindo que Astrid e Jonas dificilmente se iriam embora.

– E tu? – perguntou, finalmente, Eric, olhando na direção de Franny, como se tivesse acabado de se lembrar de que ela estivera ausente. – Tiveste um bom dia?

Franny fez sombra nos olhos com a palma da mão para olhar para cima na direção de Eric, um tanto ou quanto perplexa.

– Claro – disse. E era tudo o que precisavam de ouvir para escusá-la da conversa.

Em cima da mesa comprida de madeira da cozinha, estavam seis caixas de cartão e meia dúzia de espigas de milho envoltas ainda nas cascas verdes. Ouviu o som de algo a raspar e uma das caixas saltou abruptamente para a frente. Leo entrou na cozinha e colocou-se atrás de Franny.

– Desculpa pelo Hollinger – disse, beijando-a na parte lateral da cabeça. – Ele nem perguntou. Telefonou a anunciar a sua iminente chegada. Devíamos ter alugado um quarto num motel no meio do Kansas para passar o verão.

– Ter-nos-iam encontrado.

– Passei o dia escondido na cabana para que todos pensassem que estou a escrever um romance. E tu, onde foste?

– O que está dentro das caixas? – perguntou Franny, apesar de saber perfeitamente o que continham.

– Marisol achou que seria divertido se jantássemos lagosta.

Franny virou-se e olhou para Leo.

– Ela disse que era vegetariana. Sabe como cozinhá-las?

– Creio que não deve ter grande ciência. Basta pô-las em água. Escuta –

prosseguiu Leo, colocando as mãos nos ombros de Franny e olhando de frente para ela, numa atitude que o fazia parecer corajoso –, tenho de te dizer uma coisa que preferia não dizer: a Ariel vem passar uns dias connosco.

Havia a possibilidade de muitas coisas acontecerem, mas Franny e Ariel a viverem na mesma casa não era uma delas. Por causa de Ariel, sempre que estava em Nova Iorque, Franny mantinha-se longe da vizinhança de Gramercy Park. Era o modo como se respeitavam mutuamente: mantendo-se longe uma da outra.

– Ela não devia vir, sabendo que estou aqui – declarou Franny. – Fui eu quem atendeu o telefone.

– Acho que ela só quer ver a casa. Há meses, cometi o erro que lhe falar sobre a casa. Na altura, não sabia que acabaríamos por arrendá-la. Ela diz que precisa de umas férias.

Franny distraiu-se com o raspar das caixas, que, conseguia ver, progrediam milimetricamente ao longo da mesa. A ideia de cada uma das lagostas no escuro era tão torturante como a ideia de Ariel Posen em Amagansett, ou então estava a vivenciar uma espécie de transferência emocional. Leo seguiu o olhar de Franny pela mesa.

– Eu deveria ter sido um par de pinças irregulares – recitou Leo, olhando para os tristes recetáculos que tentavam fugir –, a arrastarem-se pelo fundo do mar silencioso.*

– Leo, ela odeia-me. Isso ficou bem claro.

Leo reuniu energia para esboçar um sorriso desvanecido.

– Bom, pode ser que seja o verão em que ela deixa de te odiar e em que todos nos entendemos. Vai ter de acontecer mais cedo ou mais tarde.

– Quando? – quis saber Franny, não exatamente quando iria Ariel deixar de odiá-la, pois sabia a resposta a essa pergunta, mas «*Quando chega ela?*».

Leo suspirou e puxou Franny para si, o amplo e caloroso peito da literatura.

– Ela ainda não sabia. Talvez amanhã ou, possivelmente, na terça-feira. Disse que, se conseguisse organizar tudo, viria hoje mesmo, mas acho que não temos de nos preocupar com o dia de hoje.

– Vai trazer a Button? – Button era a filha de Ariel, a neta de quatro anos de Leo Posen, a sua única neta.

Leo mirou Franny, surpreendido.

– Claro que vai trazer a Button.

É claro.

– Mais alguém?

Leo dirigiu-se ao frigorífico e encontrou uma garrafa aberta de *Pinot Gris*, que sobrara do almoço. Despejou o que restava num copo que estava pousado no lava-loiça.

– Talvez algum namorado. Há um tal de Gerrit. Creio que é holandês. Disse que ainda não sabia quais eram os planos de Gerrit. Talvez se comporte melhor, se estiver com alguém a quem tenha de impressionar.

– Deverei eu, a seguir ao chá, aos bolos e aos gelados, ter a coragem de forçar o momento crítico? – dirigiu Franny às lagostas.

– E o que é que isso quer dizer? – inquiriu Leo.

Franny abanou a cabeça.

– Nada. É apenas o verso seguinte.

– Não é o verso seguinte – respondeu Leo e levou o vinho para o alpendre.

Franny colocou uma tesoura na carteira e carregou as seis caixas para dentro do carro. Franny, que se considerava desprovida de talentos, conseguia carregar mais coisas do que qualquer pessoa julgaria possível. Sentia as lagostas a agitarem-se, à medida que os seus corpos deslizavam, severamente, para os cantos escuros das caixas de cartão.

– Precisas de ajuda? – perguntou Jonas, acelerando o passo ao ver Franny. Regressava da piscina com o peito e as costas desigualmente queimados pelo sol.

– Eu consigo – retorquiu Franny, pousando as caixas para abrir a porta do carro.

– Vais à cidade?

– Vou, de novo, à cidade. – Acomodou os passageiros no chão da parte de

trás do carro, três de cada lado.

– Deixa-me apenas ir buscar uma camisola – pediu Jonas, radiante com a oportunidade que se apresentava. – Também preciso de algumas coisas da cidade e faço-te companhia.

Franny planeava dizer-lhe que não, tentar explicar, mas, em vez disso, assentiu. Esperou que a porta da cozinha se fechasse atrás dele, esperou mais dez segundos e, depois, enfiou-se no carro e partiu.

Franny e Leo não falavam sobre casamento, exceto quando estavam na cama, durante pequenos instantes sentimentais, com as mãos de Leo a percorrerem as costas de Franny, mas, mesmo nesses momentos, comentavam somente a rapidez com que se teriam casado, não fosse o futuro e o passado de ambos. Do que nunca falavam era do elemento proibido do presente, que era a filha de Leo.

Na maior parte do tempo, Franny esforçava-se por não pensar em Ariel, com quem se cruzara, em ocasiões bastante desastrosas, no início da sua relação com Leo. Franny não ambicionava gostar da filha dele, mas esperava um dia conseguir atingir um certo grau de compaixão longínqua por ela. Para isso, disciplinou-se a lembrar-se do próprio pai sempre que Ariel assomava ao seu pensamento, imaginando Fix a surgir acompanhado por alguém mais novo do que ela, sendo a pobre Marjorie completamente relegada para segundo plano. Imaginava Fix acompanhado da sua empregada de bar favorita, não apenas para estar com ele durante um fim de semana, mas para ficar a seu lado durante cinco anos. O pai apaixonado por uma empregada de bar sem quaisquer meios de subsistência, que esperaria por ele em quartos de motéis quando tivesse de fazer alguma ronda de vigilância. Colocando as coisas nestes termos, a torrente de raiva de Ariel contra Franny era mais fácil de tolerar. A verdade é que Franny não suportava ser odiada por alguém. O Sagrado Coração não a preparara para isso e a faculdade também não. A faculdade de Direito fizera o que pudera para a endurecer, mas vejam-se os resultados que Franny obtivera na faculdade.

Encontrou um lugar para estacionar a dois quarteirões da costa e carregou as seis caixas de cartão até ao final do cais, passando pelos pescadores e os seus baldes de isco e canas de pesca, para lá dos turistas de mãos dadas. Queria atirar as lagostas para as águas profundas. Talvez fossem suficientemente estúpidas para rastejarem até à panela de outra pessoa no dia seguinte, mas não queria que

caminhassem diretamente para a praia minutos após terem sido libertadas. Alinhou as seis caixas e abriu-as. Era Natal no cais. O Natal dos crustáceos. Tinham uma coloração preta e verde, diferente do vermelho-vivo com que ficam depois de serem cozinhadas. Continuavam enérgicas, animadas pela proximidade da água salgada, agitando as pinças amarradas, impacientes. Nunca saberiam do que acabavam de se livrar, embora, sendo lagostas, provavelmente nunca saberiam coisa alguma. Franny pegou na tesoura e manteve as lagostas nas caixas, esforçando-se por cortar os elásticos grossos que amarravam as pinças, tentando não cortar uma pinça nem um dedo. (O primeiro elástico era fácil, mas cortar o segundo era um desafio.) Ao terminar, Franny tombou as caixas à vez, arremessando as lagostas para o oceano, ouvia-se um agradável baque ao embaterem na água, depois desapareciam de vista, mergulhando para o fundo.

A tarde já chegara ao fim, pela altura em que Franny terminou de carregar o carro com todas as provisões necessárias para o jantar e regressou a casa. Vislumbrou Leo no alpendre da frente a falar com alguém junto à porta (nove pessoas para jantar? Já tinha a sua conta), os restantes elementos do grupo estavam sabe-se lá onde. Havia um elegante Audi prateado estacionado nas traseiras, o que significava que os Hollingers já deviam ter chegado. Franny pensou no agradável que teria sido poder tomar um banho antes de os ver, mas isso não iria acontecer. Começou a carregar as caixas e os sacos para a cozinha. Já fizera três viagens, no momento em que Leo apareceu com um homem alto com uma longa trança preta.

– Franny – chamou Leo.

Franny pousou em cima da mesa a caixa pesada que transportava e que continha licores e vinhos. Dentro do carro, havia uma segunda, também com bebidas. Pousou as mãos em cima da caixa para a equilibrar. No primeiro instante em que o viu, soube exatamente o que fizera, o quão grave e errado fora partilhar algo que não lhe pertencia em exclusivo. Já o sabia há algum tempo, mas nunca se importara. Fora o modo como Leo a escutava, como lhe fizera tantas perguntas e lhe pedira que contasse tudo mais uma vez. Nada na vida de Franny se igualava à luz que irradiava dele ao escutá-la com atenção.

– Meu Deus – exclamou Albie. – Estás exatamente na mesma.

Ele estava mais alto e mais magro do que alguma vez Franny poderia imaginar. Vestia uma *t-shirt* de mangas cavas e umas calças largas com inúmeros bolsos. Tinha os braços escuros e musculados e os pulsos tatuados. Era ao mesmo tempo alguém que conhecera como irmão e alguém que nunca antes vira.

– Tu não – retorquiu Franny.

Não pensara já que ele apareceria mais cedo ou mais tarde? Nos meses seguintes à publicação do livro, esperava encontrá-lo em cada esquina, mas o tempo foi passando. Esquecera-se dele entretanto?

– Como é que nos encontraste?

– Encontrei-o a ele – referiu Albie, indicando Leo. – Pelos vistos, é a pessoa mais fácil de localizar do mundo.

– É bom saber disso – respondeu Leo.

– Não estava a pensar que tivesses sido tu – disse Albie a Franny. – Mas creio que faz sentido. Alguém teve de lhe contar.

Queriam ir para o celeiro escovar os cavalos. Se escovassem os cavalos e limpassem alguns dos estábulos, era usual Ned permitir-lhes que montassem a égua à vez, no resto da tarde. Porém, Albie estava a enlouquecê-los. O que fazia ele de tão intolerável? Naquele preciso momento, diante dele, Franny já não se lembrava. Ao fim e ao cabo, talvez ele não estivesse a fazer nada de errado. Talvez fosse porque alguém tinha de tomar conta de Albie e ninguém queria fazê-lo. Ele não era o monstro que lhe diziam que era. Na verdade, não havia nada de horrível nele. Era apenas o miúdo mais novo.

– O Albie tem um hálito horrível – anunciou Franny e virava-se para ele. – Não lavaste os dentes de manhã?

Era assim que tudo começava. Holly aproximava-se, cheirava o ar em frente do rosto do irmão e revirava os olhos.

– Um *Tic Tac*, por favor.

Caroline olhava para Cal.

– É melhor dar-lhe. Sabes que ele nunca vai lavar os dentes. Acho que ainda não os lavou desde que aqui chegámos.

Cal retirava a pequena caixa de plástico do bolso. Continha quatro, por isso

deu-lhe os quatro.

– Todos? – perguntou Albie.

– Cheiras mal – justificou Cal. – Se não tomares os quatro, vais afugentar os cavalos.

Nesse momento, Jeanette saiu. Não revelou para onde ia, mas as restantes crianças disseram que tinham de esperar por ela.

– Também quero ir! – exclamou Albie.

Franny acenou negativamente com a cabeça.

– A Ernestine disse que tínhamos de nos manter juntos.

Esperaram até Albie adormecer. Nunca demorava muito tempo. Cal carregava Albie até à lavandaria, onde o pousava no chão, sob uma pilha de toalhas. Era domingo e Ernestine preparava um belo jantar. Aos domingos, nunca lavava a roupa.

Decorridos vinte anos, ali estava Albie na casa de verão da atriz, depois de ter lido sobre o dia que passara a dormir, num romance escrito por alguém que nunca conhecera. Franny abanou a cabeça. Tinha as mãos geladas. Nunca tivera tanto frio.

– Desculpa – murmurou Franny. As palavras saíram sumidas, pelo que repetiu. – Sei que não vale de nada, mas sinto muito. Cometi um erro terrível.

– Em que medida cometeste um erro? – inquiriu Leo. Retirou da caixa uma garrafa de *Beefeater*. – Vou tomar uma bebida. Mais alguém quer?

– Achaste realmente que eu nunca iria descobrir? – perguntou Albie. – Quero dizer, talvez até tenha sido uma bela aposta, já que demorei este tempo todo.

– Antes de chegares, estava a tentar explicar-lhe – declarou Leo, servindo-se de um copo de gim. – Os escritores buscam a inspiração em muitas fontes. Nunca é só uma coisa.

Franny olhou para Leo, desejando que ele pegasse no copo e fosse para o alpendre fumar com os convidados.

– Dá-nos um minuto – pediu-lhe Franny. – Isto não tem nada que ver contigo.

– Claro que tem que ver comigo – retorquiu Leo. – Trata-se do meu livro.

– Continuo sem perceber – prosseguiu Albie, apontando para Franny e depois para Leo. – Como é que ele acabou por ficar com a minha vida?

– Não é a sua vida – afirmou Leo. – É isso que estou a tentar explicar. É fruto da minha imaginação.

Albie parecia um chicote, movimentou-se com as mãos esticadas na direção dos ombros de Leo, empurrando-o para trás. Leo, sobressaltado, deixou cair o copo no chão e, por instantes, a cozinha ficou impregnada com o aroma puro do gim.

– Não percebe porque estou aqui, pois não? – explodiu Albie. – Não percebe o esforço que estou a fazer para não acabar consigo. E olhe que era capaz de o fazer. Se sou fruto da sua imaginação, decerto compreende quão pouco tenho a perder.

Existiam fundamentos válidos para que se dirigisse a Leo, para que pusesse as suas mãos no braço dele, mas, em vez disso, Franny virou-se para o irmão.

Fora com Albie que falhara. Ela e Leo foram injustos com ele.

– Escuta-me, vamos conversar – pediu Franny a Albie. – Anda lá para fora conversar comigo.

Leo cambaleou, com a face vermelha, como se tivesse sido atingido. Leo, mais baixo, mais pesado e com mais do dobro da idade de Albie, mais tarde juraria que fora atingido naquele momento. O copo alto rolou pelos pés deles, miraculosamente intacto.

– Vou chamar a polícia – declarou Leo, escutando a irregularidade da sua própria respiração.

– Ninguém vai chamar a polícia – advertiu Franny.

– Mas que raio estás tu a dizer? – exclamou Leo.

Marisol entrou na cozinha pelas portas basculantes com Eric atrás dela.

– Franny, onde estão as minhas lagostas? – perguntou.

De início, Franny não conseguiu perceber a que se referia Marisol ou sequer porque estava ela ainda naquela casa, mas depois lembrou-se.

– Vamos – pediu, continuando a observar Albie.

– Sabes ao menos quanto custa uma lagosta?

Eric tocou no ombro da mulher.

– Anda, vamos para a sala – disse Eric. – Eles têm visitas.

– Nós somos as visitas! – exclamou Marisol. Usava um vestido de seda cor de esmeralda e um colar dourado. Os Hollingers haviam chegado e Marisol vestira-se a rigor para o jantar. Apenas Hollinger era um nome mais sonante do que Posen e, mesmo assim, haveria quem discordasse dessa afirmação. Hollinger tivera uma carreira mais consistente e maiores vitórias. O jantar, ainda por fazer, estava nas caixas em cima da mesa, dentro dos sacos das compras. – O Jonas contou-me que puseste as lagostas dentro do carro. Tinham algum problema?

Albie virou-se para Franny.

– Trabalhas para estas pessoas?

Franny retirou a mão do braço de Albie e pegou-lhe na mão.

– Temos de ir.

– Quem é este? – perguntou Marisol. A mulher que não fazia parte de nada e que nunca fora convidada para estar presente.

– Este é o meu irmão – respondeu Franny.

– Ele não é teu irmão coisa alguma – declarou Leo, num tom de voz tão alto que atravessou a janela e transpôs o relvado.

Naquela manhã, Franny cometera o erro de sair sem a carteira e não voltaria a cometê-lo.

– Espera aqui – pediu a Leo. – Vai tudo correr bem.

Albie pegou na garrafa de gim.

– Não vais sair com ele – ordenou Leo.

– Se não sair daqui com ele, vou convidá-lo para ficar para jantar. E vou pô-lo no quarto de hóspedes lá em cima, pode ser?

– Vamos fazer o seguinte – sugeriu Eric –, porque não levamos uma bebida aos nossos convidados lá fora? Marisol, traz o saca-rolhas e uns copos. Talvez nos devêssemos sentar todos um pouco a tomar uma bebida. Já tem o gim consigo. – Eric acenou na direção de Albie e depois virou-se para Franny. – Os Hollingers estão cá. Chegaram quando foste à cidade. Vem cumprimentá-los.

Eric tentava recuperar a noite, transformando-a novamente num jantar de convívio. De súbito, ocorreu a Franny que era evidente que Eric não soubesse quem era Albie e que não soubesse quem ela era, para além de ser a namorada de Leo. Porque quando Leo se referia a Franny como sendo a sua inspiração, o que fazia com frequência, ninguém julgava que ele falava literalmente. Para Eric, a história de dois casais que vão morar lado a lado, com as suas crianças abomináveis, não passava do enredo de um romance. Franny queria consolar Leo, mas Marisol já abrira a porta da cozinha. Todos conseguiam ouvir as vozes que vinham da entrada e eram muitas! *Olá! Olá!* ouvia-se o som das portas dos carros a bater, dos risos, da voz de Ariel a chamar pelo pai.

* * *

Se Beverly ou Bert contassem hoje a história, diriam que se divorciaram depois da morte de Cal. Isso era verdade, claro, mas a palavra «depois» seria falaciosa. Fazia uma ligação entre a morte e o divórcio, como se fossem a causa e o efeito, como se Beverly e Bert fossem um desses casais que, após a morte de um filho, percorrem caminhos tão separados no seu luto ao ponto de não se conseguirem voltar a encontrar. Não era esse o caso.

Bert culpava Beverly por deixar as seis crianças sozinhas na quinta com Ernestine e os pais dele, por não ter dito a ninguém que ia a Charlottesville no carro da mãe para ver duas sessões consecutivas de *Harry & Tonto*. (Não planeara ver o filme duas vezes, mas a sala de cinema estava tão vazia, tão tranquila e fresca. Chorara no final do filme e durante os créditos, por isso, em vez de sair da sala para o átrio com o rosto sujo de rímel, decidiu permanecer onde estava.) Julgava ele que Beverly passava o tempo todo a supervisionar as crianças? Será que acreditava que se ela tivesse ficado em casa naquela tarde, depois de ler um livro no quarto, ou uma revista, ou de dormir uma sesta e oficialmente morrer de tédio, teria ido com as crianças ao celeiro para tratar dos cavalos? A verdade é que também ela deixara as crianças sozinhas em Arlington, deixara-as para preservar a sua própria sanidade mental. Pelo menos, na quinta, tinham supervisão adulta. Será que os pais de Bert não teriam qualquer responsabilidade sobre o que se passara na sua propriedade? E Ernestine? Beverly deixara as crianças ao cuidado de Ernestine, mesmo que não lho tenha

dito. Ernestine tinha maior sentido parental do que Beverly, Bert e os pais do Bert em conjunto e não vira qualquer problema em que as crianças caminhassem um quilómetro até ao celeiro.

Bert não devia ter insistido que Beverly ficasse com as crianças em casa dos pais dele no campo, durante a semana, enquanto ele se enfiava na carrinha e voltava a Arlington para trabalhar. Se Bert julgava que as crianças necessitavam de escolta para irem ao celeiro, então devia ter-se mantido por perto e tê-las acompanhado ele mesmo. Beverly não queria ser uma convidada na casa dos pais de Bert. Perguntavam, constantemente, às crianças pela sua maravilhosa mãe biológica. *Como está a Teresa? O que está ela a fazer neste momento? Espero que a vossa mãe saiba que é sempre bem-vinda nesta casa e que pode ficar connosco sempre que quiser.*

As crianças também não queriam ficar com os avós. Foram muito mais felizes em Pinecone, onde passaram os verões anteriores. Na casa dos pais de Bert, eram obrigadas a descalçarem-se, a deixarem os sapatos à porta da entrada das traseiras e a limparem os pés com uma toalha. Por não terem autorização para entrar na sala de estar sob que pretexto fosse, criaram, inevitavelmente, um jogo em que se atreviam a atravessar a sala a grande velocidade sempre que ouviam alguém a aproximar-se do átrio da entrada. Por causa disso, uma figura de porcelana de um cavalheiro inglês e do seu cão de caça foi derrubada da ponta de uma mesa, caindo ao chão e estilhaçando-se.

Os pais de Bert também não os queriam na quinta. Fizeram o convite de uma estadia prolongada e inusitada com a expectativa de verem o filho, não os filhos do filho, a sua segunda mulher e os filhos desta. Contudo, Bert acabou por se ir embora.

Ernestine também não os queria na quinta. Não podia. Significava que teria mais oito bocas para alimentar (sete, depois da partida de Bert), pilhas de roupa para lavar, jogos para inventar, brigas para mediar e empregados para supervisionar e acalmar. O peso era maior sobre os ombros de Ernestine, no entanto carregava-o sozinha sem reclamar.

Bert regressou a Arlington porque, mediante as circunstâncias de uma semana normal de trabalho, tornava-se dispendioso, impraticável e estimulantemente perigoso encontrar um sítio onde pudesse manter a relação

extraconjugal com a sua assistente jurídica. Linda Dale (dois nomes próprios, pois não respondia se a tratassem simplesmente por Linda) reclamou que, ao menos uma vez na vida, gostaria de ter a oportunidade de jantar com Bert num restaurante, como fazem os casais normais, deitar-se com ele numa cama de verdade, acordar a meio da noite para fazerem amor ainda meio adormecidos e, na manhã seguinte, voltarem a fazê-lo no banho. Bert não amava loucamente Linda Dale, uma mulher petulante, exigente e demasiado jovem, mas ela dizia estas coisas quando ele telefonava para o trabalho, o que haveria Bert de fazer? Ficar na quinta?

Estava no escritório no momento em que a mãe telefonou para lhe contar o que acontecera a Cal. Enfiou-se no carro num ápice e ultrapassou todos os limites de velocidade, fazendo a viagem de duas horas até ao hospital de Charlottesville em menos de uma hora e meia, como qualquer pai faria. Não havia tempo de ir a casa e arrumar tudo. Nunca pensou nisso.

Por vezes, era difícil para Beverly e Bert recordarem o que acabou com a sua relação. Quando Beverly chorou por causa do caso amoroso de Bert, por causa das cuecas femininas vermelhas que ela não reconhecia e que estavam em cima da sua cama por fazer, Bert ficou consternado. A morte de um filho esmagava a infidelidade. A morte de um filho esmagava tudo. Era um raciocínio que Beverly quase conseguia aceitar. Se a dor e a perda pudessem ser classificadas, certamente Bert seria o vencedor e aquele era o momento em que ambos se deviam aproximar, para bem do casamento e dos restantes filhos. Porém, aceitar as circunstâncias não era o mesmo que perdoar. Remendaram o casamento com fita-cola e persistiram e, ainda que a relação dos dois se tenha mantido nestes termos por mais seis anos após a morte de Cal, nenhum dos dois se lembrava dos acontecimentos dessa forma. Diriam que os seus lutos os levaram por caminhos diferentes, afastando-os um do outro muito antes disso.

Se o fim do casamento de Beverly e Bert não podia ser, justamente, atribuído à morte de Cal, também não podia ser consequência dos atos de Albie, apesar de os recursos emocionais do casal estarem esgotados na altura em que ele chegou da Califórnia, ao ponto de não ter de fazer grande coisa a não ser observá-los a rumar em direção ao abismo. O simples facto de ele ter regressado parecia ser suficiente. Cinco anos, dois meses e vinte e sete dias após a morte de Cal, Albie

atirou uma caixa de fósforos acesa para dentro de um caixote do lixo na sala de artes da secundária de Shery High, em Torrance. Teresa telefonou a Bert e contou-lhe sobre o incêndio, no meio de lágrimas de exaustão disse-lhe que Albie estava detido num reformatório juvenil. Ao desligar o telefone, Bert pediu a Beverly que ligasse ao ex-marido para tirar o miúdo da prisão. Com isso tratado, Bert voltou a telefonar a Teresa para a acusar de ser incompetente como mãe. Era sábado de manhã e ela não sabia sequer onde o seu único filho fora de bicicleta? Acusou-a de proporcionar um lar desadequado, inseguro, e de não ter alternativa senão enviar Albie para perto dele. Bert mantinha esta conversa com Teresa no telefone da cozinha, onde Beverly salteava cebolas para começar a fazer um *strogonoff* para o jantar. Desligou o fogão e escapuliu-se para o andar de cima, para o quarto da filha Caroline. Era frequente refugiar-se no quarto da filha, agora que esta partira para estudar na faculdade. Bert nunca se lembrava de a procurar ali.

Era evidente que Teresa poderia ter ripostado com outras acusações, porém, no centro da crueldade bombástica do ex-marido, residia uma simples verdade: ela não conseguia manter Albie a salvo. Também não julgava, necessariamente, que Bert fosse capaz de o fazer, mas talvez um grupo de amigos diferentes, uma escola diferente e o facto de estar do outro lado do país pudessem proporcionar a Albie uma nova e melhor oportunidade. Na segunda-feira de manhã, o diretor da escola telefonou para dizer que, enquanto decorriam as investigações, Albie e os outros rapazes estavam suspensos e que, se se revelasse que eram culpados (o que era provável, tendo em conta que, no sábado de manhã, foram avistados a saírem a correr da escola em chamas e haviam confessado ter dado início ao fogo), seriam expulsos. Na terça-feira, Teresa telefonou a Bert a informar que ia pôr Albie num avião.

Albie, com quase quinze anos nessa altura, caminhou até ao jardim das traseiras, largou a mala de viagem, sentou-se numa cadeira de ferro forjado branca e acendeu um cigarro. O pai debatia-se com as placas gigantes de cartão que, juntas, formavam uma espécie de caixa que protegia a bicicleta no porta-bagagens da carrinha. Durante a viagem de Dulles até casa, Bert informara Albie de que Beverly não jantaria com eles nessa noite. Às quintas-feiras, frequentava aulas de francês na universidade pública e, de seguida, costumava jantar com os

colegas para praticarem o que haviam aprendido.

– Ela está a tentar descobrir-se – justificou Bert e Albie olhou pela janela.

– Então, como é que ele vem do aeroporto até casa? – perguntara Bert a Beverly, quando ela o informou de não estaria em casa. Foi facilmente apanhado nesta.

Depois de desempacotar a bicicleta, Bert retirou-a da garagem como se fosse a manhã de Natal. Queria dizer, *Olha para isto! Está como nova!*, mas, em vez disso, viu o maço de cigarros e, mais preocupante, o isqueiro *Bic* vermelho em cima da mesa, diante do filho. A bicicleta não parecia ter um descanso, pelo que a encostou a uma das cadeiras do pátio.

– Não podes andar com um isqueiro – declarou Bert, embora soasse mais a uma pergunta do que a uma afirmação.

Albie olhou para ele, confuso.

– Porque não?

– Porque incendiaste a maldita escola. Estás a dizer-me que a tua mãe não te pôs de castigo por causa do fogo?

Albie sorriu perante a expansividade transparente da estupidez do pai.

– Eu não incendiei a escola. Ateei um fogo na sala de artes. Foi um acidente e eles precisavam de uma nova sala de artes. A escola já está a funcionar de novo.

– Então, digo eu: estás proibido de atear fogos. Isso significa que não podes pegar fogo a nada, nem sequer a cigarros.

Albie puxou uma longa baforada do cigarro. Virou a cabeça para o lado, respeitosamente, e libertou o fumo. Em primeiro lugar, estava a fumar, respeitosamente, fora de casa.

– O fogo é um elemento. Como a água e o ar.

– Então estás proibido de usar um elemento.

– Posso usar o fogão a gás?

Ambos olhavam para o isqueiro em cima da mesa. No instante em que Bert se inclinou para o alcançar, Albie agarrou nele, bruscamente, olhando o pai nos olhos. Era o momento crítico: ou Bert daria uma coça ao filho ou não daria. Albie manteve o cigarro em baixo e ergueu o rosto, com os olhos bem abertos.

Bert endireitou-se e afastou-se. Nunca agredira fisicamente os filhos. Não era agora que ia começar. As poucas vezes em que dera umas bofetadas a Cal rodavam agora na sua mente, numa repetição contínua.

– Não fumes dentro de casa – ordenou Bert e entrou.

Albie observou a casa. Não era aquela para onde costumava vir em criança. Não era uma casa que já tivesse visto anteriormente. Algures entre o momento em que estivera na Virgínia da última vez e aquele dia, Bert e Beverly haviam mudado de casa e esqueceram-se de o mencionar a Holly, Albie ou Jeanette. E porque haveriam de fazê-lo se julgavam que Holly, Albie ou Jeanette não voltariam a visitá-los? Mas, no aeroporto, o pai também não o referira. Ter-se-ia esquecido? Julgaria ele que Albie nem repararia? Esta casa era de tijolos vermelho-sangue e, na parte da frente, tinha colunas brancas caneladas, uma versão menor da mansão onde os pais de Bert viviam nos arredores de Charlottesville. Estava fartamente decorada com plantas e árvores que Albie não reconhecia, tudo muito ordeiro e aprumado. Conseguia ver a borda de uma piscina já resguardada com uma lona para o inverno. Do pátio, podia espreitar pela janela para a cozinha, ver as panelas de cobre elegantes penduradas num suporte fixado ao teto, mas se se levantasse, abrisse a porta e atravessasse a cozinha, não saberia para que lado deveria seguir. Não sabia em que quarto iria dormir.

Por essa altura, Caroline já teria terminado o semestre na faculdade e, se Albie tivesse de adivinhar, diria que ela teria bastantes amigos que a convidariam para passar as férias em casa deles. Provavelmente teria um emprego como conselheira do *campus* universitário ou um estágio governamental que lhe ocuparia todo o verão, evitando ter de vir a casa ou sequer ter a oportunidade de telefonar. Caroline sempre deixara claro que, assim que conseguisse sair dali, nunca mais regressaria. Era uma cabra sob qualquer ponto de vista, mas era também a que organizara todos os atos subversivos dos verões de infância dos seis irmãos. Odiava-os a todos, sobretudo a irmã de sangue, mas era Caroline que fazia as coisas acontecerem. Ao recordar-se dela a arrombar a carrinha com um cabide e a retirar a arma do porta-luvas, Albie abanara a cabeça. Nunca, em toda a sua vida, adorara alguém do modo como adorara Caroline.

Isso significava que restava Franny. Desde que as visitas de verão terminaram, cinco anos antes, não vira nenhuma das raparigas, mas Albie tinha maior dificuldade em perceber Franny. O que era estranho, já que, em termos de idade, era a pessoa da família mais próxima dele. Lembrava-se de que andava sempre com a gata de um lado para o outro e, na sua memória, a rapariga e a gata eram uma só: doce e pequena, sempre com vontade de agradar, rápida a fazer a sesta e frequentemente a rastejar para o colo de alguém.

Albie permaneceu nas traseiras a fumar, à medida que a luz do dia que atravessava os subúrbios se tornava dourada e o ar frio começava a morder-lhe os braços. Não queria entrar em casa e ter de perguntar ao pai onde iria dormir. Pensou em vasculhar a mala de viagem para procurar o generoso saco de erva que os seus amigos arranjaram como presente de despedida, mas calculou que, naquele dia, já tivesse ultrapassado os limites de descaramento. Uma coisa era alguém confiscar-lhe o isqueiro num mundo repleto de fósforos, porém não estava disposto a que ficassem com a sua erva. Poderia andar de bicicleta pela vizinhança, para se familiarizar com o que existia nas redondezas, mas permaneceu sentado. Ponderar mexer-se foi o máximo que conseguira fazer, quando Franny apareceu na entrada da garagem e estacionou.

Usava uma blusa branca com as mangas enroladas para cima e uma saia axadrezada azul, meias até aos joelhos, sapatos de vela, o uniforme universal das meninas que frequentavam escolas católicas. Estava magra e pálida, com o cabelo puxado para trás. Albie levantou-se, atirou o cigarro para o chão e teve um momento de incerteza sobre se a relação entre os dois estaria em bons termos. Franny largou a mochila no chão e caminhou direita a Albie de braços estendidos. Desconhecendo a existência do muro que separava Albie do resto do mundo e impedia que o tomassem nos braços, Franny abraçou-o e apertou-o com força. Era calorosa, forte e emanava um leve e agradável odor a suor de rapariga.

– Bem-vindo a casa – cumprimentou. Três palavras. Albie olhou para ela. – Estão a obrigar-te a ficar aqui fora? – perguntou Franny, olhando para a mala de viagem. – Podes, ao menos, entrar na garagem?

– Gosto de estar aqui fora.

Franny olhou para a casa. A luz do escritório de Bert estava acesa.

– Então, ficamos aqui fora. Posso trazer-te alguma coisa? Deves estar com

fome.

Albie parecia esfomeado não só por causa da magreza desconcertante que todas as crianças Cousins possuíam, mas por causa dos olhos cavados. Albie aparentava ser capaz de comer um porco inteiro, ao estilo de uma cobra pitão, e que isso não caberia sequer na cova de um dente.

– Para ser franco, gostava de tomar uma bebida.

– Diz qual – pediu Franny. Já estava a meio caminho de casa com a mente no armazenamento secreto de *7Up* que a mãe não aprovava.

– Um gim.

Franny olhou de novo para Albie e sorriu. Gim numa quinta-feira à noite.

– Já te disse que estou contente que estejas aqui? Provavelmente, ainda não. Estou contente que estejas aqui. Vens comigo?

– Já vou – respondeu Albie.

Enquanto a irmã esteve ausente, Albie observou o céu. Existiam animais a esvoaçar por ali – seriam pardais ou morcegos? – e o ensurdecedor burburinho de algo semelhante a um grilo. Já não estava em Torrance.

Um minuto mais tarde, Franny regressou com dois copos meio cheios de gelo e gim e uma garrafa de *7Up* debaixo do braço. Acabou de encher o copo dela com gasosa e usou o dedo para misturar tudo, voltou a olhar para Albie, abanando a garrafa de refrigerante para a frente e para trás.

– Dispenso – afirmou Albie.

– Muito viril. – Encostaram os copos para brindarem, como se fazia nos filmes, tal e qual as amigas de Franny faziam nas festas de pijama, depois de surripiarem o que podia ser desviado discretamente do suprimento familiar. Franny ingerira bebidas alcoólicas no passado, mas não em casa, não em dias de escola, não com Albie, mas se existia um dia para quebrar as regras, era aquele. – *Tchim tchim*.

Franny franziu o sobrolho ao sentir o sabor do gim, enquanto Albie bebeu tudo de um gole e sorriu. Acendeu outro cigarro, porque combinava lindamente com o gim. Parecia que conseguiam pôr a conversa em dia, mesmo estando apenas ali sentados, sem falarem de todo. Demasiado havia acontecido,

decorrera muito tempo para tentarem expressar o que quer que fosse por palavras.

Algum tempo depois, Bert voltou ao pátio. Parecia genuinamente contente por ver Franny. Beijou a cabeça dela, a nuvem de fumo do cigarro erradicava o odor a gim.

– Não sabia que já tinhas chegado.

– Somos dois – respondeu Franny.

Bert fez soar as chaves do carro.

– Vou buscar uma piza.

Franny acenou negativamente com a cabeça.

– A mãe fez o jantar. Está tudo guardado no frigorífico. Eu aqueço.

Bert pareceu surpreendido, embora fosse difícil dizer qual a razão do seu espanto. Era habitual Beverly fazer o jantar. Pegou na mala de viagem de Albie.

– Agora, venham para dentro. Está a começar a ficar frio.

Os três entraram em casa, já a escuridão da noite se instalava. Franny e Albie pegaram nos copos, nos cigarros e no isqueiro e seguiram o pai de Albie, saindo pela porta.

-

* Palavra russa que significa: «Mas é claro!» *(N. da T.)*

* Marca de roupa, equipamentos e acessórios para atividades ao ar livre. *(N. da T.)*

* Versos de um poema de T. S. Eliot. *(N. da T.)*

7

– Então foi o filho do Bert Cousins que acabou com a tua relação com o velho judeu? – perguntou Fix. Viajavam a caminho de Santa Mónica com as janelas do carro abertas. Iam ao cinema, Caroline conduzia e Franny viajava no banco traseiro, inclinada sobre o intervalo entre os dois assentos da frente.

– Como é que eu nunca soube dessa parte da história? – inquiriu Caroline.

– Por favor, podes parar de lhe chamar «velho judeu»? – pediu Franny ao pai.

– Desculpa. – Fix colocou a mão sobre o peito, encenando sinceridade. – O velho bêbedo. Que Deus proteja a sua alma em Zion. Retiro o chapéu em honra do miúdo. Ganhou, finalmente, o meu respeito.

Franny imaginou-se a telefonar a Albie para lhe contar o que o pai acabara de dizer.

– Não é que eu tenha saído de casa naquela noite para nunca mais voltar. Ficámos o verão todo em Amagansett. – Ainda tivera de lidar com Ariel, o seu intolerável namorado holandês e a pequena e triste Button, num longo e terrível verão repleto de visitas que se recusavam a partir. O fim da relação de Franny e Leo encenado perante uma plateia lotada. Ocorrera há mais de vinte anos e, ainda assim, a completa desgraça do acontecimento permanecia bem presente na sua mente.

– Mas, no fim de contas, foi isso que aconteceu, certo? – continuou Fix. – Foi o miúdo que cravou o primeiro prego no caixão.

Caroline abanou a cabeça.

– O Albie percebeu que já havia pregos no caixão – corrigiu ela e Franny, admirada com o rigor da afirmação da irmã, riu-se.

– Devia ter-me mantido na faculdade de Direito – lamentou. – Assim, seria tão inteligente quanto tu.

Caroline abanou de novo a cabeça.

– Impossível.

– Passa para aquela faixa – apontou Fix. – Vais virar à esquerda no semáforo. – Tinha o seu guia de estradas da *Thomas Brothers* em cima das pernas. Não permitiu que Franny procurasse a morada do cinema no telemóvel.

– Fazes ideia porque terá levado tanto tempo a fazer o filme? – Caroline mirou a irmã pelo espelho retrovisor e acelerou com destreza para se pôr à frente de um *Porsche* que se aproximava. Como em tantos outros aspetos da vida, Caroline tinha de ser a melhor condutora.

– São coisas que acontecem. O Leo nunca quis vender os direitos cinematográficos, por isso nada podia ser feito antes da sua morte. Imagino que a mulher não fosse uma pessoa fácil com quem trabalhar.

Natalie Posen. Quando Leo morreu, há quinze anos, continuavam, inexplicavelmente, casados, ele debatera-se pelo divórcio até ao fim. Natalie fora a sua legítima mulher durante todos aqueles anos e agora era a sua viúva. Franny apenas a vira no funeral, uma mulher de estatura muito menor do que imaginara, sentada na fila da frente da sinagoga, flanqueada pelos dois filhos que eram a cara de Leo – um do nariz para cima e o outro do nariz para baixo –, como se cada um tivesse herdado metade da cabeça do pai. Ariel encontrava-se no outro lado da sinagoga, acompanhada por uma Button muito crescida e pela sua própria mãe, a primeira senhora Leon Posen. Eric constava do programa como carregador de caixão honorário, uma vez que, na época, estava muito velho para conseguir carregar o peso de uma sexta parte do caixão. Fora ele quem telefonara a Franny para comunicar a notícia da morte de Leo, uma atitude cortês da parte dele, tendo em conta o tempo que, entretanto, decorrera. Franny perguntou pelo livro seguinte, para o qual Leo recebera um adiantamento naquele verão e que era suposto estar a escrever. Eric respondeu que, infelizmente, não existia.

Estavam todos presentes, o tempo que passara derrubara-os: Eric e Marisol, Astrid, os Hollingers e mais uma dúzia de pessoas – todos os hóspedes daquele verão foram aclamá-lo, bem como o resto do mundo. Franny permaneceu no fundo da sinagoga, encostada à parede, na galeria onde se encontravam os antigos alunos, os devotos fãs e as ex-namoradas. Natalie Posen escolhera

enterrar o marido em Los Angeles, estendendo o seu rancor por toda a eternidade.

– A mulher – proferiu Fix. – Já que estamos a falar de coisas que nos fazem sentir bem, vamos agradecer à mulher.

– À mulher do Leo?

Fix assentiu.

– Ela é a heroína esquecida em toda esta história.

– Como assim? – Estavam a celebrar o aniversário de Fix, oitenta e três anos e metástases até ao cérebro. Franny fazia um enorme esforço para se conter.

– Se ela não tivesse resistido como um cão de fila para conseguir mais dinheiro, Leo Posen seria um homem livre.

– Ah! – acenou Caroline, afirmativamente, com a cabeça. Pintava o cabelo num tom acobreado, semelhante à cor natural da sua infância, e praticava pilates três vezes por semana. Seguira o exemplo da mãe ao manter-se em forma e elegante. Caroline tornara-se a irmã mais nova.

– Não estou a conseguir acompanhar o teu raciocínio – referiu Franny.

Fix sorriu. Na opinião dele, a Caroline nunca escapara nada.

– Se o Leo se tivesse divorciado – explicou a irmã –, teria casado contigo.

– Minha pequena Franny – continuou o pai, virando-se com dificuldade na direção dela –, foi talvez a única bala a que te esquivaste nesta vida.

Franny e Caroline há muito concordaram que se tratava de um desperdício de recursos visitar qualquer um dos pais ao mesmo tempo. Com pais divorciados em extremos opostos do país e maridos cujos pais exigiam, também, um certo número de feriados em família, Franny e Caroline decidiram dividir as responsabilidades para gerirem a situação. Para ambas, existiam limites no que respeitava a número de dias de férias, licenças por motivos pessoais, bilhetes de avião, faltas às apresentações dos miúdos na escola e ausências sem justificação. Fosse qual fosse o grau de afeto que as irmãs desenvolveram na fase tardia das suas vidas, isso não se manifestaria em visitas. Los Angeles era o mais próximo que Franny alguma vez estivera da baía de São Francisco, apesar do seu desejo de viajar até lá. Era onde Albie vivia nessa altura, a duas horas de distância da

Caroline. O filho mais velho de Caroline, Nick, era finalista na Northwestern, por isso, sempre que ela e Wharton o visitavam por ocasião do fim de semana dedicado aos pais dos universitários, Franny viajava de carro até Evanston para os ver. As outras duas crianças de Caroline, duas raparigas, eram completas desconhecidas para Franny, do mesmo modo que Caroline não acompanhara o crescimento dos dois rapazes de Franny. Mas Ravi e Amit, independentemente de há quanto tempo os tinha consigo, não eram de Franny. Vieram com o casamento e Caroline, por mais que tentasse contrariá-lo, nunca conseguira conferir o mesmo estatuto a enteados.

Tudo isto para dizer que, em circunstâncias normais, nem Franny nem Caroline se deslocariam a Los Angeles para celebrar o aniversário do pai, porém, como Fix já excedera os limites das previsões oncológicas, ambas elevaram o grau de cedência. Este seria o seu último aniversário, um fugaz olhar sobre o lugar do passageiro confirmava isso mesmo. Para honrar a ocasião, as duas irmãs quebraram o acordo e encontraram-se na Califórnia.

– Então o que vamos fazer para celebrar o grande dia? – perguntara Caroline na noite anterior. – O céu é o limite!

Estavam os quatro sentados na salinha, na casa de Fix e Marjorie em Santa Mónica, para onde se haviam mudado quando finalmente se reformaram e saíram de Downey. Aquela casa, sem grande esplendor ou fascínio, exceto pelo facto de estar a dois quarteirões da praia, era um autêntico milagre. Fora há quarenta anos que Fix conhecera um polícia que jogava póquer com um juiz de bancarrotas. Deram-lhe a notícia de que a casa estaria prestes a ser lançada no mercado, em leilão e, por fim, decidira anunciar a Marjorie que se casaria com ela. Usariam uma herança que ela recebera há pouco tempo de uma tia de Ohio como entrada, comprariam a casa, arrendá-la-iam durante vinte anos e, quando chegasse a altura de se reformarem, já seriam praticamente proprietários da casa.

– Esse é o teu pedido de casamento? – inquiriu Marjorie. Mas acabou por aceitar a proposta.

– Mas então qual foi a contribuição do pai? – perguntou Franny a Marjorie, anos mais tarde, quando finalmente ficou a conhecer toda aquela história. Fix e Marjorie levavam as raparigas até à casa de Santa Mónica sempre que os visitavam. Ainda no carro, apontavam para a casa, diziam que eram os seus

donos e que um dia viveriam ali. – Se eras tu quem tinha dinheiro na altura, porque casaste com ele? Podias ter sido tu a comprar a casa para a alugar.

– O teu pai queria uma casa na praia, e eu queria casar com o teu pai. – Marjorie riu-se ao ouvir as suas próprias palavras e tentou reformular: – Ele queria casar comigo. Apenas levou muito tempo a perceber isso. Gosto de pensar que, no final, todos ficámos a ganhar.

Marjorie acabara de introduzir o suplemento nutricional no tubo de gastrostomia endoscópica percutânea de Fix. Era uma jovem de setenta e cinco anos para um velhote de oitenta e três, mas também desistira de comer na mesma altura em que o marido deixara de o poder fazer autonomamente. As omoplatas empurravam-lhe a pele como se tivesse um cabide debaixo da camisola.

– Vamos ver um espetáculo – anunciou Fix. – Vamos ver o filme da Franny na sessão da tarde.

– Fix – repreendeu Marjorie com um tom de voz cansado. – Já conversámos sobre o assunto.

– O meu filme? – perguntou Franny, mas era evidente a que se referia o pai. Também dizia que era o livro dela.

– Aquele que o teu namorado escreveu sobre nós. Não é todos os dias que podemos ver um filme sobre a nossa vida. – Fix parecia encantado com a ideia. – Nunca li o livro, sabem. Não ia dar o meu dinheiro ao sacana. Mas agora que ele morreu e o dinheiro vai para a mulher, já não há problema. Além disso, li a sinopse no jornal que dizia que a mulher que faz o papel da vossa mãe não presta. Tenho a certeza de que ela deve estar danada. – Marjorie levantou a mão delgada.

– Estou fora. Tu e as raparigas tenham um dia em cheio. Quando regressarem, eu estarei aqui à espera com *cupcakes*.

Umas quantas horas livres valiam mais do que um mês de cheques da pensão de reforma.

– Oh pai – disse Caroline –, não seria mais divertido se ficássemos em casa a arrancar as unhas dos pés com um alicate?

Franny sentira a sua quota-parte de culpa e temera o momento da publicação do livro, mas, ainda assim, nunca negaria a glória daqueles dias: o almoço da

editora no La Grenouille, a cerimónia da entrega dos prémios quando Leo subiu ao palco, a interminável digressão do livro, onde noite após noite o ouvia fazer leituras diante de multidões fascinadas e esperava enquanto se alinhavam junto da mesa de autógrafos e partilhavam o quanto o trabalho de Leo mudara as suas vidas. Era de novo famoso, sob as luzes da ribalta, e todas as noites, num quarto de hotel diferente, Leo concedia os louros do trabalho a Franny, embalando-lhe a cabeça enquanto faziam amor. Não conseguia desviar os olhos dela. Amava-a, estava-lhe grato e precisava dela. E, como tal, apesar de tudo aquilo que lhe custou, acabou por ser recompensada.

Mas ver o filme traria de novo a lume algo que ultrapassava a mera traição da sua família. A tela relembrá-la-ia do falhanço da sua relação amorosa de há tanto tempo e a morte solitária do homem que amara, segundo relatos da segunda mulher de Leo.

Franny não compreendera como seria viver com *Comunidade* enquanto Leo escrevia o livro, e quando o leu era demasiado tarde para fazer algo a esse respeito. Já o filme, por outro lado, era outra história. Suplicara-lhe que não cedesse os direitos cinematográficos. Compreendia que tal promessa constituía uma grande perda financeira, mas, ainda assim, e de manuscrito em punho, Franny suplicara-lhe.

Leo entregou-lhe os direitos no cartão de uma ficha catalográfica de três por cinco, porque Franny era o seu sol, a sua lua e cada uma das restantes estrelas brilhantes.

Para a Frances Xavier Keating,

Por ocasião do seu vigésimo sétimo aniversário, entrego-te os direitos cinematográficos de Comunidade, hoje e para sempre, como prova do meu amor e gratidão eternos.

Leon Ariel Posen

Leo honrara a sua promessa, mesmo mais tarde quando praticamente não falavam um com o outro e Franny suspeitava de que ele precisava de dinheiro. Ela não mencionou a promessa de Leo a ninguém depois da morte dele. Com quem falaria? Com a mulher de Leo? Sabia que uma ficha catalográfica não teria qualquer hipótese contra um batalhão de advogados. Convencera-se, de forma irracional, de que tentariam roubar-lhe o cartão.

– Não – proferiu Franny. Não, não era um filme que tivesse vontade de ver e muito menos na companhia do pai, da irmã e de centenas de estranhos enfiados numa sala de cinema em Santa Mónica a comerem pipocas.

Fix riu-se e bateu com a palma da mão no braço do seu cadeirão reclinável.

– Caramba! Vocês saíram-me cá um par de meninas! Nada naquele filme vos pode magoar. Deviam perceber a alegria que é para um homem moribundo, preso na sua ratoeira de fios, poder ver-se retratado por um ator de cinema charmoso. Além disso, estamos a falar de águas passadas. Têm até amanhã para se recomporem. É o meu aniversário e vamos ver o espetáculo.

Caroline estacionou o carro e Franny retirou a cadeira de rodas do porta-bagagens. Fix deixara de conduzir há muito tempo, mas recusava-se a vender o carro. O desejo de contrariar o destino persistia sempre, de que descobrissem uma cura mesmo no último instante e que os membros do seu corpo devorados pelo cancro fossem restaurados. A esperança, dizia Fix, é o sangue que faz a vida bombar, e o carro nunca poderia ser substituído. Era um *Crown Victoria*, um antigo carro de polícia sem identificação que comprara ao departamento policial. Franny chamava-lhe o *Batmobile* por causa da possibilidade de chegar aos duzentos e vinte cinco quilómetros por hora, caso fosse necessário. Não que tivesse alguma vez atingido essas velocidades, mas essa possibilidade bastava para se sentir melhor.

Franny abriu a porta do carro e pegou nos pés do pai do chão, balançando-os gentilmente para fora, agarrando-o pelo braço.

– Contamos até três – instruiu Franny, e juntos contaram até três ao mesmo tempo que o pai abanava o corpo para a frente e para trás para ganhar balanço. O carro que atingia velocidades capazes de perseguir um *Ferrari* roubado, não o conseguia ajudar. Franny puxou o pai para fora do carro e Caroline apanhou-o com a cadeira de rodas no momento em que ele se ergueu. Há pouco mais de um mês, Fix resistira a este auxílio. Recusava-se a usar o andarilho e insistia em apoiar-se em Marjorie como alternativa, mesmo depois de ter dado algumas quedas. Mas isso pertencia ao passado. Agora, deixava que Franny lhe colocasse os pés nos apoios da cadeira de rodas. E agradecia à filha por isso.

A atriz proprietária da casa em Amagansett quis representar o papel de Julia

no filme, que era o mesmo que dizer que queria representar o papel da mãe de Franny. Não fazia ideia, claro está, que Franny era uma pessoa real e que dormira na sua cama, nos seus lençóis egípcios de algodão. Leo culpara Albie pelo final da sua relação com Franny. Acreditava que se Albie nunca os tivesse encontrado, continuariam juntos e felizes. Mas Caroline estava certa: Albie não colocara o prego no caixão, apenas o encontrara. Todavia, enquanto Leo atribuísse a responsabilidade dos seus problemas pessoais a uma festa inocente, Franny tinha a oportunidade de culpabilizar a atriz e a sua ridícula e maldita casa. Ninguém devia ter tanto dinheiro ao ponto de ter uma casa como aquela e nem sequer se dar ao trabalho de viver nela. A piscina era comprida e profunda e não se assemelhava em nada a uma piscina. Parecia que se haviam construído ali as fundações de uma casa contígua nos anos de 1800 e que foram arrancadas por uma tempestade. A piscina era abastecida por água de uma nascente. Ninguém sabia ao certo a origem da nascente nem da piscina, sendo ambas mais antigas do que a casa da atriz. E isso era apenas o início: existiam roseiras trepadeiras que cobriam toda a parede de leste e se estendiam pelo telhado inclinado num emaranhado gigante, com milagrosas profusões de botões de rosas. Era uma invasão de rosas, brancas e vermelhas e algumas dúzias de cor rosada, que se amontoavam durante todo o verão, em que uma geração morria para logo outra começar a espreitar, substituindo a anterior. Um tapete de pétalas sopradas pelo vento cobria o relvado durante todo o verão. No quarto dela, um Klimt de pequenas dimensões destacava-se na parede, mas indiscutivelmente autêntico – a pintura de uma mulher que ostentava uma semelhança quase ancestral com a atriz. Que tipo de pessoa tinha um Klimt na casa de verão? Franny acreditava que fora a própria casa que acabara com a relação dos dois. Ninguém se conseguia manter afastado daquela casa exceto a própria atriz. Leo telefonou a Franny certa noite, muito depois de a relação ter terminado, para lhe dizer que a atriz o convidara a regressar a Amagansett para jantar, com o pretexto de conversar sobre o filme, apesar de ele salientar que não existia nenhum filme.

– Venha em todo o caso – pediu ela.

– Lembras-te da quantidade de champanhe que existia dentro do frigorífico? – perguntou Leo a Franny por telefone.

Franny lembrava-se do champanhe.

– Bem, bebemos tudo. – Leo suspirou no seu apartamento em Cambridge. – Nada aconteceu. Era isso que te queria dizer. No final, não consegui subir as escadas com ela. Aquele ainda era o nosso quarto, Franny. Não iria conseguir fazer nada.

Segundo os padrões da indústria cinematográfica, tanto a atriz como as suas tentativas de representar um papel recorrendo a todos os meios possíveis não eram novidade. Há muito que desistira de ser a conquista romântica nos filmes. E deixara de representar os papéis maternais. Aos sessenta anos, era até demasiado velha para representar o papel de bruxa num conto de encantar. Restavam-lhe, apenas, os papéis de viúva, da ocasional senadora sénior, ou de uma implacável CEO numa série de televisão por cabo de sucesso. Era com isso que Franny se contentava à medida que as luzes do cinema em Santa Mónica diminuíam: algures no meio da plateia estaria a linda atriz a ver o filme, lembrando-se de quanto se esforçara para conseguir o papel de Julia.

No final, revelou-se que isso não lhe trazia qualquer consolo.

Franny e Caroline, ao lado do pai, sentavam-se na escuridão da sala de cinema unidas por um único e improvável pensamento: seria pior assistirem a um filme sobre a sua verdadeira infância? Num dos verões, Bert comprara uma câmara de filmar *Super 8* e seguira-as por todo o lado, tal qual Antonioni, enquanto corriam por entre os aspersores e entravam e saíam do enquadramento de bicicleta. Holly fazia girar um *hula hoop* na estreita largueza das suas ancas. Albie saltava para a frente dela puxando-lhe a saia. O som da voz de Bert ouvia-se do outro lado da câmara de filmar a proferir ordens para que as crianças fizessem algo de interessante diante da câmara, mas comportavam-se como crianças e, como tal, em retrospetiva, é justo dizer-se que estavam fascinadas. Talvez esse filme ainda existisse em algum baú no sótão da mãe das raparigas ou algures no fundo de um armário arquivador na garagem de Bert. Franny poderia tentar encontrá-lo da próxima vez que estivesse na Virgínia e passar o filme num projetor. Desse modo, poderia ver o verdadeiro Cal a correr de novo e apagar da memória este miúdo carrancudo que o representava na tela. Um filme da verdadeira vida seria definitivamente melhor do que a versão cinematográfica, e mesmo que existisse uma câmara atrás deles a gravar cada minuto da sua desastrosa infância, com todos os piores momentos preservados em filme, ainda

assim, teria sido melhor do que ter de assistir a um bando de estranhos numa tentativa incompetente de replicarem as suas vidas. Holly e Jeanette foram fundidas numa única rapariga que não era nem Holly nem Jeanette, mas uma criança metamorfoseada que batia com os pés e fechava as portas num grande estrondo sempre que discutia com alguém. Quando haviam feito algo semelhante? Mas claro que os atores infantis não estavam a tentar representar crianças de verdade. Não poderiam saber que o livro tinha por base pessoas reais e, em todo o caso, nem sequer o haviam lido. Seria insuportável assistir ao filme por não ser fiel à realidade, ou essa sensação advinha do facto de algumas coisas o serem? De vez em quando, surgia um vislumbre familiar nos instantes cruéis trocados entre as duas famílias.

– Não é sobre ti – referiu Leo quando Franny acabou de ler o livro. – E não é sobre qualquer um de vós. – Estava sentado no quarto secundário na casa de ambos em Chicago, que era usado como escritório, o pequeno apartamento onde viviam antes de terem dinheiro. Franny estava sentada ao colo de Leo, que lhe afagava o cabelo enquanto ela chorava. Cometera um terrível erro de julgamento e ele transformara esse momento em algo permanente e belo. Fora esse o prego no caixão. Ou, provavelmente, nem sequer fora isso. Nem o facto de ela ler o livro, nem o facto de ele o ter escrito, mas sim certo dia no Iowa, quando Leo escovava os dentes, ao mesmo tempo que Franny estava no chuveiro e, cuspindo a pasta de dentes, puxou a cortina do chuveiro ligeiramente e disse:

– Tenho estado a pensar na história que me contaste sobre o teu meio-irmão.

O pensamento que assolou Franny naquele momento, nua debaixo de água, o champô a escorrer-lhe pelo pescoço, era que Leo Posen a escutara e que considerara a morte de Cal digna de uma reflexão mais profunda. Leo esticou a mão na direção da água e desenhou um círculo com o dedo em torno do pequeno e ensaboado peito de Franny.

O que ela não considerara nesse dia no chuveiro era que um dia teria cinquenta e dois anos e teria de assistir ao resultado da sua aquiescência sorridente a ser representada numa tela de cinema. A personagem de Cal ainda não morrera, isso aconteceria mais adiante. A personagem de Albie fora drogada algumas vezes pelas outras crianças, a personagem de Caroline dera uma estalada e beliscara a personagem de Franny cada vez que a câmara se virara na

sua direção, e o filme nem sequer era sobre as crianças. Era sobre a mãe de uma família e o pai da outra família e de como olhavam um para o outro, à noite, nas entradas das suas casas. A personagem da mãe de Franny passava constantemente a mão pelos cabelos louros, longos e compridos, enquanto olhava para o horizonte, tentando transmitir que a personagem se debatia com o peso da infidelidade. Usava luvas cirúrgicas de cor azul que pareciam ter sido feitas à medida da sua figura esbelta. A mãe do filme parecia ser puxada em muitas direções diferentes: pelo hospital, pelas crianças, pelo vizinho que era seu amante, pela mulher dele que era sua amiga. Apenas o desafortunado marido não lhe pedia nada. Movimentava-se na periferia do ecrã, pegando nos pratos das crianças, enquanto ela atravessava a direito mesmo pelo centro da cozinha. Estava a ser de novo chamada ao hospital.

– Basta! – uivou Fix. Ergueu-se como se fosse levantar-se e pretendesse sair do cinema pelo seu próprio pé, mas estes continuavam em cima dos apoios da cadeira de rodas. Caroline levantou-se de imediato da cadeira, agarrando-o mesmo antes de ele cair para a frente no espaço largo que existia diante da zona dos deficientes, amparando a queda do pai com o seu próprio corpo. Moviam-se com dificuldade no escuro do cinema, cada um com um joelho e ambas as mãos no chão pegajoso. Franny colocara os braços em redor do peito do pai, mas ele reclamava tentando livrar-se dela.

– Eu consigo levantar-me! – declarou Fix.

Os olhares coletivos da sala de cinema dispararam na direção deles. Ninguém os mandou calar. No ecrã, a cena era outra. Via-se Cal a correr pela rua abaixo, a passar pelas casas dos vizinhos a meio do dia, com o irmão a correr atrás dele a tentar alcançá-lo. Naquele momento existia luminosidade suficiente na sala de cinema para os espectadores perceberem que o barulho era provocado por um velhote numa cadeira de rodas. Estavam duas mulheres e tentar ajudá-lo. Ninguém sabia que eles eram o filme.

– Saiam daqui – ordenou Fix num tom de voz reclamante. – Saiam! – Conseguiram sentá-lo na cadeira, mas as suas pernas continuavam torcidas. Deu um pontapé a Franny, mas ela conseguiu colocar os pés de novo nos apoios da cadeira. Caroline colocou-se atrás da cadeira de rodas para a empurrar e Franny pegou nas bolsas de ambas. Não estavam propriamente a correr com o pai, mas

tentavam sair da sala o mais rápido que conseguiam. Franny adiantou-se para segurar na porta que dava para o longo corredor alcatifado, passando depois pelo átrio, pelo psicadélico arco-íris de néon que piscava sobre a bancada das pipocas, e pelos adolescentes vestidos de poliéster castanho que validavam os bilhetes do cinema. Pum! Romperam pelas portas duplas envidraçadas para a insuportável claridade do dia.

– Merda para aquilo! – Fix gritava no parque de estacionamento. Uma mãe com duas crianças, que caminhava na direção deles, deteve-se e mudou de direção, escolhendo ir pelo outro lado. Franny riu-se e enterrou a cara na palma das mãos. Caroline dobrou-se sobre a cintura repousando a cabeça na curvatura do ombro do pai.

– Feliz aniversário, pai – disse Caroline, dando-lhe um leve beijo no pescoço.

– Merda para aquilo – repetiu Fix, mas desta vez num tom desencorajado.

– Pois – acrescentou Franny e acariciou o outro ombro do pai. – Merda para aquilo.

Depois do cinema foram à praia. Franny e Fix opuseram-se a essa ideia, dizendo que estavam muito cansados e que queriam ir para casa, mas quem estava a conduzir era Caroline.

– Não vou permitir que esta seja a memória do aniversário do pai – afirmou carregando no acelerador, relembrando-os daquilo que o carro era capaz de fazer e do que ela era capaz. – Quero limpar a imagem daquele filme da minha mente. Vamos até à beira-mar olhar para o oceano.

– Vira em Altamont – indicou Fix com a voz meio-sumida, como se o rugido injurioso contra o filme, proferido no parque de estacionamento, fosse o que lhe restava.

– Achas que podemos matá-lo por estarmos a levá-lo agora à praia? – perguntou Franny à irmã.

Fix sorriu.

– É assim que quero partir. Quero morrer na praia com as minhas meninas. Podíamos chamar o Joe Mike para se juntar a nós para me dar a extrema-unção.

– O Joe Mike já não é padre – informou Caroline.

– Ele faria isso por mim.

Foi mais difícil retirá-lo do carro daquela vez. Não estava tão disposto a ajudar, mas Franny e Caroline lá conseguiram. Caroline, como seria de esperar, estava certa sobre a ida à praia. Quase todos os dias em Santa Mónica eram maravilhosos e este, fora de uma sala de cinema, apresentava-se ainda mais belo. Fix arranjara uma placa de deficiente para o *Crown Victoria* e conseguiram um lugar de estacionamento magnífico quando nada estava disponível.

– Passar uma multa de duzentos dólares a um parvalhão saudável que estacionou num lugar para deficientes. – Fix abanou a cabeça. – Essa é uma satisfação que nunca vão ter.

Franny empurrou a cadeia de rodas pelo passeio repleto de areia soprada pelo vento. Apreciaram todos os pormenores: as gaivotas e as ondas do mar, as raparigas de biquínis, os rapazes de bermudas, o nadador-salvador na sua torre de madeira a velar por todos como um deus benevolente. Jovens tão belos que deviam estar a fazer anúncios a protetores solares ou à juventude eterna a jogar voleibol de praia sem ninguém a assistir. As pessoas corriam com os seus cães, ou comiam *scones*, ou estendiam-se nas toalhas do tamanho de lençóis, com padrões garridos, para se bronzearem.

– Nunca se perguntaram quem são todas estas pessoas? – inquiriu Caroline maravilhada. – É quinta-feira. Ninguém trabalha?

– Vieram celebrar o meu aniversário – retorquiu Fix. – Dispensei-os a todos do trabalho.

– Porque não estão estes miúdos na escola? – Caroline olhava para meia dúzia de crianças alegremente entretidas com os seus baldes a moverem a areia de um lado para o outro.

– Lembram-se de quando vos trazia à praia? – perguntou Fix.

– Todos os anos – respondeu Franny.

Fix mirou as ondas do mar e as pequenas figuras dos homens a surfar na água com pranchas de um amarelo vivo.

– Não vejo ali nenhuma rapariga – acrescentou Fix.

– As raparigas estão estendidas nas toalhas – disse Franny.

– Isso não está certo – acrescentou, abanando a cabeça. – Eu ter-vos-ia ensinado a surfar. Se tivessem vivido aqui comigo, eu ensinar-vos-ia a surfar.

Caroline esticou a mão para pentear o cabelo do pai com os dedos. O que mais desejava quando era criança era viver com o pai e ninguém lho permitiu.

– Não sabias surfar.

Fix assentiu levemente olhando para as ondas do mar, interiorizando tudo em seu redor.

– Eu não era um grande nadador – confessou.

Observaram o papagaio de papel de um rapaz com a forma de um dragão rosa e vermelho a esvoaçar direito para o ar, a rodopiar em círculos desenfreados e a mergulhar de seguida despencando do céu. Viram duas raparigas de patins em linha e de biquíni a passarem por eles, com as suas longas pernas a roçarem nos joelhos de Fix.

– A vossa mãe não era assim – declarou Fix com os olhos postos nos surfistas.

Franny não percebeu a que se referia o pai. Seria às raparigas de patins em linha? Mas Caroline depressa percebeu.

– A mãe não era uma cirurgiã ortopédica?

– A vossa mãe era melhor do que aquilo. Não vou ser eu a defender a vossa mãe, mas quero que saibam que ela não era como aquela mulher a representa no filme.

As irmãs entreolharam-se por cima da cadeira de rodas. Caroline inclinou ligeiramente a cabeça.

– Pai – disse Franny. – Nenhuma daquelas personagens éramos nós.

– Tens razão – consentiu Fix e acariciou a mão da filha, como que a dizer que estava feliz por ela o ter compreendido.

Quando regressaram ao carro, Caroline e Franny consultaram os telemóveis. Desligaram-nos por causa do cinema e, entretanto, haviam-se esquecido de os ligar novamente.

– Gostava de ter um telemóvel – disse Fix. – Assim fazia parte do clube.

– Verifica o teu guia *Thomas Brothers* – respondeu Caroline com o polegar a

percorrer uma lista interminável de mensagens relacionadas com o trabalho.

Franny tinha duas mensagens, uma de Kumar a perguntar onde estava o livro de cheques e a segunda de Albie e dizer «telefona-me!!».

– Esperem – disse Franny, e saiu do carro.

Albie atendeu ao primeiro toque.

– Ainda estás em Los Angeles?

Trocaram *emails* uma ou duas semanas antes, em que Franny dizia que viria à cidade por causa do aniversário do pai.

– Estou à frente do oceano neste preciso momento.

– Preciso de um enorme favor, que me deves por não me teres dito que o maldito filme estreava esta semana.

– Não vás ver – aconselhou Franny. O papagaio do miúdo ainda esvoaçava no ar. Soprava uma réstia de brisa.

– A minha mãe está doente. Tem estado doente nos últimos três dias e recusa-se a ir ao hospital. Diz-me que está bem e que está doente ao mesmo tempo, e eu acho que ela não está bem. Eu consigo ir até à cidade esta noite, mas estou preocupado porque acho que ela precisa de ir mais cedo ao hospital. Não consigo apanhar os vizinhos dela por telefone e a melhor amiga dela está fora da cidade. A minha mãe nunca foi muito sociável ou se o foi, nunca me disse nada sobre o assunto, por isso não tenho muitas pessoas a quem recorrer. Não quero enviar uma ambulância porque podia pregar-lhe um susto de morte quando pode não existir nada de preocupante com ela. – Albie fez uma pausa para recuperar o fôlego. – O que te quero perguntar é se podias passar por casa dela para ver como está. A Jeanette está em Nova Iorque e a Holly na porra da Suíça. Posso telefonar à mãe a dizer que vais a caminho. Ela ficará furiosa, mas, assim, pelo menos, abrirá a porta.

Franny olhou para o *Crown Victoria* com a consciência de que o carro poderia voar até lá. Olhou para o pai e para a irmã sentados no banco da frente a fitá-la pela janela como se estivessem atrasados para um compromisso.

– Claro – respondeu Franny. – Dá-me a morada e depois telefono-te para saberes se deves ou não vir.

Ouviu-se uma pausa na chamada e Franny interrogou-se se o telemóvel teria ficado sem bateria. Nunca se lembrava de o carregar. Até que se ouviu de novo a voz de Albie.

– Oh Franny – disse.

– A tua mãe não sabe do filme, pois não?

– A minha mãe nem sequer sabe do livro – respondeu Albie. – Pelos vistos, um livro não é o pior sítio para se esconder uma história.

Haviam-se passado mais de vinte anos desde que Albie apanhara o comboio até Amagansett. Acabara de ler o livro antes de sair e entregara-o a Jeanette. Caminhara os cerca de cinco quilómetros da estação até à casa da atriz e bateu à porta para descobrir que a sua vida privada caíra nas mãos de outrem.

Mais tarde, depois da discussão com Leo, Franny e Albie saíram pela porta das traseiras sem se cruzarem com Ariel ou Button. Planeavam ir até à cabana no fundo da propriedade e passaram por John Hollinger no pátio das traseiras. Usava um fato de verão todo amarrotado, fumava um cigarro e contemplava toda a beleza da noite.

– Este lugar é fantástico, não é? – perguntou, deslumbrado.

Franny e Albie mantiveram as luzes da cabana apagadas e beberam gim, passando a garrafa de um para o outro à vez. Ninguém se lembrou de os encontrar ali, mas havia a forte probabilidade de ninguém estar à procura deles. Em vez disso, Leo e os seus convidados estariam sentados no alpendre protegido com a tela do outro lado do relvado, a fumar e a beber o gim que os Hollingers trouxeram. Leo estaria a reclamar por causa do maluco do meio-irmão de Franny que aparecera do nada, furioso, mas deixaria de mencionar a razão da sua raiva.

– Disseste à Jeanette que vinhas ter comigo? – perguntou Franny.

– Não, não – Albie abanou a cabeça na penumbra da cabana. – De certeza quereria vir comigo e teria acabado com ele.

– Com ele não – acrescentou Franny. O ardor do gim era agradável e familiar. Percebeu naquele momento que guardava a oportunidade de tomar uma bebida para a devida ocasião. – A culpa é minha.

– Pois – concordou Albie. – Mas eu não permitiria que a Jeanette acabasse

contigo.

– Uma breve missão de misericórdia – disse Franny quando regressou para dentro do carro. Explicou a situação a Caroline e ao pai. – Vou deixá-los rapidamente em casa e depois vou ver como ela está. Não devo demorar muito tempo.

– Era o Albie ao telefone agora mesmo? – perguntou Fix.

– Sim, era ele.

– Isto é de loucos! – exclamou Caroline. – Quais são as probabilidades de isso acontecer? – Até mesmo Caroline estava impressionada.

As probabilidades não eram assim tão poucas. Franny e Albie eram amigos. Ela e Kumar foram ao casamento de Albie. Tinha uma fotografia da filha dele, Charlotte, na porta do frigorífico. E, na maioria dos anos, lembravam-se das datas dos aniversários uns dos outros.

– Bem, não posso falar em nome da tua irmã, mas não *me* vais deixar em casa – afirmou Fix. – Não vejo a Teresa Cousins há muitos anos.

– Desde quando conheces a Teresa Cousins? – perguntou Caroline.

As quatro raparigas costumavam conversar sobre o assunto à noite nos beliches quando estavam juntas nos verões, de como seria maravilhoso que o pai de Caroline e de Franny se casasse com a mãe de Holly e de Jeanette e de como tudo ficaria recomposto.

– Quando o Albie pegou fogo à escola. Nunca vos contei essa história? A vossa mãe telefonou-me a pedir que o tirasse do reformatório juvenil como um favor que lhe fazia, como se estivesse interessado em fazer-lhe algum favor.

– Essa parte já sabemos – respondeu Caroline. – Conta a parte que envolve a Teresa.

Fix abanou a cabeça.

– É impressionante, quando pensamos sobre o assunto, como aqueles tipos do reformatório confiaram o Albie à minha guarda. Não faziam ideia de quem eu era. Apenas lhes mostrei o meu distintivo e disse que estava ali para levar o Albert Cousins. Dois minutos mais tarde, estava a assinar o termo de

responsabilidade pelo miúdo e eles entregam-no ao meu cuidado. Aposto que hoje isso não aconteceria, pelo menos no reformatório. Havia mais dois ou três rapazes mais velhos do grupo dele, se bem me lembro, dois pretos e um mexicano. O sargento perguntou-me se também os ia levar.

– O que fizeste com eles? – perguntou Franny. Como seria possível que tivesse escutado o relato desta história tantas vezes e que apenas naquele momento se apercebesse de que o mais relevante fora omitido?

– Deixei-os lá. Nem queria ficar encarregado de um, quanto mais dos quatro. Lembro-me de que ele foi primeiro ao hospital porque tinha uma queimadura nas costas onde a *t-shirt* se incendiara. Deram-lhe uma camisola de enfermeiro para vestir, mas ainda assim tresandava a fumo. Obriguei-o a manter a janela do carro aberta.

– Tens um coração duro, meu velho – disse Caroline.

– Coração duro o tanas! Eu salvei aquele miúdo. Fui eu que o tirei do reformatório e o levei ao quartel dos bombeiros para falar com o tio Tom. Estava colocado em Westchester, na altura, e cobria toda a zona até aos limites do aeroporto de Los Angeles (LAX). Fiquei retido no trânsito do aeroporto com o miúdo do Bert Cousins que tresandava a forno de carvão. Ele e o tio Tom tiveram uma conversa franca sobre fogo posto. Sabem que o vosso tio era um incendiário em miúdo e costumava queimar tudo o que queria? Nunca incendiou uma escola, reparem bem, apenas loteamentos vazios e pequenos objetos que ninguém queria. Muitos bombeiros começaram por ser pequenos incendiários. Aprendem como atear o fogo e depois aprendem como controlá-lo e extingui-lo. O Tom explicou tudo isso ao Albie e depois levei-o para Torrance. Passei um maldito de um dia inteiro dentro do carro.

– E foi nessa altura que conheceste a Teresa Cousins – acrescentou Caroline.

– E foi nessa altura que conheci a Teresa Cousins. Uma mulher simpática, lembro-me disso. Realmente passara por muito, porém mantinha a cabeça erguida. Mas aquele miúdo dela era um selvagem.

– Ele melhorou com o tempo – sublinhou Franny.

– Bem podes dizer que melhorou. Primeiro acabou com o teu noivado com o judeu... – Fix levantou a mão. – Espera, voltei a fazê-lo, desculpa... com o

bêbedo, e agora está preocupado com a mãe.

– Nunca fomos noivos – afirmou Franny.

– Franny – disse Caroline. – Deixa o Albie receber o que lhe é devido.

– É a mesma casa em Torrance? – perguntou Fix.

Franny disse-lhe qual era a morada enviada na mensagem de Albie. Fix anuiu.

– É a mesma casa. Eu indico-vos o caminho. Podemos fazer o percurso todo em vias rápidas.

Todas as histórias morrem connosco, pensou Franny cerrando os olhos. Todas as coisas que nunca ouvi, as que nunca me vou lembrar, as que nunca acertei e as que não estive presente para assistir. Todos os caminhos para chegar a Torrance.

Na Virgínia, as seis crianças partilharam dois quartos e uma gata, tiraram comida dos pratos uns dos outros e usavam indiscriminadamente as toalhas de banho, mas na Califórnia tudo era separado. Holly e Cal e Albie e Jeanette nunca foram convidados para a casa de Fix Keating, tal como Caroline e Franny nunca viram onde morava Teresa Cousins. Bert e Teresa compraram a casa em Torrance nos anos de 1960 quando Bert aceitou o emprego no ministério público de Los Angeles: ficava a meio caminho entre a cidade e a praia. Tinha três quartos, um para Bert e para Teresa, um para Cal e outro para Holly. Quando Jeanette e Albie nasceram, todos partilhavam os quartos. Era a primeira casa da família, o porto no qual planeavam embarcar para iniciarem a sua magnífica vida. Por fim, todos acabaram por partir, exceto Teresa, primeiro Bert, depois Cal e finalmente Albie, Holly e Jeanette. Jeanette começara a falar no último ano antes de partir para a faculdade, quando ela e Teresa viviam as duas sozinhas. Passaram bons momentos, faziam-se rir uma à outra, o que surpreendeu ambas.

Em boa verdade, a vida acabou por não ser assim tão má. À medida que Teresa ia trabalhando no escritório do ministério público, dia após dia, ano após ano, Torrance melhorava. A vizinhança, que outrora fora um lugar de onde desejara sair assim que tivesse disponibilidade financeira para o fazer, tornou-se promissora e, mais tarde, plenamente apetecível. Teresa plantou um jardim de suculentas num ambiente rochoso que ela própria delineou a partir de uma ideia que vira numa revista. Acrescentou, inclusive, um terraço. Transformou o quarto

dos rapazes num escritório. Os agentes imobiliários deixavam-lhe constantemente notas escritas à mão na caixa do correio a perguntar-lhe se tinha interesse em vender a casa, recados que ela colocava no caixote da reciclagem. Teresa gostava do seu emprego como assistente jurídica e era bastante competente. Os advogados repetiam muitas vezes que ela deveria frequentar a faculdade de Direito – ela era mais inteligente do que a maioria deles –, mas não desejava nada disso. Permaneceu no ministério até aos setenta e dois anos, abandonando funções com uma das pensões de luxo que acabariam por levar o estado da Califórnia à bancarrota. Os advogados que há muito haviam sido transferidos para outras posições regressaram para fazer um brinde em honra de Teresa na sua festa de despedida. Todos contribuíram para lhe comprar um relógio.

Uma vez por ano, viajava até Nova Iorque para visitar Jeanette, Fodé e o neto. Adorava estar com eles, mas a cidade de Nova Iorque assoberbava-a. Os californianos estão habituados às suas próprias casas, carros e relvados. Sentia a falta de espaços abertos e amplos. Poupou algum dinheiro para poder fazer a viagem até à Suíça, para visitar Holly no centro Zen. Durante dez dias sentou-se numa almofada ao lado da filha mais velha ainda viva e não fez mais do que respirar profundamente. Teresa gostava dos exercícios de meditação, mas, a dada altura, o silêncio absoluto também a assoberbava. Considerava que as filhas viviam as suas vidas como a menina dos caracóis dourados e os três ursinhos: demasiado quente ou demasiado frio, demasiado duro ou demasiado suave. Guardava as suas opiniões para si mesma, pois não queria que dissessem que era demasiado crítica. Albie viajava até Torrance duas a três vezes por ano. Teresa faria uma lista de coisas que tinham de ser tratadas e Albie picava-as uma a uma à medida que colocava um novo motor na porta da garagem ou desentupia a caldeira. Depois de uma vida inteira a sobreviver às custas de empregos estranhos, Albie tornara-se o tipo de pessoa que, por necessidade, era capaz de fazer qualquer coisa. Nos últimos tempos, trabalhava numa empresa em Walnut Creek que produzia bicicletas e gostava desse emprego. No Natal enviara um bilhete de avião à mãe para que se pudesse sentar ao redor da árvore de Natal com ele, com a filha e a mulher. Por vezes, as pipocas, a lareira e as intermináveis partidas de «peixinho» assoberbavam-na e desculpava-se retirando-se para a casa de banho, para junto do lavatório, onde chorava. Depois

passava a cara por água e enxaguava-a, regressando à sala de estar como nova. Era o que ela esperava para os filhos, mas nunca em algum momento previra que acontecesse.

Teresa saiu com alguns advogados depois de Bert partir, e com alguns polícias, mas nunca com nenhum homem casado. Era a sua regra absoluta que nunca quebrou nem mesmo para tomar uma bebida depois do trabalho, que, como rapidamente lhe referiam, era apenas isso que queriam. Quando Jeanette partiu para a faculdade, Teresa apaixonou-se por Jim Chen, um defensor público, curiosidade do destino, e viveram juntos uns bons dez anos antes de ele morrer de ataque cardíaco no parque de estacionamento do tribunal estadual. Aglomerou-se uma multidão em torno dele, pessoas que o viram tombar e que chamaram o 112. Uma secretária, que fizera um curso de socorrismo quando os filhos eram pequenos, esteve a tentar reanimá-lo até à chegada da ambulância, mas, por vezes, todos os procedimentos certos são insuficientes. Avida, sabia-o Teresa por essa altura, era uma cadência de perdas. Também tinha outras coisas, coisas melhores, mas as perdas eram consistentes e garantidas como a própria terra.

Sabia-o no seu âmago e dobrava-se sobre si mesma, numa dor suficientemente forte para a fazer tremer, para depois abrandar, permitindo-lhe voltar a respirar. Se tivesse tido o bom senso de ir ao médico três dias antes, quando tudo começou, teria conseguido ir de carro até ao consultório, mas depois de três dias sem comer estava demasiado enfraquecida para conduzir onde quer que fosse. Poderia telefonar a Fodé para saber o que devia fazer. Ele era médico, mas Teresa era perfeitamente capaz de reproduzir mentalmente essa conversa sem ter de o incomodar no outro lado do país: aconselhá-la-ia a telefonar a uma amiga para a acompanhar ao hospital ou, no caso de não ter uma amiga disponível, deveria chamar uma ambulância. Teresa não queria ter de fazê-lo. Estava tão cansada que se sentia felizarda por conseguir chegar à casa de banho, ou ir à cozinha buscar um copo de água e regressar à cama. Fizera oitenta e dois anos. Julgava que os filhos aproveitariam esta dor de estômago em particular para responder à dúvida deles sobre se ela deveria ou não continuar a viver sozinha naquela casa ou se teria de se mudar para uma instituição no norte para ficar mais perto de Albie. Não podia ir para casa de Jeanette porque as pessoas mudam-se para Brooklyn para se apaixonarem, para escreverem um

romance ou terem filhos, não para envelhecerem. E também não podia ir ter com Holly, embora imaginasse que morrer num centro Zen poderia ter as suas vantagens espirituais.

No segundo dia, ocorreu a Teresa que a dor de estômago, o que quer que fosse, poderia ser a resposta para o seu futuro num sentido mais alargado: talvez a dor, que sentia que a podia matar, fosse efetivamente a sua morte. Continuava a ter o apêndice algures por ali e, apesar de a apendicite parecer o tipo de maleita que leva à morte das crianças nas viagens de acampamento, era bem provável que o dela estivesse por ali todos aqueles anos para detonar mesmo no fim do jogo. Não seria o pior que lhe podia acontecer, pois não? Peritonite? Não seria tão rápida como a partida fugaz do seu querido Jim Chen no parque de estacionamento, mas ainda assim... Quando se sentia melhor, procurava a chave do cofre onde tinha o registo do automóvel e o testamento. Apenas alguém em completa negação sobre o futuro teria um emprego toda a vida numa atividade jurídica sem nunca fazer um testamento decente. Tudo o que possuía fora dividido em três partes. A casa, há muito paga, subira gradualmente de valor ao longo do tempo e também lhe restavam poupanças. Assim que os filhos terminaram os estudos, Teresa nunca gastava tudo o que entrava. Sentava-se à mesa da cozinha onde dispunha tudo para escrever uma carta. Não desejava que soasse a carta de suicídio, porque seguramente não era de suicídio que se tratava, mas considerava que fosse quem fosse que a descobrisse em casa deveria encontrar mais do que as chaves do carro e o seu cadáver. Olhou para o bloco de papel onde costumava escrever a lista de compras. O cabeçalho estava emoldurado por margaridas alegres que dançavam nos seus vasos sobre um conjunto de letras caóticas em tons de rosa onde se lia *Coisas a Fazer.* Nunca parara para pensar quão estúpido era comprar um bloco de papel que dizia *Coisas a Fazer*, mas não se sentia com energia para procurar um bloco de papel de folhas lisas. As dores começavam a escalar novamente e queria deitar-se de novo na cama.

Não me estou a sentir bem.

Apenas para o caso de algo acontecer.

Com amor, mãe.

E isso era o suficiente.

No terceiro dia, Albie fora a única distração ao que considerava ser um plano inteligente congeminado sob o efeito de alguma confusão mental. Telefonara demasiadas vezes para saber como estava a mãe e a forma como ela explicara a situação tinha tudo que ver com o momento em que o telefonema era feito e o grau de dor que sentia. Algumas das vezes nem sequer atendera o telefone. Era uma ideia que a assoberbava. Até que atendeu, por fim, e Albie lhe disse para se levantar e abrir a porta da rua. Disse que Franny Keating iria ver como ela estava.

– Franny Keating?

– Ela está na cidade a visitar o pai. Pedi-lhe para passar por tua casa para ver como estavas.

– Eu conheço pessoas que podem ver como estou – afirmou Teresa, soando patética até mesmo para si própria. Ela *realmente* tinha amigos; apenas decidira ficar em casa a experimentar morrer.

– Tenho a certeza de que tens, mas cansei-me de esperar que tomasses a iniciativa de lhes telefonares. Vai abrir a porta. A Franny deve chegar dentro de alguns minutos.

Teresa desligou o telefone e observou-se no seu robe de algodão com fecho de correr, aquilo que a sua mãe teria considerado um casaco de modelo quando estava na Virgínia. Usava o robe há três dias e passara por períodos de sono irrequietos e transpiração. Não tomara banho ou escovara os dentes ou olhara para o espelho desde que tudo começara. Abrir a porta de casa a Franny Keating não era o mesmo que ter Beverly Keating em sua casa, mas naquele momento Teresa estava com dificuldade em destrinçar uma da outra. Beverly Keating, que fora Beverly Cousins e que agora era Beverly-não-sei-das-quantas e que Teresa não se lembrava do apelido, mas apenas de Jeanette lhe ter dito que ela se casara de novo depois de Bert. A Beverly-Não-Sei-Das-Quantas era tão soberbamente bonita que até mesmo naquele momento, passados cinquenta anos, doía só de pensar nisso. Beverly estava sempre presente nas fotografias que as crianças traziam das férias de verão, como se Catherine Deneuve calhasse estar por ali enquanto as crianças brincavam na piscina ou nos baloiços e ficasse

acidentalmente no enquadramento da imagem. Teresa não queria morrer a pensar na beleza de Beverly Keating, que era, também, mais jovem do que ela, não com muitos anos de diferença, mas os suficientes para ser relevante. Naquela altura, nem devia chegar aos oitenta anos.

Uma onda de dor invadiu Teresa, que teve de se agarrar às costas do cadeirão reclinável para se conseguir manter de pé. Era na zona da pélvis, uma dor bem profunda que a assomava de cima a baixo e de uma até à outra anca. Seria cancro uterino? Cancro dos ossos? Poderia tornar-se isso rapidamente? Se não abrisse a porta, a rapariga Keating chamaria o pai dela. Albie referiu que ela estava de visita ao pai. Ele próprio estaria velho então, mas pediria a um amigo polícia para arrombar a porta. Assim são os polícias: da mente ao ariete. Sentia o suor a aglomerar-se no escalpe. O seu cabelo curto e grisalho estaria ensopado em menos de um minuto. Largou as costas do cadeirão reclinável para se dirigir à porta da entrada. A cada passo, praguejava mentalmente «grande sacana», «grande sacana». Este era o seu mantra, um ponto focal para acalmar a respiração, tal qual Holly lhe ensinara. Abriu a porta da entrada e destrancou a tela de proteção para depois, sem forças para fazer tudo com maior rapidez, se arrastar de novo para trocar de roupa e passar a cara por água. Esperava ter elixir bucal, pois não lhe parecia que tivesse energia suficiente para conseguir escovar os dentes.

Não passaram sequer cinco minutos quando ouviu uma voz.

– Senhora Cousins? – E alguns segundos mais tarde outra voz mais familiar. – Teresa? – Ouviu a tela a abrir-se.

– Só um segundo, por favor. – Puxou as calças de fato de treino para cima e enfiou os pés numas sapatilhas de correr, enrolando uma toalha à cabeça. Tudo doía. Tinha o cabelo muito curto, mas quem tinha ela de impressionar? Jeanette costumava dizer que parecia que ela acabara de regressar de sessões de quimioterapia. Holly dizia que Teresa parecia um monge budista. Albie nunca fazia referências ao seu cabelo.

– É a Franny – ouviu-se a voz.

– Eu sei, Franny. O Albie disse-me que vinha. – Teresa fechou os olhos, esperou, inspirou «grande sacana» e expirou «grande sacana». Ajudou um pouco a aliviar. Quando entrou na sala de estar encontrou duas raparigas, uma loura

outra morena. A loura era agressivamente natural, com fios de cabelo grisalho no rabo de cavalo, sem maquilhagem e com um *top* de algodão que atava ao pescoço com um fio. Amorena era mais polida, mas na verdade não se olhava duas vezes para nenhuma delas. E nenhuma era mais bonita do que Holly ou Jeanette. Teresa conseguiu arrancar um sorriso às custas da sua vontade.

– Esta é a minha irmã Caroline – disse a rapariga loura. – Espero que não se importe que tenhamos passado por sua casa. O Albie está muito preocupado consigo.

– Acabou por se tornar um preocupado – afirmou Teresa. Tentava não arquejar. – É estranho quando pensamos em todas as preocupações que ele nos deu...

– Creio que pode acontecer – disse Caroline.

Teresa observou-as durante algum tempo. Vira tantas fotografias e ouvira tantas histórias. Caroline era a agressiva e Franny a apaziguadora. Ambas conseguiam bons resultados na escola católica, mas Caroline era a mais inteligente. Franny era a mais gentil.

– Sei que pode parecer um pouco louco, mas alguma vez as conheci pessoalmente? – Uma delas terminara o curso de Direito, a outra desistira. Não se lembrava bem de qual, mas ao olhar para as duas era fácil de calcular.

– No funeral do Cal – relembrou Franny. – Creio que foi a única vez em que nos vimos pessoalmente.

Teresa assentiu.

– Pois, não me recordo.

– Como se sente? – perguntou Caroline indo direta ao assunto. Ela tinha autoridade. Teresa teve a sensação de que se mentisse sobre o assunto Caroline aproximar-se-ia dela para lhe apalpar o estômago.

– Tenho estado doente – respondeu, apoiando-se na cadeira. – Mas estou a melhorar. Agora já me consigo levantar. É difícil quando chegamos a esta idade. Somos derrubados por pequenas maleitas.

– Não quer ser vista por um médico? – perguntou Franny.

Se quisesse ser vista por um médico, pensou Teresa, teria ido. Mas não

pretendia ser desagradável. Não havia nada de errado com as raparigas. Fora Albie que lhes pedira para a irem ver. Não era culpa delas.

– Não – limitou-se a responder.

A mais inteligente semicerrou ligeiramente os olhos, desconfiada.

– Estamos aqui agora. Podemos levá-la ao hospital. Se chamar uma ambulância às onze da noite será muito mais complicado. Desculpe dizer-lhe isto, mas não está com bom aspeto – confessou a menina Argumento Racional. Provavelmente já chegara a sócia da empresa onde trabalhava.

– Tenho oitenta e dois anos – respondeu Teresa. Conseguia sentir o suor a escorrer-lhe pela face. – Há muito que não tenho bom aspeto.

– Então não quer ir ao hospital? – reformulou Caroline. Que conste nos registos que a ré recusou a oferta para ser transportada ao hospital apesar do parecer do advogado.

– Peço desculpa pelo meu filho vos ter feito vir aqui para nada. Se me tivesse perguntado primeiro eu teria dito para ele não vos importunar. – Elas iriam embora dentro de alguns minutos e Teresa poderia, então, sentar-se. Podia mesmo desfalecer. Não conseguiria chegar até ao quarto, mas aquele sofá na sala de estar era o que mais desejava no momento.

– Muito bem – concordou Franny –, mas o meu pai está no carro e quer cumprimentá-la. Venha falar com ele e deixamo-la sozinha.

– Fix está no carro?

Franny assentiu.

– Hoje é o aniversário dele. Faz oitenta e três anos. É por essa razão que estamos na cidade. – Franny fez uma pausa por instantes, mas Teresa não mencionou mais nada. Franny decidiu, então, aumentar a pressão. – O pai tem cancro no esófago e está muito doente.

– Sinto muito por ouvir isso. – Teresa gostava de Fix Keating. Apenas o vira numa ocasião, no terrível dia do incêndio, mas lembrava-se dele como um bom homem. Albie, radiante no seu silêncio enraivecido, próprio dos seus catorze anos, subira ao quarto e fechara a porta num estrondo enquanto Fix e Teresa permaneceram na cozinha onde se sentaram para tomarem uma bebida. Havia sumo de laranja fresco no frigorífico e Teresa fez um *screwdriver* para ambos.

Quando Fix tocou com o seu copo no de Teresa fitou-a nos olhos e disse *Solidariedade*. Naquela altura, pensou que aquela expressão era a coisa com mais classe em todo o mundo.

– Peça-lhe para entrar – pediu Teresa, interrogando-se quanto mais tempo iriam demorar e se teria de oferecer uma bebida a alguém.

Isso não seria possível.

Caroline abanou a cabeça em negação.

– Estivemos fora a tarde toda. Nunca conseguiríamos que ele subisse as escadas.

Existiam três curtos degraus na porta da entrada da casa, com um decorativo corrimão de ferro forjado em cada um dos lados, que Albie colocara no verão anterior. Se Teresa descesse as escadas também não conseguiria voltar a subi-las.

– Digam-lhe que mando cumprimentos – respondeu Teresa.

– Ele está a morrer – informou Franny.

Também eu, quis responder Teresa. Olhou alternadamente para uma e para a outra rapariga. Subitamente percebeu que ambas trabalhavam em equipa: a filha polícia boa e a filha polícia má. Não planeavam sair dali tão cedo. Outra onda de dor invadiu-a, o foco no umbigo. Estava de pé há demasiado tempo a tentar ser simpática. Cerrou os olhos e tentou respirar pela boca com os dedos enterrados nas costas da cadeira.

– Vou buscar a sua bolsa e trancar as portas – declarou Franny. – Tem a bolsa na cozinha? Guarda lá os seus cartões do seguro de saúde?

Teresa moveu a cabeça ligeiramente em confirmação ao mesmo tempo que a outra rapariga se aproximava dela e colocava os braços em seu redor. Era gentil, mas estava indiscutivelmente a segurar em Teresa praticamente ao colo.

– Está pronta para dar uns passos? – perguntou Caroline.

Teresa subira e descera aqueles degraus inúmeras vezes e agora sentia-se como Eva Marie Saint, a olhar à beira do limite do Monte Rushmore no filme *Intriga Internacional,* de Alfred Hitchcock. As raparigas Keating amparavam-na, ajudando-a a erguer-se. Nunca fora uma mulher encorpada e, mesmo antes de começar a encolher, nunca chegara a ser tão alta como os filhos. Não se sentia

um estorvo para as raparigas. Eram raparigas fortes, obviamente. Eram as suas sequestradoras, que a levavam pelo relvado para o banco traseiro do carro, levantando-lhe os pés, fazendo-lhe o corpo girar para dentro do carro com uma perturbadora destreza profissional, como se tivessem prática a sequestrar velhotes. Colocaram o cinto de segurança para a manter segura no lugar e quando Teresa gritou brevemente com dores porque não suportava nada sobre o estômago, retiraram o cinto.

– Teresa Cousins – cumprimentou-a Fix no banco da frente –, voltamos a encontrar-nos.

– Pai – disse Caroline. – Indica-me para onde devo ir.

Teresa percebeu a urgência na voz de Caroline. Não bastava levá-la para o hospital como teria de ser de imediato. Fix indicou-lhe o caminho para o Torrance Memorial Medical Center. Nem sequer teve de consultar o guia *Thomas Brothers*. Cada página estava impressa na memória muscular do cérebro. As dores diminuíram um pouco e Teresa apreciou o que a rodeava. Suspirou por estar no banco traseiro do carro a desviar-se do seu plano inicial. Talvez morrer não fosse a sua ideia mais brilhante. Veja-se este dia, outro maravilhoso dia no sul da Califórnia.

– Parabéns – disse Teresa a Fix. – Sinto muito pelas notícias sobre o teu estado de saúde.

– É cancro – complementou Fix. – E tu?

Franny estava ao telefone.

– Temos a tua mãe no carro. Vamos a caminho do hospital.

– Não faço ideia – disse Teresa. – Talvez uma rutura do apêndice?

Caroline carregou no acelerador e o *Crown Victoria* saltou para a frente como se fosse um cavalo de corrida.

– Estás a falar com o Albie ao telefone? – perguntou Fix. – Deixa-me falar com ele.

– Pai – retorquiu Franny. O pai esticava o braço na direção do banco traseiro e Teresa agarrou a mão de Fix apertando-a ligeiramente.

– Albie, o pai quer falar contigo.

– O teu pai? – perguntou Albie.

Franny entregou o telemóvel ao pai.

– Filho? – disse Fix encontrando algures uma centelha de força na voz. – Temos a tua mãe aqui connosco. Vamos fazer com que tratem bem dela, por isso não te preocupes.

– Obrigado – agradeceu Albie. – É já a segunda vez que me salva.

– Vamos ficar junto dela até que descubram qual é o problema. Não quero que penses que vamos deixá-la à porta do hospital e que nos vamos embora.

– Que gentileza – afirmou Teresa a olhar pela janela para as casas da vizinhança que passavam diante deles.

– Será melhor ir ter convosco? – perguntou Albie.

Fix olhou para Teresa sentada no banco traseiro como se fosse um pequenino pássaro sem penas que caiu do ninho para o passeio, com a respiração fraca, e com tudo fora de perspetiva.

– E que tal se combinarmos vermo-nos de manhã, concordas? Telefonamos-te de novo depois. Como é que desligo esta coisa? – Esta última parte Fix perguntou para o grupo antes de carregar no botão vermelho.

– Temos bons filhos – declarou Teresa dirigindo-se a Fix. – Depois de todas as preocupações que nos deram, acabaram por ficar bem. – Teresa estava impressionada com o mau aspeto de Fix. O cancro era realmente o toque do demónio.

Caroline parou o carro na entrada das urgências do hospital. Franny foi buscar uma cadeira de rodas para Teresa, enquanto Caroline retirou a cadeira de rodas do porta-bagagens para o pai. Caroline e Franny esforçavam-se em conjunto para conseguirem retirar os dois de dentro do carro. Teresa foi mais fácil. Apertou as pálpebras e pressionou os lábios um contra o outro, mas não proferiu nenhum som. Teresa era muito leve. Fix estava, também ele, com bastantes dores naquela altura, com os membros tão rígidos que era difícil fazê-lo rodar sobre si mesmo para o retirar do carro. Fora um dia mais comprido do que algum deles antecipara e não trouxeram a hidrocodona*. Repousava as mãos em cada um dos lados das costelas como fazia quando estava cansado, como se estivesse a tentar sustentar-se.

Franny perguntou-se se seria possível que lhe facultassem um único comprimido nas urgências para o conseguirem levar de regresso a Santa Mónica. Era provável que não. Caroline e Franny levaram Teresa e Fix nas cadeiras de rodas até ao balcão de admissão nas urgências, onde uma jovem rapariga latina com um carregado risco de lápis de olhos e uma *t-shirt* decotada olhava para uma e para a outra cadeira de rodas. Aponta de um crucifixo dourado tocava na entrada do seu extravagante decote.

– É para os dois? – perguntou a jovem.

– Para a senhora.

Caroline saiu para o parque de estacionamento.

– Vou telefonar à Marjorie para lhe dizer que ponha os *cupcakes* no frigorífico.

– O teu aniversário – lamentou Teresa, ao lembrar-se da mulher de Fix. – Estraguei tudo.

Fix riu-se, de verdade, como há muito nenhum deles ouvia.

– Estragaste o meu octogésimo terceiro aniversário? Podes ficar com ele, a sério.

– Os cartões do seguro?

Franny tinha a bolsa de Teresa e perguntou se podia procurar os cartões dentro da carteira. Perscrutou por entre os lenços de papel amarrotados, as chaves de casa e um pacote de pastilhas de mentol. Na carteira, encontrou o cartão da Medicare, um cartão suplementar da Blue Cross Blue Shield e a carta de condução. Será que Teresa ainda conseguia conduzir?

– Nome – perguntou a rapariga da receção seguindo o formulário de perguntas que tinha no computador sem memorizar nenhuma delas.

– Costumava vir aqui quando as crianças eram mais pequenas – referiu Teresa olhando em redor como se tivesse acabado de acordar de um sonho naquele preciso momento. – Para levarem pontos, para retirarem as amígdalas, ou por causa de otites. Mas depois de as crianças se irem embora nunca mais voltei aqui. Sem miúdos não temos necessidade de recorrer às urgências. Vinha ao hospital por causa de uma mamografia ou para visitar algum amigo doente, mas acho que não voltei a entrar na sala das urgências uma única vez.

– Está tudo nos cartões – disse Franny à rapariga das admissões.

– Uma vez trouxe o Cal quando foi picado por uma abelha – contou Teresa.

– Ele foi picado por uma abelha na Virgínia – corrigiu Fix, tentando ser prestável.

– É suposto fazermos estas perguntas aos pacientes – referiu a rapariga. – Ajuda-nos a avaliar a situação.

Franny olhou para a rapariga e de seguida provocatoriamente para Teresa. A rapariga suspirou e começou a escrever os dados.

– A primeira vez em que o Cal foi picado, foi para aqui que o trouxe.

– Não sabia que ele tinha sido picado noutra ocasião – afirmou Franny. Bert reunira todas as crianças na sala de estar da casa na Virgínia na manhã do funeral de Cal. Referiu que ele nunca sobreviveria a uma picada de abelha. Referiu-o com a intenção de consolar as crianças, para que não ficassem com a sensação de que podiam ter feito alguma coisa para o salvar. Apesar de, claro, o terem podido salvar. Poderiam ter parado de insistir que ele desse todos os comprimidos para as alergias a Albie sempre que precisavam que se calasse e poderiam ter encorajado Cal a parar de dar os comprimidos a Albie quando ninguém estava por perto para que restassem alguns para a ocasião em que realmente foram necessários. Podiam ter ido ter com Cal quando caiu, ao invés de o ignorarem por meia hora, julgando que estava a fingir.

– Foi assim que descobrimos que ele era alérgico – continuou Teresa. – Foi nessa primeira vez em que foi picado.

– Que idade tinha ele? – perguntou Caroline, que estava atrás deles. Nem repararam que ela regressara. Caroline pensava nos seus próprios filhos. *Já todos haviam sido picados por abelhas?*, tentava lembrar-se.

Teresa fechou os olhos. Contava os seus filhos, ordenando-os mentalmente de acordo com as respetivas estaturas.

– Devia ter uns sete anos. O Albie estava a aprender a andar e as raparigas deviam ter três e cinco anos. Acho que é isso. O Cal e a Holly brincavam no pátio das traseiras e eu estava com os mais pequenos dentro de casa. Com quatro crianças à minha responsabilidade era realmente qualquer coisa. Têm filhos?

– Três – respondeu Caroline. – Um rapaz e duas raparigas.

– Dois rapazes – respondeu Franny.

– Mas não são filhos dela – acrescentou Fix.

– O Cal foi então picado por uma abelha – procurava Caroline dirigir a conversa.

– Medicação? – perguntou a rapariga latina.

Franny voltou a procurar na bolsa de Teresa e retirou dois frascos que encontrara no lavatório da casa de banho, um com medicação para a tensão arterial e o outro para as insónias e a ansiedade. Teresa olhou para os frascos alaranjados em cima do balcão e depois para Franny.

– Pensei que pudessem fazer alguma pergunta sobre o assunto – explicou Franny, embora julgasse agora que recolher os medicamentos talvez fosse ir longe demais. Teresa não havia de gostar que alguém remexesse no armário dos medicamentos.

– Ensinei sempre as raparigas a serem meticulosas – disse Fix.

– O familiar mais próximo?

Todos se entreolharam.

– Creio que seja o Albie, o filho – respondeu Franny.

– No local? – perguntou a rapariga com os dedos a pairar sobre o teclado do computador.

– Ah, nesse caso sou eu. Frances Mehta. – E informou a rapariga do número de telefone pessoal.

– Relação?

– Enteada – declarou Franny.

– Espera – disse Fix. Tentava fazer a ligação mentalmente para determinar a palavra certa que traduzisse a relação existente entre Teresa e a filha.

– Está correto – acrescentou Caroline.

Quando a rapariga das admissões terminou de preencher o formulário disse-lhes onde deviam aguardar.

– A enfermeira já os vem buscar.

– Tem de ser rapidamente – insistiu Caroline no tom de voz direto que

conseguia transmitir. – Ela está muito doente.

– Compreendo, senhora – respondeu a rapariga. O volume das pestanas parecia sobrecarregá-la. Parecia que estava prestes a adormecer.

Franny empurrou a cadeira de rodas de Teresa e Caroline a do pai o mais longe possível do televisor. Ainda se via a luz do dia no exterior.

– Deviam ir para casa, agora – afirmou Teresa quando todos se acomodaram no canto da sala. – Já estou no hospital e virá alguém buscar-me certamente. Não se preocupem que não vou fugir daqui.

– Vou levar o pai a casa – disse Caroline. – E depois volto para vir buscar a Franny.

– Está muito trânsito agora – acrescentou Fix. – É melhor ficarmos todos juntos até que tudo termine. Se eu ficar doente podem sempre admitir-me nas urgências. Eu gosto de Torrance. Muitos dos agentes da polícia viviam por estas bandas.

– Termine a sua história – pediu Franny a Teresa.

Foi Fix quem respondeu no lugar de Teresa.

– Uma vez tratei de um acidente de um tipo que estava parado num semáforo e uma abelha entrou pela janela aberta e picou o tipo. E foi o fim. O pé dele resvalou do travão, entrou pelo cruzamento adentro e foi abalroado por outro carro. Provavelmente já estava morto nesse momento. Ninguém soube ao certo o que se passou até se fazer a autópsia. Voltei ao local alguns dias mais tarde, não para procurar uma abelha em concreto, mas quis dar uma vista de olhos. Existia uma árvore escova-de-garrafa* mesmo antes de se chegar ao semáforo e estava infestada de abelhas. Metade da árvore devia ter abelhas.

Teresa aquiesceu como se a história fosse perfeitamente relevante.

– Quando o Cal apareceu dentro de casa vindo do pátio das traseiras estava branco como a neve. Lembro-me da sua expressão e de como estava aterrorizado e, na verdade, cheguei a pensar que acontecera algo à Holly. Estavam sempre a correr atrás um do outro com ancinhos e vassouras e pensei que lhe tivesse acontecido alguma coisa. Perguntei «Cal, onde está a Holly?» e quando me preparava para me virar para sair para o pátio para procurá-la, o Cal fez um barulho horrivelmente agudo como se estivesse a tentar sugar o ar por um

buraquinho. Esticou os braços no ar para me deter e caiu para trás. Os lábios dele começaram a inchar e as mãos também. Quando o fui levantar reparei numa abelha na camisola dele. A abelha estava mesmo em cima dele, como alguém que acaba de cometer um assassinato e fica imóvel ao lado do corpo.

– Pode acontecer – afirmou Fix.

Caroline esticou-se e segurou na mão da irmã. Ninguém imaginara nada semelhante. Estavam a ouvir o relato de uma história terrível, era apenas isso. Franny entrelaçou os dedos nos da irmã.

– Se não fosse pela abelha estou certa de que o Cal teria morrido com sete anos, mas em certa medida compreendi exatamente o que estava a acontecer. Saí disparada pela porta, em menos de nada. Consegui enfiá-lo no carro em dois segundos. Como sabem, a casa não está longe do hospital e nessa altura não existia metade do trânsito que há agora. Repetia-lhe constantemente para se acalmar, para abrandar e para se concentrar na respiração.

– O que fez com as outras crianças? – perguntou Caroline.

– Deixei-as em casa. Creio que nem cheguei a trancar a porta. O Bert ficou furioso comigo quando lhe contei o que acontecera. Fiquei aterrorizada, mas ao mesmo tempo estava orgulhosa de mim. Eu salvara a vida do Cal! O Bert repreendeu-me por ter deixado as crianças sozinhas, dizendo que não podia fazer uma coisa daquelas. Que as devia ter levado a todas no carro. Mas o Bert não estava quando tudo aconteceu e já me considerava uma péssima mãe. Se perdesse tempo a reunir todas as crianças e a enfiá-las no carro, o Cal teria morrido. Foi o que o médico me disse. Informou-me da seriedade de uma picada de abelha numa criança como o Cal e de como a próxima vez que isso acontecesse seria muito pior. Mas não podemos manter um rapaz preso dentro de casa para o resto da vida e muito menos um rapaz como ele. Estava sempre em cima dele por causa dos comprimidos das alergias e guardava uma ampola de epinefrina e uma seringa em casa, mas o Bert não levara a epinefrina para casa dos pais dele e também duvido que eles soubessem como administrar a injeção. Ninguém se certificou de que o Cal levava os comprimidos. – Teresa abanou a cabeça. – Mas não culpo o Bert. Fi-lo no passado, mas agora já não o acuso de ser o culpado. Nunca encontramos ou temos as coisas de que realmente precisamos quando são necessárias. Eu sei disso. Podia perfeitamente ter

acontecido quando o Cal estava comigo em casa.

– Não conseguimos protegê-los sempre – reforçou Fix e esticou-se da sua cadeira de rodas para colocar a mão sobre as mãos de Teresa. – Tentar manter as pessoas a salvo é uma história que repetimos para nos sentirmos bem connosco próprios.

– O Bert jurou que iria cortar as laranjeiras do quintal das traseiras. Estão sempre cobertas de abelhas quando estão floridas. Estava enraivecido com as laranjeiras, como se tivessem sido elas as culpadas do que acontecera ao nosso filho, mas após alguns dias esqueceu-se delas por completo. Todos nós nos esquecemos.

Teresa fez uma pausa para olhar em redor.

– A sala das urgências era nas traseiras do hospital naquela época. Está muito mais agradável agora. Tudo isto é novo.

Depois da TAC e dos restantes exames médicos, o médico surgiu para falar com eles.

– Senhor Cousins? – perguntou dirigindo-se a Fix.

– Não – respondeu Fix.

A resposta não pareceu perturbar o médico nem um pouco. Estava ali para transmitir as notícias pelo que prosseguiu.

– Aparentemente a senhora Cousins tem um abcesso diverticular no cólon sigmoidal. Vamos acalmar o abcesso com antibióticos e dar-lhe algo para a manter confortável. Vamos manter em observação a contagem dos glóbulos brancos e os valores da febre durante a noite. Vai estar sem ingerir nada nas próximas horas e de manhã faremos uma nova avaliação para ver como evoluiu. Ela está doente há muito tempo?

Caroline olhou para Franny.

– Talvez há três dias? – respondeu Franny. O médico assentiu. Registou a informação no processo, informou-os de que Teresa fora transferida para um dos quartos e escusou-se.

Imaginaram que o médico pudesse estar a julgá-los por negligência. Porque

não teriam trazido uma mulher idosa assim tão doente mais cedo ao hospital? Não havia razão para se justificarem.

– Não é cancro – disse Teresa aos Keatings quando entraram no quarto para se despedirem. – Mas ainda assim parece que vou ter de passar a noite aqui. – Estava ligada a um monitor cardíaco e o soro gotejava no saco e entrava na parte de cima da mão de Teresa via intravenosa.

– Que sorte a tua – comentou Fix, feliz por Teresa.

– Oh – proferiu Teresa tocando com a mão livre na testa. – Cancro. Desculpa. Não devia ter dito isto. Estão a dar-me morfina e estou um pouco atordoada.

Fix acenou levemente, não dando importância.

– Eu volto mais tarde para ver como se sente – afirmou Franny. Teresa disse que não era necessário.

– Já falei com o Albie e ele vai cá estar logo de manhã. Vou dormir até ele chegar. Para vos dizer a verdade, sinto-me bastante cansada e, além disso, veio à cidade para estar com o seu pai, não comigo. Já vos ocupei metade do dia.

– Apenas gostaria que tivesse preenchido o dia todo – confessou Caroline. – A segunda metade foi consideravelmente melhor do que a primeira.

– Podemos ficar aqui até que adormeças – disse Fix sentindo-se cavalheiresco e, ao mesmo tempo, incerto. Estava na cadeira de rodas há demasiado tempo. Necessitava de ir para casa deitar-se no cadeirão reclinável. Soubera-lhe bem levar alguém ao hospital para variar, e pensar nos problemas dela e não nos dele. Mas já não conseguia ignorar mais a dor, que regressara com toda a potência e de bastão na mão.

– Vou fechar os olhos. Quando chegarem à porta já estarei a dormir. – Teresa sorriu para Fix sentado na cadeira de rodas e, honrando as suas palavras, fechou os olhos de seguida. Teresa devia ter casado com Fix Keating e era nisso que pensava quando o sono a enredou nos seus braços suaves. Fix Keating era um bom homem. Mas estava doente e ela também. Como conseguiria ela cuidar dele?

Caroline e Franny empurraram a cadeira de Fix pelo elevador. Estavam numa zona diferente do hospital naquele momento, entrando pelo lado das urgências e caminhando até ao outro lado do mundo para chegarem aos quartos dos

pacientes internados. Quando saíram para o exterior, estavam num sítio diferente onde nunca estiveram antes, e Caroline levou algum tempo a encontrar o carro. Quando finalmente conseguiram guardar a cadeira de rodas no porta-bagagens e encontraram a saída do parque de estacionamento, Fix também adormeceu no banco da frente, restando a Franny colocar a morada da casa em Santa Mónica no telemóvel para se orientarem no caminho.

Nem Caroline nem Franny disseram palavra durante grande parte do percurso. Talvez ambas estivessem à espera para se certificarem de que o pai não as conseguiria escutar, mas por que razão? O que teriam elas feito? A cabeça de Fix tombou para trás contra o encosto de cabeça, a boca aberta. Se não estivesse a ressonar ligeiramente, ambas se perguntariam se estaria morto.

– Quando a Teresa disse aquilo de o Cal ficar branco e de fazer um barulho... – disse Caroline.

Franny aquiesceu. O filho mais velho de Kumar, Ravi, era asmático. Num dos verões passados junto ao lago de Wisconsin, Franny procurara desesperada pelo inalador dentro da mochila dele. O som que Ravi proferira era idêntico ao de Cal mesmo antes de morrer, aquele assobiar agudo que se não era o contrário de respirar, era, pelo menos, o fim da respiração.

– É tão difícil lembrar-me do que estava a pensar – afirmou Caroline. – O Cal já estava morto, mas lembro-me de ter pensado que ainda assim havia algo a fazer. Podia certificar-me de que ninguém descobrisse que demos os comprimidos das alergias ao Albie. Podia ter colocado a arma de novo no carro. Por que diabo tinha o Cal aquela arma? – inquiriu Caroline, virando-se para olhar para a irmã. – Que tipo de pessoa deixa uma arma dentro do carro e nunca descobre que o filho adolescente a tem presa à perna? E porque me preocupo eu com isso? O Cal estava morto e a arma não teve nada que ver com o assunto. É como se uma árvore tivesse tombado sobre a casa e eu estivesse a apanhar as folhas para que ninguém descobrisse o que acontecera.

– Nós eramos miúdos. Não fazíamos ideia do que estávamos a fazer.

– E eu tornei tudo muito pior – acrescentou Caroline.

Franny abanou a cabeça.

– Não podias tornar a situação pior. Nada era pior do que aquilo. – Franny

encostou a fronte no assento diante dela.

– Talvez devesse ter contado tudo à Teresa.

– Contado o quê?

– Não sei, que o Cal não estava sozinho e que todos estávamos com ele quando morreu.

– A Holly e a Jeanette também lá estavam e nunca lhe disseram nada. Ou, quem sabe, até pode ser que lhe tenham dito. Não fazemos ideia do que a Teresa sabe na realidade sobre o que aconteceu na Virgínia.

– A não ser que vá ao cinema neste fim de semana.

– O teu sentimento de culpa não tem nada que ver com o meu sentimento de culpa – disse Franny. – Nem sequer se aproxima do que eu sinto.

Caroline e Franny perderam o dia de aniversário dos oitenta e três anos do pai. O trânsito, que não estava demasiado complicado quando se dirigiam para a casa de Teresa, encontrava-se agora completamente parado por causa das pessoas que saíam para a praia em Torrance, pelo que chegaram a casa do pai já depois de anoitecer. Como consequência da sua gentileza, Fix permanecera demasiado tempo na cadeira de rodas e dentro do carro. As dores irradiavam na direção dos seus pés e mãos e dos ossos faciais, embora não fossem nada quando comparadas com a que se concentrava no incandescente ponto central dele mesmo.

– Deixem-me ir dormir – disse Fix para Marjorie quando as filhas o levaram para dentro de casa. Marjorie teve de se debruçar para conseguir ouvir o que Fix dizia, de tão sumida que estava a sua voz. – Não aguento mais – declarou. Debatia-se com a camisa tentando despi-la. Marjorie ajudou-o a desabotoar a camisa. No decorrer da sua doença, Fix perdera as suas energias de reserva. Não tinha qualquer margem que lhe permitisse aguentar os imprevistos. Permaneceram demasiado tempo na rua, e agora Fix sentia todos os ossos.

– Estiveram com a Teresa Cousins? – perguntou Marjorie a Franny do mesmo modo que lhe poderia ter perguntado «*Levaram-no à zona sul para fumar* crack*?*».

– O filho da Teresa telefonou assim que saímos do cinema a dizer que a mãe

devia ir ao hospital de imediato – respondeu Franny. O que deviam ter feito era trazer Fix a casa antes de tudo o resto. Estavam praticamente em casa quando Albie telefonou, mas nunca lhe ocorreu que teria de ser ela a tomar a decisão e não Fix. – Não imaginámos que levaria assim tanto tempo.

Caroline colocou um analgésico opioide numa pequena colher com sumo de maçã e deu ao pai. Os comprimidos eram mais fáceis de engolir quando administrados deste modo.

– E ela não tem a família? – Marjorie sempre fora muito paciente com as raparigas, mesmo no início, quando Fix habitualmente as levava para casa dos pais de Marjorie para nadarem na piscina. Mas arrastar o pai moribundo para responderem a um ato de misericórdia para alguém que nem conheciam era o mesmo que tentar matá-lo.

– Tem família, sim – respondeu Franny. – Mas nenhum deles vive perto daqui e o pai disse que gostaria de rever a Teresa.

– Mas ele nem a conhecia. Porque haveria de querer vê-la? – Marjorie percorreu as mãos pelos ombros da sua camisa amarrotada. – Vou levar-te para a cama – acrescentou dirigindo-se a Fix.

Franny olhou para a irmã, ambas ainda na salinha depois de Marjorie levar o pai na cadeira de rodas.

– Se houver mais alguma coisa para eu arruinar hoje, por favor não hesites em dizer-me.

– A culpa não foi tua – afirmou Caroline e fez-lhe uma festa no rosto. Nenhuma das duas comera algo e nem o fariam. – Não tinhas como saber. E, seja como for, tínhamos de ir ter com a Teresa, os três juntos. Devíamos-lhe isso. Compreendo que não faça qualquer sentido para a Marjorie, mas, mesmo sendo um erro, devíamos isso à Teresa.

Franny esboçou um sorriso cansado.

– Oh, minha querida – exclamou Franny. – Como é que os filhos únicos se desenvencilham?

– Nunca o teremos de saber – respondeu Caroline.

Caroline subiu para o quarto que partilhava com a irmã para telefonar a Wharton e desejar-lhe as boas-noites. Franny foi ao pátio das traseiras para

telefonar a Kumar.

– Encontraste o livro de cheques? – indagou Franny.

– Encontrei, mas podias ter enviado uma mensagem de resposta há seis horas quando te perguntei.

– Na verdade, não tive oportunidade. – Franny bocejou. – Se estivesses connosco hoje, terias compaixão por mim neste instante. Os rapazes chegaram bem a casa depois do treino de futebol?

– Ainda não os vi – respondeu Kumar.

– Não me compliques a vida. Não estou com disposição.

– O Ravi está no duche. E o Amit está a fingir que está a fazer os trabalhos de casa no computador, mas muda para um jogo qualquer horrível assim que paro de o vigiar.

– Estás a vigiá-lo agora? – perguntou Franny.

– Estou – respondeu o marido.

Marjorie bateu ao de leve na janela da cozinha e chamou Franny para dentro.

– Tenho de ir – declarou Franny.

– Ainda regressas?

– Isso é algo com que não tens de preocupar – respondeu Franny e desligou o telemóvel.

– O teu pai quer que subas ao quarto e lhe dês as boas-noites – disse Marjorie com um ar cansado. – Nem posso acreditar que ainda se mantenha acordado.

– A Caroline está no quarto?

Marjorie acenou negativamente com a cabeça.

– Ele disse que queria falar contigo.

Franny prometeu não o demorar mais do que o necessário. Marjorie juntara as duas camas de solteiro e cobrira-as com um cobertor e colcha de tamanho gigante para dar a entender que continuava a ser uma cama só, apesar de o lado de Fix ser uma cama hospitalar. Estar sentado com as costas da cama levantadas até meio auxiliava-o com as dores no peito e tornava mais fácil conseguir deglutir a própria saliva, pelo que dormia naquela posição. Foi assim que Franny

o encontrou, vestido com um pijama de cor azul-clara, a olhar para o teto.

– Fecha a porta – pediu Fix e bateu com a palma da mão no espaço livre na cama a seu lado. – O que te vou dizer é privado.

Franny dirigiu-se à cama e sentou-se perto do pai.

– Desculpa ter-te arrastado até Torrance – começou Franny por dizer. – Estava a pensar no Albie e na Teresa, quando a minha preocupação devia ter sido primeiramente contigo.

– Não ligues ao que a Marjorie disse – respondeu Fix.

– A Marjorie está a defender os teus interesses. E foi por essa razão que fomos primeiro ter com a Teresa, porque ela não tem uma pessoa como a Marjorie para cuidar dela.

– Esquece tudo isso por dois minutos. Precisamos de conversar seriamente. Podes escutar-me, por favor? – Fix encostado na cama parecia particularmente oco e pequeno, uma casca daquilo que costumava ser o seu pai.

– Levanta as costas da cama mais um pouco – pediu Fix e, quando Franny anuiu, disse: – Muito bem. Aí mesmo. Agora abre a gaveta da mesinha de cabeceira.

Era uma gaveta grande, profunda e comprida, repleta de livros de palavras cruzadas e envelopes, um guia em papel dos trilhos pedestres da Califórnia, um livro de poemas de Kipling, um par de punhos para exercitar as mãos, moedas, uma embalagem de *Vicks VapoRub* e um terço. Foi o terço que surpreendeu Franny.

– O que devo procurar?

– Está no fundo da gaveta, atrás.

Franny abriu um pouco mais a gaveta e afastou os papéis. Foi aí que encontrou o revólver. Nem sequer teve de perguntar mais o que devia procurar. Retirou-o da gaveta e colocou-o no colo.

– Muito bem – disse Franny.

Fix esticou-se e tocou na mão da filha, depois colocou a mão na arma e sorriu.

– A Marjorie fez-me prometer que entregaria tudo assim que me reformasse.

Disse que não queria ver mais armas quando nos mudássemos para a casa da praia e por isso nunca lhe contei.

– Muito bem. – Franny colocou a mão sobre a mão do pai. Sentiu a delicada estrutura óssea do seu esqueleto debaixo da pele fina como papel. Imaginou que seria a sensação semelhante à de tocar na asa de um morcego.

– Uma *Smith and Wesson* calibre 38. Esta foi a minha arma durante longos, longos anos.

– Eu lembro-me – afirmou Franny.

– Nunca saía de casa sem a arma.

– Queres que a guarde por ti? – perguntou Franny sem saber exatamente como o faria. Não podia simplesmente colocá-la na bagagem. Não a podia levar no avião e guardá-la em sua casa em Chicago perto de Kumar e dos rapazes. Não queria ficar com a arma, mas certamente arranjaria solução.

– Já não a consigo segurar – disse Fix. – É demasiado pesada. Nem tenho força para a retirar da gaveta. Pensamos em tudo o que nos pode acontecer e nunca pensei nesta hipótese.

Nos verões, era habitual Fix levar as raparigas até ao campo de tiro da academia de polícia para alvejarem os alvos de papel. Era a única coisa no mundo em que Franny era melhor do que a irmã Caroline. Ela sabia como disparar uma arma. Os amigos de Fix aglomeravam-se para se maravilharem com os resultados de Franny no alvo de papel quando o puxavam no fim.

– Alista essa miúda! – diriam os polícias, e Franny, de olho de lince e de mão firme, ficava radiante.

– Não te preocupes com isso, pai – disse Franny.

– Achas que serias capaz de me dar um tiro? – perguntou o pai.

– A tua medicação está a fazer efeito, pai. Dorme. – Retirou a mão do pai de cima do revólver e inclinou-se para lhe beijar a fronte.

– Está a fazer efeito, sim, e por isso tens de me escutar com atenção. Não temos tempo para conversar mais e estamos aqui apenas os dois. Não consigo pegar mais na arma, mas ninguém sabe disso a não ser tu. Ninguém acharia que foste tu. Muitos polícias acabam com a vida no fim, quando o fim é algo

semelhante a isto. Não há nada de errado nisso.

A arma pesava no colo de Franny.

– Não te vou dar um tiro, pai.

Fix olhou para a filha, de boca aberta e sem os óculos, e Franny apercebia-se de que os olhos do pai estavam repletos de cataratas. Teria sido este o olhar de Cal para Teresa naquele verão em que tinha sete anos, com a abelha a rastejar na sua camisola? Teria sido aquele o olhar de Cal para Franny quando morreu? Não se conseguia lembrar.

– Eu preciso da tua ajuda. Da tua ajuda, Franny. A Marjorie esconde os comprimidos. Não sei onde estão e se fosse fazê-lo agora nem me conseguiria levantar para os ir buscar. Nem saberia quais deveria tomar. Ela enche estes tubos como se eu fosse um automóvel. Se eu me matar com a arma, ninguém se importaria.

– Acredita pai, todos se importariam. Eu importar-me-ia.

– A Marjorie e a Caroline vão à mercearia amanhã e tu vais ficar aqui comigo. Colocas dois pares dessas luvas, das descartáveis, um par em cima do outro. Colocas as minhas mãos no revólver e colocas as tuas sobre as minhas mãos.

Franny colocou as mãos sobre as mãos do pai. Não podia atribuir a responsabilidade daquelas palavras ao opiáceo ou à dor.

– Pai.

– Colocas o gatilho virado para fora, não apontado à garganta, mas afastado dela. Estás a compreender? Eu estarei aqui contigo. Podemos rever tudo passo a passo. Seguras mesmo debaixo do meu queixo e inclinas ligeiramente para trás talvez uns vinte graus. Assim que conseguires preparar tudo, quero que te afastes. Não te vais magoar.

Por que razão não estava o pai a pedir isto a Caroline? Era isso que Franny queria saber. Caroline era a sua filha favorita. Era nela em quem ele mais confiava. Mas Caroline nem sequer o escutaria a dizer tamanha barbaridade.

– Não consigo – respondeu Franny.

– Quando a arma disparar, largas a arma. E deixa-a onde quer que vá cair.

Retiras as luvas e guarda-las no teu bolso. Olhas para o espelho e certificas-te de que não tens nada no rosto e telefonas para o 112. É tudo o que tens de fazer. Ninguém vai imaginar que foste tu. E não serás, serei eu. Estás apenas a ajudar-me. Nunca te colocaria numa situação difícil. – Os olhos do pai começavam a fechar-se, lentamente, abriam-se e voltavam a fechar-se.

– Seria um péssimo ponto de impacto – referiu Franny. Estava sempre presente a sensação de poder desapontar o pai, por viver com a mãe na outra ponta do país e por viver com Bert. Como era estranho que mesmo naquele momento tudo isso permanecesse dentro dela e que ela pensasse, mesmo por breves instantes, que se recusasse o pedido do pai para o matar estaria a falhar com ele.

– As pessoas têm medo das coisas erradas – declarou Fix de olhos cerrados. – Os polícias têm medo das coisas erradas. Andamos por aí a imaginar que o que vai acabar connosco se encontra do outro lado de uma porta: que está no exterior ou dentro de um roupeiro, mas não é assim. O que aconteceu ao Lomar é que é anómalo. Para a maioria das pessoas neste planeta, a causa da sua morte encontra-se já dentro delas. Compreendes isso, não é, Franny?

– Compreendo – respondeu a filha.

Fix esticou-se e agarrou a mão de Franny novamente, a mão e o revólver.

– Estou tão dependente de ti – pediu Fix. Abriu a boca como se para proferir um último pensamento e adormeceu.

Sentada na beira da cama do pai, Franny descarregou o revólver. Descarregar, limpar e voltar a carregar, tudo isso fez parte da educação infantil das raparigas. Existiam seis balas na câmara, que guardou no bolso da frente das calças de ganga, e enfiou a arma na cintura, na zona das costas, debaixo da camisola. As calças ficavam-lhe aconchegadas em torno da cintura nessa altura e, por uma vez na vida, ficou satisfeita com isso. Quando regressou à salinha, Caroline e Marjorie assistiam a *The Man Who Came to Dinner* na televisão. Caroline carregou no botão para retirar o som da televisão na altura em que Monty Woolley tiranizava as personagens secundárias na sua cadeira de rodas.

– Como está o vosso pai? – perguntou Marjorie.

– A dormir. – Franny sentia a frieza do metal a pressionar a curvatura das

suas costas. Era ridículo entrar na sala com uma arma sem fazer qualquer referência ao assunto, mas julgou que a arma seria algo cuja existência Marjorie escusava de conhecer, tal como o pedido que o pai acabara de fazer à filha. Falaria no assunto de manhã com Caroline, mas nada mais havia a acrescentar nessa noite, nem mais uma conversa. Franny disse que se ia deitar e ler um pouco.

Na noite em que Franny guardou a arma na mala de viagem e as balas dentro de uma meia, sonhou com Holly. Haviam decorrido muitos anos desde a última vez em que se viram, mas ali estava ela, ainda com catorze anos, com o cabelo liso e escuro dividido em duas tranças e com a camisola curta amarela atada em redor do seu torso magro e pálido. Estavam na Virgínia de novo na casa dos pais de Bert e caminhavam pelo campo vasto que ficava entre a casa e o celeiro. Holly falava e falava, como era habitual, explicando a história da comunidade e dos índios Mattaponi que em tempos viveram nas margens do rio. Os Mattaponi, dizia Holly, combateram os ingleses na segunda metade da guerra entre os ingleses e os Powhatan.

– Aqui – continuava Holly esticando as mãos – não existiam muitos indígenas e por causa das duas guerras e das doenças que os ingleses trouxeram, a maioria dos Mattaponi morreu. Lembras-te de como o Cal costumava procurar por pontas de setas? O nosso avô tinha uma tijela cheia delas na secretária, mas nunca nos deu nenhuma. Dizia que as estava a guardar. Para o que achas que ele as guardava? Para combater uma insurreição?

Franny mirou a encosta coberta de relva verde. Existia um lago pouco profundo para lá do celeiro que os cavalos gostavam de atravessar nos dias quentes e onde eles próprios se aventuravam, por vezes, apesar da camada espessa e pegajosa à superfície. Olhou para a linha de árvores à distância que orlavam o campo do lado esquerdo e para a bancada com palha no extremo à direita que os Cousins alocavam. Tentava absorver a beleza de tudo em seu redor – a relva, a luminosidade, as árvores e todo o vale. Era onde Cal falecera e o campo por onde Holly, Caroline e Jeanette correram quando se aperceberam do que acontecera, que as levava até casa para chamarem Ernestine, e Caroline dissera a Franny para ficar com Cal no caso de precisar de ajuda. Porque teria Caroline pedido para Franny ficar junto de Cal?

– Foi nessa altura que pegaste na arma, lembras-te? – perguntou Holly no sonho. – Devolveste-a nessa mesma noite à Caroline.

Os olhos de Cal estavam fechados, mas a sua boca encontrava-se aberta como se ainda estivesse a tentar sugar uma réstia de ar. Os lábios, espessos e inchados, com a língua pendurada para fora da boca. Franny permaneceu sobre Cal, olhando para trás na direção da casa e de novo para o meio-irmão. Quando se lembrou da arma, arregaçou-lhe a perna das calças. E ali estava ela, enfiada na meia e atada à canela da perna com um lenço vermelho. Franny convenceu-se de que Ernestine, ou os Cousins, ou quem quer que a fosse salvar não deveria encontrar a arma. Todos ficariam em apuros se isso acontecesse.

– Nem sei porque peguei na arma – confessou Franny. E não sabia mesmo.

Holly abanou a cabeça.

– Não podias deixar a arma ali. Estávamos todos tão obcecados com aquela arma. Era só nisso que pensávamos.

Franny desatou o lenço e, com muito cuidado, apontando a arma para longe dela e de Cal, descarregou-a, como o pai lhe havia ensinado. Colocou as balas no bolso da frente dos calções segurando o revólver aberto contra a luz do sol, fazendo rodar o canhão e olhando pelo cano iluminado para se certificar de que estava vazio. Enrolou a arma no lenço vermelho, mas não havia sítio onde a esconder. Tentou colocá-la à cintura, mas, como é evidente, notava-se. Por fim, decidiu escondê-la atrás de uma árvore ali próximo. Quando todos se tivessem ido embora, regressaria para a buscar e levá-la para dentro de casa. Pediria a Jeanette para ir com ela e colocariam a arma na bolsa de Jeanette. Ninguém julgaria isso estranho, porque Jeanette andava sempre com a bolsa para todo o lado. Lembra-se de se ter sentido satisfeita por ter outro assunto em que pensar.

Franny olhou para o celeiro.

– Sempre julguei que fizera a coisa errada.

– E o que seria o certo numa situação como aquela? – Holly colocou o braço em redor da cintura de Franny. – Os restantes de nós não fazíamos ideia do que estava a acontecer. Nem sequer soubemos que ele foi picado por uma abelha.

– Não soubemos?

– Só mais tarde é que soubemos. Ficámos a saber quando o pai regressou do

hospital nessa noite, mas até essa altura nenhum de nós sabia o que acontecera.

– Adorava este sítio – declarou Franny, embora nunca se tivesse apercebido.

Holly pareceu surpreendida.

– Gostavas? Eu odiava.

Franny olhou para ela. Holly sempre fora uma rapariga bonita. Por que razão nunca teria reparado nisso? Considerava-a uma irmã, agora.

– Então porque voltaste?

– Para me certificar de que ficarias bem – respondeu Holly. – Sempre nos defendemos uns aos outros. Não te lembras disso? Éramos uma pequena tribo muito destemida.

– Escuta – disse Franny, olhando para cima. – Ouves os pássaros?

Holly abanou a cabeça em negação.

– É o teu telemóvel. É por causa disso que vim ter contigo. Não te deves preocupar.

– Com os pássaros? – perguntou Franny, mas Holly desaparecera e o quarto mergulhou de novo na escuridão. Ainda conseguia ouvi-los.

– Atende o telemóvel – indicou Caroline na outra cama.

Apenas a luz do telemóvel brilhava no quarto escuro. Franny pegou nele, embora soubesse que nunca nenhum bem poderia vir de um telefonema a meio da noite.

– Está lá? – respondeu Franny.

– Senhora Mehta? – disse a voz, a voz de uma mulher.

– Sim?

– Fala a doutora Wilkinson. Estou a telefonar do Torrance Memorial Medical Center. Senhora Mehta, lamento dizer-lhe, mas a sua madrasta faleceu.

– A Marjorie morreu? – Franny endireitou-se, acordando por causa das notícias. Como era possível? Quando teria ela ido para o hospital? Caroline levantou-se da cama e acendeu a luz em cima da mesa que ficava entre as duas camas. Apenas uma pessoa estava na iminência de morrer e era o pai.

– O quê? – exclamou Caroline sobressaltada.

– A senhora Cousins – respondeu a médica. – O monitor cardíaco alertou a enfermeira pouco depois das quatro desta madrugada. Tentámos reanimá-la, mas sem êxito.

– A senhora Cousins?

– A Teresa morreu? – perguntou Caroline.

– Sinto muito – repetiu a médica. – Ela estava muito doente.

– Espere um segundo – disse Franny. – Creio que não estou a perceber o que me está a dizer. Poderia repetir à minha irmã o que me disse?

Franny entregou o telemóvel a Caroline. A irmã saberia que outras perguntas devia fazer. O relógio digital na mesinha de cabeceira indicava as quatro e quarenta e sete da madrugada. Perguntava-se se Albie estaria acordado a esta hora e se acertara o despertador. Iria apanhar um voo cedo para Los Angeles para ver a mãe.

-

* Opiáceo semissintético com propriedades antitússicas e analgésicas, derivado de dois opiáceos naturais: a codeína e a paramorfina. *(N. da T.)*

* Árvore originária da Austrália que adquire o seu nome por causa dos ramos se assemelharem a escovas para limpar garrafas. *(N. da T.)*

8

A seis meses da reforma, Teresa comprou um bilhete de avião com destino à Suíça para visitar Holly no centro Zen. Precisava de ocupar os pensamentos para não mergulhar na insegurança que sentia em relação à reforma e no receio que a invadia perante a possibilidade de se tornar uma presença debilitada no trabalho de que tanto gostava, há tanto tempo. Com o decorrer dos anos, vira muitos colegas e entrar e a sair, ascender e decair, arrumando as coisas das secretárias dentro de uma caixa de cartão. Mais cedo ou mais tarde, teria de fazer o mesmo e não seria mais agradável tomar ela a iniciativa antes que começassem a empurrá-la em direção à porta da saída? Aos setenta e dois anos estava ainda muito a tempo de descortinar um outro rumo para a sua vida, não que tivesse grandes certezas sobre o que quereria isso dizer. Pensou em frequentar aulas de *bridge* ou em remodelar o pátio de casa. Pensou que poderia ir até à Suíça.

Duas semanas depois da sua festa de despedida, com um relógio de ouro no pulso e os bilhetes dentro da bolsa, chamou um táxi para a levar até ao aeroporto.

Holly deixara de vir a casa. Quando foi pela primeira vez à Suíça, há vinte e cinco anos, planeava apenas ficar um mês. Regressou ao fim de seis meses, apenas para se candidatar a um visto permanente. Despediu-se oficialmente do seu emprego no Sumitomo Bank, que estava à sua espera. Holly graduara-se com uma especialização em economia em Berkeley e, apesar de ser muito jovem, valorizavam bastante o seu trabalho. Desistiu da hipoteca do apartamento que permanecera vazio durante a sua ausência. Vendeu toda a mobília.

– Estás apaixonada? – perguntou a mãe. Teresa não acreditava que Holly se tivesse apaixonado, apesar de exibir todos os sinais clássicos: distração e um olhar meloso, perda de apetite. Holly cortara o cabelo escuro muito rente ao couro cabeludo. A face estava limpa de maquilhagem e, pela primeira vez em

tantos anos, Teresa conseguia perceber que ainda permaneciam uns salpicos de sardas no rosto da filha. Teresa receava que a filha mais velha tivesse sido raptada, apesar de ambas estarem sentadas à mesa da cozinha a beber café, que tivesse sofrido uma lavagem cerebral por parte de algum culto que tivesse permitido o seu regresso a casa pelo tempo suficiente para que organizasse as suas posses sem levantar suspeitas. Mas perguntar-lhe diretamente se estava sob a influência de um culto era uma questão mais difícil.

– Não estou apaixonada – respondeu Holly agarrando na mão da mãe e apertando-a. – Não propriamente.

Holly costumava regressar a casa, de tempos a tempos, primeiro uma vez por ano e depois a cada dois ou três anos. Teresa suspeitava de que era Bert quem lhe comprava os bilhetes das viagens, mas nunca perguntou. Decorrido algum tempo, as distantes visitas ocasionais começaram a escassear. Holly afirmava que não queria continuar a voltar aos Estados Unidos, dando a impressão de que era o país que abandonava e não a sua família. Afirmava ser mais feliz na Suíça.

Apesar de Teresa desejar ardentemente que os filhos encontrassem felicidade, não compreendia por que razão isso não era possível mais perto de Torrance. Uma vez que um deles falecera, os outros três poderiam ter escolhido ficar a pairar por perto, mas parecia que se proporcionara precisamente o oposto. Parecia que, depois da morte de Cal, cada um deles escolhera voar para longe, cada um para seu canto. Sentia a falta de todos, mas sobretudo tinha saudades de Holly. Era a menos misteriosa dos filhos, a única que ocasionalmente se esgueirava para dentro da cama da mãe a meio da noite para conversar.

– Podes sempre vir visitar-me – escrevia Holly sempre que a mãe reclamava, de início, por aerogramas que demoravam a chegar e, mais tarde, por *email*, quando o centro Zen, designado como Zen-Dojo Tozan, adquiriu um computador. Teresa nunca se lembrava do nome exato do espaço, pelo que ajudava quando o via impresso.

– E que faria eu na Suíça? – escreveu Teresa na resposta à filha.

– Sentavas-te comigo – respondeu Holly.

Não lhe pedia muito. Certamente que se sentava com Jeanette, Fodé e os rapazes em Brooklyn. Sentava-se com Albie em inúmeros locais, incluindo a própria sala de estar de Teresa. No decorrer da sua longa vida, Teresa conseguira

superar a sua desconfiança sobre o Budismo e a meditação. Holly, nas ocasiões em que Teresa a via, continuava a ser a Holly. E apesar de existirem razões suficientes para não visitar a filha quando estava a trabalhar, depois da reforma tudo o que argumentava era que estava demasiado velha, que a viagem demorava demasiado tempo, que os bilhetes eram muito caros e as escalas muito intimidantes. Nenhum desses argumentos era razão suficiente para continuar a ter saudades da própria filha.

O voo de Los Angeles a Paris demorou doze horas. Teresa aceitou o vinho gratuito sempre que o carrinho das bebidas passava por ela no estreito corredor entre os assentos, dormiu perfeitamente acomodada encostada à janela e tentou ler *O Paciente Inglês*. Quando o avião aterrou no aeroporto Charles de Gaulle, Teresa envelhecera uns vinte anos. Os procuradores do ministério público deviam insistir que os julgamentos de assassínios e barões da droga decorressem na classe económica dos voos sobrelotados transatlânticos, onde qualquer suspeito confessasse os crimes cometidos em troca da promessa de uma cama macia num quarto escuro e sossegado. Depois de sair do avião, dorida e vagarosa, juntou-se ao rio da vida: as malas com rodinhas a rolarem atrás dos conversadores-de-telemóvel, como se fossem cãezinhos obedientes, todos caminhavam com tanta determinação que nunca ocorreu a Teresa não os seguir. Estava demasiado confusa para pensar por si própria, mas finalmente conseguiu pensar e regressar à realidade quando vislumbrou um balcão de informações. Foi-lhe dito que a porta de embarque para o voo seguinte situava-se noutro terminal, ao qual podia aceder viajando no autocarro de transporte de passageiros, e que o voo para Lucerna estava três horas atrasado.

Teresa aceitou um mapa destacado do aeroporto, que lhe foi oferecido pelo francês surpreendentemente deslumbrante no balcão das informações, e começou a dirigir-se de volta ao sítio de onde viera. Tinha os pés inchados por causa do voo e estavam um número acima do tamanho dos sapatos que trazia calçados. Não que Teresa estivesse à espera de que aparecesse alguém para a acompanhar até à porta de embarque, mas não conseguia evitar recordar-se de como tudo decorrera quando esteve naquele aeroporto cinquenta anos antes: era uma pessoa diferente na altura e em circunstâncias consideravelmente distintas.

Bert levara Teresa a Paris por ocasião da lua de mel. Fora tudo uma grande

surpresa. Bert tratou das reservas do hotel, encomendou os francos no banco, pediu à mãe de Teresa para fazer a mala da filha. Os pais dele levaram-nos de Dulles na manhã seguinte ao casamento para apanharem o voo e mesmo nesse momento Teresa não suspeitava de qual seria o destino. Licenciara-se em Literatura Francesa na universidade da Virgínia e nunca saíra do país. Nunca falara francês fora da sala de aula.

Teresa parou numa pequena cafeteria no terminal, deixou-se cair nas cadeiras brancas de plástico moldado e pediu um café com leite e um *croissant* com extrema facilidade. O que mais tinha era tempo. Aliviou os calcanhares da parte de trás dos sapatos, mesmo sabendo que seria um erro. Os pés inchariam como se fossem massa de pão e nunca conseguiria voltar a calçar os sapatos. Pela primeira vez desde que tinha vinte anos, pensou no belo rapaz que Bert Cousins fora em tempos, de estatura alta e de um louro bronzeado, com belos olhos azuis-escuros que a faziam estremecer todas as manhãs quando ele abria os olhos. A família de Bert era tão rica quanto Creso, como costumava dizer a avó de Teresa. Os pais de Bert deram-lhe um pequeno *Fiat* verde assim que acabou o liceu.

Quando se conheceram, Bert estava no segundo ano da faculdade de Direito na universidade da Virgínia, o melhor da turma, e Teresa estava no último ano do liceu. Escorregou num pedaço de gelo certa manhã de neve de janeiro ao apressar-se para ir para a escola e caiu com grande aparato no chão, com os livros e os papéis a esvoaçarem em redor dela e o ar gelado a perfurar-lhe os pulmões. Estava estendida de costa viradas para o chão, demasiado atordoada naquele instante para fazer mais do que simplesmente observar os flocos de neve a pairar na sua direção, quando Bert Cousins se inclinou, entrando no seu campo de visão, para lhe perguntar se permitia que ele a ajudasse. Teresa anuiu. Pegou nela, um completo estranho carregou-a nos braços até à enfermaria, faltando à aula seguinte para esperar por ela enquanto lhe enrolavam o tornozelo. Um ano mais tarde, pediu-a em casamento e disse que gostaria que se mudassem para a Califórnia depois de ele terminar a faculdade de Direito. Faria o exame de admissão na Califórnia e começariam uma nova vida os dois juntos onde ninguém os conhecesse. Não desejava passar os dias a elaborar contratos de vendas imobiliárias e queria praticar advocacia a sério. E queria ter filhos, disse Bert, muitos e muitos filhos. Sendo filho único, o que sempre mais desejara era

ter irmãos e irmãs. Teresa mirava Bert e o belo anel que tinha na mão, alternando o olhar entre um e o outro, e pensou que naquele momento devia estar a irradiar uma luz brilhante do corpo inteiro de tanto que o amava. Era desconcertante pensar nisso agora, aos setenta e dois anos, enquanto barrava doce de morango na ponta do *croissant*. Mal conseguia suportar o pensamento. Amara Bert Cousins e de seguida habituou-se a ele, mais tarde ficou desapontada com ele e, por fim, depois de Berta abandonar com quatro crianças pequenas, odiou-o com todas as suas forças. Mas no aeroporto Charles de Gaulle, aos vinte e dois anos, o seu amor por ele ofuscara quaisquer pensamentos de algum dia deixar de o amar. De mãos dadas, a caminho da recolha das bagagens, Bert beijara-a, profunda e plenamente, junto da conduta prateada e brilhante das bagagens, sem se importar com quem pudesse estar a assistir, porque eram recém-casados e encontravam-se em Paris.

Teresa observou todas as pessoas que passavam junto dela na mesa da cafetaria do aeroporto e perguntou-se quantas estariam no início das suas luas de mel, quantas estariam apaixonadas e quantas se desapaixonariam mais tarde. A verdade é que Teresa, de certo modo, esquecera-se de Bert. Demorou muito tempo, mas passavam-se anos inteiros em que Teresa se esquecia de perguntar aos filhos como estava o pai porque simplesmente deixara de pensar em Bert. Vivera anos suficientes para que todos os sentimentos de amor ou de raiva simplesmente acabassem por desaparecer. Cal permanecia com ela, Jim Chen também, mas Bert, que continuava vivo e com saúde na Virgínia, esse desaparecera.

Reanimada pelo café e tudo o resto, enfiou dolorosamente os pés dentro dos sapatos e caminhou devagar até à porta de embarque. Talvez ficasse para sempre na Suíça e talvez se convertesse ao Budismo. Mas não conseguia imaginar-se a repetir a viagem.

Holly negligenciara descer até à pequena divisão que em tempos fora uma arrecadação para arrumar as vassouras por baixo das escadas da cozinha, para verificar no computador a situação do voo da mãe que vinha de Paris. Apenas depois de estar no aeroporto em Lucerna, diante do painel informativo das chegadas, verificou que o voo estava com um atraso de três horas. É verdade que não tinha muitas oportunidades de ir ao aeroporto, mas que idiota se esquece de

verificar o estado do voo antes de fazer uma viagem de uma hora para chegar até lá? Como se estabelecera a regra no centro de que quem levasse o carro ficasse também com o telemóvel, teve a possibilidade de enviar uma mensagem a Mikhail a explicar a situação. Holly sabia que ele não se importaria. Ele dissera que não precisavam do carro, mas, mesmo assim, ela sentia que provocava um certo transtorno à comunidade por retê-lo por tanto tempo. Presumindo que a informação divulgada estava correta, não estaria de regresso antes das duas da tarde. Pedira à mãe para apanhar o comboio em Paris. Ninguém viajava de avião de Paris para Lucerna, e de comboio era um instante. Mas a mãe entrara em desespero com a ideia de ter de apanhar um transporte do aeroporto até à Gare de Lyon e aí ter de procurar o comboio para Lucerna. Talvez fosse mesmo impossível por causa do *jet lag* e das bagagens. Holly poderia ter apanhado o comboio para se encontrar com a mãe em Paris, mas nunca sugeriu isso. Não pretendia ficar ausente tanto tempo.

Holly terminara as suas tarefas na cozinha mais cedo, depois de lavar e descascar cerca de quatro quilos e meio de batatas, cortando-as aos palitos e deixando-as mergulhadas em água fria salgada, esforçando-se por permanecer focada em cada uma das tarefas. Fora ao quarto de hóspedes onde a mãe iria ficar a dormir para se certificar de que tinha toalhas, uma luva de banho ao lado do lavatório e uma garrafa de água e um copo ao lado da cama. Escusou-se mais cedo da meditação matinal, atravessando por entre as almofadas onde os outros estavam sentados o mais silenciosamente que conseguiu para ir ao aeroporto, embora se apercebesse, agora, de que afinal não precisava de ter saído mais cedo. Poderia ter ficado a terminar tudo dentro do prazo habitual. O sentimento de irritação era de tal forma desproporcionado que equacionava se o problema não seria antes o facto de não querer a visita da mãe. Apesar de compreender a importância de permitir que todos os pensamentos viessem ao de cima sem juízos de valor, para os observar e sentir e deixá-los partir, julgou que provavelmente seria melhor silenciar este.

Holly comprou uma barra de chocolate *Toblerone* no quiosque das revistas e procurou na zona de espera por algum jornal abandonado, visto que chocolates e jornais era aquilo de que sentia a falta. E de sexo. Sentia a falta de sexo, mas teve o bom senso que não procurar por isso no aeroporto. Encontrou exemplares do *Le Matin*, do *Blick* (mas não lia alemão muito bem) e, espante-se, a edição

completa de terça-feira do *New York Times*. Subitamente sentiu-se a acalmar. A ideia de passar três horas num aeroporto com três jornais e um *Toblerone* parecia um milagre. Retirou a película de alumínio e partiu um pedaço do chocolate, deixando-o demorar-se na língua para derreter enquanto lia a secção de ciências do *Times*: os diabos-da-tasmânia estavam a morrer com cancro na boca; existiam razões para se acreditar que era mais benéfico correr sem sapatilhas; e as crianças a viver em zonas pobres das cidades tinham tantas probabilidades de sofrer de asma como as crianças que viviam em zonas de guerra. Tentou perceber o que era suposto fazer com aquela informação. Como poderia ela salvar os diabos, impedir que se mordessem uns aos outros, aparentemente a causa de propagação do cancro, e por que razão se importava ela mais com pequenos e ferozes mamíferos marsupiais e não sentia nada pelas crianças asmáticas? E por que razão teria lido o artigo completo sobre corrida, quando ela própria não era uma corredora e passara ao lado da notícia sobre energia geotermal? Até que ponto se tornara fútil? Dobrou o jornal e colocou-o em cima das pernas a refletir por momentos na informação. Considerou que devia sair mais vezes do Zen-Dojo Tozan ou abandoná-lo de vez e também pensou que não devia abandoná-lo sob que pretexto fosse, tal como fazia o Siobhán, que Holly nunca vira passar para além da caixa do correio no final da rampa de entrada do centro.

Quando Holly se recordava da sua vida na Califórnia, lembrava-se de equacionar tudo com base em quem tinha menos do que ela e quem tinha mais, quem era mais bonito, mais inteligente, quem tinha um melhor relacionamento amoroso (habitualmente todos à sua volta), quem estava a ser promovido com maior rapidez, porque por muito que a louvassem no banco parecia existir sempre alguém que preferiam. Estava permanentemente a tentar descobrir como poderia fazer melhor, como acertar, e ao fazê-lo começara a ranger os dentes durante a noite. Cavara uma pequena cratera na parte interior da bochecha e arrancara as cutículas dos polegares até fazer sangue. Marcou uma consulta de clínica geral, contou ao médico os seus problemas e mostrou-lhe o interior da boca. Ele observou a língua e os dentes com uma pequena lanterna, observou as mãos e sugeriu a meditação. Ou pelo menos foi isso que Holly pensou.

– Vai precisar de fazer meditação.

No momento em que ouviu aquelas palavras sentiu o coração a acelerar como se estivesse à espera daquele preciso momento. *Finalmente!* disse o coração de Holly. *Até que enfim!*

– Onde posso aprender a meditar? – perguntou Holly. A mera formulação da pergunta trouxe-lhe um puro júbilo.

O médico olhou para Holly, como se estivesse a questionar-se até que ponto seria louca.

– Me-di-ca-ção – repetiu o médico devagar e mais sonoramente. – Vai precisar de medicação para a ansiedade. Vou receitar-lhe Ativan. Vamos acertando a dosagem. Temos de perceber qual é a mais indicada para o seu caso.

Mas Holly deitou o pequeno pedaço de papel branco no lixo depois de entregar uma nota de vinte dólares na receção para fazer o pagamento. Involuntariamente, o médico fê-la perceber o que precisava para se curar. Naquela ocasião, nem sequer compreendia o que implicava a meditação, mas soube que ia descobrir. Leu uns quantos livros, escutou algumas gravações com palestras dadas por darmas enquanto viajava de carro e, por fim, encontrou um grupo que se reunia às quartas-feiras à noite e aos sábados de manhã. Começou por fazer exercícios de meditação sentada em casa, levantando-se mais cedo de manhã e praticando antes de ir para o banco. Seis meses mais tarde, alguns elementos do grupo das quartas-feiras convidaram-na para fazer um retiro de fim de semana. Mais tarde, sentou-se em silêncio durante uma semana num centro espiritual situado a norte de Berkeley. Foi nesse local que viu num painel as informações referentes ao centro Zen-Dojo Tozan. Sentiu nesse momento a mesma aceleração do coração que sentiu quando interpretou mal as palavras do médico. *Ali está o meu lugar*, pensou Holly, olhando para a imagem de um chalé equilibrado num monte suave de flores da montanha. Retirou o alfinete que segurava o panfleto e deixou-o cair na mão.

Este era o tipo de situações que acontecia a Holly. Em certos momentos sentia-se como se estivesse a ser guiada e quando isso lhe acontecia atribuía a responsabilidade a Cal.

Quatro anos após a morte de Cal, Holly consumia-se com o remorso de não terem sido mais próximos (bem como pelo remorso relativamente a outros assuntos). Mas depois de ir para a Suíça percebeu que para um rapaz de quinze

anos e uma rapariga de treze a viverem momentos desgastantes até nem se saíram assim tão mal. Gritavam muito um com o outro, mas nunca guardaram rancor. Empurravam-se, mas nunca se batiam ou se beliscavam. Atiravam almofadas um ao outro, mas nunca loiças. Holly corrigia os trabalhos de casa de Cal sem ser condescendente e ele, na memória resplandecente da sua infância, arrancou, certa vez, duas raparigas de cima dela nos corredores da escola, puxando uma pelo rabo de cavalo e a outra pelo colarinho da camisola, quando estas tentavam enfiar Holly no cacifo da escola.

– Cabras, saiam de cima da minha irmã – proferiu Cal enquanto cambaleavam para trás e saíam a correr com lágrimas a escorrer pela face. Cal magoara as raparigas e pregara-lhes um susto de morte. Holly, que assumira a responsabilidade de cuidar de todos à sua volta, foi nesse momento de ouro a protegida. Pelo seu irmão.

Sendo os dois irmãos mais velhos, Holly e Cal trabalhavam em conjunto para cuidarem de Albie e de Jeanette, mantendo-os longe do fogão e das facas quando eram mais pequenos. E cuidavam da mãe, talvez não em conjunto, mas faziam um esforço para aliviarem a carga de trabalho da mãe e para evitar que ela soubesse de alguma coisa que a pudesse desgastar, sempre que possível. Quanto mais Holly sentia a presença de Cal na sua vida, mais se convencia de que ele cuidava dela e que a perdoara. Quanto maior fosse o seu esforço por manter um estilo de vida tranquilo e atento ao mundo em seu redor, mais facilmente o conseguiria ouvir. Não o ouvia num sentido amalucado, isto é, não se sentavam para conversar sobre política, era mais um sentimento agradável, tranquilo o suficiente para a levar até ao Zen-Dojo Tozan, mas que podia ser reproduzido em qualquer lado, mesmo na sala de espera do aeroporto de Lucerna. Holly acreditava que a maioria da população humana não tirava proveito da totalidade do seu próprio potencial psíquico. Vivia num estado de desordem mental bombardeada com bens e serviços, informações e buscas. Não era capaz de reconhecer a verdadeira felicidade nem que esta lhe pisasse o pé. Fora quase impossível ouvir o irmão quando estava em Berkeley, no Sumitomo Bank ou em qualquer outro lugar de Los Angeles, mas na Suíça, lugar onde ele nunca estivera, bem, aí era diferente e melhor.

Holly retomou a leitura dos jornais. Leu as notícias sobre os espetáculos na

Broadway. Leu a recensão de um livro e um artigo de opinião sobre as inundações no Iowa. Leu sobre as provações das mulheres no Afeganistão. Terminou metade do chocolate e guardou a outra metade dentro da bolsa para mais tarde. Ao verificar as horas, levantou-se e dirigiu-se para junto das outras famílias e dos motoristas que seguravam em tabuletas com os nomes dos passageiros para os levar aos seus destinos. Quando viu Teresa a caminhar na sua direção – tão pequenina! tão mais velha! quanto tempo decorrera? dez anos? mais do que isso? –, sentiu-se inundada por amor, uma onda avassaladora tanto do amor da mãe como do irmão. Esticou os braços.

– Oh, mãe! – exclamou Holly.

Por onde começar a maravilhar-se? Em primeiro lugar havia Holly, que parecia radiante com o cabelo escuro muito curto com pequenos laivos de cinzento e as *Birkenstocks*. As outras pessoas aglomeradas do outro lado das linhas de segurança, todas elas compondo uma única e indistinguível massa compacta e de repente, *pimba!*, lá estava Holly. Ela era algo de espantoso, não passava despercebida. Quando Teresa caiu nos braços da filha foi como se nunca tivessem estado separadas. Teve uma memória tão avassaladora da enfermeira a aproximar-se, no quarto do hospital na manhã em que a Holly nasceu, para depositar aquela linda e perfeita bebé nos braços de Teresa e que se transformara na linda mulher que estava diante de si. Teresa beijou o pescoço da filha encostando a maçã do rosto contra o esterno dela.

– Desculpa teres esperado tanto tempo – disse Teresa sem ter a certeza de se referir ao atraso de três horas ou aos anos que demorara a chegar até ali.

– Passei um bom momento – respondeu Holly, passando a mão pela cabeça da mãe. Pegou na mala de mão e na bolsa da mãe, pendurando-as sobre o ombro como se não fossem nada, como se fosse capaz de colocar, igualmente, Teresa ao ombro com a mesma facilidade. Encaminhou-a até aos lavabos sem perguntar à mãe se precisava, coisa que acontecia. Era este o tipo de pessoa que Holly sempre fora: no comando, a tomar decisões, a ser prestável sem que alguém lhe pedisse. Quando Teresa apontou para a sua bagagem no tapete rolante da recolha, Holly agarrou na bagagem e riu.

– Fazes as malas como uma californiana – disse Holly encantada com

semelhante insignificância. – Eu também!

– Como é que os californianos fazem as malas? – perguntou Teresa, rindo sem perceber a chalaça com um sorriso tão rasgado que, certamente, revelava dentes que há muito não se viam. Holly segurou na mala preta com rodinhas da mãe. Era pequena e discreta, um pequeno apontamento que contrastava com todas as outras malas gigantes cor-de-rosa de laterais duras e reforçadas com cordas elásticas que apareceram antes da bagagem da mãe.

– Os europeus fazem as malas como se nunca mais fossem regressar a casa. Creio que tenha que ver com a guerra mundial.

No exterior, o ar era intenso e frio, apesar de ser o primeiro dia de setembro. Estavam cerca de trinta e dois graus quando saiu de Los Angeles. Holly ajudou a mãe a vestir um casaco. Teresa sentia-se orgulhosa de si mesma por se ter lembrado de trazer um casaco. Em casa, quando estava na sala de estar, Teresa experimentara vestir o casaco e depois despira-o, trancara a porta da frente, entrara no táxi para depois regressar a casa onde voltou a vestir o casaco. Conseguia ver os Alpes à distância do parque de estacionamento onde estavam. Avistara-os do avião com os cumes cobertos de neve. Os Alpes. Teresa aconchegou-se no casaco. Quem diria que Teresa Cousins um dia chegaria a ver os Alpes?

O *Citroën* do centro Zen-Dojo Tozan que Holly conduzia mais se assemelhava a uma lata de conservas do que a um carro. O frágil metal estremecia a cada curva e a alavanca da caixa de velocidades era um espeto comprido que surgia do chão do carro. Em casa, na estrada 405, um carro como aqueles seria esmagado pela corrente de ar de um monovolume que o ultrapassasse, mas nesta estrada de montanha perigosa era idêntico a qualquer outra lata de conserva. Podiam chocar uns com os outros sem que ocorresse algum desastre significativo, como as pessoas que roçam umas nas outras quando caminham numa rua sobrelotada. Ninguém subira a parada com o intuito de se salvar a si mesmo, construindo um tanque que obliterasse a concorrência. Estavam todos juntos na aventura. A barreira de segurança que separava os carros da queda vertiginosa no lado da montanha parecia ser igualmente pouco útil na salvaguarda das vidas humanas, mas que diferença fazia isso? Todos iriam morrer algum dia, sem exceção. Ainda não haviam chegado ao centro Zen

– ou qualquer que fosse a sua designação – e Teresa sentia que começava a entender. Quem precisava de *airbag*? A construção de ferro reforçado que criava uma barreira contra o mundo? Teresa abriu a janela do carro – abriu a janela à manivela! – e inalou profundamente o ar cristalino da Suíça.

– Que bonito – declarou. Entraram lançadas dentro de um túnel que cortava o interior da montanha: primeiro luminosidade, depois escuridão e, por fim, pinheiros.

– Já vais ver – referiu a filha.

– Tenho de te dizer, Holly, que não compreendia até este momento. Quero dizer, tenho-me sentido feliz por ti, mas no fundo pensava sempre: «Que há de errado com Torrance?»

Passaram por dois bodes montanheses, desgrenhados, cada um do seu lado da montanha, que ostentavam uma cornadura retorcida como se fossem coroas. Decerto, esperavam pela Heidi e pelo avô para voltarem a juntá-los ao resto do rebanho. Teresa olhou para Holly.

– Porque haveria alguém de querer viver em Torrance?

– Não há nada de errado com as nossas origens – respondeu Holly, sentindo-se radiante com a aprovação da mãe. – Mas aqui é mais tranquilo. É melhor para mim.

– Penso na Jeanette em Brooklyn com o Fodé e os rapazes. Creio que ela aprecia todo aquele barulho e o espaço tão confinado onde vivem. Acho que é isso que a aguenta. E o Albie, sempre a viajar para algum lugar, sempre à procura de alguma coisa nova. E isso provavelmente também funciona para ele. Está em Nova Orleães agora.

– Ele envia-me *emails* de vez em quando – respondeu Holly sentindo, subitamente, uma saudade adicional dos seus irmãos, desejando que todos pudessem estar juntos na mesma sala, sentados a conversar com a mãe.

– Isso é bom.

– E tu?

– Eu o quê? – respondeu Teresa, torcendo o pescoço para avistar mais um lampejo da paisagem que ficava para trás delas.

– Ficar em Torrance resultou para ti? Foi a escolha acertada?

Passavam agora por uma floresta. As árvores, com a base dos troncos coberta de musgo, tornavam-se mais esguias e altas e talhavam a luminosidade enquanto o solo da floresta estava coberto de fetos. Viu rochas enormes, pedregulhos na verdade, que pareciam ter sido colocados por decoradores em torno de um riacho que corria velozmente. *Mostrem-me uma floresta encantada!*, deve ter dito o criador do espaço.

– O vosso pai queria que eu me mudasse para a Virgínia convosco quando ele e a Beverly foram para lá viver, para que ficássemos todos perto dele. Nem sequer considerei essa possibilidade, para te dizer a verdade. Talvez devesse tê-lo feito. Facilitaria tudo para vocês, em crianças. Mas não consegui encontrar dentro de mim a complacência necessária para o fazer.

– É a maior estupidez que alguma vez escutei – afirmou Holly desviando insensatamente o olhar da estrada para fitar a mãe. – Nunca soube que ele te fez essa proposta.

– Mais tarde, depois do Cal morrer. – Teresa encolheu os ombros. – Bem, tu lembras-te disso. Certamente não nos iríamos mudar para a Virgínia depois da morte do Cal, embora, confesso, me tenha incomodado que ele tivesse sido aí enterrado. Tratava-se de conseguir andar com a vida para a frente, um passo de cada vez, sem mergulhar bem no fundo de mim mesma. Nunca pensei em mudar de vida. A minha vida já fora alterada. Apenas tinha de sobreviver.

– E sobreviveste. – Holly reduziu a mudança para segunda. Estavam atrás de um camião a subir cada vez mais a montanha.

– Creio que foi o que todos fizemos, cada um à sua maneira. Nunca acreditamos que vamos ser capazes de o fazer, mas vamos conseguindo. Continuamos vivos. Foi isso que me agarrou por fim; eu continuava viva. Tu, o Albie e a Jeanette, todos continuávamos vivos. E não seria eternamente, por isso tinha de fazer alguma coisa sobre o assunto. – Teresa colocou a mão sobre a de Holly e sentiu o chocalhar da alavanca das mudanças. – Olha para mim a falar. Nunca falo desta maneira.

– Estamos na Suíça. É isso que este país faz às pessoas. – Holly fez uma pausa para reconsiderar. – Devia dizer que foi isso que fez por mim. Na verdade, quase todas as pessoas que tenho conhecido são bastante reservadas.

Teresa sorriu e assentiu.

– Bem, ainda bem. Eu gosto disto.

O centro Zen-Dojo Tozan não ficava em Sarnen nem em Thun, mas algures entre as duas localidades, não no meio de uma vila, mas rodeado de erva alta e flores azuis. Ocupava um chalé que fora construído no alto de uma encosta montanhosa. O chalé fora, em tempos, a casa de campo de um banqueiro de Zurique. Nos verões, ele e a mulher costumavam nadar com os cincos filhos no lago, no inverno praticavam esqui na neve e nas outras alturas do ano, afastados do olhar das populações de Sarnen e de Thun ou de Zurique, sentavam-se os sete, todos juntos, em almofadas zafu*, fechavam os olhos e limpavam as mentes da mesma maneira que o ar límpido da montanha lhes purificara os pulmões. Acasa fora cedida com a obrigação de aí ser criado o Zen-Dojo Tozan com a condição de que os filhos da família, e os seus filhos e todos os restantes descendentes futuros seriam sempre bem-vindos. Katrina, a quarta filha da família, agora com setenta anos, vivia no centro no pequeno quarto das traseiras onde dormiam em crianças. Juntamente com Katrina, viviam mais catorze residentes permanentes. Duas vezes por ano, organizavam retiros, em que um pequeno autocarro *shuttle* viajava ida e volta até à estalagem de Thun para trazer e levar os participantes, mas a sua fonte de rendimento maioritária eram as bengalas.

Todos os residentes participavam de algum modo na confeção ou distribuição das bengalas, fosse na vertente artística fosse na empresarial, como gostavam de afirmar. As bengalas tinham uma grande procura, em particular por praticantes de meditação norte-americanos e australianos que sabiam que nunca conseguiriam viajar até à Suíça. Holly, que não tinha qualquer talento para os trabalhos em madeira ou mestria com as facas de talhar, tratava da contabilidade. Descobrira que não existiam praticamente limites para o que podia ser cobrado por uma longa vara de madeira de pinheiro-manso suíço com um punho talhado em forma de peixe. E ao colocar uma bússola de cinco euros no dorso do peixe, o preço duplica, embora fossem poucos os que continuavam a compreender os princípios básicos da orientação. Compravam a madeira a uma serração em Lausanne, e apesar de conseguirem um fornecimento mais barato e atrativo na

Alemanha, decidiram que a matéria-prima devia ter origem na Suíça. Era isso mesmo que se referia no anúncio disponível no *website* do centro: bengalas suíças, talhadas a partir de pinheiro-manso suíço por praticantes suíços de meditação. Todos os dias, depois da meditação e das tarefas comunitárias, dedicavam algumas horas à confeção das bengalas: Paul delapidava a madeira até ao formato das bengalas, Lelia marcava os traços rudimentares do peixe com uma faca de talhar e Hyla dava início ao minucioso trabalho das escamas do peixe. As bengalas, juntamente com o modesto subsídio que recebiam, sustentavam o telhado sobre as suas cabeças, pagavam os impostos e punham a comida na mesa. Tinham uma lista de reservas de oito meses para as bengalas. A lista de espera para novos residentes crescera demasiado para ser útil, pelo que ficara esquecida dentro de uma gaveta.

– Temos sorte por existir um quarto de hóspedes disponível – declarou Holly segurando a mão da mãe enquanto subiam os íngremes degraus de madeira. A mãe, ainda com alguma estabilidade, beneficiaria do apoio de uma bengala. Por vezes, o vento era capaz de derrubar um adulto. – As pessoas são convidadas a ficarem connosco durante um mês e depois recusam-se a deixar-nos. Existem três quartos de hóspedes, e os calendários estão sempre uma confusão. As pessoas ficam, e ficam, e ficam. Julgam que um dos residentes permanentes acabará por se ir embora e que podem ficar com esse lugar.

O chalé era cercado por um alpendre amplo feito de madeira que se empoleirava sobre o mundo cristalino. Existiam cadeiras de madeira pesada esculpidas por um machado descuidado espalhadas por todo o lado, onde os discípulos podiam descansar e apreciar a paisagem. Os Alpes pareciam uma pintura das montanhas em papel de rebuçado, uma versão idealizada com o intuito de atrair os desconhecidos. Teresa teve de fazer uma pausa para recuperar o fôlego, por causa da paisagem, do ar rarefeito e pelo facto de ter efetivamente feito a viagem e agora estar ali.

– Resultou para ti – disse ligeiramente ofegante.

Holly permaneceu ao lado da mãe a observar tudo pelo olhar de Teresa.

– Bem, houve uma pessoa que faleceu enquanto eu esperava que alguém saísse. Foi quando regressei da Califórnia, depois de me ter despedido do emprego. Era um francês de nome Philippe. As bengalas foram ideia dele há

muitos anos, quando estavam quase sem dinheiro e preocupados com a possibilidade de terem de entregar a casa. Era um velhinho amoroso. Continuo no quarto que era dele.

– As mães dos outros residentes também costumam vir? – quis saber Teresa tentando não parecer competitiva, mas tratando-se exatamente disso. Estava tão orgulhosa dela própria.

– Por vezes, mas é menos frequente do que seria de esperar.

Assim que viu a cama no quarto onde ia ficar, Teresa fez uma sesta. Antes do jantar, das conversas sobre o darma e da última meditação sentada do dia, Holly fez o melhor que sabia para dar um curso intensivo sobre meditação à mãe. Inspirar e expirar, focalizar-se na respiração e permitir que os pensamentos entrassem e saíssem da sua mente sem juízos de valor.

– Tens de experimentar e fazer por ti mesma – disse por fim, com receio de que as suas explicações estivessem a prejudicar mais do que a ajudar. – É bastante linear.

Então, Teresa, de fato de treino, o mesmo que usava nas manhãs em que fazia caminhadas com a vizinha, sentou-se numa almofada ao lado da filha e fechou os olhos.

De início, não aconteceu nada de especial. Pensou na dor do joelho esquerdo. Depois focou-se no pensamento de que as outras pessoas do centro pareciam ser simpáticas. Gostava de Mikhail, o russo a quem Teresa chamava Michael. Seria ele a gerir o espaço? Era muito hospitaleiro. Todos eles usavam os cabelos curtos como o de Holly. E porque não haveriam de ter o cabelo curto? Que diferença faria? Não existia ninguém que tivessem de impressionar. Percebia que Holly era feliz naquele sítio, mas seria a vida na realidade? E o que faria quando chegasse à idade de Teresa? Cuidariam dela naquele sítio? Teresa podia perguntar à mulher mais idosa, a que crescera naquela casa. Imagine-se, este lugar ser a casa de alguém, a casa de uma única família. Quantos serviçais seriam necessários para manter a casa? Ambos os pés de Teresa estavam dormentes. Foi nesse momento que se conteve. Tanta tagarelice!

Teresa estava perplexa com a ociosidade da sua própria mente, como se estivesse a perscrutar o lixo à beira de uma estrada e parasse, maravilhada com cada uma das folhas de alumínio das pastilhas elásticas que encontrava.

Regressou para um simples fôlego e deu consigo a refletir na salada de feijão que comeram ao jantar, uma espécie de feijões rosados que não via desde a sua infância. Não se lembrava do nome. A mãe de Teresa costumava pedir-lhe que escolhesse os feijões antes de os pôr de molho, para procurar as pequenas pedras, coisa que fazia meticulosamente até perder o interesse, mergulhando os não escolhidos em cima dos que já estavam examinados, arruinando o resultado. Será que alguém na família alguma vez mordera uma dessas pequenas pedras?

Um fôlego? Não era capaz de o fazer? Apenas uma única inalação sem estar contaminada por um pensamento? Teresa tentou. Pronto, já está. Doíam-lhe as costas. Sem aviso prévio, a cabeça de Teresa descaiu para a frente e num instante dormia profundamente. Fez um pequeno e sobressaltado som como se um cão ou um porco estivessem a ter um sonho. Sentou-se direita, abriu ligeiramente os olhos para verificar se alguém percebera. Olhou em redor para os rostos serenos dos seus companheiros, da filha, como se conseguisse ver a clareza das suas mentes imperturbáveis. Estava envergonhada consigo mesma.

No final da sessão de meditação, Holly ajudou Teresa a levantar-se. Todos vieram cumprimentá-la e dar-lhe um pequeno abraço. Gostavam tanto de Holly e estavam muito felizes por Teresa ter vindo visitá-la.

– Não se preocupe com a meditação – referiu uma mulher de nome Carol, com um olhar tão plácido como um lago glaciar. – Não se retira muito sentido no início.

– Meditei todos os dias por minha conta durante anos antes de vir para aqui – disse Paul, o fazedor de bengalas. – Mas meditar neste sítio pela primeira vez na vida? Seria como correr pela primeira vez nas Olimpíadas. – E deu uma palmadinha nas costas de Teresa. – Devia estar muito orgulhosa de si.

Na cama de solteira do quarto de hóspedes, Teresa olhava para o teto completamente desperta, reparando nos entalhes regulares das sancas que se assemelhavam ao espaçamento uniforme que existe entre os dentes. Voara metade do mundo por causa disto? Para ficar sentada? Sentara-se à secretária do seu trabalho durante metade da sua vida. Sentara-se no carro e no avião. O que teria ela na cabeça quando decidiu fazer esta viagem? Queria ver a filha. Será que Bert alguma vez visitara Holly no centro? Ter-se-ia Bert sentado na almofada? Por que não se lembrara de perguntar isso? A luz da enorme Lua

inundava o pequeno quarto pintando as paredes e cobrindo a sua cama. Pensou em todas as mulheres e homens, maioritariamente homens, que, à sua pequena escala, ajudando os advogados do departamento de Los Angeles do Ministério Público, enviou para a prisão. Todos os casos que ajudara a preparar para que os réus fossem condenados e passassem as noites em camas estreitas e os dias em silêncio. Porque nunca se indagara sobre os seus destinos antes daquele momento? Ao longo dos anos, centenas de casos haviam passado pela sua secretária. Milhares. Estariam esses condenados a fitar o teto das celas onde se encontravam, a tentarem esvaziar a mente?

Era nesta reflexão que Teresa passava os dias, três vezes por dia. Refugiava-se na sala da meditação com todos os outros, alguém atiçava o lume do pequeno fogão cerâmico de cor azul com carvão e todos se sentavam em círculo nas almofadas de cor verde escura, esperando que Mikhail fizesse soar o pequeno gongo que assinalava o início da sessão de meditação. Era uma perfeita loucura. Teresa já teria desistido – levando o seu exemplar de *O Paciente Inglês* para o varandim do segundo andar ou caminhando sozinha pela erva alta enquanto os outros procuravam a paz interior – se não fosse o facto de Holly estar tão orgulhosa da mãe. A filha mantinha o braço dado com a mãe e arrastava as almofadas para estarem mais próximas uma da outra. Os outros residentes miravam-nas com profundo apreço – na cozinha, durante as refeições, ou enquanto meditavam (Teresa por vezes fazia batota e abria ligeiramente os olhos, o que levava a que os outros fechassem de imediato os seus) –, as outras mães não os visitavam ou, se o faziam, nunca se sentavam a meditar.

Teresa continuou a sentar-se.

Lelia deu uma palestra darma sobre deixar de fazer autodefinições: não posso fazer isto por causa do que me aconteceu quando era criança; não posso fazer aqueloutro porque sou muito tímido; nunca poderia ir àquele sítio porque tenho medo de palhaços ou de cogumelos ou de ursos-polares. O grupo deu uma gargalhada branda e coletiva de autorreconhecimento. Teresa considerou a palestra bastante útil, uma vez que mantivera monólogos interiores extensivos durante as meditações sobre o facto de os septuagenários em Torrance estarem intrinsecamente inaptos para abraçar o Budismo. A bela Hyla, cuja agradável estrutura óssea era elegantemente enquadrada pela ausência de cabelo, levou

Teresa a fazer uma caminhada e mencionou o nome de todas as plantas e árvores que encontraram pelo caminho. Viram um cabrito-montês à distância. Esfregou um pouco de zimbro nas palmas das mãos e deu-lhas abertas a cheirar, as mesmas mãos que encontravam os peixes dentro das pegas das bengalas. Hyla contou a Teresa que a sua mãe tinha morrido há cinco anos e que se sentia muito sozinha. Depois, deu-lhe a mão enquanto caminhavam de regresso ao chalé. Muito bem, pensou Teresa, eu posso ser a tua mãe por um dia. Dirigiram-se à cozinha e cortaram maçãs para fazerem tartes.

– Quero que cortes o meu cabelo – disse Teresa para Holly antes do jantar.

– A sério? – Holly debruçou-se e tocou no cabelo da mãe. Era grosso e grisalho e Teresa usava-o pelos ombros penteado para trás, preso com ganchos à falta de uma solução melhor.

– Habituei-me a este visual e, seja como for, creio que pode ser útil para me ajudar a sentir integrada. – Teresa nunca o faria se tivesse de regressar ao trabalho. No trabalho, a alteração do seu visual seria um tema de conversa, mas ao regressar a casa seria uma forma de assinalar a sua nova vida. Os vizinhos haveriam de olhar para ela, e os caixas do supermercado também, e saberiam que estava diferente. Holly foi buscar a máquina de cortar o cabelo retirando-a de dentro do pequeno tubo de plástico onde era guardada na casa de banho do piso de baixo. Levou a mãe para o varandim e prendeu uma toalha em redor do pescoço de

Teresa. Todos cortavam os cabelos uns aos outros. Poderiam fazê-lo a si próprios, mas era mais agradável ter as mãos de outra pessoa na cabeça todos os meses.

– Tens a certeza? – perguntou Holly antes de ligar a máquina.

Teresa fez um único aceno de cabeça comprovativo.

– Quando na Suíça...

E assim ficou sem cabelo, com os pequenos tufos grisalhos a caírem a seus pés como se fossem nuvens de tempestade a dispersarem-se. Quando terminou, Holly deu a volta para apreciar o seu trabalho.

– Que tal estou? – perguntou Teresa sorrindo e passando a mão pela cabeça aveludada.

– Tal e qual eu – respondeu Holly e era verdade.

Por vezes, Holly entrava no quarto de hóspedes à noite, o mesmo quarto onde dormira quando chegou pela primeira vez ao centro há vinte anos. Gostava de estar ali. Teresa aconchegava-se o mais possível na pequena cama para arranjar espaço onde a filha se pudesse deitar. Ficavam deitadas de lado, pois era a única forma de terem espaço para as duas, e conversavam; duas mulheres que não conversavam com ninguém na cama fazia anos.

– Achas que vais continuar aqui? – perguntou Teresa puxando os cobertores por cima dos ombros de ambas. De noite fazia muito frio. Holly tinha quarenta e cinco anos na época e, apesar de aquele estilo de vida ser muito atrativo, se algum dia quisesse outra coisa, como um marido ou um emprego, teria de refletir muito bem no assunto.

– Não vou ficar aqui para sempre – respondeu Holly. – Creio que não. Mas nunca estive perto de equacionar a minha saída. É como se estivesse à espera de que o destino me abrisse a porta do Dojo certo dia e dissesse: «Holly! Está na altura!»

– Telefona-me quando isso acontecer – pediu-lhe a mãe.

– Devias ver como tudo fica bonito coberto de neve.

Ficaram caladas por instantes, provavelmente cada uma delas muito perto do sono até que Holly disse:

– E tu já consideraste ficar por aqui? Podes ser um daqueles convidados que permanecem no quarto de hóspedes e que pensamos que um dia se vai embora, mas que esse dia nunca chega.

Teresa sorriu na escuridão, apesar de se aperceber nesse momento de que também não se conseguia visualizar a ir embora. Colocou os braços ao redor da cintura de Holly e pensou no corpo da filha como algo que fora concebido por si, algo que agora era completamente distinto dela.

– Creio que não – respondeu Teresa e ambas adormeceram.

No oitavo dia da visita de onze dias ao centro Zen, Teresa dirigiu-se à sua meditação matinal, sentou-se na almofada ao lado de Holly, fechou os olhos e viu o seu filho mais velho. Era uma imagem tão nítida como se sempre tivesse estado com ela na sala, como se estivesse com ela em todas as salas que

conhecera durante toda a vida; parecia que apenas nunca virara o olhar na direção certa, até àquele momento. Não estava a sonhar nem a ter uma experiência fora do corpo. Teve consciência de que continuava no chalé, de que permanecia sentada, mas de que, ao mesmo tempo, estava com Cal e as suas irmãs. Estava com as raparigas Keating, com Caroline e Franny. Viu os cinco a saírem pela porta da cozinha da casa dos pais de Bert, a porta que ela mesma atravessara inúmeras vezes quando namorava com ele e quando planeavam o casamento.

Ernestine, a cozinheira, advertia-os para não incomodarem Ned no celeiro e para fazerem o que ele lhes dizia, e as raparigas a responderem «sim, senhora». Ernestine entrega meio pacote de cenouras mirradas que encontra no fundo do frigorífico e duas pequenas maçãs a Jeanette, que retribuiu com um sorriso agradecido. Nunca ninguém dava nada a Jeanette. Cal encontra-se já do outro lado do alpendre e não diz nada a Ernestine. E também não espera pelas raparigas.

– Cal! – chama Ernestine pela tela da porta da entrada. – Onde está o teu irmão?

Cal não para nem sequer se vira. Encolhe os ombros e levanta as mãos, mantendo-se de costas viradas para Ernestine. *Cal,* deseja Teresa dizer, *fala com ela!* Mas Teresa não diz nada. Está a assistir ao dia que aconteceu há trinta e cinco anos, do outro lado do mundo. Teresa não consegue corrigir o comportamento de Cal. Nem pode alterar o resultado. Apenas pode sentar-se a assistir ao desenrolar dos acontecimentos, e isso é milagroso.

Os cinco caminham pela estrada de asfalto nas traseiras até virarem para uma estrada de terra batida que acaba por deixar de ser uma estrada para dar lugar a dois trilhos esburacados, com relva a crescer no meio dos dois caminhos, criando um mediano. Holly e Caroline conversam animadas, enquanto Jeanette e Franny escutam. Cal caminha mais afastado, à frente das raparigas, numa passada suficientemente rápida que obriga as raparigas a trotarem de vez em quando para o conseguirem acompanhar. Querem permanecer juntos sem terem de estar com Cal e os cinco têm a noção exata do que é considerado próximo. Cal é alto e louro, tal como o pai, com os olhos no mesmo tom de azul e a pele bronzeada por causa do verão passado no exterior. A expressão de Cal é de fúria latente,

como sempre aliás. Não quer estar na Virgínia, não quer estar com as irmãs nem com as raparigas Keating, não quer estar com a madrasta nem com os avós. Não quer escovar os cavalos, nem ser picado pelas moscas e mosquitos, permanecer perto do fedor a bosta de cavalo e feno, mas não encontra nada melhor para fazer. É essa a dificuldade dos quinze anos – tudo o que consegue pensar é naquilo que não quer. Cal está com uma *t-shirt* da UCLA e com calças de ganga da *Levis*, apesar de ser um dia muito quente. E se Cal está a usar calças compridas, isso significa que tornou a levar a arma consigo. Todas as crianças sabem disso.

Jeanette dissera a Teresa que Cal mantinha a arma presa à perna com lenços. Contara tudo à mãe há muito tempo, naquele ano em que viveram as duas sozinhas na casa em Torrance. Sem Holly e sem Albie por perto, estava livre para falar sobre o dia em que Cal falecera, de como gastaram os comprimidos para as alergias para pôr Albie a dormir, o caminho que fizeram até ao celeiro, de como ignoraram Cal quando ele estava a morrer julgando que brincava com elas para que se aproximassem e ficassem perto o suficiente para que ele lhes batesse. Esperaram muito tempo, demasiado tempo, sentadas na relva a fazerem coroas de flores com margaridas para lhe mostrarem que não iam cair na sua partida.

Jeanette contara-lhe tudo isso, mas Teresa não percebeu na altura. Nunca percebera nada antes.

Holly, que tem a voz mais bonita de todas as raparigas, a voz mais bonita da escola, começa a cantar com os braços a balançar de um lado para o outro.

– «Goin to the chapel and we’re...»

– «Gonna get married» – juntam-se Caroline e Franny.

– «Goin to the chapel and we’re...»

– «Gonna get married» – cantam Caroline e Franny. Jeanette de início não canta, mas acompanha com o movimento dos lábios.

– «Gee, I really love you and we’re...»

– Podem estar caladas por uns minutos? – pergunta Cal, virando-se enquanto caminha. Está a uma distância considerável das raparigas, no meio da erva alta, suficientemente longe para a cantoria não o incomodar, mas que ainda assim parece perturbá-lo. – Seria pedir muito, porra?

Aquelas são as últimas palavras do filho.

– «Gonna get married» – cantam as quatro em uníssono, até mesmo Jeanette a plenos pulmões, e, de súbito, Cal corre para as atacar. É impossível distinguir se está verdadeiramente zangado ou se está a brincar, mas as raparigas dispersam-se e gritam correndo em quatro direções diferentes. Cal poderia ter agarrado qualquer uma das quatro, mas por causa disso tem de parar e escolher atrás de qual vai correr. Mas algo acontece e Cal sente uma dor aguda no pescoço enquanto as irmãs e as meias-irmãs correm em círculos em redor dele. Cal detém-se e pressiona a mão no peito bem no alto, perto da base da garganta. Teresa, na sua almofada na Suíça, consegue sentir a constrição, a sua própria respiração a bloquear porque está a observar o filho e se torna ele. As raparigas cantam e correm e Teresa deseja que elas parem com a cantoria. Cal quer que elas parem, mas não consegue dizê-lo. A abelha continua na sua nuca a rastejar por ali. Ele sente-a, mas não consegue enxotá-la. Cal sente-se a cair, não só na relva, mas algures mais profundamente, com a voz das raparigas a ser arrastada para longe pela corrente sanguínea, pelo seu coração palpitante, com a cor das suas *t-shirts* a desvanecer, com o sol e a relva a desaparecerem. A língua enche a boca de Cal, que tenta pôr a mão no bolso para procurar o último comprimido para as alergias, se existir algum, mas não sente a mão. Cal rodopia para trás com toda a força gravitacional e a terra pressiona-o com pujança, empurrando a abelha que se enterra ainda mais no seu corpo, levando com ela o último fôlego, a última réstia de luz. Cal está com quinze anos, com dez anos, com cinco anos. Cal é um mero instante e voa de novo para os braços de Teresa. Ele é de novo seu. Teresa sente o peso do filho no peito à medida que regressa aos seus braços. Ele é o seu filho, a sua criança adorada, e Teresa acolhe-o de volta.

-

* Almofadas ideais para a prática da meditação por serem extremamente confortáveis nas posições exigidas. *(N. da T.)*

9

Fix continuava vivo no Natal depois de Teresa Cousins falecer. Impossível, mas verdadeiro. Seria o seu último Natal, mas, vendo bem, já os dois natais anteriores foram o seu «último Natal», tal como o Dia de Ação de Graças fora também o último. Franny não queria deixar Kumar e os rapazes novamente sozinhos na época festiva nem queria levá-los com ela para Santa Mónica. Era demasiado deprimente. Franny e Caroline consideraram, igualmente, a questão da mãe de ambas, que fora gradualmente negligenciada a cada ano que passava em que o pai continuava vivo.

– O pai não é o único com quem nos temos de preocupar – referiu Caroline, tendo em mente o marido da mãe. Beverly confidenciava com Caroline, agora, e talvez até mais do que alguma vez fizera com Franny. Era esse o prazer da uma vida longa: o modo como algumas coisas encontram a sua própria solução. Caroline e a mãe tornaram-se muito próximas entre si.

– Vou atirar uma moeda ao ar – disse Caroline ao telefone. – Vais ter de simplesmente confiar na minha palavra.

– Eu confio – respondeu Franny. Não existia mais ninguém no mundo em quem confiasse tanto como em Caroline.

– Cara e vais ter com o pai no Natal, coroa vou eu ter com o pai. – Era a isto que haviam chegado, a um instante de silêncio antecipatório seguido do ruído de um cêntimo a suspender o seu movimento de rotação em cima da mesa da cozinha de Caroline em San Jose.

O avião circulara no ar por quarenta e cinco minutos antes de deixar Franny, Kumar e os rapazes no aeroporto de Dulles por causa do tenebroso mau tempo – neve e uma escuridão negra como o carvão. Ravi, de catorze anos, e Amit, de doze, sentaram-se no banco traseiro do carro alugado, com auscultadores

enterrados bem fundo dentro dos ouvidos e as cabeças a balançar suavemente em ritmos dissonantes. Os rapazes não ficaram perturbados pela derrapagem no gelo do trem de aterragem do avião na pista, do mesmo modo que não se deixaram perturbar pela autoestrada que os levava a Arlington e que se assemelhava a um caldeirão de acidentes e gelo, com carros a deslizarem para os subúrbios como se fossem cães acabados de espancar, viajantes ansiosos por chegarem a tempo aos eventos festivos outros viajantes desesperados por fugir dali. Não havia como prever quão atrasados chegariam.

– Não se preocupem com as horas – declarou a mãe. – Se tudo correr muito mal, resta-nos sempre o molho de cebola para comer. – Beverly fazia sempre molho de cebola para Ravi, que gostava do paladar salgado, e um bolo de caramelo para Amit, que gostava de coisas doces.

– Como se a minha mãe alguma vez tivesse comido molho de cebola – disse Franny a Kumar depois de desligar o telefone. Franny tentava chegar o carro mais à frente, enquanto Kumar respondia ao último dos seus *emails* de trabalho. Kumar trabalhava no departamento de fusões e aquisições da gigante Martin & Fox. Planeava defender o seu cliente de uma aquisição hostil enquanto a mulher conduzia pela neve cerrada. E era justo. Caso estivessem a caminho de visitar a mãe de Kumar em Bombaim, não seria Franny a conduzir o carro.

– Nunca vi a tua mãe a comer o que quer que seja – referiu Kumar com os polegares sobre o telemóvel. – É o melhor indício para provar que a tua mãe é uma deusa.

Beverly e Jack Dine estavam ambos na casa dos sessenta anos quando se casaram: Beverly no início dos sessenta e Jack no fim. Kumar apenas conhecera a mãe de Franny como esposa de Jack Dine, a imperatriz dos concessionários de automóveis de Arlington, e por isso via-a como uma mulher feliz e poderosa, uma fonte de esplendor adornado. Kumar acreditava que a sua sogra sempre fora a pessoa que se apresentava no presente, livre da história passada, e, em troca, Beverly gostava de Kumar como se fosse seu filho.

A casa de Jack Dine fora outrora propriedade de um senador da Pensilvânia que servira quatro mandatos. Tinha um muro e um portão, mas mantinham o portão aberto e no Natal drapeavam a parede do muro com grinaldas feitas com pinheiro, assinaladas, aqui e ali, com coroas gigantes. A grande entrada circular

encontrava-se repleta de carros estacionados. Todas as luzes em todas as janelas da casa estavam acesas, as luzes presas nos ramos mais altos das árvores também e a neve refletia a luz e iluminava o mundo inteiro. Dentro do carro, Franny e a família conseguiam ver as pessoas através da enorme janela da frente da casa como se fossem bonecas empilhadas dentro de uma casa de bonecas.

– Ela organizou uma festa para nós? – perguntou Amit no banco traseiro. Na casa da avó tudo era possível. Restavam apenas alguns lugares de estacionamento no final da entrada, pelo que se debateram com as malas no porta-bagagens e arrastaram-se pela neve.

– Feliz Natal! – desejou Beverly quando abriu a porta. Abraçou Amit em primeiro lugar, de seguida Ravi e depois os dois ao mesmo tempo, um em cada braço. Beverly, com setenta e oito anos, era uma adversária à altura de qualquer mulher que tivesse sessenta e cinco. Mantivera-se elegante e de cabelo louro, tendo sempre o bom senso de nunca exagerar. Toda a vida fora considerada uma grande beldade e isso continuava evidente. Atrás de Beverly, a casa estava a abarrotar de pessoas e repleta de luzes, arranjos festivos e copos de champanhe. A árvore de Natal na sala de estar tocava o teto com os seus ramos mais altos e parecia ter sido incrustada com diamantes e safiras cor-de-rosa. Algures no outro lado da casa alguém tocava piano. As mulheres riam à gargalhada.

– Não nos disseste que estavas a dar uma festa – disse Franny.

– Fazemos sempre uma festa de véspera de Natal – respondeu Beverly. Usava um vestido informal vermelho com um colar de pérolas de três voltas. – Fazem o favor de entrar em casa em vez de permanecerem no alpendre como se fossem Testemunhas de Jeová?

Kumar e Franny puxaram as bagagens para dentro de casa e sacudiram a neve dos ombros e do cabelo. Pelo menos Kumar estava de fato. Foram buscá-lo diretamente ao emprego a caminho do aeroporto. Mas Franny e os rapazes não pareciam mais do que os desalinhados viajantes que realmente eram. Os rapazes viram os convidados a passearem com pratos repletos de comida nas mãos, pelo que largaram as malas e se dirigiram para a sala de jantar, onde encontraram o bufete. Estavam sempre esfomeados.

– Mas não é véspera de Natal – sublinhou Franny.

– A família do Matthew vai esquiar para Vail no Natal, pelo que antecipei a

festa. Era mais fácil para todos. E, na verdade, creio que vou passar a fazê-la sempre no dia vinte e dois.

– Mas não nos disseste nada.

Kumar inclinou-se e beijou Beverly na face.

– Está deslumbrante – elogiou ele, mudando de assunto.

– Franny! – Um homem corpulento que já passara da meia-idade e vestindo um colete axadrezado abotoado aproximou-se de Franny para lhe dar um abraço demasiado entusiasta, abanando-a para trás e para a frente enquanto emitia leves rugidos. – Como está a minha irmã favorita?

– Dizes isso porque a Caroline não está cá – disse Beverly. – Havias de ver a reação dele com a Caroline.

– A Caroline dá-me conselhos jurídicos gratuitos – disse Pete.

– Se fores processado durante a época festiva, terei todo o gosto em ajudar – prontificou-se Kumar.

Pete virou-se e olhou para Kumar, tentando situá-lo mentalmente. A expressão iluminou-se quando finalmente fez a ligação.

– É verdade – acrescentou dirigindo-se a Franny. – Esqueci-me de que ele também é advogado.

– Feliz Natal, Pete – desejou Franny. Era certo que acabaria por se comover em algum momento da festa. Tratava-se apenas de saber quanto tempo aguentaria até isso acontecer.

– O Pete e a família vão a Nova Iorque visitar a Katie e o bebé – informou Beverly. – Já te disse que o bebé da Katie já nasceu?

– O Natal em Nova Iorque – sorriu Pete, e aqueles dentes fizeram Franny pensar em marfim, como se as presas de um elefante tivessem sido talhadas ao tamanho de um dente humano. Pete bebia *eggnog* de um pequeno copo de cristal.

– Consegues imaginar? É claro que consegues. És uma rapariga citadina. Continuas a viver em Chicago?

– Deixa-os subir para se instalarem – disse Beverly a Pete. – Eles voltam num minuto. Acabaram de sair de um avião.

Mas, entretanto, Jack Dine também se aproximou, de colete bordado com o desenho de um veado a saltar, convincentemente trabalhado com pequenos pontos de agulha. Jack sempre fora um homem encorpado, alto e largo, embora agora não parecesse maior do que a mulher.

– Quem é a linda menina? – perguntou Jack apontando para Franny.

Beverly colocou o braço em torno do marido.

– Jack, esta é a Franny, a minha Franny. Tu lembras-te.

– É muito parecida contigo – reparou Jack.

– E o Kumar. Lembras-te dele?

– Ele pode levar as malas – disse Jack, acenando para que se fosse embora. – Vai lá. Podes levar as malas para o andar de cima.

Kumar sorriu, embora com alguma dificuldade se percebesse como teria conseguido. Era um homem generoso, e os rapazes não estavam presentes para assistirem.

– Jack – disse Franny colocando a mão no braço trémulo do padrasto –, o Kumar é o meu marido.

Mas Kumar não estava disposto a desperdiçar a sua deixa para sair e aproveitou a oportunidade.

– Caro senhor – disse Kumar e fez um aceno de cabeça. De algum modo, recorrendo a uma proeza impossível de equilíbrio e força, conseguiu pegar em todas as bagagens. Colocou as mochilas dos rapazes a tiracolo em redor do peito.

– Atravessa pela cozinha – indicou Jack quando Kumar deu o primeiro passo em direção à larga escadaria. Kumar estava prestes a ser subjugado pelo peso das bagagens e, mesmo assim, virou-se e transportou-as pela cozinha. Existia uma escadaria estreita nas traseiras que os serviçais usavam na época em que tinham empregados.

– Pensam que podem atravessar pelo meio da festa – disse Jack a Franny de olhos postos nas costas de Kumar. – Temos de estar sempre de olho neles.

– Aquele é o meu marido – reforçou Franny. Estaria a sufocar? Tinha uma sensação estranha na garganta.

Jack deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Diz-me o que posso trazer para a linda menina beber?

– Estou bem assim, Jack. – Franny julgara que ganhara a parada. Quando ouviu a moeda de cêntimo a parar de rodopiar na mesa de Caroline e a irmã lhe disse que iria passar o Natal na Virgínia, Franny julgou que lhe calhara a melhor parte. Agora Franny apercebia-se de que ansiava por estar perto do seu pai moribundo, o pai que estava prestes a morrer.

– Vou buscar-te um *eggnog* – disse Jack Dine, que se virou e caminhou na direção da multidão.

– Está pior. – Pete seguiu o pai com o olhar. – Caso não tenham reparado, ele está muito pior. Já incendiou alguma coisa?

– Mas porque dizes uma coisa dessas? – perguntou Beverly, com o tom de voz a tornar-se monótono. Amava Jack Dine ou pelo menos amara quando ainda o reconhecia. Os filhos dele, por seu lado, muitas vezes exigiam maior consideração do que aquela que Beverly estava disposta a conceder.

– Porque mais cedo ou mais tarde ele vai incendiar alguma coisa – afirmou Pete. Perscrutava a multidão à procura de melhor companhia com quem conversar. – Matthew! – Ergueu a mão e acenou ao irmão. – Olha! A Franny chegou.

O colete de Matthew Dine era preto, mas trazia um relógio de bolso com uma corrente de ouro onde estava pendurado um pequeno ornamento vermelho natalício, uma conta de vidro que o tornava mais festivo do que todos os outros.

Franny esquecera-se de que as festas de Natal de Jack Dine exigiam que os homens envergassem coletes. Passando rapidamente os olhos pela sala, o tema era evidente: as mulheres vestidas de vermelho e os homens de colete. Matthew agarrou nas mãos de Franny e beijou-lhe a face.

– Depois de entrares por aquela porta, nem sequer deste mais do que três passos – disse, num tom de voz solene.

Era de Matthew que Franny mais gostava. Assim como toda a gente.

– Onde está o Rick? – perguntou ela, considerando que mais valia despachar logo os três irmãos, antes de tentar subir as escadas.

– O Rick está aborrecido com alguma coisa – informou Beverly. – Disse que não vinha.

– Ele vem – acrescentou Matthew. – A Laura Lee e as miúdas já chegaram.

Ao caminhar em direção a St. Ives, encontrei um homem com sete mulheres. Cada mulher tinha sete sacos e cada saco sete gatos[*]. Franny não conseguia acompanhar. Conhecia os rapazes Dine, era assim que se referiam a eles, ainda que há muito tivessem passado dos cinquenta anos, mas as respetivas esposas e mulheres de segundos casamentos confundiam-na, bem como os respetivos filhos, que nalguns casos eram gémeos, sendo que uns eram já crescidos e casados e outros eram ainda pequenos. *Gatos, sacos e mulheres*. Alguns membros da família Dine consideravam-na vagamente como irmã, prima, filha ou tia. Katie Dine, de Nova Iorque, tivera um bebé recentemente. Franny não conseguia estabelecer os graus de parentesco em todas as direções da família: todas as pessoas com quem, misteriosamente, tinha relações de parentesco por força do casamento. A primeira mulher de Jack Dine, Peggy, falecera há mais de vinte anos, mas as irmãs de Peggy Dine, juntamente com os seus maridos e filhos e com os filhos dos maridos e respetivos filhos destes, continuavam a ser convidados para as festas de Natal todos os anos – eram estimados convidados! Apareciam ano após ano e ficavam na casa que outrora fora da irmã a registar as alterações que entretanto ocorreram, enquanto degustavam os canapés feitos pela própria Beverly – o sofá novo, as paredes da sala de estar pintadas com uma cor diferente, o quadro com os pássaros sobre a lareira. Era a profanação da memória de Peggy. A reorganização dos objetos era mais do que podiam suportar.

Os convidados começavam a aperceber-se de que a filha de Beverly chegara. Os que a conheciam estavam ansiosos por vê-la e os que não a conheciam ouviram falar muito dela. Matthew inclinou-se na direção de Franny e sussurrou-lhe ao ouvido.

– Foge.

Franny beijou a face da mãe e disse:

– Volto já.

Atravessou a cozinha, onde dois homens negros, vestindo calças pretas e camisa branca, colete e gravata, empilhavam bolos de fiambre em travessas de prata, ao mesmo tempo que um terceiro homem preparava o camarão cozido, dispondo-o numa enorme bandeja de prata ao redor de uma tigela de vidro

lapidado com molho de *cocktail*. No instante em que Franny entrou na cozinha, não ergueram a cabeça dos seus afazeres. Se sequer chegaram a vê-la, não disseram nada. Franny subiu as escadas das traseiras em direção ao quarto onde ela e Kumar habitualmente dormiam. Todos os rapazes Dine moravam na cidade, todos nas suas encantadoras casas, pelo que, mesmo no Natal, nunca havia preocupações com falta de sítio onde ficar. Com a reforma de Jack Dine, o seu império fora dividido em três partes, ficando Matthew com os *Toyota*, Pete com os *Subaru* e Rick com os *Volkswagen*. Rick, que era preguiçoso e, também, rancoroso, dizia frequentemente que não era justo ter sido Matthew a ficar com os *Toyota*. Ninguém conseguia competir com os *Toyota*. Invejava, particularmente, o *Prius* do irmão.

Franny abriu a porta, silenciosamente, e encontrou o marido estendido em cima da colcha da cama, às escuras. O casaco e a gravata estavam pendurados no roupeiro e os sapatos debaixo da cama. Kumar sempre fora muito arrumado, mesmo quando estavam na faculdade de Direito. Franny largou o casaco e o cachecol no chão e descalçou as botas da neve.

– Sentiria muita pena de mim mesmo – murmurou, com as mãos cruzadas sobre o estômago e de olhos fechados –, se não estivesse com mais pena de ti.

– Obrigada – respondeu Franny e rastejou a todo o comprimento do colchão para se deitar ao lado do marido.

Kumar abraçou a mulher e beijou-lhe o cabelo.

– Um casal diferente faria amor neste preciso momento. Franny riu, encostando o rosto no ombro de Kumar.

– Um casal cujas crianças não estivessem sempre a entrar no quarto dos pais.

– Um casal cujo anfitrião não derrubasse o genro com um comentário sobre miscigenação.

– Desculpa por isso – lamentou Franny.

– A tua pobre mãe. Tenho de sentir pena da tua mãe, também. Franny suspirou.

– Eu sei.

– Tens de regressar à festa – lembrou Kumar. – Não sou corajoso o suficiente para voltar contigo, mas tu tens de regressar.

– Eu sei – repetiu Franny.

– Pede aos rapazes para me trazerem um prato de comida, sim?

Franny fechou os olhos e acenou afirmativamente contra o peito de Kumar.

Se Kumar levasse a dele avante, iriam todos os anos para as ilhas Fiji mesmo antes do Dia de Ação de Graças e só regressariam depois do Ano Novo e de todas as decorações terem sido retiradas. Nadariam com os peixes e estender-se-iam na areia a comer papaia. Nos anos em que estivessem fartos das ilhas Fiji, iriam ao Bali ou a Sydney ou qualquer outro lugar soalheiro e com areia cujo nome tivesse um número equitativo de consoantes e vogais.

– E a escola? – perguntaria Franny.

– Não seremos nós capazes de dar aulas em casa durante seis semanas por ano? Nem sequer seriam seis semanas completas. Há que subtrair os fins de semana e os períodos de férias.

– E o trabalho?

Kumar olharia para Franny com uma expressão dura, as escuras sobrancelhas arqueadas para baixo.

– Participa na fantasia, sim? – pediria ele.

A primeira mulher de Kumar, Sapna, morrera no dia de Pearl Harbour, no pico das comemorações do feriado, quatro dias apenas após o nascimento de Amit. Era fácil lembrar há quanto tempo isso acontecera porque

Amit tinha doze anos. Sapna era dez anos mais nova do que Kumar.

– Dez anos mais gentil – costumava dizer Kumar, no seu aniversário. – Dez anos mais clemente. – Era verdade, a alegria de viver de Sapna fazia-a parecer descomplicada, ainda que, provavelmente, fosse tão complicada como qualquer outra pessoa.

– Não há lugar para a estupidez na felicidade – costumava ela retorquir. Amava o marido e amava os filhos. Adorava o facto de ter escapado do Michigan do norte para ir para Chicago. As suas vidas, por muito ocupadas e friorentas que fossem, eram boas vidas. Passara por uma segunda gravidez sem qualquer complicação. Estavam todos juntos em casa. Ravi, com dois anos e meio, dormia a sesta. Sapna estava sentada no sofá com o bebé nos braços.

Olhou para Kumar e comentou:

– Que coisa tão estranha.

E fechou os olhos.

A autópsia revelou uma anormalidade genética do coração – Síndrome de QT longo congénito*. Considerando a gravidade da sua condição física, o que era verdadeiramente surpreendente era que Sapna não tivesse morrido logo após o nascimento de Ravi. Mas, por vezes, isso acontecia. Por vezes, os que padeciam dessa síndrome viviam a vida inteira sem saber o destino de que escapavam. Depois de procederem a exames médicos, descobriu-se que a mãe de Sapna era igualmente portadora do gene, assim como a irmã.

– Para a grande maioria das pessoas neste planeta – dissera Fix, em tempos –, aquilo que as vai matar já está dentro delas.

Decorrera menos de um ano após a morte da mulher de Kumar, na altura em que Franny se aproximou da mesa dele no Palmer House e lhe perguntou o que queria beber.

– Credo – exclamou ele, olhando para Franny, incrédulo. – Por favor, diz-me que não continuas a trabalhar aqui.

Kumar, pensou ela. Como foi capaz de se esquecer de Kumar?

– Trabalho de vez em quando, apenas aos fins de semana – respondeu

Franny, inclinando-se para lhe beijar a face. – Tenho um trabalho digno na biblioteca de Direito da universidade de Chicago, mas o ordenado é deplorável. Além disso, gosto de estar aqui.

Kumar esperava por um cliente, para o levar a jantar.

– Eu ofereço-te um emprego – declarou. – Podes começar na segunda-feira. Um único emprego onde ganharás mais do que nos teus dois trabalhos em conjunto.

Franny riu-se. Era o Kumar de sempre.

– A fazer o quê?

– Auditoria jurídica. – Kumar inventava a função, naquele preciso momento. – Preciso que me reúnas uma série de documentos financeiros para tratar de uma aquisição.

– Eu nunca terminei a faculdade de Direito.

– Eu sei o que fizeste em termos de formação. Precisamos de alguém em quem possamos confiar. Esta é a tua entrevista. Pronto, estás contratada.

Um homem negro, alto, de fato escuro, aproximou-se da mesa de Kumar e permaneceu de pé para o cumprimentar.

– A nossa nova colaboradora – anunciou Kumar ao homem, esticando a mão na direção de Franny. – Franny Keating. Continua a ser Keating?

– Franny Keating – confirmou ela e cumprimentou o homem com um aperto de mão.

Mais tarde, Kumar diria que, naquele momento, tomou uma decisão: casaria com Franny e, ao fazê-lo, resolveria tudo, exceto o insolúvel. Amara Franny, quando eram mais jovens – se não durante o ano em que partilharam o apartamento, pelo menos depois de ela partir com Leo Posen. Se Franny estivesse livre de compromissos, Kumar não via razão alguma para não se apaixonar novamente por ela. O problema era o tempo. Assim que Amit nascera, os pais de Sapna vieram do Michigan para cuidarem de Ravi e quase um ano mais tarde continuavam a viver em casa de Kumar. Entre o trabalho e o tempo que dedicava aos filhos, entre a sua vida e o insuportável fardo do luto, não existia um minuto por dia que não fosse consumido. O seu golpe de mestre seria contratar Franny para trabalhar com ele em vez de a convidar para sair. De qualquer forma, ele não queria convidá-la para sair, queria casar com ela. Se ela aceitasse trabalhar na sua firma de advogados, teriam de se ver todos os dias. Acabariam por contar as suas histórias, naturalmente, em conversas de circunstância, durante as viagens de elevador ou nas alturas em que estivessem a analisar documentos. Deste modo, poderia certificar-se de que a sua ideia era tão boa quanto parecia, antes de confiar a sua vida e a dos seus filhos ao cuidado de Franny.

Está decidido, pensou Kumar ao entregar a Franny o cartão empresarial com os seus contactos e despedir-se. Fica tudo resolvido.

No bar, depois de tantos anos, continuava a ouvir-se a mesma gravação ou uma gravação muito parecida com essa. Franny acabaria por achar divertido o quanto essa gravação a incomodara. Nunca mais a ouvira. Porém, no instante em que Kumar e o seu cliente saíram do bar e ela guardou o cartão no bolso do

avental, conseguia ouvir ao longe a

Ella Fiztgerald a cantar como se estivesse enterrada na sua mente.

There's someone I'm trying so hard to forget.
Don't you want to forget someone too?

Deitada, envolta pela escuridão da casa da mãe, Franny tentou imaginar um mundo onde Sapna estivesse viva. Talvez Franny e Kumar se voltassem a encontrar, cruzando-se numa livraria algures, talvez se rissem, dissessem «olá» e seguissem o seu caminho, mas nunca teriam casado e os filhos dele nunca teriam sido também os seus. Se Sapna estivesse viva, Beverly, certamente, poderia ter continuado casada com Fix, o que significaria que não existiria na sua vida um Jack Dine, os meios-irmãos de Dine, nem as festas de Natal na Virgínia. Contudo, significaria, também, que Marjorie não faria parte da sua vida, o que seria uma perda terrível, pois fora ela a proporcionar a Fix o verdadeiro amor. Nesse cenário, talvez Bert tivesse ficado com Teresa e, cinquenta anos mais tarde, conseguisse salvar-lhe a vida ao insistir que fosse ao médico a tempo. Cal teria evitado a abelha que esperava por ele na erva alta perto do celeiro da casa dos pais de Bert. Poderia ter vivido muitos anos, mas quem poderia dizer com certeza que ele não seria picado por outra abelha que o encontrasse algures? Com Cal vivo, Albie nunca teria dado início ao fogo que o levou para a Virgínia, apesar de, no fim de contas, nunca fosse de facto viver para a Virgínia porque Bert teria permanecido na Califórnia. Franny, meia a dormir sobre a colcha da cama, ao lado do marido, foi incapaz de delinear o mapa com todos os cenários possíveis, com todas as formas de como o futuro poderia ter-se desenrolado sem as amarras do passado. Sem Bert, Franny nunca teria frequentado a faculdade de Direito. Teria completado a sua formação em língua inglesa e, por isso, nunca teria sequer conhecido Kumar. Nunca teria ido a Chicago para trabalhar no Palmer House, logo nunca teria conhecido Leo Posen, que se sentou no bar há tanto tempo e conversou com Franny sobre os seus sapatos. Fora aí que a vida de Franny começara, ao debruçar-se para acender o cigarro de Leo Posen. De certo modo, de todas as coisas que poderiam ter sido ganhas ou perdidas, a ideia de nunca ter conhecido Leo era a que Franny não conseguia suportar.

O som da respiração de Kumar ficara mais profundo e abrandara, pelo que Franny se levantou com muito cuidado, procurou às apalpadelas por um vestido e sapatos dentro da mala e trocou de roupa às escuras.

Desceu as escadas das traseiras que davam para a cozinha e encontrou a mãe junto da mesa do pequeno-almoço, sozinha, a dispor miniaturas doces quadradas numa travessa.

– Sabes que há pessoas aqui que foram contratadas para fazer isso por ti – lembrou Franny.

A mãe levantou a cabeça e olhou para a filha com um sorriso cansado.

– Estou a esconder-me por uns instantes.

Franny assentiu e sentou-se ao lado de Beverly.

– No abstrato, esta festa parece ser sempre uma excelente ideia – comentou Beverly. – Mas sempre que se realiza, não consigo perceber porque o faço.

Conseguiam ouvir os convidados na outra sala, o regozijo das suas vozes aumentado pelo *eggnog* e pelo champanhe. O pianista tocava algo mais animado, talvez uma versão *jazz* de *Os Doze Dias de Natal*, mas Franny não podia afirmá-lo com certeza. Doze dias, pensou ela. Teria cometido suicídio, antes de chegar aos cinco anéis de ouro.

Beverly alinhou a última miniatura que vinha dentro da caixa, eram cor-de-rosa, amarelas ou brancas, coroadas com uma roseta de açúcar.

– O Rick sempre apareceu – informou Beverly, rodando os quadrados para parecerem diamantes. – Está a beber.

– O Matthew disse que ele acabaria por aparecer.

– Não consigo lidar com todos ao mesmo tempo – confessou Beverly. – Separados, os rapazes são fantásticos, ou quase fantásticos, mas quando estão todos juntos têm sempre algum plano que acaba por provocar discussão. Têm tantas ideias sobre o futuro: o que eu devo fazer com o Jack, o que que eu devo fazer com a casa. Parecem não ter noção dos temas de conversa apropriados para uma festa de Natal. Eu não sei o que vai acontecer no futuro. Não sei porque continuam a insistir em perguntar-me. Tu sabes o que vais fazer no futuro?

Franny pegou numa miniatura, de um amarelo pálido, a cor de um pintainho

acabado de nascer, e comeu-a de uma só vez. Não era muito saborosa, mas era tão bonita que isso não importava.

– Não faço ideia – respondeu Franny. – Nenhuma.

Beverly olhou para a filha, a sua expressão era de um profundo amor.

– Eu quis ter duas filhas – revelou. – Tu e a tua irmã. Tive exatamente aquilo que desejei. Os filhos dos outros são muito complicados.

Se a mãe não fosse tão bonita, nada daquilo teria acontecido, mas Beverly não devia ser culpada pela sua beleza.

– Vou regressar à festa – comunicou Franny e levantou-se.

A mãe olhou para a travessa com os pequenos bolos.

– Vou organizá-los por cores – disse, empurrando os doces de novo para cima da mesa, com a parte lateral da mão. – Acho que prefiro assim.

Franny encontrou Ravi e Amit na cave a assistir ao filme *Matrix*, numa televisão do tamanho de um colchão de cama de solteiro.

– Isso é para maiores de dezoito anos.

Os rapazes olharam para Franny.

– Por causa da violência – clarificou Ravi. – Não por ter cenas de sexo.

– Além disso, é Natal – acrescentou Amit, aludindo a uma época de desejos.

Franny permaneceu atrás deles e observou os homens de casacos pretos a inclinarem-se para trás para evitarem serem cortados ao meio pelas balas e a endireitarem-se novamente. Se o filme lhes fosse provocar pesadelos, o mal já estava feito.

– Mamã, já viste este filme? – perguntou Amit.

Franny abanou a cabeça em negação.

– É demasiado assustador para mim.

– Eu durmo contigo no quarto – sugeriu o mais jovem dos rapazes –, se tiveres medo.

– Se nos impedires de o ver agora – disse Ravi –, nunca saberemos o que vai acontecer.

Franny ficou mais um minuto a ver o filme com os rapazes. Provavelmente,

tinha razão, era demasiado assustador para ela.

– O vosso pai adormeceu – informou. – Esperem um bocadinho e depois levem-lhe um prato com comida, está bem?

Satisfeitos com a sua pequena vitória, os rapazes assentiram.

– E não lhe digam que estiveram a ver o filme.

Franny voltou a subir para se juntar à festa e deu uma volta pela sala, mas eram poucas as pessoas de quem se recordava. Não vivia em Arlington desde que fora para a faculdade. As mulheres dos três filhos de Jack Dine queriam todas conversar com ela, mas nenhuma queria falar entre si. Amulher do filho de Jack preferido de Franny era de quem ela menos gostava e a mulher do filho de Jack de que Franny menos gostava era a sua preferida. Contudo, o que era interessante, embora nada daquilo fosse assim tão interessante, era que o filho de quem tinha maior dificuldade em lembrar-se estava casado com a mulher que também exigia a Franny maior esforço de memória.

A determinada altura durante o serão, antes mesmo de qualquer um dos convidados ter abandonado a festa, Franny deu por si no átrio, onde, sem procurar, encontrou a sua bolsa no chão, ligeiramente escondida atrás do suporte dos guarda-chuvas. À chegada, devia tê-la deixado ali, ao pousar a bagagem. Sem pensar duas vezes, pegou na bolsa e saiu para a rua.

O vestido que escolhera para a festa – uma festa que, na sua opinião, estava a ser celebrada dois dias antes do tempo – não era vermelho. Era de veludo azul-escuro e mangas compridas, mas, mesmo assim, pouco protegia do frio gélido. Aqueles sapatos também não eram adequados para andar na neve. Não importava. Saíra da festa, esquivara-se depois de todos verem que estivera ali.

– Onde está a Franny? – perguntariam e a resposta seria: – Creio que está na cozinha. Acabei de a ver na outra sala.

Os carros estavam cobertos de neve e o dela era alugado, pior ainda, fora alugado no escuro. Nem sequer sabia de que cor era, porque, na realidade, nunca o vira. Lembrava-se de que era um monovolume, mas todos os carros que ali estavam eram monovolumes, como se isso fosse, tal como os coletes para os homens, um requisito para poderem ir à festa. Desceu a colina ao fundo do acesso de entrada da casa e, chegando às imediações do sítio onde julgava que o

carro estaria estacionado, carregou na chave automática. Uma buzina soou mesmo à sua esquerda e as luzes acenderam-se. Limpou a neve dos vidros com o pulso e entrou. Assim que ligou o aquecimento, telefonou para Bert.

– Pensei em passar por aí para lhe dar um abraço, se não achar que é muito tarde. – Tentou parecer descontraída, porque, na verdade, sentia-se agitada.

Bert estava sempre acordado até tarde. Fora Franny quem o desencorajara a telefonar depois das dez da noite.

– Fantástico! – respondeu ele, como se estivesse, exatamente, à espera daquele telefonema. – Tem cuidado com a neve.

Bert continuava a morar na casa onde ele e Beverly viveram juntos, a mesma casa onde Franny e Caroline viveram durante o liceu, a casa para onde Albie fora viver por um ano, depois de Caroline ter partido. Não era longe da casa onde Beverly e Jack Dine viviam, talvez a uns oito quilómetros de distância, mas em Arlington era possível morar a uma distância assim tão curta de alguém sem nunca mais ver essa pessoa.

Franny estacionou, Bert esperava-a no alpendre da frente, com a porta de casa aberta atrás dele. Vestira o casaco para vir à rua. Bert envelhecera tanto como todos os outros, mas a velhice chegou em diferentes ritmos para cada um deles e de diferentes maneiras. Caminhando na escuridão, ao aproximar-se da luz do alpendre que brilhava sobre a cabeça de Bert, Franny julgou que ele continuava igual ao que sempre fora.

– O fantasma do Natal passado – anunciou, no instante em que Franny o abraçou.

– Devia ter-lhe telefonado mais cedo – lamentou ela. – Tudo tem acontecido em cima da hora.

Bert não convidou Franny para entrar nem a soltou do abraço. Permaneceu apenas de pé, a apertá-la contra o seu peito. Sempre fora a bebé que Bert carregara ao colo na festa de Fix Keating, a bebé mais bonita que ele alguma vez vira.

– Em cima da hora está bem para mim – respondeu Bert.

– Vamos – sugeriu Franny. – Estou gelada.

Dentro de casa, descalçou os sapatos.

– Assim que telefonaste, acendi a fogueira na salinha. Ainda não pegou, mas está quase.

Franny lembrou-se da primeira vez que ali entrara. Devia ter uns treze anos. A salinha fora a razão que motivou a compra daquela casa, com a sua lareira de pedra, tão grande que nela caberia a panela de uma bruxa ao lume, e a vista para a piscina, no exterior. Na altura, Franny julgou tratar-se de um palácio. Bert não precisava de ficar naquela casa, era demasiado grande para apenas uma pessoa. Mas, naquela noite, Franny sentiu-se grata por Bert a ter mantido, nem que fosse para ela sentir que regressava a casa.

– Vou buscar-te uma bebida – disse Bert.

– Talvez um chá – pediu Franny. – Vou conduzir. – Permaneceu de pé junto à lareira e fletiu os pés, com as meias calçadas, nas pedras quentes. No inverno, a altas horas da noite, quando ela e Albie ainda estavam no liceu, costumavam descer dos quartos e abrir a conduta da chaminé por estar demasiado frio para irem lá fora fumar. Inclinavam-se para trás, para dentro da chaminé da lareira, com os cigarros e sopravam o fumo para cima. Bebiam o gim de Bert e atiravam as garrafas vazias para o caixote do lixo da cozinha, totalmente impunes. Se algum dos pais notou a diminuição das reservas no armário das bebidas ou as garrafas vazias amontoadas, nenhum disse nada.

– Toma uma bebida, Franny. É Natal.

– Estamos a vinte e dois de dezembro. Porque continuam todos a dizer que é Natal?

– Um gim tónico à empregada de bar.

Franny olhou para Bert.

– Empregada de bar – repetiu com firmeza. Bert ensinara-lhe aquele truque, quando era miúda e ajudava nas festas da família como empregada de bar. Se um convidado aparentasse estar embriagado, Franny serviria um copo de água tónica e gelo e juntava uma pequena porção de gim no topo, sem o misturar. O primeiro gole seria muito forte, explicara Bert na época, e era isso que importava. Depois de bebido o primeiro gole, os que já estavam embriagados não percebiam a diferença.

– Se ficares tocada, podes dormir no teu antigo quarto.

– A minha mãe iria adorar isso. – Recorria sempre a artimanhas para sair e visitar Bert. Apesar de todas as ocasiões em que Beverly perdoou Bert, não compreendia que Franny e Caroline pudessem, também, perdoá-lo.

– Como está a tua mãe? – perguntou Bert, entregando a bebida a Franny. O primeiro gole – gim puro – acertou em cheio.

– A mãe está igual a si própria – respondeu Franny.

Bert comprimiu os lábios e assentiu.

– Não esperava menos do que isso. Ouvi dizer que o velho Jack Dine está a decair e que ela está a passar um mau bocado a cuidar dele. Odeio pensar que tem de lidar com isso.

– Mais cedo ou mais tarde, todos temos de lidar com algo semelhante.

– Talvez lhe telefone, só para saber como está.

Oh, Bert, pensou Franny, esquece a mãe.

– E o Bert? – perguntou Franny. – Como tem passado?

Ele preparou a sua própria bebida, um gim com um toque de água tónica a flutuar no topo, para equilibrar a bebida de Franny, e sentou-se no sofá.

– Não estou mal para um homem velho – respondeu Bert. – Ainda me oriento sozinho. Se me telefonasses amanhã, não estaria em casa.

Franny picou os toros de madeira com o atiçador da lareira para encorajar as chamas.

– Onde vai amanhã?

– A Brooklyn – respondeu. Franny virou-se para olhar para ele, de atiçador na mão, e recebeu um sorriso rasgado de Bert. – A Jeanette convidou-me para passar o Natal com a família. Existe um hotel agradável a dois quarteirões da casa dela. Nos últimos tempos, fiquei lá algumas vezes quando os fui visitar.

– Isso é muito bom – disse Franny e sentou-se perto de Bert no sofá. – Fico feliz por si.

– Nestes últimos anos, temo-nos entendido melhor. E troco *emails* com a Holly, também. Diz-me para ir ter com ela à Suíça e visitar aquele centro onde ela vive, a comunidade. Respondo-lhe sempre que me encontro com ela em Paris. Creio que Paris é um excelente compromisso. Todos gostam de Paris. Foi

onde levei a Teresa na nossa lua de mel. Já foi há... quanto tempo? Cinquenta e cinco anos? Creio que é altura de regressar. – Fez uma pausa, como se estivesse a lembrar-se de algo. – Estiveste com ela, não estiveste, quando a Teresa morreu? Creio que a Jeanette me disse qualquer coisa a esse respeito.

– A Caroline e eu levámo-la ao hospital. Estávamos com o meu pai.

– Isso foi muito simpático da vossa parte.

Franny encolheu os ombros.

– Não ia deixá-la sozinha.

– Como está o teu pai?

Ao pensar no pai, Franny abanou a cabeça. *Como está o velho Bert?*, perguntava sempre Fix.

– Dir-lhe-ia que não resiste até ao Ano Novo, mas, certamente, estaria enganada.

– O teu pai é um homem rijo.

– O meu pai é um homem rijo – repetiu Franny, pensando na arma na sua mesinha da cabeceira e em como se recusara a ajudá-lo depois de ele lhe pedir. Fizera pior do que isso. Mais tarde, entregara a arma e as balas na esquadra de polícia de Santa Mónica.

– Vou pôr um pouco mais de gim a flutuar na tua bebida – referiu Bert.

– Só um cheirinho – pediu Franny e devolveu-lhe o copo. Não estava embriagada, portanto percebia com tristeza que a sua bebida não tinha réstia de gim.

– Ainda nem cheguei aos dois dedos de gim. – Bert dirigiu-se ao bar, situado na parte lateral da sala.

– Mas não abuse.

– Lembro-me de ter voltado a ver o teu pai, depois da tua festa de batizado – mencionou Bert. – Vi-o no tribunal. Antes disso, talvez o visse com frequência e nunca soubesse, porque não o conhecia, mas naquela segunda-feira ele dirigiu-se a mim e cumprimentou-me com um aperto de mão, dizendo que estava satisfeito por eu ter aparecido. «Fico satisfeito por ter aparecido na festa da Franny» foi o que ele me disse. – Bert entregou, novamente, o copo a Franny.

– Foi há muito tempo, Bert.

– Mesmo assim – continuou ele –, incomoda-me pensar nele agora, assim tão doente. Nunca tive nada contra o teu pai.

– Costuma ter notícias do Albie? – perguntou Franny, procurando mudar de assunto. Era uma pergunta que podia ter feito a Albie, mas, por algum motivo, nunca fez. Não falavam sobre Bert. Mesmo durante a época em que viviam todos juntos debaixo daquele teto, nunca conversavam sobre ele.

– Nem por isso. De vez em quando, um de nós faz algumas tentativas de contacto, mas sem grande sucesso. Sabes, o Albie era muito chegado à mãe. É isso que acontece: as raparigas ligam-se mais aos pais e os rapazes às mães. Creio que nunca conseguiu ultrapassar o facto de eu ter abandonado a mãe dele. – Para Bert, o passado estava sempre presente, por isso presumia que todos pensavam do mesmo modo.

– Devia telefonar-lhe. Agora que a Teresa partiu, esta época do ano torna-se difícil. – Franny pensou no seu próprio pai e nesta época, no ano seguinte.

– Vou telefonar-lhe no dia de Natal – assegurou Bert. – Telefono de casa da Jeanette.

Franny quis relembrá-lo de que na Califórnia eram menos três horas e que poderia telefonar ao filho essa mesma noite, que lhe poderia telefonar de imediato, mas Bert não iria telefonar a Albie e não fazia sentido fazê-lo sentir-se mal por isso. Franny inclinou o copo e bebeu o gim da superfície, pela segunda vez. Continuou através da efervescência doce da água tónica até esvaziar o copo, ficando apenas com o gelo e a lima.

– Gostava de poder ficar – lastimou Franny e, em parte, estava a ser sincera. Gostaria de subir ao andar de cima, até ao antigo quarto, e deitar-se por instantes na sua cama, porém qual seria a probabilidade de a cama ainda existir?

Bert anuiu.

– Eu sei. Estou feliz que tenhas passado por cá. Agradeço-te muito.

– A que horas é o seu voo?

– É muito cedo – informou Bert. – Assim evito o trânsito.

Franny levantou-se e deu outro abraço ao padrasto.

– Feliz Natal – disse ela.

– Feliz Natal – retribuiu Bert e, ao afastar-se para olhar de novo para Franny, tinha os olhos marejados. – Agora tem cuidado. Se te acontecesse alguma coisa, a tua mãe acabava comigo.

Franny sorriu e deu-lhe um beijo, pensando que Bert continuava a ver o mundo através daquilo que Beverly conseguiria ou não perdoar-lhe. Voltou a calçar os sapatos, junto à porta da entrada, e caminhou em direção à neve. Dentro de casa, Bert começava a desligar as luzes e, durante um minuto, Franny permaneceu no alpendre da entrada a observar os flocos de neve a pousarem nas mangas do seu vestido de veludo. Pensava na noite em que não conseguia encontrar Albie. Bert estava a trabalhar no escritório, no andar de baixo, e a mãe estava na cozinha a fazer os exercícios de francês. Já passava muito da hora de jantar. Nevava, tal como naquele momento, e a casa estava totalmente silenciosa. Franny indagava-se onde estaria Albie. Habitualmente, àquela hora, teria já entrado no quarto dela para fazer os trabalhos de casa ou para conversarem em vez disso. Estava estendida na cama a ler *O Retorno de um Nativo*, de Thomas Hardy, para a aula de inglês avançado. Não que Albie entrasse no quarto de Franny todas as noites, mas se não estava no quarto dela, costumava ouvi-lo a ver televisão ou a deambular por ali. Tentou escutar com mais atenção até que pousou o livro e foi à procura dele. Não estava no quarto, nem na casa de banho, nem na salinha ou na sala de estar, onde quase nunca ia, de qualquer forma. Depois de procurar por ele em todos os lugares dentro de casa de que se lembrara, foi à cozinha.

– Onde está o Albie? – perguntou à mãe.

A mãe abanou a cabeça e emitiu um som que tentava significar *não faço ideia*. Nunca aprendeu a falar convenientemente francês.

– Se o vires, podes avisar-me?

A bela mãe de Franny, talvez com um certo embaraço, desviou por um segundo o olhar do livro que estava a ler e anuiu.

– Claro – respondeu Beverly.

Franny não considerou a hipótese de bater à porta do escritório de Bert para lhe perguntar se vira Albie ou para verificar se ele estaria lá dentro com o pai.

Esse pensamento nunca lhe ocorreu.

Em vez disso, saiu pela porta das traseiras. Usava, ainda, o uniforme da escola: uma saia axadrezada, meias pelos joelhos, sapatos Oxford femininos e uma camisola desportiva por cima da blusa branca. A mãe não lhe disse para vestir um casaco nem perguntou onde ia, tal como faria alguns anos antes, se visse Franny a sair porta fora numa noite de neve como aquela. A mãe estava imersa num mar de verbos irregulares.

Franny procurou na garagem, mas Albie não estava na garagem. Circundou a casa e foi até à rua, caminhando a distância de duas casas num sentido e de três casas no outro. Procurou as marcas da bicicleta na neve, mas não encontrou nada; apenas as suas próprias pegadas em cada um dos sentidos. Por essa altura, estava gelada e o cabelo estava a ficar molhado. Começava a ficar preocupada, mas só um pouco. Julgava que o conseguia encontrar. Decidiu regressar para ir buscar um casaco e avistou-o à entrada de casa, apenas alguns centímetros da cabeça dele, atrás dos caixotes de madeira que ladeavam a porta da frente. Estava enrolado no saco-cama vermelho dele, a fitar a neve.

– Albie? – perguntou Franny. – O que é que estás a fazer?

– Estou a congelar – respondeu ele.

– Bem, não precisas de estar a congelar. Anda para dentro de casa. – Atravessou a neve suave que cobria o relvado até ficar diante dele.

– Estou demasiado pedrado – informou Albie.

Debaixo de cada foco de luz, dos candeeiros de rua, das luzes dos alpendres, via-se um halo de neve. Tudo o resto permanecia na escuridão.

– Anda, ninguém vai reparar.

– Vão, sim – assegurou Albie. – Estou mesmo muito pedrado.

– Não podes ficar aqui fora. – Franny começava a tremer de frio. Perguntava-se o que lhe teria passado pela cabeça para sair de casa sem o casaco.

– Posso, sim – respondeu Albie. O tom de voz era leve, aéreo como se fizesse parte da neve.

Franny posicionou-se entre as caixas de madeira, julgando que teria de o erguer. Albie era mais alto do que Franny, mas era magro e, de qualquer forma,

não apresentaria resistência. Contudo, assim que ficou atrás dos caixotes, ao pé de Albie, percebeu qual era a atração daquele lugar, o modo como conseguiam ver tudo sem serem vistos. A saliência do telhado mantinha-os quase completamente protegidos da neve. Podia sentir o odor da erva que emanava de Albie, doce e forte. Por vezes, Franny e Albie bebiam juntos e fumavam cigarros, mas nunca fumaram erva em conjunto. Mais tarde, isso alterar-se-ia.

– Deixa-me entrar no saco-cama – pediu Franny.

Assim, Albie levantou o braço, sem tirar os olhos da neve, e Franny sentou-se ao lado dele. O saco-cama era de penas e, com os dois aconchegados, tornou-se extremamente quente. Ficaram sentados com as costas encostadas aos tijolos que compunham a parede da casa, com a sebe mesmo diante deles. Observaram a neve a cair, e a cair, e a cair, até sentirem que quem estava a cair eram eles próprios.

– Tenho saudades da minha mãe – confessou Albie. No decorrer desse ano em que se haviam tornado muito próximos, fora a primeira vez que Albie dissera semelhante coisa e, nessa noite, apenas o referira por estar demasiado pedrado.

– Eu sei – respondeu Franny, porque realmente sabia. Sabia perfeitamente. Puxou o saco-cama para ficarem mais aconchegados e permaneceram ali, juntos, até Franny perder a sensibilidade nos pés e dizer a Albie que tinham de ir para dentro de casa.

– Eu não sinto os pés há muito tempo – referiu Albie.

Colocaram os braços em torno um do outro para se conseguirem levantar. A porta da frente estava trancada, pelo que foram à volta, arrastando o saco-cama atrás de si. A mãe de Franny já não estava na cozinha, mas podiam ver pela fresta debaixo da porta que a luz do escritório de Bert continuava acesa.

– Eu disse-te que ninguém ia reparar que estás pedrado – reafirmou Franny e, por algum motivo, isso fez com que Albie se risse à gargalhada. Sentou-se no chão e colocou o saco-cama sobre a cabeça, para abafar o riso, ao mesmo tempo que Franny pegava nos cereais e no leite.

Franny sacudiu a neve dos ombros e dirigiu-se para o monovolume alugado. Nunca contara essa história a Leo. Pretendera fazê-lo, mas, por algum motivo,

decidira guardá-la para si. Compreendia agora que, algures num futuro distante, haveria outra noite como aquela em que se lembraria desta história e teria a certeza de que nenhuma outra pessoa no mundo saberia que acontecera, a não ser Albie. Sentira necessidade de guardar alguma coisa só para si.

-

* Lengalenga infantil colocada em termos de adivinha para se resolver o resultado proposto na formulação de quantas mulheres, sacos e gatos chegaram ao destino. *(N. da T.)*

* É um tipo de taquiarritmia ventricular. *(N. da T.)*

Coleção Minotauro Ficção

– Rapariga em Guerra, de Sara Nović
– O Homem que Duvidava, de Ethan Canin
– Comunidade, de Ann Patchett